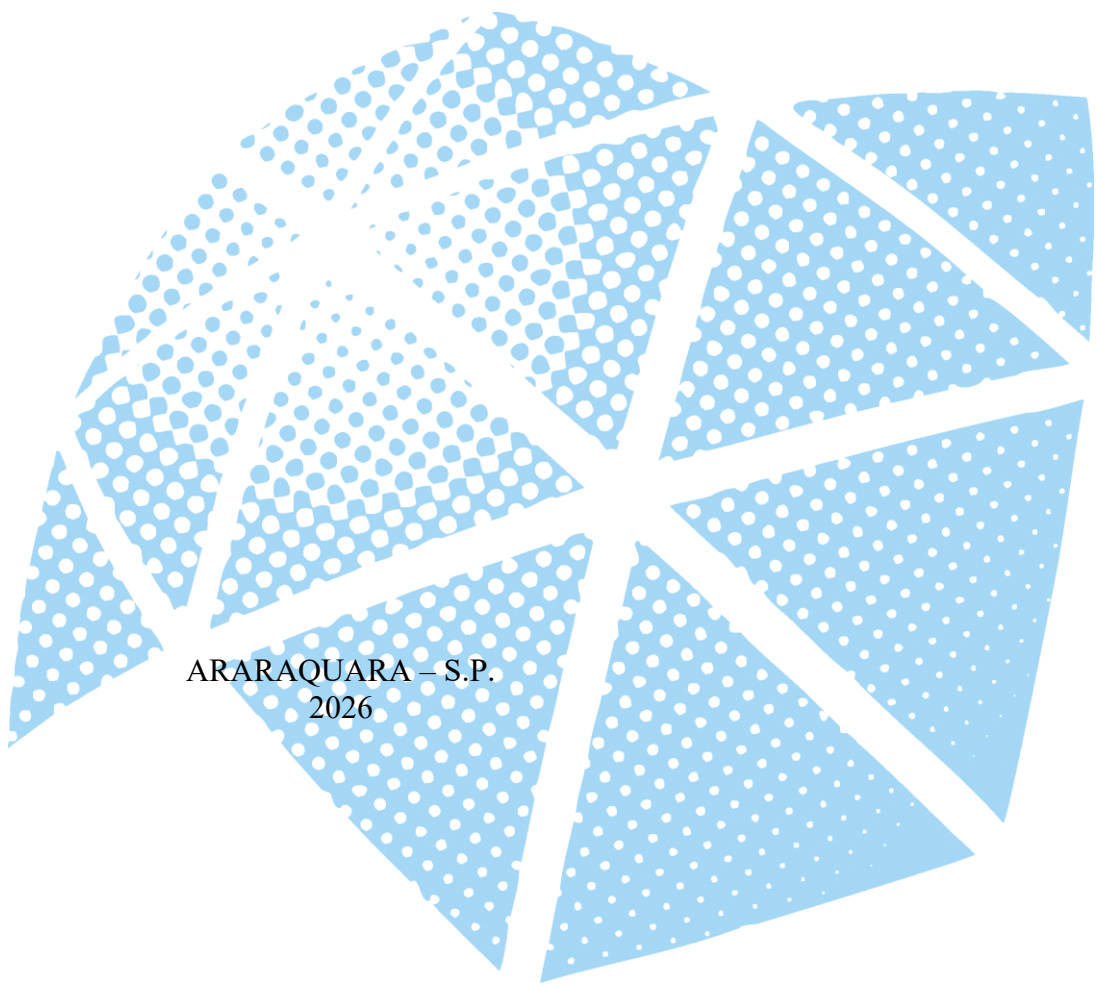


DAVID VERZOLA FELTS

TERMINOGRAFIA DO *CORPUS PLATONICUM*:
UM LÉXICO DOS INTELIGÍVEIS

ARARAQUARA – S.P.
2026



DAVID VERZOLA FELTS

**TERMINOGRAFIA DO *CORPUS PLATONICUM*:
UM LÉXICO DOS INTELIGÍVEIS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr), Câmpus de Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira.

Bolsa: FAPESP (Processo: 2024/15633-3)

ARARAQUARA

2026

F327t Felts, David Verzola
Terminografia do Corpus Platicum : um léxico dos inteligíveis /
David Verzola Felts. -- Araraquara, 2026
243 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

1. Platão. 2. Terminologia. 3. Semântica Lexical. 4. Terminografia.
5. Língua Grega. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa foi concebida, primordialmente, pela demanda de uma articulação mais direta entre diferentes perspectivas científicas, seja em aspectos teóricos, metodológicos ou disciplinares. De forma mais específica, há aqui uma tentativa de aproximar as teorias recentes da Terminologia descritiva e as da Semântica Lexical às investigações dos Estudos Clássicos. Entretanto, essa escolha não é aleatória. Esboça-se nesta pesquisa uma iniciativa de integrar as Terminologias e Terminografias descritivas ao contexto de pesquisa dos Estudos Clássicos. Assim, espera-se evidenciar que tal encontro de campos não seria um caso tangencial, mas uma etapa necessária a todas essas áreas.

Uma literatura acadêmica vasta com teorias e métodos voltados especificamente às diferentes formas de comunicação especializada da antiguidade é uma possibilidade recente e ainda não estabelecida. Isso é, não há neste momento algo que possa ser amplamente reconhecido como uma ‘Terminologia Classicista’, dedicada primariamente ao estudo da comunicação técnica e filosófica na antiguidade. Caso fosse uma realidade, a Terminologia expandiria seu inventário metodológico, avançando em suas possibilidades de aplicação a contextos diversos; além de ampliar seu repertório de dados acerca da comunicação especializada em diferentes culturas e eras. Os Estudos Clássicos, por outro lado, se beneficiariam de uma maior compreensão dos diferentes contextos de uso das línguas antigas, o que possibilitaria também novas ferramentas capazes de facilitar o acesso a textos técnicos.

A escolha da terminologia platônica enquanto objeto desta dissertação dialoga justamente com esse cenário, pois trata-se de um filósofo tão amplamente estudado quanto é academicamente disputado. Assim, houve aqui um passo inicial por uma nova proposta de análise e registro sobre a estrutura do pensamento platônico. Propôs-se um piloto de léxico especializado em que a macro e a microestrutura são organizadas, na medida do possível, para representar a estrutura conceitual que Platão expõe no *Sofista*. Ademais, atentou-se, na construção desse produto, para que os termos fossem apresentados de maneira relacional, como uma tentativa de facilitar a aquisição desse vocabulário especializado. Nesse sentido, ainda que o produto desta pesquisa seja voltado para um público especializado ou semiespecializado, a estrutura desse léxico pode servir de base para outras obras de teor Terminográfico, Lexicográfico ou mesmo catalográfico.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research was primarily conceived from the demand for a more direct articulation between different scientific perspectives, whether in theoretical, methodological, or disciplinary aspects. More specifically, I attempt to draw a closer connection between the recent theories of descriptive Terminology and Lexical Semantics with the investigations of Classical Studies. This choice, however, is not arbitrary. The research outlines an initiative to integrate descriptive Terminologies and Terminographies into the research context of Classical Studies. Thus, I hope to demonstrate that the convergence between these fields is not merely a tangential case, but a necessary step for all areas involved.

An extensive scholarly literature, comprising theories and methods specifically focused on the different forms of specialized communication in antiquity remains a recent and not yet established possibility — *i. e.*, there is currently nothing that could be widely recognized as a ‘Classicalist Terminology’, dedicated primarily to the study of technical and philosophical communication in antiquity. If this were a reality, Terminology would expand its methodological inventory, advancing its potential applications to various contexts, while also broadening its data repertoire on specialized communication across cultures and eras. Classical Studies, on the other hand, would benefit from a deeper understanding about the use of ancient languages in various contexts, which would also enable the development of new tools to facilitate access to technical texts.

The choice of Platonic Terminology as the theme of this dissertation aligns precisely with this scenario, since the philosophy of Plato is as widely studied as it is scholarly disputed. Thus, this research is an initial step here towards a new proposal for analysis and recording of the structure of Platonic thought. A pilot of specialized lexicon was proposed in which the macro and microstructure are organized, as far as possible, as a representation of the conceptual structure that Plato exposes in the *Sophist*. Furthermore, on the construction of this product, there was a special attention to present the terms in a relational manner, as an effort to facilitate the acquisition of specialized vocabulary. In this sense, even though the product of this research is aimed at the specialized and semi-specialized audience, the structure of this lexicon can serve as a basis for other works of a Terminographic, Lexicographic, or even catalographic nature.

DAVID VERZOLA FELTS

**TERMINOGRAFIA DO CORPUS PLATONICUM:
UM LÉXICO DOS INTELIGÍVEIS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr), Câmpus de Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa.

Data da defesa: 28/05/2026

Banca Examinadora:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Marco Aurélio Scarpino Rodrigues
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Michel Ferreira dos Reis
UFAC - Universidade Federal do Acre - Campus Floresta

Membro Suplente: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Membro Suplente: Prof. Dr. Lucas Consolin Dezotti
UFPB - Universidade Federal da Paraíba – Campus I

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo: 2024/15633-3.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

À professora Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira, pelo enorme apoio e incentivo desde a graduação, mesmo após minhas repentinas mudanças de base teórica, metodologia, objeto, projeto e até mesmo disciplina científica. Por todo o aprendizado ao longo desses anos que me permitiu chegar até este ponto.

Aos membros da banca, professor Marco Aurélio Scarpino Rodrigues e Michel Ferreira dos Reis, pela leitura atenciosa e meticulosa do relatório de qualificação, pelos comentários e recomendações que enriqueceram a pesquisa. Agradeço não apenas em vista das correções, mas das reflexões que me permitiram desenvolver este trabalho.

Aos que me apoiaram com amor, riso e carinho por todos esses anos, não sei se é pior a ingratidão de não os nomear em agradecimento ou a vergonha de não ser capaz de dizer o suficiente. Minha vida se deu por satisfeita só pela sorte de conhecê-los, mas, não satisfeitos vocês, tornaram isto possível. Há memórias de vocês a cada página, sobretudo nos maiores desafios. Quem não estava ao meu lado nessas horas, estava em minha mente.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo a) analisar e descrever a estrutura conceitual depreendida pelos termos forma (*εἶδος*), idéia (*ἰδέα*) e inteligível (*νοητός*), no diálogo *Sofista*; e b) produzir um léxico piloto desses conceitos. Trata-se de uma pesquisa terminológica que assume a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de viés descritivo, como referencial básico. Essa teoria compreende os termos como unidades poliédricas dotadas de dimensões comunicativas, semióticas, linguísticas e cognitivas. Segundo essa teoria, seria necessário articular também teorias e métodos de uma dessas áreas. Por isso, foi escolhido nessa pesquisa uma perspectiva semântico-lexical com base na Abordagem Contextual. Com essas bases, foi possível identificar duas grandes estruturas conceituais na obra: a da arte (*τέχνη*) e a da realidade (*οὐσία*). A primeira consiste em uma aparente hierarquia formada por divisões binárias, construída ao longo do diálogo para tentar descrever as práticas dos sofistas. Porém, ela possui duas subestruturas de natureza mais particular: a da arte separativa (*διακριτική*), que inclui as formas de purificação, em que é incluído o ensino; e a da vileza (*κακία*), que é autônoma às artes (*τέχνη*), mas análoga à separativa (*διακριτική*). Por fim, há também a estrutura da realidade (*οὐσία*), uma rede conceitual formada por relações de partilha (*κοινωνία*) entre conceitos que dependem uns dos outros. Essa estrutura explora conceitos ontológicos e metafísicos, divergindo da primeira em tema e construção.

Palavras-chave: Platão; terminologia; semântica lexical; terminografia; língua grega.

ABSTRACT

The objective of this master's dissertation is a) to analyse and describe the conceptual structure derived from the terms form (*εἶδος*), idea (*ἰδέα*) and intelligible (*νοητός*), in the *Sophist* dialogue; and b) to create a pilot lexicon of these concepts. This is a terminological research based on the Communicative Theory of Terminology, that understands terms as polyhedral units endowed with communicative, semiotic, linguistic and cognitive dimensions. According to this theory, it would be necessary to also articulate theories and methods from one or more of these areas. Therefore, the Lexical Semantics perspective assumed is the Contextual Approach. With these bases, it was possible to identify two major structures conceived in the work: the one of the arts (*τέχνη*) and of the reality (*οὐσία*). The first consists of an apparent hierarchy formed by binary divisions, built throughout the dialogue to uncover the practices of the sophist. However, it has two substructures of a more particular nature: the one of separative art (*διακριτική*), which includes forms of purification, such as teaching; and the substructure of evils (*κακία*), which is autonomous from the arts (*τέχνη*), but analogous to separative (*διακριτική*). Finally, there is also the structure of reality (*οὐσία*), a conceptual network formed by relationships of sharing (*κοινωνία*) between concepts that presupposes one another. This structure explores ontological and metaphysical concepts, diverging from the first in both theme and construction.

Keywords: Plato; terminology; lexical semantics; terminography; Greek language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Estrutura conceitual da arte (τέχνη) à pescaria (ἀσπαλιευτική)	57
Figura 2 — As duas primeiras ramificações da arte (τέχνη)	63
Figura 3 — Representação das categorias das definições 2-4 de sofística (σοφιστική)	68
Figura 4 — Convergência de categorias nas definições 2-4 de sofística (σοφιστική).....	69
Figura 5 — As cinco definições de sofística (σοφιστική) na estrutura de arte (τέχνη).....	72
Figura 6 — Série proporcional da vileza (κακία).....	78
Figura 7 — Série proporcional da catártica (καθαρτική).....	79
Figura 8 — A relação entre as séries da catártica (καθαρτική) e da vileza (κακία)	79
Figura 9 — Estrutura conceitual de vileza (κακία)	80
Figura 10 — Estrutura da separativa (διακριτική).....	82
Figura 11 — Possibilidade de reconfiguração da separativa (διακριτική)	86
Figura 12 — Possibilidade de reconfiguração de vileza (κακία)	87
Figura 13 — Estrutura conceitual da arte (τέχνη).....	97
Figura 14 — Estrutura conceitual da ‘real realidade’ (ὄντως οὐσία)	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distinção entre significatividade e gramaticalidade em Chomsky _____	27
Tabela 2 – Distinção entre normalidade semântica e gramatical em Cruse _____	27
Tabela 3 – Organização dos conceitos de vileza (<i>κακία</i>) _____	76

LISTA DE SIGLAS

TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	19
2.1 Da Teoria Comunicativa da Terminologia	19
2.2 Da Abordagem Contextual	25
2.3 Da identificação terminológica e elaboração terminográfica: procedimentos metodológicos.....	37
3 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS NO CONTEXTO ESPECIALIZADO DA FILOSOFIA GREGA	44
4 A ESTRUTURA CONCEITUAL DA ARTE (τέχνη).....	47
4.1 A primeira ramificação: a Pescaria (ἀσπαλιευτική)	47
4.2 A segunda ramificação: o Sofista como um caçador.....	59
4.3 A terceira ramificação: o Sofista como um comerciante.....	64
4.4 A quarta ramificação: o Sofista como um competidor	70
4.5 A quinta ramificação: a arte Separativa (διακριτική) – sobre o Sofista não ser um purificador	74
4.6 A Sexta Ramificação: o Sofista como um ilusionista	88
4.7 A Hierarquia da Arte (τέχνη) como produto da Dialética (διαλεκτική): considerações gerais.....	95
5 A ESTRUTURA CONCEITUAL DA REALIDADE (οὐσία).....	105
5.1 Sobre εἶμι e τὸ ὄν: o que É ‘Aquilo que-é’?	105
5.2 Sobre o Partilhar (κοινωνέω): a relação entre as Formas (εἶδος) da ‘Real Realidade’ (ὄντως οὐσία).....	117
5.3 Sobre o Movimento (κίνησις) e o Repouso (στάσις)	124
5.4 Sobre o Idêntico (ταυτόν) e o Diferente (ἕτερον).....	132
5.5 A rede de conceitos da Real Realidade (ὄντως οὐσία): considerações gerais	139
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS	151
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	157
GLOSSÁRIO DE TERMOS SEMÂNTICO-LEXICAIS	160
APÊNDICE – LÉXICO DAS FORMAS	165
APÊNDICE A – ESTRUTURA DA ARTE (τέχνη).....	166
PRIMEIRA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): arte-pescaria (τέχνη-ασπαλιευτική).....	167
SEGUNDA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): ‘predatória dos pedestres’-sofística 1 (πεζοθηρική-σοφιστική 1)	178
TERCEIRA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): comutativa-sofística 2-4 (μεταβλητική-σοφιστική 2-4).....	187
QUARTA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): agonística-sofística 5 (αγωνιστική-σοφιστική 5).....	194
QUINTA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): poética-sofística 6 (ποιητική-σοφιστική 6)	199
APÊNDICE B – ESTRUTURAS DA SEPARATIVA (διακριτική) E DA VILEZA (κακία)	212

PRIMEIRA RAMIFICAÇÃO DA SEPARATIVA (διακριτική): separativa-médica (διακριτική-ιατρική)	213
SEGUNDA RAMIFICAÇÃO DA SEPARATIVA (διακριτική): corretiva-élenkhos (κολαστική-έλεγχος)	220
ESTRUTURA DA VILEZA (κακία).....	224
APÊNDICE C – ESTRUTURA DA REALIDADE (οὐσία).....	232
ESTRUTURA DE REALIDADE (οὐσία).....	233

1 INTRODUÇÃO

O vocábulo ‘terminologia’ pode designar ao menos dois conceitos distintos, ainda que relacionados. A primeira noção consiste em um fenômeno linguístico e comunicativo. Já a segunda, com inicial capitalizada (‘Terminologia’), se refere às investigações científicas sobre a natureza desse tipo de linguagem. Conforme aquela concepção, pode-se delimitar ‘terminologia’ como um conjunto de expressões que designam conceitos de um dado domínio de conhecimento humano (Barros, 2004, p. 28). Assim esse componente comunicativo ora é chamado de ‘conjunto terminológico’¹. Em linhas gerais, a organização de tal tipo de montante representa, por meio de um vocabulário específico, a compreensão de uma comunidade sobre um determinado aspecto da realidade. Por outro lado, na segunda acepção, Terminologia se refere à interdisciplina científica que estuda esses conjuntos por meio de teorias e métodos próprios, visando descrevê-los, analisá-los ou mesmo prescrevê-los (Krieger; Finatto, 2004; Barros, 2004; Cabré, 1999).

Barros afirma, conforme a primeira definição, que “A terminologia é tão antiga quanto a linguagem humana” (Barros, 2004, p. 28), servindo de instrumento comunicativo para os diversos campos especializados de atuação e conhecimento. Nesse sentido, terminologias não apenas estariam presentes em âmbitos técnicos e científicos da modernidade, mas também na antiguidade grega, sobretudo em obras pioneiras de domínios que hoje constituem disciplinas acadêmicas. Pode-se citar o *Corpus platonicum* (Burnet ed., 1903), no campo da filosofia; os textos de Hipócrates (Jones ed., 1868), na medicina; e os *Elementos* de Euclides (Heiberg ed., 1883-1888), na matemática.

Há diversos trabalhos acadêmicos que em algum grau capturam formas de comunicação especializada da antiguidade. A filosofia grega, em especial, foi objeto de diversos dicionários especializados que registram conjuntos terminológicos desse domínio. Dentre eles, pode-se citar o *Lexicon Platonicum* de Ast (1835), o *Greek Philosophical terms: a historical lexicon*, de Peters (1967), o *Léxico da filosofia grega e romana* de Reale (2014b) e o *Léxico de Platão*, organizado por Schäfer (2012). Além disso, há outros trabalhos que se aproximam dos propósitos da Terminologia moderna enquanto interdisciplina científica, como os artigos de Baldry (1937) e Else (1936).

Algo que também contribui para as investigações terminológicas e produções de dicionários especializados são os avanços computacionais na linguística, proporcionando ferramentas que facilitam pesquisas em *corpora* extensos por meio de processos automáticos

¹ (Barros, 2004, p. 28).

(Sardinha, 2004). É o caso das pesquisas que envolvem processamento de língua natural, definido como “a compreensão e criação de língua humanas por uma máquina” (Koentges, 2020b, p. 5, tradução nossa)². Em uma pesquisa de Koentges (2020b), por exemplo, o autor utilizou modelamento de tópico para detectar, no *Corpus platonicum* (Burnet ed., 1903), as passagens específicas que possuem um conteúdo pertencente ao gênero filosófico. Esse procedimento computacional, de natureza quantitativa, pode ser definido como “um método para encontrar e rastrear grupos de palavras (chamados abreviadamente de ‘tópicos’) em grandes corpos de textos” (Posner *apud* Koentges, 2020b, p. 6, tradução nossa)³. Ademais, em outras pesquisas (Koentges, 2018, 2020a), a aplicação de modelamento de tópico e análise estilométrica computacional forneceu dados estatísticos que demonstram a disparidade estilística entre a obra *Menexeno* e o restante do *Corpus platonicum* (Burnet ed., 1903) — evidências que contestam a autoria desse diálogo.

Quanto à análise qualitativa do campo conceitual presente nos textos especializados da Grécia antiga, pode-se citar diversos trabalhos, como os de Havelock (1967), Vlastos (1995), Sallis (1996), Kahn (2004) e Reale (2014a). Mais particularmente em relação a Platão, Reale (2014a) afirma que o filósofo desenvolve, ao longo dos diálogos (Platão, Fédon, 65c-79a, República, 6.509e-7.524d), diversas discussões acerca da problemática dos universais, postulando a existência de essências ou substâncias (*οὐσία*) inteligíveis (*νοητός*) e suprassensíveis nos quais os fenômenos sensíveis encontrariam sua própria subsistência. Em diversas passagens, Platão emprega os termos *εἶδος* (forma) e *idéa* (ideia) para identificar conceitos, e *νοητός* (inteligível) para incluí-los no grupo dos entes imateriais — juízo que é, ao mesmo tempo, uma afirmação a respeito da natureza do objeto discutido e, também, um passo metodológico para as definições e conceituações feitas pelo autor. Assim, qualquer tentativa de compreender a filosofia platônica enquanto sistema teórico dependeria de uma interpretação adequada desses termos. Com isso, pode-se observar também que o discurso platônico constrói um paradigma conceitual próprio, no qual determinados vocábulos de uso comum na língua grega podem receber acepções e usos específicos como um meio de representar o sistema teórico proposto pelo autor.

Apesar desse contingente de pesquisas sobre a filosofia grega, enfrenta-se, no ambiente acadêmico da modernidade, uma demanda em sistematizar e organizar a unidade de pensamento e estrutura teórica de Platão. Como afirma Reale:

² “NLP refers to the understanding and creation of human languages by a machine.”

³ “Topic modelling is “a method for finding and tracing clusters of words (called ‘topics’ in shorthand) in large bodies of texts.”

O maior problema que ocupou os intérpretes de Platão desde a antiguidade até hoje consiste na reconstrução da *unidade* do pensamento platônico e em alcançar uma *visão sintética e orgânica* que ordene o complexo material conceitual que os diálogos nos oferecem, [...] (Reale, 2014a, p. 31, grifo do autor).

Não obstante, Kahn (2004, p. xiii, p. 36-38) demonstra que as próprias escolhas de escrita do filósofo dificultam sua interpretação — sendo elas, mais especificamente, a forma literária dramática e a apresentação dos textos como aparentemente autônomos entre si. Segundo ele (Kahn, 2004), essas escolhas podem até mesmo gerar um efeito de incompatibilidade teórica entre os diálogos. Em vista desses problemas, Kahn (2004) demarca duas tendências de solução no campo de interpretação do *Corpus platonicum* (Burnet ed., 1903). Haveria (Kahn, 2004, p. 38-42) intérpretes ‘desenvolvimentistas’, que interpretam as diferenças textuais como evidências de uma mudança no pensamento e na posição filosófica de Platão. Em oposição, existiria a tendência ‘unitária’, na qual o próprio Kahn se inclui⁴, defendendo que a diversidade de expressão no corpus é motivada por razões literárias e pedagógicas, como parte de um processo gradual para o ingresso na vida filosófica e para a apresentação da doutrina platônica, descartando a hipótese de uma mudança radical no conteúdo conceitual.

Em outras palavras, pode-se afirmar que essas duas tendências se apoiam em hipóteses de variação conceitual e designativa no texto platônico — precisamente as formas de variação terminológica. Assim, trata-se de problemas que não se restringem à interpretação filosófica, pois se apresentam também como objetos característicos da Terminologia descritiva. Nesse sentido, um olhar terminológico seria crucial para oferecer respostas a essas questões. Não obstante, os diálogos de Platão já seriam materiais de interesse da Terminologia, haja vista o impacto dessas obras na produção de textos especializados em filosofia ao longo da antiguidade grega. Nesse domínio, pode-se mencionar, por exemplo, autores como Plotino, Porfírio, Jâmblico e Proclo, que formularam suas discussões teóricas a partir dos conceitos apresentados no *Corpus platonicum*⁵.

Portanto, mesmo que a obra de Platão já seja objeto de diversos estudos, inclusive de caráter lexical e terminológico, ainda parece haver a necessidade de sistematização dos conceitos teóricos. Existem diversos dicionários especializados que contemplam a terminologia platônica, como os já citados (Ast, 1835; Peters, 1967; Reale, 2014; Schäfer, 2012), mas não foram projetados a partir das teorias e métodos da terminologia moderna. Além disso, todos esses apresentam uma macro e microestrutura convencional, com ênfase nas definições,

⁴ (Kahn, 2004, p. 38-42).

⁵ (Cf. Reale, 2014b).

contendo uma apresentação não exaustiva ou pouco representativa das relações conceituais. Isso consiste em uma lacuna na compreensão teórica da estrutura conceitual do autor, na medida em que sistemas teóricos não são formados por conjuntos de conceitos isolados, mas necessariamente pelas relações que se estabelecem entre essas unidades (Cabré, 1998). Nesse contexto, torna-se imprescindível a existência de um material que mapeie, de forma exaustiva, não apenas a totalidade de unidades conceituais apresentadas por Platão, mas sobretudo as relações semânticas estabelecidas entre esses elementos.

Em vista disso, esta pesquisa propõe um estudo de viés semântico-lexical sobre a estrutura conceitual apresentada no diálogo *Sofista*, pelo qual se produziu um protótipo mínimo de léxico grego-português contendo a estrutura conceitual formada pelos termos filosóficos que Platão classifica como *εἶδος* (forma), *ἰδέα* (ideia) e *νοητός* (inteligível). Esta proposta visa reunir e organizar dados textuais sobre a terminologia platônica ao público especializado e semiespecializado dos estudos clássicos, da linguística e da filosofia, servindo como instrumento de consulta para a verificação do emprego de um determinado termo em sua acepção específica, relações e possíveis variações. Trata-se, desse modo, de um produto elaborado na intenção de auxiliar a leitura e a tradução do texto, tendo em vista o estilo poético do autor e as variações na expressão dos conceitos.

Assim, o léxico desta pesquisa se diferenciará dos demais dicionários e léxicos por seu enfoque específico nas ideias que Platão designa como inteligíveis e por uma organização que registre de forma exaustiva as relações imediatas dos termos *εἶδος* (forma), *ἰδέα* (ideia) e *νοητός* (inteligível) com os demais conceitos e referências abordados no *corpus*. Outra distinção desta proposta é a aplicação de teorias e métodos da terminologia e terminografia contemporâneas, mais especificamente da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), defendida por Cabré (1999, 2000). Segundo Cabré, “a terminografia envolve reunir, sistematizar e apresentar termos de um ramo específico do conhecimento ou da atividade humana” (1998, p. 115, tradução nossa)⁶. Esse foco específico nas relações foi escolhido como uma tentativa de mapear a estrutura conceitual presente na obra, na medida em que, segundo Cabré (1998), esse tipo de sistema se estabelece não apenas pela definição de conceitos, mas sobretudo pelas relações estabelecidas entre essas unidades.

Vale destacar, também, os critérios de escolha do *corpus* nesta pesquisa. O primeiro, de caráter quantitativo, seria a recorrência de *εἶδος* (forma), *ἰδέα* (ideia) e *νοητός* (inteligível) ao longo do texto. Assim, foi realizada uma busca pelas obras do *Corpus platonicum* com a maior

⁶ “Terminography involves gathering, systematizing, and presenting terms from a specific branch of knowledge or human activity”.

frequência desses três termos entre 100 palavras por meio do *software Diorisis* (Vatri; McGillivray, 2018). O resultado do cálculo apresentou o *Sofista* em terceiro lugar, com uma frequência de 0.33 entre 100 palavras, logo após *Timeu*, com 0.34, e *Parmênides*, o primeiro lugar, com 0.41. Apesar disso, há no *Sofista* certas características que o tornam preferível à proposta desta pesquisa em detrimento dos outros dois. O critério qualitativo de seleção do *corpus*, por sua vez, seria o nível de dependência temática e conceitual — considerando, logicamente, as obras já apontadas pelo crivo anterior. O *Sofista* satisfaz esse critério pela presença de definições diretas e claras sobre termos relevantes a diversas obras platônicas, sobretudo *Timeu* e *Parmênides*, como o caso de τὸ ὄν (aquilo que-é) (Platão, *Sofista*, 247d-247e; 248c) e κοινωνέω (partilhar)⁷. Ademais, as discussões filosóficas do *Sofista*, especialmente as sobre τέχνη (arte) e οὐσία (realidade), propõem o que parecem ser estruturas conceituais mínimas de seus respectivos temas. Nesse sentido, o diálogo *Sofista* se apresenta como um ponto de partida seguro e profícuo para investigar as estruturas conceituais elaboradas a partir dos termos εἶδος (forma), ἰδέα (ideia) e νοητός (inteligível) no *Corpus platonicum*.

⁷ (Platão, *Sofista*, 248b).

2 BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

2.1 Da Teoria Comunicativa da Terminologia

Terminologia é a interdisciplina científica cujo objeto de estudo é, por excelência, o chamado *termo*, ou *unidade terminológica*, que seria a unidade básica da comunicação especializada em uma determinada área do conhecimento ou da atividade humana. Cada termo é composto pela associação de uma unidade formal, chamada de *denominação* (Cabré, 1999; Wüster, 2003) ou *designação* (L’Homme, 2020), com uma *unidade conceitual*, ou simplesmente *conceito*, que delimita uma categoria ou conjunto de entidades empíricas ou hipotéticas — isso é, um conceito seria um conjunto de referências ou objetos singulares (Cabré, 1999; Wüster, 2003). Assim, o binômio *designação-conceito* na formação do termo é análoga à distinção saussuriana (Saussure, 2012) de signo linguístico como união entre significante e significado. Ainda assim, a Terminologia emprega os termos *designação* e *conceito*, ao invés de *significante* e *significado*, como uma maneira de estabelecer uma diferença funcional mais explícita entre unidades de comunicação especializada e palavras de uso comum. Portanto, pode-se afirmar que o termo seria o signo que particularmente possui uma posição privilegiada nos campos de especialidade humana, na medida em que representaria uma unidade conceitual na estrutura desses conhecimentos de natureza técnica.

Um marco inicial para a Terminologia foram os trabalhos de Wüster (2003), em sua Teoria Geral da Terminologia (TGT), que possui uma proposta prescritiva, voltada a uma uniformização da comunicação especializada. Uma das premissas centrais dessa perspectiva é a divisão entre *conceito* e *denominação* como elementos independentes que são associados de forma deliberada. Esse princípio leva a TGT a assumir uma postura exclusivamente onomasiológica. Desse modo, a TGT compreende o conceito (o significado de âmbito especializado) como algo em geral externo e anterior à denominação (o significante). Assim, a TGT se distancia da linguística moderna, assumindo uma premissa contrária à perspectiva saussuriana em que o significante e o significado de um signo seriam interdependentes e inseparáveis (Saussure, 2012; Cabré, 1998, p. 42). Isso porque, para Wüster (2003), a formação de conjuntos terminológicos ocorreria como um processo à parte das línguas naturais, o que conferiria à Terminologia a condição de uma disciplina autônoma. Desse modo, a TGT (Wüster, 2003) compreende cada terminologia como uma criação consciente que surge pela atribuição convencional e deliberada de formas lexicais a conceitos preestabelecidos, resultando em expressões unívocas. Por essas razões, o único nível linguístico relevante para a TGT é o lexical, por fornecer os vocábulos e frasemas que constituem a unidade formal dos termos — a denominação. Como afirma Wüster: “para os terminólogos, só têm importância as

denominações dos conceitos, isso é, o *léxico* da língua. Não a tem nem a morfologia flexiva, nem a sintaxe, cujas regras se desprendem da língua geral” (2003, p. 22, tradução nossa, grifo do autor)⁸.

Seria apenas a partir da década de 1970 que a Terminologia suscitaria o interesse da linguística geral e receberia, enfim, trabalhos de viés descritivo em contrapartida à TGT (Gaudin, 2014, p. 287-288). Nos anos de 1980 surge o termo Socioterminologia, que, no começo da década de 1990, passa a designar de maneira mais precisa uma teoria terminológica de base sociolinguística (Gaudin, 2014, p. 288-290). Posteriormente, no final da década de 1990, Temmerman (2004) propõe a Teoria Sociocognitiva da Terminologia, voltando-se ao processo de categorização que ocorre em modelos cognitivos. Também ao final dos anos 1990, Cabré (1999) apresenta sua Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que visa integrar todos os diferentes aspectos da comunicação especializada.

Cabré (1999), assim como seus antecessores, tece diversas críticas a TGT por reducionismos e idealismos teóricos, apontando que tal perspectiva seria insuficiente para a compreensão não apenas dos conjuntos terminológicos, mas da comunicação especializada como um todo. A autora (Cabré, 1999) demonstra que o viés prescritivo da TGT assumiria uma premissa equívoca de que o conhecimento especializado seria universalmente uniforme e, por isso, sujeito a uma padronização universal.

Conforme Cabré (1999), também haveria uma ingenuidade em assumir que os termos da comunicação especializada estariam distantes o suficiente das línguas naturais para não estarem sujeitos aos mesmos fenômenos linguísticos que os lexemas da comunicação comum. Ignorar aspectos morfológicos, sintáticos, discursivos e comunicativos, segundo ela, seria também abandonar a investigação sobre os processos que condicionam o surgimento e o uso dos próprios termos. Nesse sentido, Cabré (1999), em oposição a Wüster (2003), reintegra as terminologias às línguas naturais, entendendo que a comunicação especializada seria uma forma de realização dos sistemas linguísticos.

Assim, Cabré (1999), em contrapartida à TGT, propõe a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que reaproxima as terminologias das línguas naturais, reconhecendo também as possibilidades de variação e a heterogeneidade da comunicação especializada. Nesse sentido, os termos tenderiam a univocidade, mas não seriam absolutamente unívocos como proposto na TGT (Cabré, 1999). Por isso, na TCT, toda unidade simbólica ou linguística que represente uma unidade conceitual ou que seja dotada de referência em um campo especializado

⁸ “*para los terminólogos, sólo tienen importancia las denominaciones de los conceptos, es decir el léxico de la lengua. No la tienen ni la morfología flexiva, ni la sintaxis, cuyas reglas se desprenden de la lengua general*”.

de conhecimento, ainda que originária da linguagem comum, pode ser candidata a termo. Isso é, um determinado significante, conforme as propriedades adquiridas em sua realização pragmática, pode tornar-se um termo em um processo chamado de ativação terminológica. Como declara Cabré:

Intuímos que as unidades da linguagem dotadas de referência e incluídas na gramática do falante não são, de início e em abstrato, nem palavras nem termos, senão unidades do léxico da gramática que, em virtude das características da situação comunicativa, permitem que se selecione somente um determinado grupo de marcas do conjunto que as descreve. Seguindo essa premissa, toda unidade dotada de referência pode ser candidata a termo e a palavra (Cabré, 1999, p. 90, tradução nossa)⁹.

Outro tópico fundamental à TCT é o reconhecimento do caráter multidimensional ou poliédrico do termo, descrito como unidade dotada de propriedades cognitivas, comunicativas, semióticas e linguísticas (Cabré, 1999). Portanto, nessa perspectiva, a Terminologia não seria uma disciplina totalmente independente, mas uma perspectiva interdisciplinar que, com o intuito de descrever as diversas dimensões dos termos, integra teorias e métodos de múltiplas ciências.

Isso porque, segundo Cabré (1999), uma perspectiva ampla sobre as terminologias pressupõe o amparo em teorias de diferentes campos científicos. Assim, seria necessária uma teoria do conhecimento capaz de explicar como os processos de conceptualização são operados nas áreas de especialidade e como são estabelecidas as relações entre as unidades de conhecimento e as respectivas denominações (Cabré, 1999). Também seria preciso uma teoria da comunicação que compreenda a diversidade de situações em que um conjunto terminológico possa ser produzido, abarcando também as condições de transmissão conceitual. Da mesma maneira, seria indispensável uma teoria dos signos, pela qual seja possível descrever as unidades simbólicas presentes em determinados conjuntos terminológicos. Outra base imprescindível à TCT, essa mais extensamente discutida por Cabré (1999), seria uma teoria linguística que descreva fenômenos gramaticais, semânticos (sobretudo semântico-cognitivos), pragmáticos, discursivos e textuais no contexto especializado, contemplando também a aquisição de conhecimento especializado e suas formas expressivas.

Em suma, na perspectiva de Cabré (1999), a Terminologia estaria intrinsecamente conectada a quatro campos científicos: a Linguística, a Semiótica, as Ciências Cognitivas e as Ciências da Comunicação. Cada uma, de acordo com seu objeto, proporcionaria os subsídios

⁹ “*Intuímos que las unidades del lenguaje provistas de referencia e incluídas en la gramática del hablante no son, de entrada y en abstracto, ni palabras ni términos, sino unidades del léxico de la gramática que, en virtud de las características de la situación comunicativa dejan que se seleccione solamente un determinado haz de rasgos del conjunto que las describe. Siguiendo este supuesto, toda unidad dotada de referencia puede ser candidata a término y a palabra.*”

teóricos necessários para o estudo de uma determinada dimensão da comunicação especializada. A TCT então atuaria como uma interface entre essas teorias de diferentes campos, definindo o olhar sobre o objeto e as possibilidades metodológicas. Ou seja, a TCT oferece um conjunto de premissas que condiciona uma determinada atitude de pesquisa para uma subsequente aplicação de outras teorias e métodos de diferentes campos científicos. Desse modo, a TCT pode ser compreendida como uma espécie de ‘teoria modular’, que se combina com outras teorias e métodos de natureza mais específica. Essa característica não apenas enfatiza o viés interdisciplinar da TCT, como também revela sua atitude reflexiva com a própria Terminologia enquanto ciência. Cabe ressaltar que a combinação deve ser, necessariamente, compatível com a proposta da TCT.

Em função dessa interdisciplinaridade, a TCT permite múltiplos caminhos de pesquisa. Ainda que Cabré (1999, 2002a) situe sua proposta na convergência de quatro campos científicos, a TCT não exige que todas essas áreas sejam articuladas em um mesmo trabalho de pesquisa. Pelo contrário, Cabré (2002a) também defende algo chamado de ‘Teoria das Portas’. Segundo essa perspectiva, caberia ao pesquisador definir uma dentre três possíveis vertentes de trabalho: **a)** linguística-semiótica, **b)** comunicativa ou **c)** cognitiva. Segundo ela (Cabré, 2002a), essas três ‘portas’ seriam diferentes caminhos para o mesmo fim.

O caminho linguístico, mais especificamente, ocorreria pela integração entre uma teoria linguística, compatível com o princípio da poliedricidade dos termos, e os seguintes princípios:

- a) O texto como ponto de partida considerando sua estrutura e suas condições discursivas.
- b) A análise da estrutura do texto.
- c) A detecção das unidades que constituem essa estrutura.
- d) A detecção das unidades que transmitem um conhecimento especializado e que são unidades de significação especializada.
- e) A discriminação das unidades linguísticas que têm um significado especializado.
- f) A discriminação das unidades léxicas que têm um significado especializado.
- g) A análise das unidades léxicas que têm um significado especializado.
- h) O estabelecimento de relações conceituais entre essas unidades.
- i) A detecção de sinônimos ou equivalentes conceituais seja uma sinonímia total ou parcial.
- j) A criação da estrutura conceitual do texto incluindo as unidades e as relações.
- k) o texto como ponto de partida considerando sua estrutura e suas condições discursivas. (Cabré, 2002a, n.p., tradução nossa)¹⁰

¹⁰ “a) El texto como punto de partida considerando su estructura y sus condiciones discursivas. b) El análisis de la estructura del texto. c) La detección de las unidades que constituyen esta estructura. d) La detección de las unidades que transmiten un conocimiento especializado y que son unidades de significación especializada. e) La discriminación de las unidades lingüísticas que tienen un significado especializado. f) La discriminación de las unidades léxicas que tienen un significado especializado. g) El análisis de las unidades léxicas que tienen un significado especializado. h) El establecimiento de relaciones conceptuales entre estas unidades. i) La detección de sinónimos o equivalentes conceptuales, ya sea una sinonímia total o parcial. j) La creación de la estructura conceptual del texto incluyendo las unidades y las relaciones. k) La correlación entre la estructura conceptual y la estructura discursiva.”

Além disso, segundo Cabré (1999), toda prática terminológica exigiria quatro competências básicas: a cognitiva, sobre o campo de especialidade a ser trabalho; a linguística, em relação a língua em que os termos são formados; a sociofuncional, a respeito do cumprimento de seus objetivos e adequação aos seus destinatários; e a metodológica, acerca da realização do trabalho.

A partir desses fundamentos, a TCT define quatro etapas no trabalho terminográfico (Cabré, 1999). Entretanto, antes mesmo da primeira etapa, seria necessária aquisição da já referida competência cognitiva no campo de especialidade a ser investigado, enquanto um prerequisite para a compreensão da área. Essa condição pode ser satisfeita, segundo Cabré (1999), pela consulta a especialistas e pela própria leitura dos textos especializados e subprodutos (como obras enciclopédicas ou até mesmo obras já existentes que reúnem a terminologia da área). A partir dessa competência, seria possível a criação de um mapa conceitual, que consiste na projeção sistemática e organizada dos conhecimentos adquiridos. A primeira etapa, de fato, seria a definição do trabalho a partir do mapa conceitual, considerando o tema, a perspectiva adotada, o tipo de produto, os destinatários, os objetivos e as finalidades. Com isso, a segunda etapa se seguiria pela delimitação do *corpus* e pela construção de uma estrutura conceitual. Esta, mais especificamente, seria projetada na forma de uma hierarquia, de modo que se possa descrever as unidades e relações conceituais no interior do tema definido. Já na terceira etapa, seria realizada a coleta das unidades terminológicas no corpus escolhido. Por fim, a quarta e última etapa consistiria em uma revisão dos dados coletados, em que se seleciona as unidades terminológicas e respectivas informações para a apresentação do trabalho.

Como apontado anteriormente, a ativação de um termo ocorre por suas relações conceituais e marcas de adequação em um campo de especialidade. Segundo Cabré (1999), a condição mínima para a ativação de uma unidade lexical como um termo é a ocorrência em um contexto comunicativo especializado. Portanto, um trabalho terminológico pressupõe também uma tipologia capaz de identificar textos especializados. Por essa razão, Cabré (2002b, p. 18-21) estabelece duas categorias de análise: a estrutura textual (incluindo estrutura formal, a cognitiva e a linguística) e as condições discursivas (incluindo as condições de produção, transmissão, recepção, a partir do esquema comunicativo clássico). A autora (Cabré, 2002) indica também para a necessidade de se identificar marcas nas características prévias de produção, mais especificamente as variáveis de emissor, destinatário, organização geral das estruturas textuais e a seleção das unidades de nível léxico.

O emissor especializado, segundo Cabré (2002b) seria caracterizado pela capacidade de gerar inovações e controlar o estado de conhecimento no seu respectivo campo, podendo

avaliar, sem restrição, a relevância e o efeito dos conceitos. Por outro lado, “parece que ser receptor de conhecimento especializado pressupõe sempre uma expectativa de aprendizagem” (Cabré, 2002b, p. 28, tradução nossa)¹¹. Isso incluiria tanto os semiespecialistas, que estão em processo de aquisição dos conhecimentos básicos de uma área, quanto os especialistas, que acompanham as inovações em seu campo de pesquisa e trabalho. Nesse sentido, o destinatário de textos especializados   uma instância comunicativa ampla, que abrange diferentes níveis de especialidade (Cabré, 2002b) e, em vista disso, condiciona o grau de especialização do texto.

Segundo Cabré (2002b, p. 30), certos temas seriam mais suscetíveis   ativação terminológica por sua relação estreita com o meio científico. Porém, o recorte temático não seria uma condição suficiente para a ativação terminológica, uma vez que qualquer tema pode ser objeto de um controle conceitual semelhante ao meio científico (Cabré, 2002b). Assim, o assunto de um texto *per se* não seria um critério seguro para a tipificar uma comunicação como especializada, mas sim o controle sobre a organização das estruturas conceituais. Nesse sentido, a presença de uma determinada temática não necessariamente reflete o grau de especialização de um texto. Contudo, se outros elementos textuais e cognitivos apontarem para a especialização, o tema poderá indicar a qual campo de especialidade aquele texto pertenceria.

Cabré (2002b), reconhecendo a heterogeneidade dos textos especializados, não aponta características estruturais como critérios mínimos para a identificação de uma comunicação especializada. Entretanto, a autora elenca algumas tendências, apresentadas como critérios graduais de tipologiza  o. São elas a precisão, concisão e sistematicidade,  l m da “literalidade da referência, a tendência de apresentar os fatos como fatos externos ao emissor e como se fossem objetivos, a tendência de despersonalizar ao máximo as opiniões sobre os fatos e a tendência   polifonia como reforço da objetividade” (Cabré, 2002b, p. 32, tradução nossa)¹².

Esses critérios, evidentemente, se fundamentam na observação de terminologias advindas de áreas técnico-científicas modernas. Apesar disso, os critérios citados não excluem a possibilidade de aplicação da TCT a textos antigos, na medida em que estão sujeitos   variação gradual de acordo com as seguintes variáveis: “o tema, a função dominante, os destinatários, o  mbito de comunicação ou a estratégia comunicativa” (Cabr , 2002b, tradução nossa)¹³.

¹¹ “*parece que ser receptor de conocimiento especializado supone siempre una expectativa de aprendizaje.*”

¹² “*literalidad de referencia, la tendencia a la presentación de los hechos como hechos externos al emisor y como si fueran objetivos, la tendencia a despersonalizar al máximo las opiniones sobre los hechos y la tendencia a la polifonía como refuerzo de la objetividad.*”

¹³ “*el tema, la función dominante, los destinatários, el  mbito de comunicación o la estrategia comunicativa.*”

2.2 Da Abordagem Contextual

Conforme descrito no subcapítulo anterior, a seleção da TCT enquanto base teórico-metodológica implica na escolha de uma vertente de investigação terminológica (cognitiva, comunicativa e linguística-semiótica). Consequentemente, escolha de uma dessas ‘portas’ — no caso desta pesquisa, a dimensão linguística — implica também em articular a TCT com teorias e métodos da ciência em questão. Em vista disso, adota-se a Abordagem Contextual, de viés semântico-lexical, como fundamentação linguística para descrever a estrutura conceitual do *corpus*.

Segundo Cruse, na Abordagem Contextual “é assumido que as propriedades semânticas de um item lexical são totalmente refletidas em aspectos apropriados das relações que ele [item lexical] contrai com contextos potenciais e atuais” (1987, p. 1, tradução nossa)¹⁴. Isso é, todo conteúdo de sentido e significado que um vocábulo pode apresentar é observável pelas suas propriedades combinatórias, considerando todos os contextos linguísticos possíveis de uso. O autor reconhece que contextos extralinguísticos podem ser contemplados em uma análise semântica, mas os pretere em relação aos dados linguísticos. Isso porque, segundo ele, situações extralinguísticas já seriam mediadas por expressões linguísticas, além de serem mais difíceis de se controlar e manipular.

O que Cruse (1987) denomina ‘Abordagem Contextual’ se alicerça no pensamento de Hass. Ele (Haas, 1962a), na intenção de tornar a análise semântica mais sistemática, propõe uma nova abordagem a partir do conceito de valor. A origem dessa iniciativa reside em reflexões acerca de um princípio metodológico: o de assumir o mínimo de informação possível sobre o *objeto* — isso é, sobre o *significado de uma sentença*, no caso da Semântica. Entretanto, ele também reconhece a necessidade de “pressupor *alguma* informação semântica” (Haas, 1962a, p. 1068, tradução nossa, grifo do autor)¹⁵. Na perspectiva de Haas (1962a, p. 1068-89), esse pressuposto informacional mínimo e necessário à análise semântica seria o seguinte: dadas duas sentenças parcialmente semelhantes, é seguro que haja alguma diferença em significado ou em grau de normalidade. Isso é, para a formulação de um método que identifique sistematicamente o valor semântico de um segmento linguístico e ainda respeite o princípio de assumir o mínimo de informação sobre o objeto, deve-se pressupor uma diferença de significado ou normalidade mesmo na menor comutação de elementos sentenciais. O conceito

¹⁴ “it is assumed that the semantic properties of a lexical item are fully reflected in appropriate aspects of the relations it contracts with actual and potential contexts.”

¹⁵ “In trying to lay the foundations of a systematic semantics, we shall have to presuppose some semantic information”.

de ‘normalidade’, embora não definido explicitamente por Haas (1962a), pode ser compreendido provisoriamente da seguinte maneira: a percepção linguística de que a construção de sentido de uma dada sentença é admissível, possível, bem-formulada, ou esperada. Cabe ressaltar que ser ‘normal’ é uma propriedade sentencial comparativa e escalável — isso é, pode-se afirmar que uma sentença é mais ou menos normal que outra. A noção de normalidade é apresentada como um meio para observar as possibilidades de ocorrência dos signos linguísticos. A partir da identificação dos contextos normais, torna-se possível analisar as propriedades combinatórias de um signo e, então, descrever o próprio significado dessa unidade.

A diferença entre uma sentença semanticamente normal e uma anormal (também ‘anômala’, ou ‘desviante’) seria determinada pelos processos de seleção entre as unidades frasais¹⁶. Na terminologia de Haas (1962a, p. 1069), o caso de uma seleção normal é identificado como uma ‘seleção sentencial focal’ (*focal sentential selection*), sendo os selecionadores sentenciais o ‘paradigma focal’ (*focal paradigm*) e o conjunto dos dois a ‘distribuição sentencial focal’ (*focal sentential distribution*). Assim, a diferença de significado entre os signos linguísticos corresponderia às divergências de distribuição sentencial focal. Em outras palavras, o efeito de normalidade seria uma realização de padrões semânticos preestabelecidos em um paradigma estruturado por relações de afeição e desafeição combinatória. Desse modo, o emprego de uma unidade semântica ocorreria de acordo com um leque recorrente de escolha (*recurrent range of choice*) preestabelecido pelos paradigmas focais (Haas, 1962a, p. 1071). Logo, na perspectiva de Haas (1962a), o significado de um item lexical não seria descrito pela intuição afirmativa de um sentido, mas pela identificação de um contraste semântico recorrente¹⁷ em diferentes contextos sentenciais. Trata-se de uma perspectiva que permite identificar valor semântico de um elemento a partir de seu ambiente natural: a sentença.

Importante ressaltar que, para o conceito de normalidade semântica ser adequadamente operacionalizado, é necessário distingui-lo da normalidade gramatical. Essa diferença é reconhecida também em outras abordagens, como nota Chomsky ao contrastar sentenças hipotéticas como: “*Colorless green ideas sleep furiously*” e “*Read you a book on modern music?*” (2002, p. 15). A primeira sentença, segundo ele, seria bem formada gramaticalmente, apesar de “*nonsensical*”. A segunda, por outro lado, seria o caso oposto: bem formada semanticamente, mas desviante à gramática. Chomsky apresenta esses exemplos como

¹⁶ (Haas, 1962a).

¹⁷ Chama-se ‘valor distintivo recorrente’ quando o mesmo contraste ocorre em diferentes pares de sentença (Haas, 1962a, p. 1071).

evidências de uma separação entre os fenômenos semânticos e os gramaticais, indicando que os desvios gramaticais podem ser observados à parte dos semânticos e vice-versa — conforme representado na Tabela 1, com os exemplos empregados pelo autor (Chomsky, 2002, p. 15).

Tabela 1 – Distinção entre significatividade e gramaticalidade em Chomsky

		SIGNIFICATIVIDADE ¹⁸	
		NORMAL	ANORMAL
GRAMÁTICA- LIDADE	NORMAL	<i>“Have you a book in modern music?”</i>	<i>“Colorless green ideas sleep furiously.”</i>
	ANORMAL	<i>“Read you a book on modern music?”</i>	<i>“Furiously sleep ideias green colorless.”</i>

Fonte: elaboração própria a partir de Chomsky (2002, p. 15).

Da mesma maneira, Cruse nota a diferença de desvio entre sentenças como *“he harvested a magnetic puff of amnesia”* e *“Them yesterday goed to home”* (1987, p. 2), conforme pretende-se representar na Tabela 2.

Tabela 2 – Distinção entre normalidade semântica e gramatical em Cruse

		SEMÂNTICA	
		NORMAL	ANORMAL
GRAMÁTICA- LIDADE	NORMAL	<i>“I’ve nearly finished”, “The green lizard is sleeping”</i>	<i>“He harvested a magnetic puff of amnesia”, “The green idea is sleeping”</i>
	ANORMAL	<i>“Them yesterday goed to home”</i>	<i>“The green idea sleep”</i>

Fonte: elaboração própria a partir de Cruse (1987, p. 2).

Com base nessas observações, Cruse (1987, p. 1-8) propõe uma tipificação com base em um critério de corrigibilidade. O tipo de anomalia seria indicado pela categoria dos elementos a serem alterados em uma intervenção hipotética pela qual seja possível, com o mínimo de mudanças, normalizar uma sentença. Nesse sentido, a anomalia será gramatical se a intervenção mínima para normalizar a sentença for uma alteração entre elementos pertencentes

¹⁸ “Significativas” ou, conforme o texto original, *“meaningful”*, *“significant”* (Chomsky, 2002, p. 15).

a categorias fechadas (*closed set items*). Analogamente, a anomalia será semântica se a menor alteração possível para normalizar a sentença for entre elementos de categorias abertas (*open set items*). Contudo, se uma intervenção mínima for possível com elementos de qualquer uma dessas categorias, a anomalia será considerada gramatical a menos que a solução com itens de categoria aberta ocorra pelas propriedades semânticas dos elementos adicionados. Sentenças podem conter um, ambos ou nenhum dos tipos de anomalia. Isso pode ser observado pelos exemplos do autor (Cruse, 1987, p. 2-4) organizados na Tabela 2. Entretanto, ao contrário de Chomsky (2002), Cruse (1987, p. 4-5) defende que não há uma separação absoluta entre gramática e semântica. Isso pode ser observado, por exemplo, em elementos gramaticais que também contribuem semanticamente para a construção de sentido em uma sentença, como afixos flexionais.

O conceito de normalidade é um pressuposto necessário para a identificar o valor de um segmento linguístico, mas não descreverá, por si próprio, a totalidade de um conteúdo informativo. Conforme elaborado por Cruse (1987) com base em Haas (1962a), se o valor é apreendido por um contraste semântico recorrente, que é, por sua vez, condicionado pelos paradigmas focais, então as relações entre os membros desse conjunto refletiriam, necessariamente, o próprio significado dessas unidades. Assim, Cruse trata como axiomática a afirmação de que “cada aspecto do significado de uma palavra é refletido em um padrão característico de normalidade (e anormalidade) semântica em contextos gramaticalmente apropriados” (Cruse, 1987, p. 15, tradução nossa)¹⁹. Nesse sentido, “o significado de uma palavra é constituído por suas relações contextuais” (Cruse, 1987, p. 16, tradução nossa)²⁰, que é o conjunto total de relações de normalidade que um item lexical apresenta ou contrai em cada contexto de uso. Assim, o conteúdo informativo de uma unidade lexical pode ser descrito por padrões de ‘afeição’ (*affinity*) e ‘desafeição’ (*disaffinity*) paradigmática e sintagmática com outras unidades (Cruse, 1987, p. 15-16).

Desse modo, o significado é compreendido, na Abordagem Contextual, a partir das relações entre as unidades linguísticas. Por isso, quando se discute o conteúdo informativo do signo linguístico, Cruse (1987, p. 15-17) apresenta o conceito de ‘traço semântico’, definido como um dado significado observável em mais de um signo — ou seja, uma relação de

¹⁹ “[...] every aspect of the meaning of a word is reflected in a characteristic pattern of semantic normality (and abnormality) in grammatically appropriate contexts.”

²⁰ “We shall say, then, that the meaning of a word is fully reflected in its contextual relations; in fact, we can go further and say that, for present purposes, the meaning of a word is constituted by its contextual relations.”

compartilhamento e semelhança entre duas unidades linguísticas²¹. Entretanto, esse significado comum não seria afirmado intuitivamente, como uma entidade externa aos significantes, pelo contrário: a significação seria apreendida pelas relações combinatórias possíveis entre os significantes. Desse modo, os casos de semelhança no uso de vocábulos como ‘cão’ e ‘gato’ podem ser explicados pela presença do traço semântico de ‘animal’. Por outro lado, a distância semântica entre esses dois lexemas pode ser apreendida no modo como selecionam e restringem os usos de, respectivamente, ‘latir’ e ‘miar’ — o que os torna paradigmas focais distintos.

Como forma de descrever qualitativamente os diferentes tipos de relação, cada traço semântico é compreendido em um ‘grau de necessidade’ (chamado de também *status*, ‘condição’ ou ‘situação’) relativo ao vocábulo em questão. Esses graus são determinados de acordo com o tipo de participação ou contribuição semântica que o traço opera (Cruse, 1987, p. 15-22). Todo traço semântico pertenceria a um dos seis graus de necessidade:

- a) **CRITERIAL**: **X** é um traço criterial de uma expressão **Y** se **Y** acarreta **X**. Por exemplo: ‘isto é um urubu’ acarreta ‘isto é um *pássaro*’ e ‘isto é um *animal*’. Portanto, ‘pássaro’ e ‘animal’ seriam traços criteriosais de ‘urubu’.
- b) **ESPERADO**: **X** é um traço esperado de uma expressão **Y** se uma construção hipotética ‘**P**, mas **Q**’ for anormal sob as condições de: a) ambas (**P** e **Q**) serem orações com o mesmo sujeito; b) **P** conter **Y** no predicado; e c) **Q** conter **X** no predicado²². Por exemplo: a construção ‘isto é um *urubu*, mas é *preto*’ pode ser considerada anormal. Portanto, ‘preto’ seria um traço semântico esperado de ‘urubu’. Períodos como esse apresentam o que se pode chamar de paradoxo expressivo (Cruse, 1987, p. 17). Isso porque a conjunção adversativa provoca uma expectativa de oposição, mas a oração seguinte não a satisfaz. Por outro lado, essa antecipação pode ser satisfeita pela negação do segundo predicado. Portanto, a normalidade de uma construção ‘**P**, mas não **Q**’ também seria válida para diagnosticar um traço esperado. Por exemplo: ‘isto é um *urubu*, mas não é *preto*’ é normal, portanto, ‘preto’ é um traço esperado de ‘urubu’.
 - o **CANÔNICO**: Subtipo de traço esperado. **X** é um traço canônico de uma expressão **Y** se **X** já for diagnosticado como um traço esperado de **Y** e se a

²¹ Cabe observar que “*Lexical units contract semantic relations with other units by virtue of their senses. There is therefore no difference between saying that a certain semantic relation holds between two lexical units, and saying that it holds between the senses of those units*” (Cruse, 1987, p. 83).

²² A fórmula proposta por Cruse (1987) é relativamente vaga, não explicitando todos esses critérios. Entretanto, esse padrão pode ser verificado nos exemplos apresentados pelo autor.

ausência de **X** denotar alguma forma de defectividade em **Y**. Por exemplo: ‘isto é um *urubu*, mas não *pode voar*’ e ‘isto é um *urubu*, mas não *tem penas*’. Em ambos os casos, a ausência do traço (‘poder voar’ e ‘ter penas’) sugere que a referência, além de não satisfazer as características esperadas, tenha sofrido algum dano prévio. Esse tipo de traço semântico se difere dos outros por não ser diagnosticado por um teste, mas por um conhecimento enciclopédico.

- c) POSSÍVEL: **X** é um traço possível de uma expressão **Y** se ambas as construções hipotéticas ‘**P**, mas **Q**’ e ‘**P**, mas não **Q**’ forem anômalas sob as condições de: a) ambas (**P** e **Q**) serem orações com o mesmo sujeito; b) **P** conter **Y** no predicado; e c) **Q** conter **X** no predicado. Trata-se dos mesmos testes aplicados para o traço esperado, mas com um resultado que não se inverte na negação de **Q**. Por exemplo, tanto ‘isto é um *pássaro*, mas é *vermelho*’ quanto ‘isto é um *pássaro*, mas não é *vermelho*’ são sentenças anormais. Portanto, ‘vermelho’ seria um traço possível de ‘pássaro’.
- d) INESPERADO: Caso oposto ao traço esperado. **X** é um traço inesperado da expressão **Y** se uma construção hipotética ‘**P**, mas **Q**’ for normal sob as condições de: a) ambas (**P** e **Q**) serem orações com o mesmo sujeito; b) **P** conter **Y** no predicado; e c) **Q** conter **X** no predicado. Trata-se do mesmo teste aplicado para o traço esperado, mas com o resultado inverso. Por exemplo, em ‘isto é um *urubu*, mas é *vermelho*’, a expectativa da conjunção adversativa ‘mas’ é satisfeita. Portanto, ‘vermelho’ seria um traço inesperado de ‘urubu’. Já o teste ‘**P**, mas não **Q**’, ao contrário do traço esperado, resultaria em uma construção anormal, como em ‘isto é um *urubu*, mas não é *vermelho*’.
- e) EXCLUÍDO: Caso oposto ao traço criterial, quando **Y** acarreta a negação de **X**. Por exemplo: ‘isto é um *urubu*’ acarreta ‘isto não é um *peixe*’ e ‘isto não é uma *ferramenta*’. Então, ‘peixe’ e ‘ferramenta’ seriam traços excluídos da expressão ‘urubu’.

Antes de prosseguir a exposição, é necessário um esclarecimento terminológico. Cruse (1987) designa como forma lexical (*lexical form*) “a unidade abstrata de forma que é realizada em sentenças reais como o membro apropriado de um conjunto de formas de palavras diferindo

apenas em relação a inflexões” (1987, p. 77, tradução nossa)²³. Entretanto, lida-se de forma composicional²⁴ a expressão ‘forma lexical’ pode se revelar ambígua ao leitor, gerando equívocos quando for relevante a diferença conceitual entre unidade do léxico e forma flexional. Ou seja, assume-se que é preciso aludir de maneira mais evidente à distinção entre, por exemplo, o verbo ‘nascer’ e sua forma flexionada no infinitivo ‘nascer’. Portanto, para o propósito deste trabalho, opta-se por empregar a designação ‘vocábulo’ para se referir ao conceito que Cruse denomina como forma lexical (*lexical form*).

Ademais, Cruse (1987, p. 48, p. 80) denomina unidade lexical (*lexical unity*) o elemento constituído pela união entre um vocábulo (ou ‘*lexical form*’) e um sentido ou significado individual. Nesta pesquisa, em particular, entende-se unidade lexical (*lexical unity*) e ‘lexia’ como termos intercambiáveis — semelhante à maneira como Polguère (2018)²⁵ os emprega. Por sua vez, ‘sentido’ (*sense*) seria um termo para se referir à noção de ‘significado’ (*meaning*) estritamente quando vinculado a uma unidade lexical (Cruse, 1987, p. 49) — isso é, como propriedade ou elemento semântico de uma unidade lexical. Assim, o lexema, para Cruse (1987), seria um vocábulo (*lexical form*) que, por atrelar-se a diversas unidades de sentido, realiza múltiplas unidades lexicais (lexias) sob as mesmas formas flexionais. De maneira sintética:

Um lexema é uma família de unidades lexicais; uma unidade lexical é a união de um único sentido com uma forma lexical; uma forma lexical é uma abstração de um conjunto de formas de palavra (ou, alternativamente — é uma família de formas de palavra) que diferem apenas em respeito às flexões (Cruse, 1987, p. 80, tradução nossa)²⁶.

Além disso, segundo ele (Cruse, 1987, p. 79-80), haveria unidades lexicais consideradas primárias em relação ao lexema. Essas lexias requereriam menos especificidades combinatórias para serem operacionais, podendo ser depreendidas em contextos mais vagos ou genéricos. Essas são definidas em contraste às unidades secundárias, que se manifestam em contextos mais restritos ou mesmo situações em que a lexia primária seria anormal. Um exemplo de lexia primária seria ‘cão’ no sentido amplo, que se refere aos indivíduos da espécie como um todo,

²³ “[...] *the abstract unit of form which is realised in actual sentences as the appropriate member of a set of word forms differing only in respect of inflections a lexical form;*”

²⁴ Isso é, pela soma dos sentidos individuais de ‘forma’ e ‘palavra’ (Polguère, 2018, p. 61).

²⁵ No trecho, se faz uma aproximação com a terminologia de Polguère (2018, p. 67-68) apenas no que tange à sinonímia entre os termos “unidade lexical” e “lexia”, não em relação à acepção que esse autor elabora sobre esses termos. Em relação ao conceito de “unidade lexical” — também chamada de “lexia” neste trabalho —, mantém-se fiel à definição de Cruse (1987, p. 48, p. 80.)

²⁶ “*a lexeme is a family of lexical units; a lexical unit is the union of a single sense with a lexical form; a lexical form is an abstraction from a set of word forms (or alternatively - it is a family of word forms) which differ only in respect of inflections.*”

independente do sexo. Esse significado geral pode ser observado em sentenças como ‘o cão está doente’ ou ‘o cão correu em direção à árvore’. Por outro lado, nas sentenças ‘um cão engravidou a cadela’ e ‘não havia cadelas, mas apenas cães’ encontra-se a lexia secundária de ‘cão’, em que o traço de ‘sexo masculino’ é criterial enquanto o de ‘feminino’ é excluído por oposição a ‘cadela’.

A forma como múltiplas unidades lexicais se associam a um lexema geralmente pode ser observada, segundo Cruse (1987, p. 71-74), como um espectro de sentido. Nesses casos, os diversos significados de um lexema podem ser compreendidos como pontos ao longo de um *continuum* de sentido, enquanto diferentes variantes graduais. Dessa forma, ainda que um determinado par de sentidos **A:D** (em um espectro constituído por uma série sequencial **A, B, C e D**) pareça pouco relacionado, a perspectiva do espectro completo (**ABCD**) pode revelar uma dimensão conceitual que contemple todos os membros. Ainda conforme Cruse (1987), esses espectros frequentemente seriam formados por um processo de extensão metafórica a partir de um sentido literal independente. As unidades de sentido em um espectro são chamadas de sentidos locais, delimitadas de acordo com sua presença em um determinado campo lexical²⁷.

A distinção de lexias no interior de um lexema seria um fenômeno de variação semântica decorrente da seleção e modulação de sentidos. De acordo com Cruse (1987, p. 50-54), a seleção, em particular, pode ocorrer de forma passiva ou produtiva. A seleção passiva ocorre quando um contexto frasal restringe as possibilidades de interpretação de um lexema, favorecendo um sentido específico e já estabelecido. Trata-se dos contextos em que o sentido das outras lexias (daquele mesmo lexema) tornaria a sentença anormal. Já a seleção produtiva ocorreria, segundo o linguista, quando o contexto estimula a criação de um novo sentido. Ambas as formas de seleção seriam identificadas quando, em uma sentença, um significado pode ser negado enquanto outro é afirmado, ou quando os diferentes sentidos podem ser maximizados de forma independente (Cruse, 1987, p. 50-54). Elas só se diferenciam por estarem ou não pré-estabelecidas no repertório linguístico dos falantes, mas os testes de identificação são os mesmos. Um caso de seleção passiva pode ser observado no período ‘um cão teve filhotes com a cadela da casa ao lado’, em que o contexto reprodutivo seleciona o sentido de ‘cão’ como um animal do sexo masculino e não sua espécie como um todo.

Cruse (1987, p. 50-54) também explica que a modulação de sentidos, por sua vez, seria uma variação semântica decorrente de alguma alteração sobre os traços de uma unidade lexical.

²⁷ Cruse (1987, p. 74) define ‘campo lexical’ como um conjunto de itens lexicais interconectados por relações semânticas.

Há três formas de modulação que ocorrem por uma mudança direta no grau de necessidade dos traços: promoção (*promotion*), quando o estatuto do traço é elevado; demissão (*demotion*), quando é diminuído; e ligação (*linkage*), quando uma das anteriores acarreta uma segunda modulação de outro traço. Como exemplificado por Cruse (1987, p. 52-53), um predicado como ‘derramar manteiga’ promoveria o traço ‘líquido’ em ‘manteiga’ de possível para, pelo menos, canônico — na medida em que o complemento esperado do verbo ‘derramar’ expressaria algo líquido. Entretanto, seria pouco provável que nesse caso o traço de ‘frio’ ainda fosse possível, sendo ao menos inesperado, pois é uma característica da manteiga em estado sólido. Assim, a promoção do traço ‘líquido’ em ‘manteiga’ de possível para canônico também promove o ‘quente’ para o mesmo grau de necessidade, ao passo que demove ‘frio’ de possível para inesperado. Com isso, Cruse (1987) demonstra que o traço semântico ‘quente’ seria modulado por ligação com o ‘líquido’ na lexia ‘manteiga’.

O último conjunto de modulações são os processos de ressaltar (*highlighting*) e ofuscar (*backgrounding*), em que uma característica ou parte é posta em relevo em detrimento de outras, mas sem alterar sua identidade (Cruse, 1987, p. 53-54). Por exemplo, em ‘um homem foi mordido por um leão’, é ressaltada a periculosidade de um leão, ao passo que suas outras características, expressas por outros traços semânticos, são relevadas. Assim, ressaltar e ofuscar não altera o grau de necessidade dos traços, mas indica quais traços são informativamente relevantes no contexto da sentença, podendo auxiliar a identificação dos sentidos de um lexema ao se assumir o mínimo de conhecimento intuitivo.

Outro tópico da Abordagem Contextual relevante nesta pesquisa são as ‘relações congruentes’ (*congruent relations*) apresentadas por Cruse (1987, p. 86-88), que serviram de referencial para a maneira como se organizou as relações lexicais na entrada do léxico. Trata-se de quatro relações básicas de sentido que compreendem uma variedade de relações lexicais possíveis. São elas: a identidade (*identity*), na qual duas classes compartilham os mesmos membros; a inclusão (*inclusion*), na qual uma classe encapsula a outra; a sobreposição (*overlap*), na qual duas classes possuem uma intercessão, contendo um certo número de membros em comum; e a disjunção (*disjunction*), na qual duas classes não possuem membros em comum. Pela relação de identidade, se organizariam os diferentes tipos de sinonímia, ao passo que inclusão corresponderia diretamente à hipernímia e hiponímia²⁸. Por sua vez, a intercessão expressaria relações lexicais de compatibilidade, como o caso de múltiplos

²⁸ (Cruse, 1987, p. 88).

hiperônimos incluïrem o mesmo hipônimo²⁹. A disjunção, por fim, representaria a incompatibilidade, que fundamenta a exclusão pressuposta nos diferentes tipos de oposição³⁰.

Por isso, os termos relacionados nas entradas compreendem as seguintes categorias: superordenados, como conceitos maiores que encapsulam o lema por inclusão; subordinados, como os que, inversamente, são encapsulados pelos superordenados; os correlatos, como aqueles que possuem uma identidade parcial ou total; e opostos, como conceitos disjuntos que mantêm entre si algum contraste direto, geralmente uma relação de excludência. Para evitar redundâncias, a sobreposição não é representada explicitamente, já que a presença de mais de um superordenado informa por si só que o lema pertence a essa relação. Ao lado de cada termo são especificados entre parênteses o tipo específico de relação semântico-lexical, para distinguir, por exemplo, opostos complementares e antônimos.

Cabe ressaltar também que, na base das reflexões de sentido e significado da Abordagem Contextual, há uma crítica de Haas (1962b) à teoria da referência. O linguista, nega que o sentido de um vocábulo ocorra meramente pela correspondência a algum fenômeno, entidade ou conceito extralinguísticos. Haas (1962b) defende que a teoria da referência seria inverificável, na medida em que não haveria experiência de referência extralinguística que não fosse mediada por alguma forma de linguagem, tampouco haveria lexia cujo sentido possa ser compreendido de forma isolada. Segundo ele, o ato de se apontar para um objeto em um contexto pragmático como forma de captar significado seria, por si só ambíguo, por essa ação não diferenciar entidade e propriedade, parte e todo, indivíduo e tipo ou forma e qualidade. Isso é, quando se aponta para algo, mas não se fala, também não há como determinar se o que está sendo indicado seria o tipo, cor, forma, parte ou o todo do objeto, por exemplo.

Ainda que Haas (1962b) se distancie do conceito de referência, é difícil negar alguma forma de intenção referencial em contextos comunicativos, sobretudo quando uma expressão é empregada para identificar uma entidade específica e singular, estando ela presente no contexto pragmático de enunciação ou compreendida no conhecimento de mundo dos falantes. Nesse sentido, o significado de ‘Ξένος’ pode ser descrito no léxico por suas relações paradigmáticas e possibilidades combinatórias sem a necessidade informações extralinguísticas, mas ainda pode-se afirmar que o sintagma “ὁ ξένε” (Platão, *Sofista*, 217a), no contexto dialógico do *Sofista*, se refere unicamente ao interlocutor de Teeteto enquanto entidade específica e singular. Do mesmo modo, o nome próprio ‘Θεαίητος’ não se estende a nenhum outro indivíduo senão o que está presente na obra. Ademais, a própria composição semântica de expressões como

²⁹ (Cruse, 1987, p. 92-93).

³⁰ (Cruse, 1987, p. 93-95).

‘este lápis’, ou mesmo ‘um lápis amarelo me foi presenteado hoje’, ainda quando descritas apenas pelas possibilidades relacionais e combinatórias, comunicam a ideia de um objeto singular e, algum nível, podem contêm uma intenção de informar existência de uma entidade extralinguística. É possível que, por motivos semelhantes, Cruse (1987) tenha retomado vagamente o conceito de referência em seu texto.

Por essas razões o conceito de referência será aplicado nesta pesquisa estritamente quanto for necessário identificar contextos em que há uma afirmação de existência sobre algum objeto singular especificado, ou alguma intenção comunicativa de indicar uma entidade extratextual. Isso se torna claro em demarcações conceituais formuladas especificamente para abranger ou não certas entidades individuais — o que Wüster (2003) chamara de objetos individuais. A referência também é um conceito relevante da TCT, inclusive no diagnóstico de candidatos a termos (Cabré, 1999), por refletir o conhecimento de mundo pressuposto e a estrutura cognitiva pertencente a certos campos de especialidade. Assim, nos casos em que for relevante a discussão sobre a possibilidade de um conceito se referir a um conjunto mais ou menos restrito de elementos singulares, também será possível retomar o conceito de *extensão*. Essa postura não seria totalmente contraditória com a de Haas (1962b), na medida em que, conforme os casos exemplificados, a referência será tratada aqui enquanto intenção comunicativa ou efeito de sentido observável na própria construção semântica das sentenças.

Por fim, será necessário retomar o conceito de normalidade para uma reflexão sobre sua aplicabilidade na presente pesquisa, considerando todas as discussões apresentadas até este momento. A grande vantagem do conceito de normalidade é sua aparente parcimônia, por evitar um excesso de conhecimentos intuitivos prévios acerca dos significados contidos nos elementos de uma sentença. Entretanto, não se pode assumir que a capacidade de identificar com precisão sentenças normais e anormais seja uma tarefa banal. Essa distinção pressupõe familiaridade e domínio da língua em questão, na medida em que exige um repertório amplo de construções lexicais e frasais. Assim, um semanticista poderá incorrer em erro se não possuir um conhecimento vasto sobre os contextos de uso de cada elemento na sentença. Esse desafio torna-se ainda maior no trabalho com línguas antigas, como o grego ático clássico, pois não se pode presumir que a competência linguística de um leitor moderno seja a mesma de um falante nativo da época.

Apesar desses problemas, o conceito de normalidade ainda pode ser útil na análise de textos antigos sob certas condições, sobretudo quando acatadas algumas premissas da Terminologia descritiva. Conforme explorado no subcapítulo anterior, a TCT (Cabré, 1999) assume que a comunicação especializada ocorre por empregos específicos de um dado conjunto

lexical com os quais torna-se possível representar uma determinada estrutura conceitual. Ademais, cabe lembrar que a capacidade de controle e inovação conceitual seriam os critérios para identificar o emissor especializado (Cabré, 2002b). Portanto, não seria verossímil esperar que, *a priori*, uma dada terminologia se adeque totalmente aos mesmos padrões de normalidade semântica do léxico comum. Por conseguinte, seria mais seguro assumir que o texto especializado seja capaz de estabelecer as suas próprias relações de normalidade semântica. Naturalmente, tal normalidade inovadora seria derivada dos usos comuns do léxico³¹, mas se distanciaria desses empregos conforme as necessidades representacionais do campo de especialidade.

Nessa perspectiva, a classificação das sentenças como semanticamente normais ou anormais pode ser operada a partir das discussões estabelecidas no próprio texto. Ao reivindicar tal possibilidade de trabalho, esta pesquisa poderá evitar os riscos de presumir uma intuição de normalidade acerca de um dialeto cuja distância histórica excede dois milênios. Ou seja, na busca de prevenir anacronismos linguísticos, pensa-se no padrão de normalidade semântica específico ao texto. Assim, pode-se assumir, em linhas gerais, que uma obra estabelece sua própria normalidade semântica conforme aceita ou defende explícita e implicitamente certas proposições, definições e relações conceituais. Isso porque, se uma dada declaração é consistentemente entendida como verdadeira ou correta, logo, a construção dessa sentença poderá revelar quais combinações lexicais seriam normais nos limites do texto. Pela mesma lógica, as anormalidades da obra seriam encontradas nas sentenças em que uma definição ou relação é rejeitada ou combatida. A partir disso, seria possível também aplicar os testes semânticos de Cruse (1987) baseados em normalidade para identificar as relações semânticas entre os termos.

³¹ (Cf. Cabré, 1999).

2.3 Da identificação terminológica e elaboração terminográfica: procedimentos metodológicos

Conforme estabelecido anteriormente, esta pesquisa segue os critérios da TCT para a identificação dos termos. Entretanto, haja vista as particularidades no propósito deste trabalho e na natureza do *corpus*, é necessário esclarecer como esses critérios são aplicados. Reitera-se que o objetivo da dissertação é analisar e descrever qualitativamente a estrutura conceitual formada a partir dos termos classificados como *εἶδος* (forma), *ἰδέα* (ideia) e *νοητός* (inteligível) no *Sofista* e organizá-la na forma de um léxico mínimo. Portanto, já se assume que *εἶδος* (forma), *ἰδέα* (ideia) e *νοητός* (inteligível) seriam termos e que constituiriam uma ou mais estruturas conceituais a partir de suas relações.

Logo, o procedimento inicial deste trabalho seria a identificação dos conceitos que mantêm uma relação imediata com os três termos citados e identificar, por meio da Semântica Contextual (Cruse, 1987), qual seria o tipo de vínculo entre essas unidades. Cabe ressaltar que, como isto se trata de um trabalho terminológico, as análises semânticas se voltarão às relações de sentido construídas na obra, sem o compromisso de afirmar algo a respeito do léxico da língua como um todo. Conforme a descrição de Cabré sobre estruturas conceituais (1999, p. 134-135, p. 144-145), são considerados conceitos apenas os lexemas que representam as classes, subclasses e referências que organizam o conhecimento de alguma área. Nesse sentido, os conceitos relevantes para esta pesquisa são aqueles que representam alguma classe, subclasse ou referência de *εἶδος* (forma), *ἰδέα* (ideia) e *νοητός* (inteligível). Assim, os lexemas que não portam esse tipo de conteúdo são descritos neste trabalho quando fornecem informações sobre a definição ou extensão de algum conceito da estrutura. São de grande relevância também aqueles que estabelecem as relações necessárias para situar algum conceito no interior da estrutura. O segundo procedimento seria a análise das relações imediatas dos termos identificados na etapa anterior. Logicamente, isso conduz a uma nova identificação de termos e a um outro processo de análise. Esse procedimento foi repetido até que se pudesse gerar um quadro mínimo das estruturas conceituais apresentada na obra.

Quanto à elaboração do léxico, cabe um esclarecimento prévio acerca de algumas premissas desse trabalho. Como afirmado anteriormente, os termos são representações das unidades conceituais de um determinado campo. Assim, pode-se afirmar que, em grande parte, será por meio deles que os conhecimentos de uma área serão transmitidos. Portanto, o reconhecimento dos termos é fundamental para o acesso e domínio dos saberes contidos em um texto especializado. Desse modo, qualquer estudo ou pesquisa sobre esses textos exige ao menos uma atenção maior para tais signos. Naturalmente, a tradução dessas obras também

requer um esforço de manter alguma consistência quanto a escolha dos vocábulos na língua alvo. Assim, pode-se afirmar que a tradução de textos especializados implica em um certo nível de controle sobre a correspondência lexical. Caso contrário, sujeita-se ao risco não apenas de causar perdas de informação, mas também de produzir uma estrutura conceitual alheia ao respectivo campo e, portanto, um saber impreciso — ou mesmo inoperável, em casos extremos — acerca da área. Esse tipo de problema pode inviabilizar o acesso a um texto e, no caso de textos basilares, prejudicar o acesso à área como um todo. Quando se trata de textos em línguas históricas, como em grego antigo e latim clássico, isso se tornaria ainda mais sensível, na medida em que a capacidade de ler o texto original não seria uma competência comum em meio à população.

Um facilitador para essas traduções são os dicionários especializados, que dispõem um inventário amplo de termos de uma área específica em suas definições. Há diversos dicionários especializados acerca de Platão e da filosofia grega em geral, como os de Ast (1835), Peters (1967), Reale (2014) e Schäfer, (2012). De maneira geral, esses dicionários apresentam uma macroestrutura tradicional, dispondo cada termo em ordem alfabética seguido de uma definição. As definições usualmente propõem uma descrição do significado, apresentam informações de uso e informam os textos ou trechos relevantes para a compreensão do termo. Entretanto, não há nessas obras uma tentativa de descrever as relações entre os termos de maneira programática. Assim, não há uma demarcação ampla sobre quais conexões entre conceitos seriam necessárias, possíveis e impossíveis — ou se essas relações poderiam descritas qualitativamente, por exemplo, em termos de inclusão, exclusão, identificação ou sobreposição (Cruse, 1987, p. 86-95; Polguère, 2018, p.158-170). Desse modo, ainda que essas obras sejam valiosas ferramentas de consulta para o público semiespecializado e especializado, não se pode garantir por meio deles um acesso direto à estrutura conceitual ampla da área. Nesse sentido, esses dicionários podem ser compreendidos como ferramentas que auxiliam a desambiguação ou elucidação dos usos dos termos, seja na interpretação dos textos originais ou nas discussões acadêmicas acerca de um determinado conceito. Assim, esses dicionários facilitam a resolução de problemas de compreensão relacionados a algum conceito específico, mas por si sós não direcionariam a aquisição de uma estrutura conceitual em sua amplitude.

A carência de informações relacionais precisas pode gerar uma lacuna na compreensão dos conceitos, na medida em que os conhecimentos transmitidos por meio dos termos não são construídos de maneira isolada, pelo contrário, são organizados a partir de estruturas ou sistemas em que cada conceito se insere em vista de suas relações com os demais:

Termos, então, não são unidades semanticamente isoladas, tampouco o conhecimento do mundo especializado é produzido por meio de termos isolados. À medida em que os falantes se familiarizam mais com um segmento específico do mundo real, eles transformam seu conhecimento em estruturas conceituais nas quais cada conceito ocupa um lugar específico e adquire um valor funcional (Cabré, 1998, p. 43, tradução nossa).³²

Nesse sentido, a compreensão de um texto especializado, ou mesmo a aquisição de uma terminologia, não ocorreria pelo ato de identificar o significado individual de cada designação de maneira isolada, mas pelo reconhecimento das diferentes relações entre os termos.

Em vista disso, o léxico especializado que esta pesquisa produziu foi elaborado com o objetivo de registrar de maneira explícita e direta as relações imediatas básicas entre os termos. Assim, cada verbete cont m um quadro mínimo de relações semânticas que situam o conceito na estrutura, como uma proposta que visa reunir informações terminológicas sobre o sistema teórico da obra. Com isso, espera-se que esse produto possa ser utilizado como ferramenta de consulta pelo público especializado e semiespecializado nos estudos de Platão e filosofia grega, seja na área de linguística ou filosofia. Mais especificamente, espera-se que esse léxico possa ser útil nas discussões do público especializado na medida em que poderia facilitar a checagem de usos e ocorrências dos conceitos presentes no *Sofista*. Ademais, o léxico produzido também poderia ser utilizado como ferramenta de consulta para traduções, na medida em que a escolha de palavras na língua alvo pode se beneficiar do contraste estrutural entre os termos. Quanto ao público semiespecializado, espera-se que o registro das relações e definições atuem como facilitador para a leitura da obra, uma vez que pode servir para direcionar o processo de aquisição dos termos. Isso porque a apresentação das relações de um termo pode guiar o leitor ao reconhecimento dos demais, como um ponto de partida para níveis conceituais mais abrangentes. Assim, pode-se pensar no léxico proposto como uma representação sint tica mínima de como a teoria platônica   apresentada no *Sofista*.

Com essa perspectiva, optou-se por enfatizar as relações conceituais tanto na macro quanto na microestrutura. Conforme será visto ao decorrer da dissertação, o *Sofista* possui duas grandes estruturas conceituais: a das artes (      ) e a da realidade (      ). A estrutura conceitual das artes, em particular, é formada por divisões binárias que se ramificam em múltiplos níveis hierárquicos. Ademais, a arte compreende também os conceitos da ‘separativa’ (          ), que possui diversas particularidades, contendo uma construção análoga à estrutura

³² “Terms, then, are not semantically isolated units, nor is the knowledge of the specialized world produced by means of isolated terms. As speakers become more familiar with a special segment of the real world, they turn their knowledge into conceptual structures in which each concept occupies a specific place and acquires a functional value.”

da vileza (*κακία*). Por outro lado, a estrutura da realidade (*οὐσία*) é construída de forma totalmente distinta das demais, na medida em que não segue uma organização hierárquica. Para representar na macroestrutura as relações que fundamentam todos esses campos conceituais, optou-se por subdividir o léxico em três grandes seções: artes (*τέχνη*), separativa (*διακριτική*) e realidade (*οὐσία*). O das artes (*τέχνη*) foi subdividido em cinco subseções principais e o da separativa (*διακριτική*), em três; cada qual representando uma ramificação ou subestrutura dessas hierarquias. Com isso, pôde-se organizar cada verbete a partir de sua posição na estrutura conceitual — isso é, em seu nível hierárquico. Assim, no começo dessas subseções do léxico são identificados os termos inicial e final, bem como seus níveis em relação à estrutura mais ampla. Contudo, como os termos relacionados à realidade (*οὐσία*) não constituem alguma espécie de hierarquia, esses foram sequenciados em ordem alfabética.

Em relação à microestrutura do léxico, cada entrada é apresentada pelo lema do termo, conforme o exemplo ao final deste subcapítulo. Em caso de adjetivos e participípios, optou-se por flexioná-los no gênero que reflete algum padrão de uso na obra. Conforme o exemplo a seguir, preferiu-se a forma *ἀγκιστρευτική*, ao invés do lema masculino *ἀγκιστρευτικός*, para explicitar a maneira como os adjetivos são flexionados no feminino ao longo da discussão sobre a arte (*τέχνη*), conforme será descrito no Capítulo 4. Essa escolha pela forma feminina, em particular, também é encontrada na representação feita por Campbell (1867, p. 24). Em caso de variação designativa, foi priorizada a variante ocorrente na passagem que define ou delimita o conceito. Em alguns casos, todavia, no intuito de facilitar a consulta, foi escolhida aquela que mantém um contraste mais recorrente ou evidente com os demais conceitos. Contudo, observou-se também a presença de conceitos que são posicionados no interior da estrutura conceitual, mas não recebem uma designação particular, tendo apenas uma descrição. Nesse caso, o conceito foi representado, entre colchetes, pela designação da categoria superordenada mais a expressão — seja um vocábulo ou sintagma — empregada na obra para diferenciá-lo ou situá-lo na estrutura. É o caso de [*καθαρτική περὶ τὴν ψυχὴν*] (catártica da alma), uma subcategoria imediata de *καθαρτική* (catártica) que Platão delimita apenas pelo sintagma “*περὶ τὴν ψυχὴν*” (sobre a alma) (Sofista, 227c). Ao lado do termo grego, há uma transliteração do vocábulo para o português, seguindo as normas estabelecidas por Prado (2006). Em seguida, há uma proposta de tradução do termo, pensada a partir das distinções semânticas específicas que essas unidades apresentam no *corpus*.

Logo abaixo, são dispostas as relações lexicais, agrupadas em quatro grupos relacionais (superordenados, subordinados, opostos e correlatos), elaborados a partir do conceito de relações congruentes de Cruse (1987). Na linha de cada grupo relacional, são preenchidas

apenas as relações imediatas, com a especificação do tipo de relação lexical semântica entre parênteses. Isso porque em relações lexicais transitivas³³, que se estendem indefinidamente, a explicitação de cada item relacionado indiretamente geraria um acúmulo de informações desnecessárias, na medida em que podem ser depreendidas pelas próprias relações imediatas. Abre-se uma exceção quando um conceito é incluído em uma categoria, mas sua posição na estrutura não é esclarecida. Por exemplo, *διακριτική* (separativa) é apresentada no *Sofista* (226b-226c) como uma subcategoria de *τέχνη* (arte), mas não é possível assumir que esses dois termos teriam uma relação imediata, como será observado no Capítulo 4. Nesses casos, o tipo de relação depreendido será colocado entre parênteses, como de costume, mas com o rótulo ‘INDIRETO’ em seguida, por exemplo: ‘Superordenados: *τέχνη* (hiperônimo INDIRETO)’. Nos casos em que há ambiguidade ou em que não há evidências textuais suficientes para determinar a presença ou ausência de um termo em uma determinada relação, optou-se por preencher a linha do grupo relacional com um ponto de interrogação entre colchetes: ‘superordenado: [?]’. No caso de haver apenas evidências parciais de relação, coloca-se um ponto de interrogação ao lado, por exemplo: ‘Subordinados: *βαλανευτική* (taxônimo?)’.

Entretanto, há casos em que Platão elabora e define explicitamente um tipo específico de relação entre conceitos, como a ideia de partilha (*κοινωνέω*), que será discutida no Capítulo 5. Ainda que isso possa ser compreendido ou situado em algum tipo de relação semântica mais ampla, tal particularidade possui uma relevância teórica para a compreensão do autor. Portanto, nesses casos, optou-se por representar a relação semântica mais ampla entre parênteses e o tipo específico de relação estabelecido pelo autor em chaves. No caso de direcionalidade ou assimetria, a função específica do termo na relação é indicada pela interposição de uma seta ($\rightarrow$), por exemplo: ‘Opostos: *τὸ ὄν* (2) (conversivo ativo {*ποίημα* $\rightarrow$ *κοινωνέω*})’. A posição da relação ampla se inverte quando se trata do membro direcionado ou independente do par, vide: ‘Opostos: *ταὐτόν* (conversivo passivo {*κοινωνέω* $\rightarrow$ *πάθημα*})’.

Logo abaixo das relações, se encontra a definição, a partir de um gênero amplo e de uma diferença específica (Polguère, 2018), contendo os traços semânticos que delimitam o conceito. Na medida do possível, tentou-se manter um paralelo semântico em relação às expressões empregadas em grego, explicitando entre parênteses os vocábulos e sintagmas que distinguem o conceito no texto original. Essa decisão foi tomada com o objetivo de representar de forma

³³ Tal como a hiponímia, em que, no caso de X ser hipônimo de Y e Y ser hipônimo de Z, X também será hipônimo de Z (Cruse, 1987).

mais direta os endônimos³⁴ e os traços semânticos relevantes para as distinções conceituais no interior da estrutura.

Em seguida, se encontra(m) a(s) passagem(s) relevante(s) para a definição, extraídas da edição grega de Burnet (Platão, *Sofista*, 1903). Os trechos priorizados foram aqueles que contêm um esforço metalinguístico explícito de definição. Nos casos em que não há uma elaboração linguística desse tipo no texto, foram escolhidos os excertos em que se pode identificar uma relação semântica suficiente para depreender a posição do conceito na estrutura — trechos que também forneceram informações para a definição autoral. Logo abaixo da passagem original, encontra-se uma tradução do trecho feita por Nunes (Platão, *Sofista*, 2003). Como a tradução de Nunes foi amplamente reproduzida, optou-se pela versão disponível em domínio público, digitalizada por Juscelino D. Rodrigues (Platão, *Sofista*, 2003). Entretanto, essa versão não apresenta os dados bibliográficos da edição original. Por isso, houve um cotejo com as edições de 1980 e 2024. Em casos de erro de tipografia e omissão de trechos, foi feita uma adequação do trecho, sinalizada entre colchetes, em conformidade às duas edições físicas. Em cada citação, foram colocados em negrito os termos que possuem verbetes no léxico, em itálico as expressões relevantes para a definição da entrada e em ambos os estilos as expressões que definem os conceitos sem designação fixa.

O último elemento textual é a seção de comentários, que não ocorre em todas as entradas. Essa parte permite esclarecer casos mais complexos, em que há alguma forma de vagueza, ambiguidade, inconsistência ou variação no emprego do termo ou na discussão sobre o conceito. Trata-se de uma seção para justificar a interpretação desses casos, em que há algum tipo de anomalia semântica ou situação incomum em relação ao texto.

ἀγκιστρευτική/ankistreutikḗ/recurva

Relações:

Superordenados: **πληκτική** (hiperônimo)

Subordinados: **τριοδοντία** (taxônimo), **ἀσπαλιευτική** (taxônimo)

Opostos: **πυρρευτική** (complementar)

Definição:

Parte de **πληκτική** que ocorre durante o dia (μεθήμερινός).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὲ γε μεθήμερινόν, ὡς ἐχόντων ἐν ἄκροις ἄγκιστρα καὶ τῶν τριοδόντων, πᾶν ἀγκιστρευτικόν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

³⁴ ‘Endônimo’ é o termo que Cruse (1987, p. 123) emprega para se referir às lexias cujo sentido é encapsulado por outra.

ESTRANGEIRO – A realizada *de dia*, pelo fato de serem os *tridentes* munidos de *fisgas* nas extremidades, é chamada **pesca de fisga**.

Comentários:

O emprego do radical ἄγκ- é de uma talha semântica impura, na medida em que todos os conceitos incluídos em **πληκτική (golpeativa)** também fazem uso de instrumentos com cavidade ou gancho (ἄγκος, ἄγκιστρόω) — anzol (ἄγκιστρον) e tridente (τριόδους). O radical é empregado apenas como um rótulo para distinguir essa categoria das demais, não como uma diferença específica.

3 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS NO CONTEXTO ESPECIALIZADO DA FILOSOFIA GREGA

Conforme descrito anteriormente, a condição mínima para o surgimento de uma terminologia é a existência prévia de um contexto de comunicação especializada. Portanto, todo trabalho terminológico pressupõe a afirmação de que, em algum nível, o seu *corpus* se insere em uma área específica de conhecimentos ou atividades humanas. Assim, o presente capítulo busca levantar as evidências que permitem situar o *Sofista* de Platão no âmbito especializado da filosofia grega antiga, bem como avaliar o nível de especialização da obra.

Segundo Kahn, os textos de Platão como um todo “eram planejados para serem lidos por um público amplamente educado” (2004, p. xvi)³⁵. Contudo, em diálogos posteriores ao *Fedro*, o conteúdo se tornaria mais técnico, direcionado a uma “audiência mais profissional” (Kahn, 2004, p. xvi). Isso é observado também por Else (1936): ele nota em Platão um estilo literário com grande flexibilidade comunicativa, mas também alerta que essa forma de escrita entraria em declínio nos diálogos tardios. Outra característica marcante dessa mudança textual é a escolha dos interlocutores, em que se pode observar uma preterição da figura de Sócrates como locutor principal, como se observa no *Sofista*, *Parmênides* e *Leis*.

Como mencionado, o *Sofista* pertenceria ao grupo dos diálogos da fase tardia de Platão (Campbell, 1867). Ao contrário de Schäfer, que considera a escrita platônica “não terminológica” (2012, p. 9), é nesse período que, segundo Else (1936), seria possível encontrar uma terminologia propriamente dita, em função do referido declínio do estilo literário. Consonante a isso, Campbell (1867) comenta que o *Sofista* seria marcado por uma escrita mais explícita, formal e complexa, distante do que seria uma conversa espontânea. Na ordenação dos diálogos proposta por Kahn (2004, p. 47-48), o *Sofista* é posicionado no último grupo, seguido apenas por *Político*, *Filebo*, *Timeu*, *Crítias* e *Leis*. Essa ordenação, apesar de se assemelhar à cronológica, é pensada a partir das relações entre os diferentes conteúdos das obras. Isso se justificaria porque, para Kahn (2004), a filosofia platônica seria revelada de forma gradual e progressiva, a partir das conexões conceituais e argumentativas entre os diálogos. Assim, o *Sofista* teria uma posição privilegiada na exposição da perspectiva platônica, o que reforça a possibilidade de ativação terminológica, como constatou Else (1936).

Quanto à narrativa do diálogo, *Sofista* possuiria uma conexão intratextual explícita com *Teeteto* e *Político*, posicionado entre os dois como sequência do primeiro e prequência do segundo. *Teeteto* se inicia com uma conversa entre Terpsião e Euclides, em que este apresenta

³⁵ “These works of Plato [early and middle dialogues], like those of the other Socratic authors, are designed to be read by a broadly educated public.”

àquele o seu registro do debate entre Sócrates e Teeteto na companhia de Teodoro (Platão, Teeteto, 142a-145c). Euclides comenta que, após a discussão, haveria escrito tudo o que lembrava e ainda haveria corrigido o que pôde consultando o próprio Sócrates sobre o ocorrido³⁶. Ele afirma, inclusive, que o encontro haveria ocorrido na juventude de Teeteto, pouco antes da morte de Sócrates³⁷.

Esse evento é retomado na primeira fala do *Sofista* (216a), quando Teodoro, junto a Sócrates e Teeteto, comenta sobre uma conversa do dia anterior entre os três e logo apresenta a figura do estrangeiro de Eleia, discípulo de Parmênides e Zenão. Em *Político*, Sócrates inicia o diálogo agradecendo a Teodoro por tê-lo apresentado a Teeteto e ao Estrangeiro (Platão, Político, 257a). Teodoro, por sua vez, continua o assunto do diálogo anterior em busca das definições do sofista, do filósofo e do político (Platão, Político, 257a-257c, Sofista, 217a). Desse modo, as três obras constituem uma sequência narrativa clara, além de uma conexão temática.

Tais informações são de grande valia para a análise terminológica do texto platônico, principalmente se levada em conta a carência de evidências sobre o contexto de produção e circulação da época. Isso porque, como afirma Kahn (2004), o personagem Sócrates altera a apresentação de seu discurso de acordo com o alocutário. Desse modo, os personagens representados em cada diálogo poderiam indicar os diferentes graus de especialização dos textos — ou seja, terminologia do diálogo pode ser condicionada pela caracterização de seus interlocutores. Além disso, Blondell argumenta que a escolha de Platão pela escrita em diálogos expressaria um objetivo pedagógico “para atrair o leitor como um participante na discussão”³⁸ de uma forma não dogmática. Assim, a maneira como o texto platônico representa os personagens em conversação seria um recurso para induzir o enunciatário a uma reflexão ou aprendizagem ativa (Blondell, 2003). Portanto, a análise terminológica do texto platônico, em sua estrutura dramática de diálogo, exigiria uma abordagem tipológica própria, considerando não apenas o grau de especialização do enunciador e enunciatário enquanto instâncias discursivas pressupostas no processo comunicativo, mas sobretudo a maneira como essas instâncias são projetadas nos interlocutores construídos no interior do texto. Esse procedimento se torna necessário sobretudo pela debragem do enunciador (Fiorin, 2018a, 2018b, 2022), cuja voz própria é ausente nos diálogos.

³⁶ (Platão, Teeteto, 142d-143a).

³⁷ (Platão, Teeteto, 142c-142d).

³⁸ “To simplify considerably, two of the most conspicuous and inarguable functions of this form, as I see it, are to avoid Platonic dogmatism and to draw in the reader as a participant in the discussion” (Blondell, 2003, p. 39).

Portanto, a presença de um filósofo eleata, discípulo de Parmênides, no *Sofista* já demarca um locutor especializado no campo filosófico. Ademais, segundo Blondell (2003), Teeteto, no diálogo homônimo, é tratado por Sócrates de maneira encorajante e elogiosa, raramente irônica — como é notado pelo próprio personagem Euclides (Platão, Teeteto, 142c-142d). Além disso, é considerado por Teodoro um jovem de qualidades excepcionais, sobretudo quanto ao intelecto³⁹. Sócrates inclusive afirma que Teodoro nunca elogiara alguém como o fez ao apresentar o discípulo⁴⁰. Assim, apesar de Teeteto ser representado como um pupilo jovem — o que, *a priori*, poderia caracterizá-lo como um semiespecialista —, a exaltação de suas qualidades no contexto de um diálogo tardio pode indicar que o personagem estivesse preparado o suficiente para uma discussão especializada. Isso é evidenciado também quando Sócrates recomenda Teeteto para debater com o estrangeiro de Eleia (Platão, Sofista, 217d).

Assim, em vista da representação dos personagens e das propriedades estilísticas, o *Sofista* pode ser considerado um texto altamente especializado em relação ao meio filosófico grego. Todavia, isso não implica em dizer que o *Sofista* necessariamente seja um registro documental histórico direto de tal tipo de comunicação especializada, mas sim que se trata de uma obra profundamente vinculada ao contexto da filosofia *stricto sensu*.

³⁹ (Platão, Teeteto, 143d-144b).

⁴⁰ (Platão, Teeteto, 145b-145c).

4 A ESTRUTURA CONCEITUAL DA ARTE (τέχνη)

4.1 A primeira ramificação: a Pescaria (ἀσπαλιευτική)

O termo *εἶδος* (forma), em particular, é empregado inicialmente no diálogo para identificar categorias de *τέχνη* (arte), com o intuito de buscar uma definição adequada ao que de fato seria um sofista. Por essa razão, o presente capítulo consiste em um esforço analítico para descrever como essas categorias são organizadas em uma estrutura conceitual, tendo como base teórica e metodológica a Abordagem Contextual apresentada no Capítulo 2.2.

A obra se inicia com a apresentação do personagem chamado apenas de ‘Estrangeiro’, descrito como um filósofo eleata discípulo de Parmênides (Platão, *Sofista*, 216a-216e). Logo em seguida⁴¹, Sócrates afirma a dificuldade em se definir um filósofo, figura que por vezes se faz parecer (*φαντάζομαι*), ora com os sofistas, ora com os políticos. Por essa razão, Sócrates pergunta se os conterrâneos do eleata diferenciariam essas três figuras: “Sofista, político e filósofo”⁴². O Estrangeiro responde que sim, mas afirma a dificuldade em defini-los, sobretudo o primeiro dos três⁴³. Assim, o sofista é estabelecido como tema do diálogo e Teeteto é escolhido por Sócrates como interlocutor⁴⁴.

Em vista desse desafio, o Estrangeiro propõe que se treine (*προμελετάω*) a investigação (*μέθοδος*) com algo mais simples (*φαῦλος*) e de conhecimento comum, que possa ser usado como um modelo (*παράδειγμα*) para a empreitada principal (Platão, *Sofista*, 218a-218e). A figura escolhida para esse aquecimento é o pescador (*ἀσπαλιευτής*)⁴⁵, que é compreendido como ‘*τεχνίτης*’, alguém dotado de técnica ou arte⁴⁶. ‘*τεχνίτης*’ é um substantivo derivado de *τέχνη*⁴⁷, que pode ser traduzido como arte, técnica, habilidade, perícia, ofício ou mesmo obra⁴⁸. ‘*τέχνη*’ (arte) é um lexema de sentido amplo, que pode denotar algum tipo de habilidade ou perícia em qualquer tipo de ocupação, seja profissional ou não, seja física ou intelectual⁴⁹.

A partir disso, inicia-se a discussão sobre *τέχνη* (arte), contexto em que se encontra a primeira ocorrência do termo *εἶδος* (forma): “ESTRANGEIRO: Mas seguramente há, grosso modo, duas formas de todas as artes (*τέχνη*)” (Platão, *Sofista*, tradução nossa)⁵⁰. Isso marca um emprego de *εἶδος* (forma) como um identificador de categorias e subcategorias em um certo

⁴¹ (Platão, *Sofista*, 216c-217a).

⁴² “ΣΩΚΡΑΤΗΣ: σοφιστήν, πολιτικόν, φιλόσοφον” (Platão, *Sofista*, 217a, tradução nossa).

⁴³ (Platão, *Sofista*, 217b-218e).

⁴⁴ (Platão, *Sofista*, 217d).

⁴⁵ (Platão, *Sofista*, 218e)

⁴⁶ (Platão, *Sofista*, 219a)

⁴⁷ (Cf. *τέχνη* In: Beekes, 2010)

⁴⁸ (Cf. *τέχνη* In: LSJ, 2025; DDGP, 2022)

⁴⁹ (Cf. *τέχνη* In: Diggle et al., 2021)

⁵⁰ “ΞΕΝΟΣ: ἀλλὰ μὴν τῶν γε τεχνῶν πασῶν σχεδὸν εἶδη δύο”.

campo temático — neste caso, o das artes. Nesse sentido, conforme os critérios de Cabré para a identificação de conceitos especializados e sua representação terminológica (1999, p. 134-135, p. 144-145), pode-se considerar que esse uso de *εἶδος* (forma) atue com um papel organizador na estrutura cognitiva das artes no campo filosófico. Nesse sentido, a lexia *τέχνη* (arte) seria ativada como termo pela afirmação de que contém “*εἶδη δύο*” (“duas formas”) (Platão, Sofista, 219a, tradução nossa). Isso porque o termo *εἶδος* (forma), nesse trecho, denota a existência de subcategorias em *τέχνη* (arte), que, conseqüentemente, seria uma categoria cognitiva mais ampla. As duas subcategorias imediatas de *τέχνη* (arte) são apresentadas no trecho abaixo:

ESTRANGEIRO: Agricultura (*γεωργία*), tal qual o cuidado (*θεραπεία*) sobre todos os corpos mortais, também sobre o composto e moldado (que nomeamos precisamente de ferramentas) e a mimética (*μιμητική*), isso tudo em conjunto poderia ser designado mais justamente por um único nome.

TEETETO: Como e qual [é]?

ESTRANGEIRO: Quando alguém traz à realidade (*οὐσία*) tudo aquilo que, sendo posterior, não [havia] anteriormente, falamos em algum grau que quem conduz produz e quem é conduzido é produzido.

TEETETO: Certamente.

ESTRANGEIRO: Neste momento, todos os assuntos que transcorremos referem-se a isso na mesma potência (*δύναμις*).

TEETETO: Pois sem dúvida tinha.

ESTRANGEIRO: Com efeito, havendo as sintetizado, chamemos “poética” (*ποιητική*).

TEETETO: que seja.

ESTRANGEIRO: Depois dessa forma inteira, [há] também a educativa (*μαθηματικόν*) e do conhecível, a lucrativa (*χρηματιστικόν*), a agonística (*ἀγωνιστικόν*) e a persecutória (*θηρευτικόν*). [Essa arte] não cede àqueles que submetem, visto que nenhuma dessas fabrica, mas submete para si com palavras e ações os que-são (*τὰ ὄντα*) e que devêm. Em alguma medida, certamente, por todas essas partes juntas, alguma arte aquisitiva conviria de ser nomeada (Platão, Sofista, 219a-219c, tradução nossa)⁵¹.

Conforme o excerto, o segundo nível da estrutura conceitual das artes seria formado por: *ποιητική* (poética), conceito definido por um processo criativo, e *κτητική* (aquisitiva), por uma aquisição ou obtenção de algo (Platão, Sofista, 219b-219d). O adjetivo *ποιητική* (poética), forma feminina de *ποιητικός*, é um parônimo derivado do verbo *ποιέω*⁵². Parônimos, segundo

⁵¹ “ΞΕΝΟΣ: γεωργία μὲν καὶ ὅση περὶ τὸ θνητὸν πᾶν σῶμα θεραπεία, τό τε αὖ περὶ τὸ σύνθετον καὶ πλαστόν, ὃ δὴ σκεδὸς ὠνομάκαμεν, ἢ τε μιμητική, σύμπαντα ταῦτα δικαιοῦται ἂν ἐνὶ προσαγορεύοιτ’ ἂν ὀνόματι. ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πῶς καὶ τίνι; ΞΕΝΟΣ: πᾶν ὅπερ ἂν μὴ πρότερόν τις ὄν ὕστερον εἰς οὐσίαν ἄγῃ, τὸν μὲν ἄγοντα ποιεῖν, τὸ δὲ ἀγόμενον ποιεῖσθαι πού φαμεν. ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ὀρθῶς. ΞΕΝΟΣ: τὰ δὲ γε νυνδὴ ἃ διήλθομεν ἅπαντα εἶχεν εἰς τοῦτο τὴν αὐτῶν δύναμιν. ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: εἶχε γὰρ οὖν. ΞΕΝΟΣ: ποιητικὴν τοίνυν αὐτὰ συγκεφαλαιωσάμενοι προσείπωμεν. ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἔστω. ΞΕΝΟΣ: τὸ δὴ μαθηματικὸν αὖ μετὰ τοῦτο εἶδος ὅλον καὶ τὸ τῆς γνωρίσεως τό τε χρηματιστικὸν καὶ ἀγωνιστικὸν καὶ θηρευτικόν, ἐπειδὴ δημιουργεῖ μὲν οὐδὲν τούτων, τὰ δὲ ὄντα καὶ γεγονότα τὰ μὲν χειροῦται λόγοις καὶ πράξεσι, τὰ δὲ τοῖς χειρουμένοις οὐκ ἐπιτρέπει, μάλιστα ἂν που διὰ ταῦτα συνάπαντα τὰ μέρη τέχνη τις κτητικὴ λεχθεῖσα ἂν διαπρέψειεν.”

⁵² (Cf. *ποιέω* In: Beekes, 2010).

Cruse (1987, p. 130-132) seriam lexias derivadas de outras, chamadas de bases. Ainda conforme o autor, um parônimo verdadeiro seria aquele cujo sentido encapsula o da base.

O verbo grego *ποιέω* denota ação em sentido geral — como ‘realizar’ ou ‘agir’ em português — e, de forma mais específica, também expressa a criação ou produção de algo — com o sentido de ‘criar’, ‘gerar’ ou ‘inventar’⁵³. Sendo então um parônimo verdadeiro, a lexia *ποιητικός* (poética) expressa a capacidade de produzir ou criar, se apoiando mais especificamente no sentido mais específico de *ποιέω* (fazer)⁵⁴. Por sua vez, o adjetivo *κτητική* (aquisitiva), em função do radical *κτη-*, pode ser identificado com o verbo *κτάομαι*⁵⁵, denotando a capacidade de adquirir ou possuir, o que também remonta diretamente o sentido de ‘ganhar’ ou ‘obter para si’ da base verbal. Cabe notar que o emprego desses dois termos no feminino, assim como demais adjetivos com o sufixo *-ικός*, em geral remete ao substantivo ‘τέχνη’, denotando alguma forma de arte (Boas *et al.*, 2017, p. 264).

Com essas informações, pode-se afirmar que a distinção conceitual entre *ποιητική* (poética) e *κτητική* (aquisitiva) ocorreria a partir do contraste entre os respectivos traços semânticos ‘produção:aquisição’, o que estabeleceria o segundo nível da estrutura das artes.

Ressalta-se que oposições semânticas são construídas a partir de uma dimensão ou eixo de sentido mais amplo (Cruse, 1987, p. 197-198, 257). Desse modo, o fundamento de uma oposição pode ser compreendido, grosso modo, como um par de valores contrastivos atrelados a um parâmetro comum. Consequentemente, o sentido mais amplo, o ‘parâmetro comum’ que serve de eixo, estaria presente nos dois elementos opositivos. Ou seja, o eixo de sentido que forma uma oposição também seria um traço semântico nos próprios opostos. Além disso, se os opostos estiverem incluídos em um terceiro elemento superordenado, essa unidade mais ampla, logicamente, incluirá os mesmos traços da oposição.

Assim, no caso do par *ποιητική* (poética) e *κτητική* (aquisitiva), que são subcategorias de arte, é natural que o eixo de sentido da oposição esteja contido de alguma maneira na categoria mais ampla. Desse modo, pode-se afirmar que tal traço pertenceria à categoria superordenada com o grau de necessidade mínimo de ‘possível’, na medida em que esse conceito mais amplo é a propriedade comum entre os outros dois termos.

Ademais, conforme as explicações do trecho 219a-219c, pode-se identificar que os dois termos — *ποιητική* (poética) e *κτητική* (aquisitiva) — expressam o conceito de *τέχνη* (arte) como o exercício de uma habilidade, um tipo de processo que envolve um ou mais participantes.

⁵³ (Cf. *ποιέω* In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021).

⁵⁴ (Cf. *ποιητικός* In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021).

⁵⁵ (Cf. *κτάομαι* In: Beekes, 2010).

No caso de *ποιητική* (poética), descreve-se um *agente* que cria e um objeto *resultante* da criação; ao passo que, em *κτητική* (aquisitiva), há um *agente* que submete e um *paciente* que é submetido e adquirido como *resultado*. Portanto, o sentido comum a esses conceitos, aquele em que a oposição se estabelece, pode ser entendido como um traço semântico de ‘resultado’, que sofre uma ligação com o traço de ‘produção’ em *ποιητική* (poética), enquanto se liga ao traço de ‘aquisição’ em *κτητική* (aquisitiva).

Esse fenômeno em que um determinado traço semântico articula múltiplos outros, seja por estabelecer uma ligação ou por expressar um ‘domínio conceitual’ ou ‘dimensão de sentido’, será amplamente retomado neste capítulo. Cruse (1987, p. 287-289) apresenta dois conceitos que parecem capturar em certa medida esse fenômeno: o de traço semântico capital, que atuaria como uma espécie de núcleo de sentido, e o de traço subordinado, que seria um modificador do primeiro. Entretanto, Cruse (1987, p. 287-289) parece empregar a expressão ‘capital’ para se referir especificamente ao traço principal de uma determinada lexia. Por exemplo, ‘garanhão’ (*stallion*), no sentido de ‘cavalo macho’, teria ‘cavalo’ como traço capital e ‘macho’ como subordinado (Cruse, 1987, p. 287). Contudo, a articulação entre traços semânticos observada nos termos *ποιητική* (poética) e *κτητική* (aquisitiva) não ocorre necessariamente no traço principal, que seria ‘arte’ ou ‘processo’, mas no de ‘resultado’. Portanto, para os propósitos desta pesquisa, opta-se por denominar esse tipo de traço semântico mais amplo como ‘traço articulador’, com o propósito de distingui-lo de maneira mais explícita dos outros com os quais se relaciona. Em contraste, esses traços de sentido mais específico que são ligados a um traço articulador serão chamados de ‘traços articulados’, nos momentos em que for necessário enfatizar essa relação.

Entretanto, como será observado adiante, o traço articulador varia em cada oposição. Por exemplo, em *ὄρνιθευτική* (aviária) e *ἁλιευτική* (haliêutica), a oposição ocorre entre os traços ‘alado:aquático’ (*πτηνός:ἑνυδρος*) (Platão, Sofista, 220b). Nesse caso, o traço semântico articulador, o que estabelece a oposição, seria o de ‘paciente’ da ação. Assim, em cada nível da estrutura os termos seriam definidos pela ligação de um traço semântico a um articulador que expressaria um participante ou elemento de um processo ou ação. Caso essa distinção de ‘participante’ ou ‘parâmetro’ não seja feita, essas artes podem parecer mais próximas ou semelhantes do que realmente são na estrutura conceitual.

Ademais, essa distinção é necessária para descrever a extensão dos conceitos. Como será visto posteriormente, há uma oposição entre [*ποιητική ἀνθρώπινη*] (poética humana) e [*ποιητική θεία*] (poética divina) (Platão, Sofista, 265c-265e). Nessa situação está explícita a oposição entre os traços ‘humano:divino’. Entretanto, o traço ‘humano’ não está completamente

excluído da [poética divina], na medida em que o último conceito compreende a criação divina de seres vivos, como os humanos (Platão, Sofista, 266a-266e). Assim, a [poética divina] também incluiria um traço semântico ‘humano’, mas relativo a um traço articulador que expressa o campo conceitual de ‘resultado’ da ação. Dessa maneira, o contraste de sentido entre esses termos não ocorre meramente pela oposição ‘humano:divino’, mas pela atribuição desses traços semânticos a um traço mais amplo de ‘agente’ da ação. Além disso, traços como esses, que são responsáveis pela definição de uma subcategoria, necessariamente estariam presentes também nas categorias mais amplas, ainda que de maneira não definitiva. Portanto, seria seguro assumir que: **a)** o traço articulador e os traços articulados possuiriam um grau de necessidade possível, esperado, canônico ou criterial em categorias superiores; mas **b)** o traço articulador e um dos traços articulados receberiam o grau de necessidade criterial na subcategoria que definem. Por exemplo, ‘humano’ e ‘divino’ seriam traços semânticos possíveis em *ποιητική* (poética), enquanto ‘agente’ seria um traço criterial do termo. Entretanto, especificamente na subcategoria de [poética divina], haveria uma ligação entre ‘agente’ e ‘divino’ que promoveria o segundo traço ao grau de necessidade criterial.

Assim, convém observar os termos no âmbito de *τέχνη* (arte) como representações de situações ou esquemas que envolvem múltiplos participantes em diferentes papéis, de forma semelhante a *frame semantics* proposta por Fillmore (1968, 1982). Entretanto, as categorias que a *frame semantics* (Fillmore, 1968, 1982; L’Homme, 2020) designa como ‘papéis temáticos’ foram propostas com o intuito de identificar as relações de sentido que podem ser depreendidas a partir de funções sintáticas e, mais especificamente, a partir da valência verbal. Portanto, trata-se de uma abordagem sintagmática, enquanto este projeto se volta para a análise das relações conceituais de cunho paradigmático. Assim, nesta pesquisa, entende-se categorias como ‘agente’, ‘paciente’, ‘resultado’ e entre outras não como os papéis temáticos típicos, de natureza sintática, mas como traços semânticos amplos (articuladores) que podem ser ligados a outros traços mais específicos (articulados).

Dado esse esclarecimento, seguem-se, a partir da oposição entre *ποιητική* (poética) e *κτητική* (aquisitiva), novas elaborações categoriais com o intuito de definir a arte (*τέχνη*) do pescador (*ἀσπαλιευτής*). Esses conceitos são formados pelo mesmo processo de bipartição ou divisão binária visto no segundo nível — poética:aquisitiva. Desse modo, cada nível subsequente, até a definição de pescador (Platão, Sofista, 219a-221a), é construído a partir de um traço semântico comum, um traço articulador, que serve de parâmetro para uma nova oposição. Cada par de conceitos pode ser descrito em uma relação que Cruse (1987, p. 198) designa como oposição complementar, na qual toda uma dimensão de sentido é dividida em

dois conjuntos mutuamente excludentes. De maneira geral, os conceitos dessa estrutura são apresentados de maneira direta e concisa, semelhante à prática lexicográfica de definir por um gênero amplo e uma diferença específica (Polguère, 2018). Por essa razão, optou-se, nesta pesquisa, por registrar a análise dos níveis seguintes uma forma também concisa, com o intuito de evitar o excesso de paráfrases.

A formação do terceiro nível da estrutura conceitual ocorre pela bipartição de *κτητική* (aquisitiva) em outras duas outras formas (“*δύο εἶδη*”), depreendidas pela possibilidade da aquisitiva ser ‘voluntária’ (*ἐκών*) ou ‘submissiva’ (*χειρωτικός, χειρούμενον*) (Platão, Sofista, 219d). Ou seja, o sentido de *ἐκών* (voluntário) e o de *χειρωτικός* (submissiva) são compreendidos em oposição, mas ainda como traços semânticos possíveis do termo *κτητική*. Assim, o parâmetro em que essa oposição se estabelece é a condição dos participantes necessários para ação, pois em um caso ocorre de “voluntário para voluntário” e em outro “totalmente submetendo para si ou com ações ou com palavras”⁵⁶. Dessa forma, o traço articulador dessa oposição seria o de ‘agente’, presente no conceito da aquisitiva. Com isso, a subcategoria da aquisitiva que se distingue pelo traço ‘voluntário’ (*ἐκών*) recebe a designação ‘*μεταβλητικόν*’ (comutativa). Por sua vez, o segundo conceito é denominado ‘*χειρωτικόν*’, o mesmo vocábulo que representa o traço semântico ‘submissiva’.

Em seguida (Platão, Sofista, 219d-219e), o termo *χειρωτική* (submissiva), agora empregado no feminino, é subdividido a partir de duas características possíveis: ‘*ἀναφανδόν*’ (claro, aberto, visível), que forma a subcategoria *ἀγωνιστικόν* (agonística); e ‘*κρυφαῖος*’ (oculta), que delimita a *θηρευτικόν* (persecutória). Como cada traço dessa oposição caracteriza de forma abrangente uma ação em sua totalidade — não diretamente o agente ou o resultado, como nos casos anteriores —, o traço articulador dessa oposição pode ser identificado como o de ‘processo’ em *χειρωτική* (coercitiva). Assim é formado o quarto nível das artes.

No trecho 219e-220a, são estabelecidas as subcategorias de *θηρευτικόν* (persecutória), formando o quinto nível de *τέχνη*. Essas se distinguem entre a busca por ‘seres sem alma’ (*ἄψυχος*) e a por ‘seres vivos com alma’ (*ἔμψυχον ζῷον*). As expressões *ἄψυχος* (inanimado, sem alma) e *ἔμψυχος* (animado, com alma) podem ser compreendidas como traços semânticos possíveis, ligados a um traço articulador de ‘paciente’ da persecutória. A classe definida pelo traço ‘animado’, ‘com alma’ é designada *ζωοθηρική* (predatória dos viventes). Entretanto, de acordo com o Estrangeiro, a que recebe o traço ‘inanimado’, ‘sem alma’ não teria nome (*ἄνώνυμος*) por ser irrelevante (Platão, Sofista, 220a). Essa afirmação pode ser um indício de

⁵⁶ “ΞΕΝΟΣ: [...] τὸ μὲν ἐκόντων πρὸς ἐκόντας [...] ἢ κατ’ ἔργα ἢ κατὰ χειρούμενον σύμπαν” (Platão, Sofista, 219d, tradução nossa).

que os vocábulos escolhidos por Platão nessa estrutura conceitual já fossem empregados para designar os ofícios referidos. Para os fins desta pesquisa, o conceito sem designação será referido provisoriamente como [θηρευτική τῶν ἀψύχων] (persecutória dos sem alma) ao decorrer da dissertação.

Posteriormente, há a subdivisão de ζοοθηρική (predatória dos viventes) em πεζοθηρικόν (predatória dos pedestres) e ἐνυγροθηρικόν (predatória úmida), que formam o sexto nível da estrutura conceitual. O traço articulador é o mesmo do nível anterior, o ‘paciente’ da ação. Porém, os traços articulados que formam a oposição são outros: ‘ser capaz de andar’ (Platão, Sofista, 220a), representado pelo sintagma ‘o gênero pedestre’ e ‘ser capaz de nadar’, conforme a expressão “o [gênero] dos seres vivos que nadam”⁵⁷. Cabe aqui um esclarecimento sobre o emprego de ‘νευστικός’. Esse adjetivo pode ser lido como ‘ser capaz de flutuar’, tendo em vista que é derivado do verbo νέω, que possui o sentido primário de ‘nadar’, mas também é empregado metaforicamente como ‘flutuar’⁵⁸. Isso pode parecer uma antecipação das subcategorias futuras de ἐνυγροθηρικόν (predatória úmida) — ὀρνιθευτική (aviária) e ἁλιευτική (haliêutica) (Platão, Sofista, 220b) —, na medida em que o ato de ‘flutuar’ pode abranger tanto o voo dos pássaros quanto o nado dos peixes. Entretanto, como observa Campbell (1867, p. 20), o termo ἐνυγροθηρικόν (predatória úmida) é empregado nas *Leis* de Platão (7.824) para representar um exercício relacionado a portos (λιμὴν), rios (ποταμός), pântanos (ἔλος) e lagos (λίμνη). Portanto, ‘νευστικός’ deve ser compreendido no sentido literal, ‘capaz de nadar’, que se estende também aos seres que não são exclusivamente aquáticos. Assim, a escolha da expressão ‘ἐνυγροθηρική’, com o radical ὑγρ-, do adjetivo ‘ὕγρος’ (úmido, molhado), se daria em função do ambiente em que essa atividade é praticada.

Como apontado anteriormente, o sétimo nível é formado pelas duas categorias da predatória úmida: ὀρνιθευτική (aviária) e ἁλιευτική (haliêutica) (Platão, Sofista, 220b). Tal qual os dois anteriores, esse nível é definido pelo traço articulador de ‘paciente’ da ação, que seria alado (πτηνός) na aviária e aquático (ἔνυδρος) na haliêutica.

No oitavo nível, a haliêutica sofre uma subdivisão (Platão, Sofista, 220b-220d) em ἐρκοθηρικόν (predatória de cerca) e πληκτική (golpeativa). A predatória de cerca é definida pela capacidade de cercar (περιέχω) uma presa, exemplificada no uso de ferramentas como κύρτος (gaiola), δίκτυον (cilada), βρόχος (rede), πόρκος (nassa)⁵⁹. Por sua vez, a golpeativa se daria por

⁵⁷ “ΞΕΝΟΣ: [...] τὸ μὲν πεζοῦ γένους [...] τὸ δ’ ἕτερον νευστικοῦ ζώου” (Platão, Sofista, 220a, tradução nossa).

⁵⁸ (Cf. νευστικός In: Diggle et al., 2021; νέω In: Beekes, 2010; LSJ, 2025).

⁵⁹ (Platão, Sofista, 220c).

meio de um golpe (*πληγή*), com instrumentos como *ἄγκιστρον* (anzol) e *τριόδους* (tridente)⁶⁰. No entanto, essas ferramentas não definem *per se* as categorias, na medida em que são agrupados por um sentido comum. Desse modo, o traço articulador da divisão seria o ‘método’ ou a ‘maneira’ de caça, em que ocorre a oposição semântica entre os traços ‘cercar’ e ‘golpear’.

Em seguida, a golpeativa é subdividida em *πυρευτική* (pirêutica) e *ἀγκιστρευτικόν* (recurva) formando o nono nível da estrutura conceitual (Platão, Sofista, 220d-220e). Essa bipartição é construída pelo traço articulador de ‘tempo’ com a oposição *μεθημερινός:νυκτερινός* (diurno:noturno)⁶¹. A parte noturna da golpeativa é chamada de *πυρευτική* (pirêutica) pela necessidade de se usar uma chama (*πῦρ*). Por outro lado, a parte diurna recebe a designação *ἀγκιστρευτικόν* (recurva) pelo uso de anzol (*ἄγκιστρον*) e tridente (*τριόδους*). Nesse sentido, as designações do nível nove não refletiriam diretamente os traços criteriais responsáveis pela definição de cada conceito, mas apenas traços esperados — características frequentes e relevantes, mas não definitórias.

O décimo nível encerra a primeira ramificação da estrutura, em que a recurva é bipartida em *τριοδοντία* (tridêntica) e *ἀσπαλιευτική* (pescaria), que é chamada diretamente de *εἶδος* (forma), (Platão, Sofista, 220e-221a). O contraste entre esses conceitos é estabelecido pela direção em que se aplica o instrumento: “de cima para baixo”, no caso da tridêntica, e “debaixo para cima em direção oposta”, na pescaria⁶². Desse modo, o traço articulador que formaria a oposição pode ser identificado como o de ‘direção’. Ademais, pode-se afirmar que a designação *τριοδοντία*, assim como as do nível anterior, não expressa diretamente o traço criterial do termo, mas um esperado. Isso porque o radical *τριοδοντ-* se refere especificamente ao instrumento empregado com frequência e não ao tipo de movimento aplicado sempre, mais abrangente⁶³.

Assim, o Estrangeiro declara que se pôde chegar a uma boa conclusão sobre o que seria a pescaria (Platão, Sofista, 221a-221b) e expõe uma síntese de todo os níveis anteriores:

ESTRANGEIRO: [...] Pois da arte como um todo, meia parte era aquisitiva; da aquisitiva, submissiva; da submissiva, persecutória; da persecutória, predatória dos viventes; da predatória dos viventes, predatória úmida; da predatória úmida, a seção debaixo inteira [era] haliêutica; da haliêutica, golpeativa; da golpeativa, recurva (Platão, Sofista, 221b, tradução nossa)⁶⁴.

⁶⁰ (Platão, Sofista, 220c-220d).

⁶¹ (Platão, Sofista, 220d-220e).

⁶² “ΞΕΝΟΣ: [...] τὸ μὲν ἄνωθεν εἰς τὸ κάτω [...] ΞΕΝΟΣ: [...] κάτωθεν εἰς τοῦναντίον ἄνω” (Platão, Sofista, 220e, 221a, tradução nossa).

⁶³ (Cf. τριοδοντία In: LSJ, 2025).

⁶⁴ “ΞΕΝΟΣ: [...] συμπίσσης γὰρ τέχνης τὸ μὲν ἥμισυ μέρος κτητικὸν ἦν, κτητικοῦ δὲ χειρωτικόν, χειρωτικοῦ δὲ θηρευτικόν, τοῦ δὲ θηρευτικοῦ ζφοθηρικόν, ζφοθηρικοῦ δὲ ἐνυγροθηρικόν, ἐνυγροθηρικοῦ δὲ τὸ κάτωθεν τμήμα ὅλον ἀλιευτικόν, ἀλιευτικῆς δὲ πληκτικόν, πληκτικῆς δὲ ἀγκιστρευτικόν.”

Nesse quadro geral, é possível observar que a caracterização dos conceitos ocorre pelo acúmulo dos traços semânticos distintivos das categorias superiores. Desse modo, a atribuição de um conceito a uma subcategoria seria também a atribuição de um predicado dependente de todos os outros que definem as categorias superordenadas. Assim, pode-se dizer que a pescaria (*ἀσπαλιευτική*) seria: a arte (1) que resulta em uma aquisição (2) pelo ato de submeter algo (3) que vive (4) na umidade (5) e na água (6) com um golpe (8) que é realizado durante o dia (9) e debaixo para cima (10). Com isso, Platão parece assumir que o exame de certos conceitos exigiria também uma investigação sobre as estruturas capazes de situá-los adequadamente em um determinado campo. Nessa perspectiva, o filósofo parece admitir que a definição *per se* seria insuficiente para compreender ou formular um conceito.

Quanto aos conceitos da arte (*τέχνη*) à pescaria (*ἀσπαλιευτική*), observou-se uma estrutura que pode ser classificada como uma hierarquia ramificada transitiva e catenária. Uma hierarquia é construída a partir de relações de dominância, que são identificadas por duas propriedades mínimas: **a)** a existência de relações apenas assimétricas entre os elementos; e **b)** a capacidade de formar um número indefinido de cadeias de elementos (Cruse, 1987, p. 112-113). Relações assimétricas são aquelas em que um elemento se relaciona com outro tal que o segundo mantenha uma relação diferente com o primeiro. Por exemplo, a pescaria é definida como uma forma da arte recurva (*ἀγκιστρειτικόν*) — isso é, um taxônimo —, ao passo que a recurva seria um hiperônimo da pescaria. Esse comportamento é observado em toda a estrutura conceitual. Também se assume que o segundo critério esteja satisfeito pois, no texto, nada proíbe que a pescaria fosse dividida em outras subcategorias. Pelo contrário, entende-se que não haja pretensão de exaustividade na maneira como as estruturas conceituais são apresentadas no texto. Um indício favorável para essa leitura é a menção de certos conceitos que pertenceriam à estrutura, mas que não são definidos nem situados no *Sofista* — é o caso, por exemplo, da agricultura (Platão, *Sofista*, 219a-219c).

Hierarquias ramificadas também são chamadas de taxonomias, identificadas pelo critério da diferenciabilidade (Cruse, 1987, p. 115-118): uma determinada estrutura apenas pode ser considerada uma taxonomia se as subdivisões forem conceitos mutuamente excludentes. Isso é, se algum conceito pertencesse simultaneamente a duas categorias do mesmo nível, como *ἐρκοθηρικόν* (predatória de cerca) e *πληκτική* (golpeativa), a estrutura não poderia ser considerada hierárquica.

A estrutura também pode ser considerada semanticamente transitiva (Cruse, 1987, p. 113-114), na medida em que *ἀσπαλιευτική* (pescaria) é considerada uma forma de *τέχνη* (arte) ainda que esses conceitos não possuam uma relação direta, sendo conectados por meio de

categorias intermediárias como ἀγκιστρειτικόν (recurva). A transitividade semântica é identificada quando, em um dado conjunto de elementos **XYZ**, uma relação de **X** para **Y** e **Y** para **Z** resulta na relação de **X** para **Z** (Cruse, 1987, p. 113-114). Isso pode ser ilustrado pela relação ‘ser descendente de’, por exemplo: se ‘Platão’ *for descendente de* ‘Sólon’ e esse, de ‘Poseidon’, logo ‘Platão’ também *seria descendente de* ‘Poseidon’.

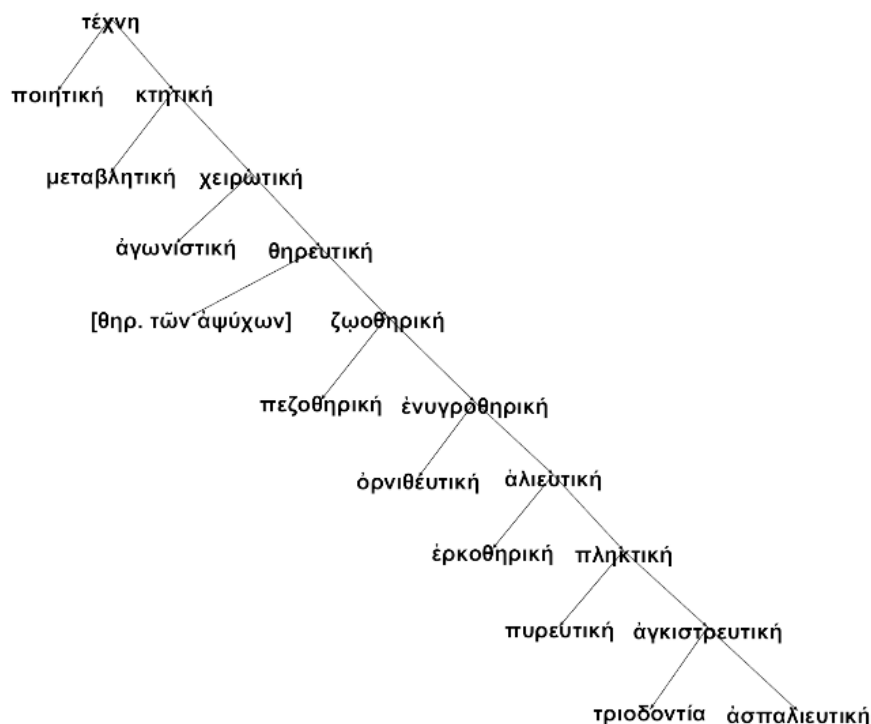
Ademais a estrutura conceitual das artes seria catenária. Essa propriedade indica que uma relação de **X** para **Y** poder ocorrer também de **Y** para **Z** (Cruse, 1987, p. 113-114). É o caso de relações como ‘ser filho de’, em que uma afirmação do tipo ‘Zeus é filho de *Crono*’ não acarreta normalidade nem anomalia semântica na sentença ‘*Crono* é filho de Urano’. Isso pode ser observado na maneira como todos os conceitos de um nível são taxônimos do nível anterior e assim por diante. Ademais, a maneira como o termo εἶδος (forma) é empregado para descrever os conceitos do segundo e do último nível (Platão, Sofista, 219a, 220e) demonstra que o traço semântico de ‘ser uma εἶδος’ ou mesmo a relação ‘**X** ser uma εἶδος de **Y**’ também seria transitiva e catenária.

A Figura 1 abaixo é uma representação arbórea da hierarquia abordada neste subcapítulo, idêntica à leitura de Campbell (1867, p. 24) e Sallis (1996, p. 471). Na imagem, cada termo está disposto no eixo vertical de acordo com o seu nível na estrutura. Desse modo, cada linha representa a dominância do conceito de cima para com o de baixo.

Ademais, cabe ressaltar que esses adjetivos são flexionados tanto no feminino quanto no neutro. A presença de flexões no neutro pode ser uma retomada por elipse das lexias ‘μέρος’, empregado para indicar as subdivisões⁶⁵, e ‘εἶδος’, que indica genericamente uma categoria, como observado em exemplos anteriores. Ainda assim, a escolha pelo feminino ou neutro se apresenta de forma aparentemente aleatória, até em contextos de paralelismo sintático, como se pode observar nos trechos 221b e 223b. Além disso, os conceitos também são retomados em outros trechos por substantivos com o sufixo -ία, como ζωοθηρία e πεζοθηρία (Platão, Sofista, 223b). A motivação dessa inconsistência pode ser compreendida como algo de ordem filosófica, na medida em que Platão desconfiava da possibilidade de transmitir conhecimentos pela escrita e da própria linguagem organizada (Kahn, 2004, p. 320, p. 388; Reale, 2014, p. 12-20; Platão, Fedro, 274c-277a). Nesse sentido, a variação designativa em Platão pode ser compreendida como uma estratégia discursiva para que a recepção do texto não se acomodasse em identificar expressões rígidas ou fixas, mas sim nos conceitos que são representados.

⁶⁵ (Cf. Platão, Sofista, 222c).

Figura 1 — Estrutura conceitual da arte (τέχνη) à pescaria (ἀσπαλιευτική)



Fonte: elaboração própria por meio do programa *Gephi*⁶⁶ (Cf. Campbell, 1867, p. 24).

Ainda sobre as designações, a hierarquia conceitual apresenta uma recorrência do radical *θήρ-* (animal selvagem, besta), que aparece mais especificamente do nível quatro ao nove, nos termos *θηρευτικόν* (persecutória), *ζωοθηρική* (persecutória dos viventes), *πεζοθηρικόν* (predatória dos pedestres), *ἐνυγροθηρικόν* (predatória úmida), *έρκοθηρικόν* (predatória de cerca). Com excessão de *θηρευτικόν*, todos os demais são compostos formados por um radical em posição inicial seguido da forma ‘*θηρικός*’⁶⁷, derivado do substantivo *θήρ* com o sufixo *-ικός* (Boas *et al.*, 2017, p. 264). Porém, ‘*θηρικός*’ não ocorre no *corpus* e sequer é uma forma dicionarizada⁶⁸, o que pode ser um indício de neologismo por parte de Platão. Nesses casos, conforme os termos de Cruse (1987, p. 32-34), *θήρ-* atuaria como um categorizador, indicando um conceito amplo, ao passo que os radicais iniciais seriam talhas semânticas, cuja presença serve para discriminar uma subcategoria. O autor define talha semântica como um morfema lexical que ocorreria para diferenciar algum tipo de ‘subvariedade’ de uma categoria maior, mas que não necessariamente expressa sentido de forma totalmente clara. Ele chama, em particular, de ‘talhas impuras’ ou ‘indicadores’ as que

⁶⁶ Gephi é um *Software* para a visualização e análise de gráficos em rede, disponível para download em <https://gephi.org>. Todos os gráficos apresentados neste relatório foram criados manualmente.

⁶⁷ (Cf. *θηρικός* In: LSJ, 2025).

⁶⁸ (Cf. Beekes, 2010; LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021).

expressariam, ao menos de forma parcial, alguma relação de sentido com a referência. Assim, como as talhas observadas ainda expressariam o sentido normal do radical, também podem classificadas como indicadores semânticos.

4.2 A segunda ramificação: o Sofista como um caçador

Conforme abordado no subcapítulo anterior, os personagens do diálogo se propuseram a definir o conceito de pescaria com o intuito de criar uma espécie paradigma e ensaio metodológico para a definição do sofista, como uma maneira de estabelecer um caso mais simples como ponto de partida. Satisfeito com o resultado, o Estrangeiro também nota uma semelhança entre a figura do pescador e a do sofista, afirmando que ambos seriam algum tipo de caçador (Platão, Sofista, 221c-221e). Com isso, a busca pelo conceito de pescaria revela-se também como artifício textual para introduzir um dos campos conceituais da sofística. Trata-se quase de um ardil retórico, na medida em que o conceito sobre o qual a obra se debruçava justamente por ser ‘de menor valor’ (*φαῦλος*)⁶⁹ logo é entendido como relevante para o tema central da discussão. O processo de elaboração da primeira definição de sofista prossegue com as bipartições já observadas (Platão, Sofista, 221c-223b). Assim, neste subcapítulo, pretende-se analisar e descrever esse conceito a partir dos mesmos métodos aplicados anteriormente.

A primeira definição de sofista é prescrita a partir da categoria anteriormente estabelecida como *πεζοθηρικόν* (predatória dos pedestres), do sexto nível da arte (*τέχνη*). Esse conceito é inclusive retomado na forma de perífrase: “da caça do pedestre” (Platão, Sofista, 222b, tradução nossa)⁷⁰. O Estrangeiro divide essa categoria em “umas duas partes maiores”, definidas pela oposição entre os traços semânticos ‘doméstico’ e ‘selvagem’, representados na expressão “a dos domésticos e a dos selvagens”⁷¹. Nesse sentido, o traço articulador seria novamente o de ‘paciente’ da ação. A caça dos animais domésticos recebe a designação *ήμεροθηρική* (predatória dos domésticos)⁷². Seu oposto, porém, não é denominado, mas será referido neste trabalho provisoriamente como [*πεζοθηρική τῶν ἀγρίων*] (predatória dos pedestres selvagens). Assim, forma-se uma nova subdivisão no sétimo nível da estrutura conceitual de *τέχνη* (arte).

O Estrangeiro parece tratar *ήμεροθηρική* (predatória dos domésticos) como sinônimo para *ἀνθρωποθηρία* (caça de humanos) (Platão, Sofista, 222b-222c). Entretanto, posteriormente, o último conceito é mencionado logo após *ήμεροθηρική* na lista recapitulativa de formas em que o sofista pertence (Platão, Sofista, 223b). Nesse sentido, pode-se pensar na caça a humanos em oposição a um conceito que pode ser provisoriamente designado como [*ήμεροθηρική τῶν οὐ ἀνθρώπων*] (predatória dos domésticos não humanos). Com isso, forma-

⁶⁹ (Platão, Sofista, 218b-218e).

⁷⁰ “*ΞΕΝΟΣ: τῆς πεζῆς θήρας γίνεσθον δύο μεγίστω τινὲ μέρει*” (Platão, Sofista, 222b, tradução nossa).

⁷¹ “*ΞΕΝΟΣ: τῶν ἡμέρων, τὸ δὲ τῶν ἀγρίων*” (Platão, Sofista, 222b, tradução nossa).

⁷² (Platão, Sofista, 222c)

se mais uma oposição no oitavo nível, tendo novamente o traço ‘paciente’ como articulador, ligado à oposição entre os traços ‘humano’ e ‘não humano’. Importante ressaltar que a outra oposição do nível oito — *πληκτική* (golpeativa) e *έρκοθηρικών* (predatória de cerca) — é articulada por um traço diferente: o ‘método’ ou ‘maneira’ pelo qual o processo ocorre. Nesse sentido, observa-se que o nível das divisões não indica por si mesmo a dimensão de sentido ou campo conceitual das subcategorias.

Em seguida, o conceito de ‘caça a humanos’ recebe duas subcategorias, formadas no nono nível da estrutura. A primeira é designada de maneira autoexplicativa como “*βίαιον θήραν*” (caça pela força) (Platão, Sofista, 222c). Esse conceito é ilustrado com uma série de exemplos: *ληστική* (pirataria), *άνδραποδιστική* (sequestro), *τυραννική* (tirania) e *πολεμική* (polêmica). Contudo, esses termos não recebem definição nem uma posição clara na estrutura, sendo mencionados de forma aparentemente anedótica. A segunda subcategoria seria a *πιθανουργική* (persuasiva), que também apresenta exemplos anedóticos: *δικανική* (judicial), *δημηγορική* (demagógica) e *προσομιλητική* (conversacional)⁷³. Entretanto, os sentidos encapsulados nessas três lexias serão retomados nas subdivisões posteriores. Pelo contraste entre os exemplos e entre o adjetivo *βίαιος* com a raiz *πείθ-*⁷⁴, pode-se depreender uma oposição entre os traços semânticos ‘pela força’ e ‘pela persuasão’. Esses traços definiriam, respectivamente, os conceitos de [*βίαιον θήρα*] (caça pela força) e *πιθανουργική* (persuasiva). Assim, a divisão seria operada pelo traço articulador de ‘maneira’, ‘método’ ou mesmo ‘instrumento’. Ademais, cabe ressaltar que o conceito da persuasiva é retomado posteriormente pelo vocábulo *πιθανοθηρία* (Platão, Sofista, 223b).

A partir da persuasiva, é formulada mais uma divisão de subcategorias no décimo nível, ambas referidas diretamente pelo termo *εἶδος* (forma) e *γένος* (gênero)⁷⁵. Nesse caso, os traços semânticos da oposição são expressos de maneira mais explícita: “ESTRANGEIRO: uma sendo pelo comunitário e a outra pelo pessoal”⁷⁶. A oposição entre os dativos *ιδίᾳ* (pelo pessoal) e *δημοσίᾳ* (pelo comunitário) é inclusive dicionarizada, sendo expressões adverbiais dos adjetivos *ἴδιος* (pessoal, individual, privado) e *δημόσιος* (comunitário, coletivo, público)⁷⁷. Assim, há uma oposição que pode ser formulada pelos traços ‘pessoal:comunitário’ ou ‘privado:público’, ligadas a um traço articulador de ‘ambiente’. A forma da persuasiva definida

⁷³ (Platão, Sofista, 222c-222d).

⁷⁴ (Cf. *πείθομαι* In: Beekes, 2010).

⁷⁵ “ΞΕΝΟΣ: τῆς δὴ πιθανουργικῆς διττὰ λέγωμεν γένη. [...] ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: γίγνεσθον γὰρ οὖν εἶδος ἐκάτερον” (Platão, Sofista, 222d).

⁷⁶ “ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν ἕτερον ἰδίᾳ, τὸ δὲ δημοσίᾳ γινόμενον” (Platão, Sofista, 222d).

⁷⁷ (Cf. *ἴδιος*, *δημόσιος* In: LSJ, 2025).

como pública não recebe designação, sendo denominada [*πιθανουργική δημοσία*] (persuasiva pública) para os propósitos deste trabalho. Já a persuasiva privada recebe explicitamente a designação de *ιδιοθηρευτική* (persecutória privada) e, posteriormente, a de *ιδιοθηρία* (Platão, Sofista, 222d, 223b).

A persecutória privada, por sua vez, é subdividida em outros dois conceitos, formando o décimo primeiro nível: *μισθαρνητικόν* (remunerativa) e *δωροφορικόν* (presenteadora) (Platão, Sofista, 222d). Entretanto, Teeteto não compreende a breve distinção feita pelo Estrangeiro. Ele então explica que os amantes caçam suas presas, os amados, por meio de presentes (*δῶρον*). Por isso, o Estrangeiro toma a liberdade de nomear essa forma (*εἶδος*) também de *ἐρωτική* (erótica)⁷⁸. Essa designação parece enfatizar o tipo de vínculo do agente com paciente da arte, de maneira mais específica, o investimento amoroso. Por outro lado, ‘*δωροφορικόν*’ ressalta o instrumento pelo qual a arte é realizada. Quanto ao segundo conceito, *μισθαρνητικόν* (remunerativa) é definida como uma caça que atrai a presa “por graça” e “por prazer” em troca de “pagamento”⁷⁹. O Estrangeiro também atribui duas outras designações adicionais a esse conceito: *κολακική* (adulatória), que enfatiza a maneira pela qual essa arte é feita, e *ἡδυντική* (aprazível), que ressalta o resultado dessa ação (Platão, Sofista, 222e-223a). Haveria ainda uma terceira denominação, *μισθαρνηκή* (mercenária), apresentada posteriormente (Platão, Sofista, 223b). No que concerne à oposição dos conceitos, o eixo semântico comum seria o de ‘maneira’ ou ‘meio’, enquanto sentido relevante a ambas as definições. Isso porque os traços semânticos contrastantes seriam ‘por presentes’ e ‘por prazer’, atrelados respectivamente à presenteadora e à remunerativa. Ademais, cabe destacar que nesse caso há ainda uma diferença segundo o resultado, pois a consequência esperada da remunerativa seria o pagamento e a da presenteadora, o envolvimento amoroso.

Posteriormente, o Estrangeiro define um gênero (*γένος*) que se volta para a discussão sobre a virtude (*ἀρετή*) e que “recebe pagamento em moeda” (Platão, Sofista, 223a)⁸⁰. Assim, o personagem declara ter encontrado o sofista. Mesmo que essa definição abrupta não siga o método anterior de exposição por bipartição, pode-se afirmar que ainda há uma divisão binária de conceitos, mas implícita. Isso porque, na recapitulação da estrutura, há três conceitos novos antes da sofística: *νομισματοπωλική* (monetária) e *δοξοπαιδευτική* (doxopaidêutica):

ESTRANGEIRO: Ó Teeteto, conforme o discurso atual, como parece, da apropriativa, da submissiva (*χειρωτική*), da aquisitiva (*κτητική*), da persecutória (*θηρευτική*), da caça animal (*ζωοθηρία*), da caça pedestre (*πεζοθηρία*) dos terrestres, da predatória dos domésticos (*ήμεροθηρική*), da caça de humanos (*άνθρωποθηρία*), da

⁷⁸ (Platão, Sofista, 222d-222e).

⁷⁹ “ΞΕΝΟΣ: [...] διὰ χάριτος [...] δι’ ἡδονῆς [...] τὸν μισθὸν [...]” (Platão, Sofista, 222e, tradução nossa).

⁸⁰ “ΞΕΝΟΣ: [...] μισθὸν δὲ νόμισμα πραττόμενον”

caça persuasiva (*πιθανοθηρία*), da caça privada (*ιδιοθηρία*), da mercenária (*μισθαρνική*), da monetária (*νομισματοπωλική*), da doxopaidêutica (*δοξοπαιδευτική*) — a arte que vem a ser a caça dos jovens ricos e célebres deve ser chamada sofística (*σοφιστική*), como o discurso atual conclui para nós (Platão, *Sofista*, 223b, tradução nossa)⁸¹.

Com isso, pode-se afirmar que a remunerativa incluiria a *νομισματοπωλική* (monetária) como uma subcategoria definida por uma propriedade do resultado: um pagamento especificamente em moeda corrente, em oposição a outras formas de remuneração. A monetária possuiria *δοξοπαιδευτική* (doxopaidêutica) como subcategoria, definida pelo método ou instrumento de caça: o discurso sobre a virtude (*ἀρετή*). Por fim, a sofística (*σοφιστική*) seria a forma de doxopaidêutica cujo paciente da ação, a ‘presa’, seriam os jovens (*νέος*) ricos (*πλούσιος*) e célebres (*ἐνδοξος*). Esses três conceitos formariam sozinhos, respectivamente, os níveis doze, treze e quatorze. Ainda que esses níveis não sejam formados pela explicitação de categorias opostas, pode-se considerar que os termos contrários seriam omitidos por irrelevância, assim como certos conceitos não recebem designação por serem considerados de menor importância (Platão, *Sofista*, 225b-225c, 267a-267b).

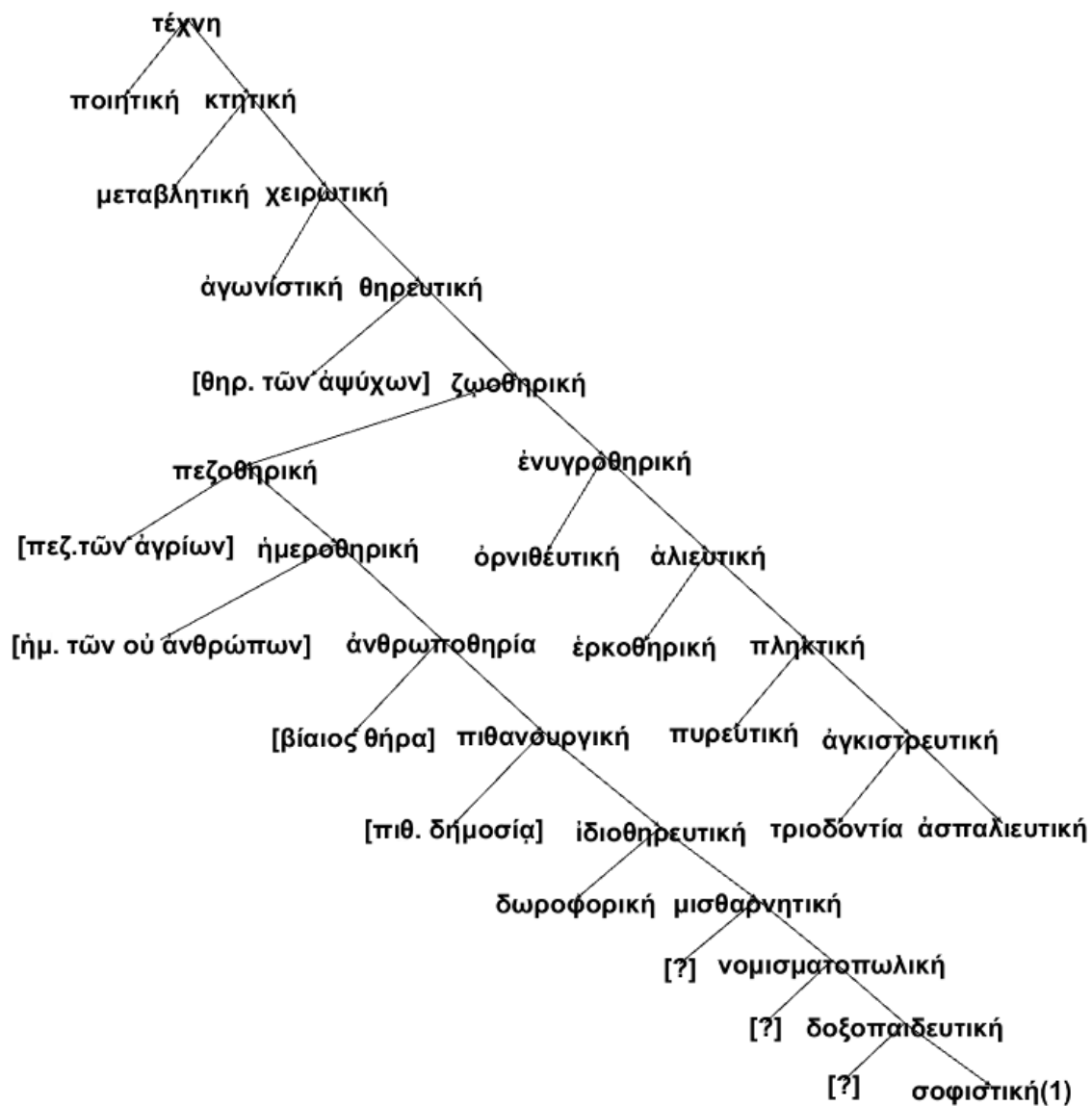
Na Figura 2, pode-se observar a estrutura da primeira definição de sofística, incluindo a hierarquia anterior. Esse esquema se difere do de Campbell (1867) e do de Sallis (1996, p. 31) por esses autores desconsiderarem *ἀνθρωποθηρία* (caça humana) como uma subcategoria de *ήμεροθηρική* (predatória dos domésticos), assim como não reconhecem *νομισματοπωλική* (monetária) e *δοξοπαιδευτική* (doxopaidêutica) enquanto conceitos distintos e subordinados a *μισθαρνική* (remunerativa).

Cabe ainda destacar que, na primeira definição de sofística, há um claro desdém dessa arte, sobretudo quando incluída na remunerativa, cujo discurso prazeroso é entendido como uma isca para atrair o dinheiro das presas (Platão, *Sofista*, 222e-223a). O vocábulo *δέλεαρ* (isca) inclusive reafirma a semelhança dessa arte com a pescaria (*ἀσπαλιευτική*)⁸². Portanto, a primeira definição de sofista não o representa como sábio, mas como um sujeito que apenas emprega discursos como uma ferramenta de caça para ganho pessoal. Entretanto, a motivação para isso se tornará mais clara adiante, com a busca de novas definições.

⁸¹ “ΞΕΝΟΣ: κατὰ δὴ τὸν νῦν, ὃ Θεαίτητε, λόγον, ὡς ἔοικεν, ἡ τέχνης οἰκειωτικῆς, χειρωτικῆς, κτητικῆς, θηρευτικῆς, ζωοθηρίας, πεζοθηρίας, χερσαίας, ἡμεροθηρικῆς, ἀνθρωποθηρίας, πιθανοθηρίας, ιδιοθηρίας, μισθαρνικῆς, νομισματοπωλικῆς, δοξοπαιδευτικῆς, νέων πλουσίων καὶ ἐνδόξων γιγνομένη θήρα προσρητέον, ὡς ὁ νῦν λόγος ἡμῖν συμβαίνει, σοφιστική.”

⁸² (Platão, *Sofista*, 221c-221e).

Figura 2 — As duas primeiras ramificações da arte (τέχνη)



Fonte: elaboração própria por meio do programa *Gephi*

4.3 A terceira ramificação: o Sofista como um comerciante

Conforme observado no subcapítulo anterior, os personagens Estrangeiro e Teeteto apresentam uma primeira definição de sofística: a subcategoria de caça que atrai jovens ricos por meio de discursos sobre a virtude. Entretanto, o Estrangeiro afirma que o sofista pertence a uma arte multifacetada (*ποικίλος*) e, por isso, seria necessário investigá-lo em outros gêneros (*γένος*) (Platão, *Sofista*, 223b). Assim, pretende-se continuar os procedimentos do Capítulo 4.1 no contexto seguinte de elaboração conceitual, em que serão elaboradas novas definições de sofística.

No intuito de capturar outros aspectos do sofista, o Estrangeiro retoma as divisões de *κτητική* (aquisitiva), do segundo nível da taxonomia das artes. Entretanto, ele se refere à aquisitiva como “tendo a parte persecutória (*θηρευτικόν*) e permutativa (*ἀλλακτικόν*)” (Platão, *Sofista*, 222c, tradução nossa)⁸³. Nesse caso, ‘*θηρευτικόν*’ parece se referir de forma metonímica à *χειρωτικόν* (coercitiva). Por outro lado, como também nota Campbell (1867, p. 33), ‘*ἀλλακτικόν*’ (permutativa) parece ser empregado como um sinônimo de *μεταβλητικόν* (comutativa), na medida em que o último seria a arte de adquirir algo “por presentes, pagamentos e compras” (Platão, *Sofista*, 219d, tradução nossa)⁸⁴, algo que será diretamente abordado nas subdivisões do primeiro termo.

De maneira muito breve, o Estrangeiro subdivide a permutativa em “*δύο εἶδη*” (duas formas), não havendo definição explícita desses termos: “ESTRANGEIRO: Então nomearemos duas formas da permutativa (*ἀλλακτικόν*), uma presenteira (*δωρητικόν*) e a outra mercantil (*ἀγοραστικόν*)? TEETETO: que seja.” (Platão, *Sofista*, 223c, tradução nossa)⁸⁵. Entretanto, conforme a hipótese de sinonímia entre *μεταβλητικόν* e *ἀλλακτικόν*, pode-se compreender o conceito da presenteadora pelo traço em “por presentes” e o da mercantil pelo traço em “por pagamentos e compras” (Platão, *Sofista*, 219d, tradução nossa)⁸⁶. Essa oposição pressupõe um campo de sentido mais amplo que atue como parâmetro desse contraste, conforme observado no Capítulo 4.1. Esse parâmetro pode ser expresso como um traço articulador de ‘meio’ ou ‘método’ da ação. Assim e construída uma nova divisão no quarto nível da estrutura conceitual das artes.

Em seguida, a mercantil é bipartida pela oposição entre os traços em “dos próprios trabalhos” e “os trabalhos de outros”, que definem respectivamente *αὐτοπωλική* (autônoma) e

⁸³ “ΞΕΝΟΣ: τὸ τῆς κτητικῆς τέχνης διπλοῦν ἦν εἶδος που, τὸ μὲν θηρευτικὸν μέρος ἔχον, τὸ δὲ ἀλλακτικόν.”

⁸⁴ “διὰ τε δωρεῶν καὶ μισθώσεων καὶ ἀγοράσεων”

⁸⁵ “ΞΕΝΟΣ: τῆς τοίνυν ἀλλακτικῆς δύο εἶδη λέγωμεν, τὸ μὲν δωρητικόν, τὸ δὲ ἕτερον ἀγοραστικόν; ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: εἰρήσθω.”

⁸⁶ “ΞΕΝΟΣ: [...] διὰ τε δωρεῶν καὶ μισθώσεων καὶ ἀγοράσεων”.

“μεταβαλλομένην μεταβλητικήν” (comutativa comutada)⁸⁷. Nesse caso, o traço articulador pode ser entendido como o ‘paciente’ do processo — isso é, o objeto da venda.

A nova divisão no sexto nível de *τέχνη* (arte) é formada por subcategorias da comutativa comutada. Seriam elas a *καπηλική* (varejista), definida como “a transação na cidade”, e a *ἐμπορική* (exportadora), sendo “a que faz trocas de uma cidade para outra” (Platão, Sofista, 223d, tradução nossa)⁸⁸. Desse modo, a oposição entre os dois conceitos se daria entre os traços semânticos ‘dentro da cidade:fora da cidade’ ou ‘em uma cidade:em múltiplas cidades’, ligados ao traço articulador de ‘processo’. Isso porque, no caso da exportadora, não é especificado se apenas o comprador ou também a mercadoria seria de outra cidade. Assim, não se pode atribuir um traço semântico de ‘externo’ e ‘de fora da cidade’ a um outro traço de ‘destinatário’ ou ‘paciente’, mas sim à ação como um todo.

A partir do termo *ἐμπορική*, é construída uma nova divisão de categorias no sétimo nível da estrutura conceitual, sendo uma parte relativa ao corpo (*σῶμα*) e outra, à alma (*ψυχή*) (Platão, Sofista, 223e-224b). É designada *ψυχεμπορική* (exportadora psíquica) a parte da exportadora definida pela venda dos diversos tipos de mercadorias que ‘alimentam’ (*τρέφω*) a alma, como a música (*μουσική*), as artes gráficas (*γραφική*) e as ilusionistas (*θαυματοποιική*) que serão abordadas posteriormente⁸⁹. Por sua vez, a forma de *ἐμπορική* que vende mercadorias do corpo, como alimentos (*σιτίον*) e bebidas (*πότος*), não recebe uma designação. Para os fins desta pesquisa, tal conceito será provisoriamente referido como [*ἐμπορική τοῦ σώματος*] (exportadora somática). Assim, a oposição deste nível ocorre entre os traços semânticos ‘para alma:para o corpo’ em relação ao traço articulador de ‘paciente’ da ação — ou seja, se a natureza do objeto vendido se orienta em direção ao corpo ou à alma.

O oitavo nível da estrutura conceitual é formado pela subdivisão da exportadora psíquica em *ἐπιδεικτική* (exibitória) e *μαθηματοπωλική* (doutrinária) (Platão, Sofista, 224b). A última é definida pela venda de ensinamentos ou doutrinas (*μάθημα*), ao passo que a anterior não é explicada. Entretanto, como observado previamente, *ἐμπορική* (exportadora) inclui por definição a venda de itens como a música, as artes gráficas e as ilusionistas (Platão, Sofista, 223e-224b). Com isso, pode-se depreender, por exclusão, que a exibitória seja o comércio dessas mercadorias, pois são itens de fácil ostentação devido sua natureza sensorialmente estimulante, ao contrário de doutrinas ou ensinamentos. Essa hipótese de leitura é fortalecida

⁸⁷ “ΞΕΝΟΣ: τὴν μὲν τῶν αὐτουργῶν αὐτοπωλικὴν διαιρουμένην, τὴν δὲ τὰ ἀλλότρια ἔργα μεταβαλλομένην μεταβλητικὴν” (Platão, Sofista, 223d, tradução nossa).

⁸⁸ “ΞΕΝΟΣ: [...] ἡ μὲν κατὰ πόλιν ἀλλαγὴ [...] ΞΕΝΟΣ: [...] τὸ δὲ γε ἐξ ἄλλης εἰς ἄλλην πόλιν διαλλάττον ὥνῃ καὶ πράσσει ἐμπορικὴ.”

⁸⁹ (Platão, Sofista, 223e-224b).

pela origem do termo *ἐπιδεικτική* no verbo *ἐπιδείκνυμι* (mostrar, exhibir, ostentar) e pelo emprego semelhante do adjetivo *ἐπιδεικτικός* em outros autores⁹⁰. Portanto, essa divisão seria marcada pela oposição entre os traços semânticos ‘de ensinamento:de ostentação’ atribuídos ao objeto vendido — isso é, o traço articulador de ‘paciente’ da ação.

Com base no conceito da arte doutrinária, é operada uma nova bipartição no nono nível da estrutura: “ESTRANGEIRO: Então, dessa doutrinária (*μαθηματοπωλική*), deve-se falar de uma concernente aos ensinamentos (*μάθημα*) das demais artes (*τέχνη*) e outra concernente ao da virtude (*ἀρετή*)” (Platão, *Sofista*, 224b-224c, tradução nossa)⁹¹. Essa oposição pode ser descrita de duas maneiras que, apesar de diferentes, resultam em uma mesma conclusão. Por um lado, a distinção desses conceitos pode ser pensada pelo contraste entre os traços ‘ser sobre a virtude’ e ‘não ser sobre a virtude’. Seria tautológico destacar que um desses traços é precisamente a negação do outro. Também é evidente que se trata de significados formadores de predicados contraditórios — aqueles cujo sentido é mutuamente excludente, de modo que a verdade de um sempre acarreta a falsidade do outro (Cruse, 1987, p. 14-15; Ferreira, 2022, p. 85-87). Ou seja, quando uma sentença hipotética como ‘X é sobre a virtude’ for verdadeira, então ‘X não é sobre a virtude’ será falsa. Por outro lado, mas ainda considerando essas informações, é possível caracterizar a divisão da arte doutrinária por uma diferença no grau de necessidade do traço ‘ser sobre a virtude’. Nesse caso, não seria preciso recorrer a um segundo traço contrastante, mas apenas destacar que ‘ser sobre a virtude’ seria criterial em um conceito e excluído no outro. Em ambas as leituras, o traço articulador de ‘paciente’ do processo estaria ligado ao(s) traço(s) semântico(s) em questão. A categoria que não trata da virtude é designada como *τεχνοπωλική* (técnico-comercial), enquanto a outra seria “o gênero sofístico” (Platão, *Sofista*, 224c, tradução nossa)⁹².

Assim é alcançada a segunda definição de sofística, seguida de um novo quadro recapitulativo:

ESTRANGEIRO: Nenhum outro. Agora venha, reunamos isso que foi dito: da aquisitiva (*κτητική*), da comutativa (*μεταβλητική*), da mercantil (*ἀγοραστική*), da exportadora (*ἐμπορική*), da exportadora psíquica (*ψυχεμπορική*) sobre os discursos e ensinamentos (*μάθημα*) da virtude (*ἀρετή*), a sofística (*σοφιστική*) provou-se como a segunda [parte] lucrativa (*πωλητικόν*) (Platão, *Sofista*, 224c-224d, tradução nossa)⁹³.

⁹⁰ (Cf. *δείκνυμι* In: Beekes, 2010; *ἐπιδείκνυμι*, *ἐπιδεικτικός* In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021)

⁹¹ “ΞΕΝΟΣ: ταύτης τοίνυν τῆς μαθηματοπωλικῆς τὸ μὲν περὶ τὰ τῶν ἄλλων τεχνῶν μαθήματα ἐτέρῳ, τὸ δὲ περὶ τὸ τῆς ἀρετῆς ἄλλῳ προσητέον.”

⁹² “ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: [...] τὸ σοφιστικὸν γένος;”

⁹³ “ΞΕΝΟΣ: οὐδὲν ἄλλο. ἴθι δὴ νῦν συναγάγωμεν αὐτὸ λέγοντες ὡς τὸ τῆς κτητικῆς, μεταβλητικῆς, ἀγοραστικῆς, ἐμπορικῆς, ψυχεμπορικῆς περὶ λόγους καὶ μαθήματα ἀρετῆς πωλητικὸν δεῦτερον ἀνεφάνη σοφιστικῆ.”

Contudo, o Estrangeiro logo atenta para a existência de outras possibilidades envolvendo a atuação dos sofistas no comércio, apontando para maneiras diferentes de exercer esse tipo de prática. Ele então reconhece que um sofista também possa fabricar (*τεκταίνομαι*) seus próprios ensinamentos ou doutrinas (*μαθήματα*) e vendê-los em uma única cidade, não se limitando à revenda e à exportação (Platão, *Sofista*, 224d). Com isso o personagem propõe duas novas definições a partir de outra sequência de categorias:

ESTRANGEIRO: Da aquisitiva (*κτητική*) e então a comutativa (*μεταβλητικόν*), mercantil (*ἀγοραστικόν*), varejista (*καπηλικόν*) ou autônoma (*αὐτοπωλικόν*), em ambos os casos, conquanto for um gênero (*γένος*) doutrinário (*μαθηματοπωλικόν*) relativo a tais, tu sempre chamarás, como pareça, sofisticada (*σοφιστικόν*) (Platão, *Sofista*, 224e, tradução nossa)⁹⁴.

Com isso, a sofisticada passa a ser incluída em mais três outras categorias que pareciam seguir o padrão estrutural de exclusão mútua. São elas a exportadora (*ἐμπορική*), a varejista (*καπηλική*) e a autônoma (*αὐτοπωλική*), conforme representado nas Figuras 3 e 4, semelhantes ao esquema de Sallis (1996, p. 470). Isso seria um rompimento com a forma taxonômica observada nas estruturas anteriores de *τέχνη* (arte), pois se trata de uma convergência de subcategorias, conforme apresentado na Figura 4. Ademais, cabe observar que todas as diferentes facetas do comércio sofisticado pressupõem as últimas divisões nos níveis sete e oito, pois são esses os conceitos que caracterizam a natureza da mercadoria envolvida. Logo, as subcategorias da arte exportadora⁹⁵ também estariam incluídas na varejista e ambas pertenceriam tanto à [comutativa comutada] (*μεταβαλλομένη μεταβλητική*) quanto à autônoma. Porém, esses termos ainda seriam taxônimos por definição, visto que mantêm uma relação de incompatibilidade com o termo de mesmo nível, embora a classificação de ‘supertaxônimo’ indique de maneira mais precisa o tipo de vínculo com os conceitos mais amplos.

Cruse (1987, p. 95-96) emprega o prefixo ‘super-’ para descrever os casos em que uma determinada lexia expressa uma certa relação que não pode ser generalizada a todas as ocorrências da unidade, mas paralelamente o elemento relacionado sempre mantém a mesma conexão com o primeiro. Ou seja, se uma lexia **X** apenas em parte de suas ocorrências é um sinônimo de **Y**, mas **Y** sempre é um sinônimo de **X**, então **X** seria um supersinônimo de **Y**. A orientação inversa da relação, a de **Y** para **X**, é representada por Cruse (1987, p. 95-96) com o prefixo ‘*hypo*’, empregado quando todas as ocorrências de uma determinada lexia

⁹⁴ “ΞΕΝΟΣ: καὶ τὸ κτητικῆς ἄρα μεταβλητικόν, ἀγοραστικόν, καπηλικόν εἴτε αὐτοπωλικόν, ἀμφοτέρως, ὅτι περ ἂν ἦ περὶ τὰ τοιαῦτα μαθηματοπωλικόν γένος, ἀεὶ σὺ προσερεῖς, ὡς φαίνει, σοφιστικόν.”

⁹⁵ A saber, *ψυχμπορική* (exportadora psíquica), [*ἐμπορική τοῦ σώματος*] (exportadora somática), *ἐπιδεικτική* (exibitória) e *μαθηματοπωλική* (doutrinária).

Figura 4 — Convergência de categorias nas definições 2-4 de sofística (σοφιστική)



Fonte: elaboração própria por meio do programa Gephi

4.4 A quarta ramificação: o Sofista como um competidor

Ao longo do capítulo, foram observadas as três primeiras ramificações no sistema conceitual da arte (*τέχνη*). A partir dessas subestruturas, os personagens do *Sofista* elaboraram as quatro primeiras definições de sofística (*σοφιστική*). Neste subcapítulo pretende-se analisar a ramificação que culmina na quinta definição, conforme os métodos estabelecidos anteriormente com base na Abordagem Contextual.

Apesar dos personagens já terem alcançado quatro definições de sofística, o Estrangeiro não se dá por satisfeito e propõe discutir um novo aspecto dessa figura (Platão, *Sofista*, 224e). Para a nova definição, os personagens partem de *ἀγωνιστική* (agonística), uma categoria do quarto nível da estrutura conceitual de *τέχνη* (arte)⁹⁶. Esse conceito é dividido (*διαίρεω*) pela oposição *ἀμιλλητικόν:μαχητικόν* (competitiva:combativa)⁹⁷. Entretanto, essas duas categorias não são explicadas nem definidas. Nesse caso, a morfologia de tais termos também não fornece indícios suficientes para que se depreenda a diferença específica. Isso porque o radical *ἀμιλλ-*, de *ἄμιλλα*, base do adjetivo ‘*ἀμιλλητικόν*’ denota disputa e competição, assim como *ἐριστικόν* (erística), que é uma subcategoria da arte combativa⁹⁸. Assim, os critérios semânticos dessa divisão de quinto nível da arte permanecem incógnitos.

Ainda assim, o Estrangeiro subdivide *μαχητικόν* (combativa) em outros dois conceitos (Platão, *Sofista*, 225a) no sexto nível da estrutura. O primeiro ocorreria “com corpo contra corpos” e é chamado de *βιαστικόν* (violenta), ao passo que o segundo seria “com palavras contra palavras” e é denominado *ἀμφισβητητικόν* (contestativa)⁹⁹. Desse modo, os traços criteriosais desses termos estão explícitos e pode-se afirmar que a oposição entre eles se daria pelo traço articulador de ‘instrumento’.

A partir do conceito de *ἀμφισβητητικόν* (contestativa), por sua vez, há uma nova divisão de sétimo nível:

ESTRANGEIRO: Então, conquanto seja com longos [discursos] em relação a discursos contrários e sobre o justo e injusto em público, [será] litigiosa (*δικανικόν*).

TEETETO: Sim.

ESTRANGEIRO: A outra, ao contrário, que é repicadinha em espaços particulares com perguntas ante respostas, estamos habituados a chamá-la de alguma outra coisa que não controvertiva (*ἀντιλογικόν*)? Será?

TEETETO: Nunca (Platão, *Sofista*, 225b, tradução nossa)¹⁰⁰.

⁹⁶ (Platão, *Sofista*, 225a).

⁹⁷ (Platão, *Sofista*, 225a).

⁹⁸ (Platão, *Sofista*, 223c).

⁹⁹ “ΞΕΝΟΣ: [...] τῷ μὲν σώματι πρὸς σώματα γιγνομένων [...] ΞΕΝΟΣ: τῷ δὲ λόγοις πρὸς λόγους [...]” (Platão, *Sofista*, 225a-225b, tradução nossa).

¹⁰⁰ “ΞΕΝΟΣ: καθ’ ὅσον μὲν γὰρ γίγνεται μήκεσι τε πρὸς ἐναντία μήκη λόγων καὶ περὶ τὰ δίκαια καὶ ἄδικοι δημοσίᾳ, δικανικόν. ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί. ΞΕΝΟΣ: τὸ δ’ ἐν ἰδίῳ αὖ καὶ κατακεκρηματισμένον ἐρωτήσῃ πρὸς ἀποκρίσεις μὲν εἰθίμεθα καλεῖν ἄλλο πλὴν ἀντιλογικόν; ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: οὐδέν.”

No trecho, encontra-se uma série de características sobre o tipo de discurso que cada uma dessas categorias produz. Há oposições nítidas sobre a extensão e o ambiente: se é ‘curto’ ou ‘longo’, marcadas nas expressões *κατακεκερματισμένον:μῆκος* (repicadinho:longo); e se é ‘público’ ou ‘particular’, indicada nas formas *‘δημοσίᾳ:ἐν ἰδίῳ’* (‘em público:em particular’). Entretanto, apenas a litigiosa (*δικανικόν*) é marcada por um assunto específico: “sobre o justo e o injusto”¹⁰¹. Nesse aspecto em particular, a controvertiva (*ἀντιλογικόν*) seria marcada apenas pela ausência desse assunto. Portanto, essas oposições são formadas por três traços articuladores — ‘extensão’, ‘lugar’ e ‘assunto’ — que estão conectados a um traço articulador mais amplo: o de ‘instrumento’ ou ‘método’ da ação.

Em seguida, *ἀντιλογικόν* (controvertiva) recebe uma subcategoria definida por realizar discussões (*ἀμφισβητέω*) “sobre contratos” (*“περὶ τὰ συμβόλαια”*) (Platão, Sofista, 225b-225c)¹⁰². Apesar de ser considerada uma forma (*εἶδος*), é entendida como uma prática feita de maneira arbitrária (*εἰκῇ*) e sem arte (*ἀτέχνως*). A atribuição do advérbio *ἀτέχνως* (sem arte) a uma categoria de *τέχνη* (arte) parece, em um primeiro momento, contraditório. É possível que Platão estivesse tratando de uma categoria hipotética, cujas as práticas ainda se encontrariam pouco organizadas na época em que o texto foi escrito. Ademais, o Estrangeiro afirma que esse conceito nunca foi nomeado e que por eles também não receberia nome. Contudo, conforme os propósitos desta pesquisa, cabe designá-lo provisoriamente como [*ἀντιλογικόν περὶ τὰ συμβόλαια*] (controvertiva contratual). A segunda categoria da arte controvertiva, por sua vez, é prontamente chamada de *ἐριστικόν* (erística) e entendida como dotada de arte (*ἐντεχνος*)¹⁰³. Ela seria a parte que realiza discussões (*ἀμφισβητέω*) “sobre o próprio justo e injusto”¹⁰⁴. Assim, é possível observar a oposição entre os traços ‘sobre contratos:sobre justiça’, que pode ser compreendida por um traço articulador de ‘assunto’ associado ao traço articulador mais amplo de ‘instrumento’ da ação. Dessa maneira, se constrói uma nova divisão de oitavo nível.

Posteriormente, são formadas novas subcategorias de nono nível na estrutura da arte, a partir da bipartição de *ἐριστικόν* (erística). Nesse caso, a oposição é feita de maneira direta e concisa: “ESTRANGEIRO: Da erística, uma calha de ser a destruidora de bens (*χρηματοφθορικός*) e a outra, a geradora de bens” (Platão, Sofista, 225d, tradução nossa)¹⁰⁵. Assim, há uma oposição entre os traços ‘gera bens:destrói bens’, que podem ser compreendidos

¹⁰¹ “ΞΕΝΟΣ: [...] περὶ τὰ δίκαια καὶ ἄδικοι [...]” (Platão, Sofista, 225b, tradução nossa).

¹⁰² “ΞΕΝΟΣ: τοῦ δὲ ἀντιλογικοῦ τὸ μὲν ὅσον περὶ τὰ συμβόλαια ἀμφισβητεῖται μὲν”.

¹⁰³ (Platão, Sofista, 225c).

¹⁰⁴ “ΞΕΝΟΣ: [...] περὶ δικαίων αὐτῶν καὶ ἀδίκων [...]” (Platão, Sofista, 225c, tradução nossa).

¹⁰⁵ “ΞΕΝΟΣ: τοῦ μὴν ἐριστικοῦ τὸ μὲν χρηματοφθορικόν, τὸ δὲ χρηματιστικόν ὃν τυγχάνει.”

sujeito que pudesse realizá-la. Com isso, é possível organizar as definições de sofística em três conjuntos: o grupo da definição [1], o das definições [2-3-4] e o da [5], assumindo que a 2, a 3 e a 4 seriam interdependentes, conforme observado no capítulo anterior. Assim, pode-se compreender os três conjuntos como três conceitos relativamente autônomos, mas reunidos sob o mesmo termo por refletirem diferentes práticas dos mesmos personagens históricos na ótica de Platão.

Apesar da diferença apontada acima, a estrutura atual retoma os moldes de hierarquia ramificada (ou taxonomia) estabelecida na definição de *ἀσπαλιευτική* (pescaria). Nesse sentido, o abandono desse molde no conjunto de definições [2-3-4] não seria uma postura filosófica de ruptura, mas sim uma demonstração das múltiplas possibilidades em que o conhecimento pode ser organizado na perspectiva platônica.

4.5 A quinta ramificação: a arte Separativa (*διακριτική*) – sobre o Sofista não ser um purificador

Nos subcapítulos anteriores, foi observado que o Estrangeiro e Teeteto elaboraram cinco definições de sofística (*σοφιστική*). Entretanto, os personagens ainda não se contentaram, resolvendo então investigar a possibilidade de o sofista ser também um purificador ou educador. Assim como nos casos anteriores, essa busca será realizada pela construção de uma nova subestrutura conceitual. Portanto, cabe agora analisar a próxima ramificação de *τέχνη* (arte), empregando os mesmos métodos da Semântica Contextual aplicados anteriormente.

Mesmo após a quinta definição das artes (*τέχνη*) praticadas pelo sofista (*σοφιστής*), o Estrangeiro se mantém disposto procurar outros aspectos dessa criatura multifacetada (*ποικίλον*) (Platão, Sofista, 226a). Nessa nova tarefa, há uma tentativa de verificar se o sofista (*σοφιστής*) poderia ser compreendido na arte separativa (*διακριτική*). Essa categoria é delimitada com o intuito de organizar sob um conceito comum as diferentes atividades, inclusive do âmbito doméstico (*οἰκετικός*), que envolvem *διηθεῖν* (coar), *διαττᾶν* (crivar), *βράττειν* (peneirar), *ξαίνειν* (pentear), *κατάγειν* (reduzir) e *κερκίζειν* (fiar)¹⁰⁹. Ainda que *διακριτική* (separativa) seja definida como a arte dos processos de separação, esse conceito não recebe uma posição específica em relação às categorias anteriores. Ademais, não há indícios textuais suficientes para que seja compreendido diretamente no segundo nível da estrutura conceitual, na medida em que isso desobedeceria a divisão binária empregada por Platão. Portanto, seria mais parcimonioso aceitar a hipótese de que a separativa (*διακριτική*) seria uma subcategoria de alguma ramificação não explicitada ao longo do texto.

O segundo nível de *διακριτική* (separativa) recebe uma subdivisão em duas formas (*εἶδος*) menores, distintas pela ação de “apartar o pior do melhor e o igual do igual” (Platão, Sofista, 226d, tradução nossa)¹¹⁰. A primeira é chamada de “a forma catártica”¹¹¹, mas a segunda não recebe designação e será referida provisoriamente ao longo deste trabalho como [*διακριτική τὸ δ' ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου*] (separativa dos iguais). A oposição de traços semânticos que define essas categorias (‘entre diferentes:entre iguais’) leva em consideração tanto o objeto paciente da ação quanto o resultado. Portanto, esse contraste se daria por um traço articulador mais amplo, o de ‘processo’.

¹⁰⁹ (Platão, Sofista, 226a-226c)

¹¹⁰ “ΞΕΝΟΣ: καὶ μὴν ἔν γε ταῖς εἰρημέναις διακρίσει τὸ μὲν χεῖρον ἀπὸ βελτίονος ἀποχωρίζειν ἧν, τὸ δ' ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου.”

¹¹¹ “ΞΕΝΟΣ: [...] τό γε καθαρτικὸν εἶδος” (Platão, Sofista, 226e).

Por sua vez, o terceiro nível de *διακριτική* (separativa) seria organizado por duas formas (*εἶδος*) de *καθαρτικόν* (catártica), uma que é exercitada sobre a alma (“*τὸ περὶ τὴν ψυχὴν εἶδος*”) e outra sobre o corpo (“*περὶ τὸ σῶμα*”) (Platão, *Sofista*, 226e-227c). Assim, há uma oposição entre os traços semânticos ‘da alma:do corpo’, em relação ao traço articulador de ‘paciente’ da ação. A catártica do corpo (*καθαρτικόν περὶ τὸ σῶμα*) é prontamente subdivida entre a “dos viventes” e a dos “corpos sem alma”¹¹², também em função do ‘paciente’ envolvido nesse processo. A dos viventes é imediatamente bipartida em uma interna (*ἐντός*) e outra externa (*ἐκτός*)¹¹³, um contraste que abrange o traço articulador de ‘processo’, na medida em que se estende à ação como um todo. A primeira, a interna, compreenderia *γυμναστική* (ginástica) e *ιατρική* (médica). Por outro lado, a única subcategoria mencionada da externa é *βαλανευτική* (higiênica)¹¹⁴. No caso da catártica dos corpos sem alma (*τῶν ἀψύχων σωμάτων*), encontram-se as subcategorias *γναφευτική* (cardadora) e *κοσμητική* (ornamental)¹¹⁵.

Entretanto, tais subdivisões da [catártica do corpo] (*καθαρτική περὶ τὸ σῶμα*) são formadas em um estilo mais livre, diferente dos casos anteriores em que cada bipartição era delimitada individualmente, de forma sistemática, antes da apresentação do nível seguinte. Ademais, esses conceitos mais específicos não são definidos prontamente — nomeadamente, *γυμναστική* (ginástica), *ιατρική* (médica), *βαλανευτική* (higiênica), *γναφευτική* (cardadora) e *κοσμητική* (ornamental)¹¹⁶. Desses cinco, apenas *γυμναστική* (ginástica) *ιατρική* (médica) são retomados posteriormente (Platão, *Sofista*, 229a). Em seguida, o Estrangeiro afirma que, por mais ridículas (*γέλοιοις*) que essas subcategorias pareçam, elas devem ser igualmente tratadas pelo método (*μέθοδος*) e incluídas no mesmo conceito¹¹⁷. Ele então insiste que deve-se demarcar duas grandes formas (*εἶδος*): a [catártica do corpo] (*καθαρτική περὶ τὸ σῶμα*) e a [catártica da alma] (*καθαρτική περὶ τὴν ψυχὴν*). Assim, seria plausível considerar que as subcategorias da [catártica do corpo] sejam apenas exemplos anedóticos de como esse conceito poderia ser subdivido, não uma estrutura conceitual definitiva.

Em seguida, há uma pausa na discussão sobre *διακριτική* (separativa) com o intuito de estruturar o conceito de *κακία* (vileza), que caracterizaria o objeto de uma purificação (*καθαρμός*) propriamente dita. Há, nos trechos 227d-229c, um discurso que pretende elaborar as subcategorias de *κακία* (vileza). Em um primeiro momento (Platão, *Sofista*, 227e-228a), são

¹¹² “ΞΕΝΟΣ: τὰ τε τῶν ζώων [...] τῶν ἀψύχων σωμάτων” (Platão, *Sofista*, 226e-227a).

¹¹³ (Platão, *Sofista*, 226e-227a).

¹¹⁴ (Platão, *Sofista*, 226a).

¹¹⁵ (Platão, *Sofista*, 227a).

¹¹⁶ (Platão, *Sofista*, 226e-227a).

¹¹⁷ (Platão, *Sofista*, 227a-227c).

discernidas “duas formas de vileza sobre a alma”¹¹⁸ em comparação aos males do corpo. A perversidade (πονηρία) na alma (ψυχή) é comparada à doença (νόσος) no corpo (ἐν σώματι). Isso porque, segundo o Estrangeiro, ambas seriam ‘afetações’ (πάθημα)¹¹⁹, mais particularmente expressões de conflito (στάσις), que é um conceito definido como “o desacordo (διαφορά), causado por alguma corrupção (διαφθορά), entre os congêntos por natureza”¹²⁰.

De forma semelhante, a ignorância (ἄγνοια) de uma alma é comparada à degradação (αἵσχος) de um corpo, ambas entendidas como realizações de ἀμετρία (dissimetria), cuja definição seria o desvio (ἀποτυγχάνω) do movimento (κίνησις) em relação à própria meta ou direção (σκοπός)¹²¹. Nesse sentido, conflito e dissimetria seriam os conceitos centrais para a definição das subcategorias da vileza, tanto as do corpo quanto as da alma. Assim, esses dois termos podem ser classificados como endônimos, rótulo que Cruse (1987, p. 123) atribui às lexias cujo sentido é encapsulado por outro, chamado de exônimo. Portanto, as subcategorias de κακία (vileza) seriam organizadas a partir das oposições entre **a)** os traços semânticos ‘no corpo:na alma’ (περὶ τὸ σῶμα:περὶ τὴν ψυχήν) e **b)** os endônimos conflito:dissimetria. Ou seja, cada conceito seria formado pela combinação entre um traço e um endônimo de cada oposição, conforme a tabela abaixo.

Tabela 3 – Organização dos conceitos de vileza (κακία)

VILEZA (κακία)		TRAÇO SEMÂNTICO	
		DO CORPO (περὶ τὸ σῶμα)	DA ALMA (περὶ τὴν ψυχήν)
ENDÔNIMO	CONFLITO (στάσις)	Doença (νόσος)	Perversidade (πονηρία)
	DISSIMETRIA (ἀμετρία)	Degradação (αἵσχος)	Ignorância (ἄγνοια)

Fonte: elaboração própria.

A partir dessas relações, pode-se afirmar também que os quatro conceitos — doença (νόσος), degradação (αἵσχος), perversidade (πονηρία) e ignorância (ἄγνοια) — formariam o que Cruse (1987, p. 118-133) designa como uma série proporcional. Série proporcional é um conceito formulado para identificar paralelos entre relações semânticas. A estrutura mínima de

¹¹⁸ “ΞΕΝΟΣ: δύο μὲν εἶδη κακίας περὶ ψυχὴν ῥητέον” (Platão, Sofista, 227e).

¹¹⁹ (Platão, Sofista, 228e)

¹²⁰ “ΞΕΝΟΣ: πότερον ἄλλο τι στάσιν ἡγούμενος ἢ τὴν τοῦ φύσει συγγενοῦς ἕκ τινος διαφθορᾶς διαφορὰν;” (Platão, Sofista, 228a, tradução própria).

¹²¹ (Platão, Sofista, 228b-228c).

uma série é um conjunto de quatro unidades — aqui chamadas de **A**, **B**, **C** e **D** para propósitos de demonstração —, seguindo um padrão tal que a relação de **A** e **B** seja a mesma entre **C** e **D**; enquanto a relação de **A** e **C** seja a mesma entre **B** e **D**¹²². Os membros possíveis de uma série proporcional são pares de:

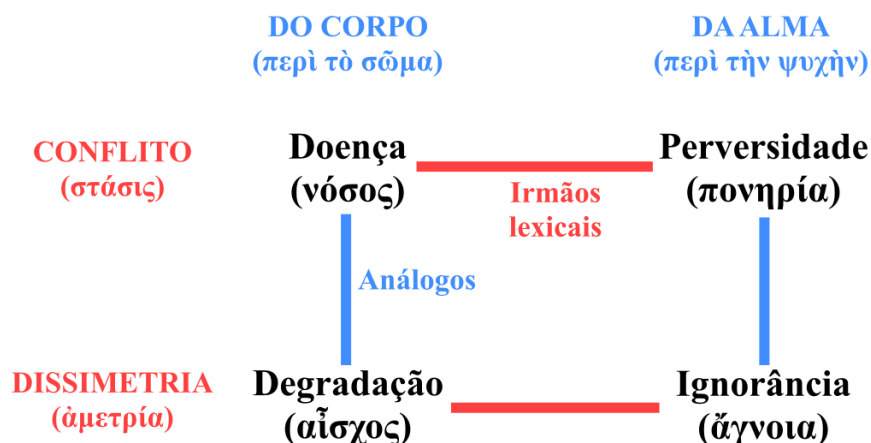
- a) **ENDÔNIMO E EXÔNIMO**: Conforme explicado anteriormente, endônimo é a lexia cujo sentido é encapsulado por outra, chamada de exônimo (Cruse, 1987, p. 123). Em função dessa relação de encapsulamento, endônimos também são frequentemente hiperônimos ou holônimos, ao passo que os exônimos são comumente seus respectivos hipônimos e merônimos. Por exemplo, a lexia ‘porco’ seria um endônimo de ‘leitão’, na medida em que a última recebe seu significado a partir da primeira. Isso torna-se claro em sentenças explicativas e definitórias como ‘leitão é um filhote de *porco*’.
- b) **ANÁLOGOS**: A analogia semântica é um fenômeno entre lexias que não necessariamente possuem uma relação direta ou imediata entre si. Pelo contrário, elas são identificadas por uma espécie de paralelo semântico: são unidades que mantêm o mesmo tipo de relação endonímica ou exonímica com lexias diferentes (Cruse, 1987, p. 125). Seria o caso das lexias ‘leitão’ e ‘potro’, na medida em que seus respectivos endônimos ‘porco’ e ‘cavalo’ são depreendidos pela mesma relação de ‘ser filhote de’.
- c) **IRMÃOS LEXICAIS**: Essas lexias são definidas como exônimos de um endônimo comum — isso é, coexônimos (Cruse, 1987, p. 125). Os exemplos anteriores, ‘porco’ e ‘cavalo’, também podem ser entendidos como irmãos lexicais em relação ao lexema ‘animal’¹²³, cujo é encapsulado por ambos.

Desse modo, *πονηρία* (perversidade) e *νόσος* (doença) podem ser considerados irmãos lexicais nesse contexto terminológico, pois ambos possuem o endônimo *στάσις* (conflito), assim como *αἵσχος* (degradação) e *ἄγνοια* (ignorância), que encapsulam da mesma maneira o sentido de *ἀμετρία* (dissimetria). Assim, esses dois pares, *πονηρία:νόσος* (perversidade:doença) e *στάσις:αἵσχος* (conflito:degradação), também seriam análogos entre si, formando uma série proporcional, conforme a Figura 6:

¹²² (Cruse, 1987, p. 118-133)

¹²³ Eis um exemplo de como endônimos também podem ser hiperônimos.

Figura 6 — Série proporcional da vileza (κακία)



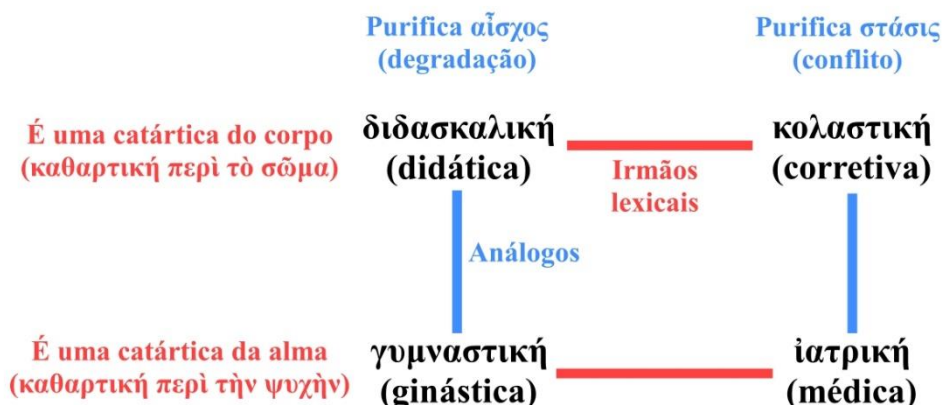
Fonte: elaboração própria por meio do software *PhotoScape X*¹²⁴

A partir dessa configuração terminológica, o Estrangeiro retoma os conceitos concernentes à [catártica do corpo] (*καθαρτική περὶ τὸ σῶμα*) e à da alma (*καθαρτική περὶ τὴν ψυχὴν*). Então, os conceitos de *γυμναστική* (ginástica) e *ιατρική* (médica), subcategorias da [catártica do corpo], passam a ser compreendidas como as formas de purificação contra *αἵσχος* (degradação) e *ἄγνοια* (ignorância) (Platão, *Sofista*, 228e-229a). Por sua vez, [a catártica da alma] finalmente recebe subdivisões: *διδασκαλική* (didática), que se volta para *ἄγνοια* (ignorância); e *κολαστική* (corretiva), para *πονηρία* (perversidade)¹²⁵. Assim, essas quatro formas de arte catártica — a saber, *γυμναστική* (ginástica), *ιατρική* (médica), *διδασκαλική* (didática) e *κολαστική* (corretiva) —, seriam todas definidas pelo traço articulador de ‘paciente’ da ação, isso é, o tipo de vileza (*κακία*) a ser purificada. Justamente por isso, os quatro termos também formariam uma série proporcional própria. Entretanto, os endônimos que formariam tal serie seriam as categorias superordenadas [catártica do corpo] e [catártica da alma], conforme as Figuras 7 e 8:

¹²⁴ *PhotoScape X* é um programa de edição de imagens, disponível em: <http://x.photoscape.org>.

¹²⁵ (Platão, *Sofista*, 229a-229b).

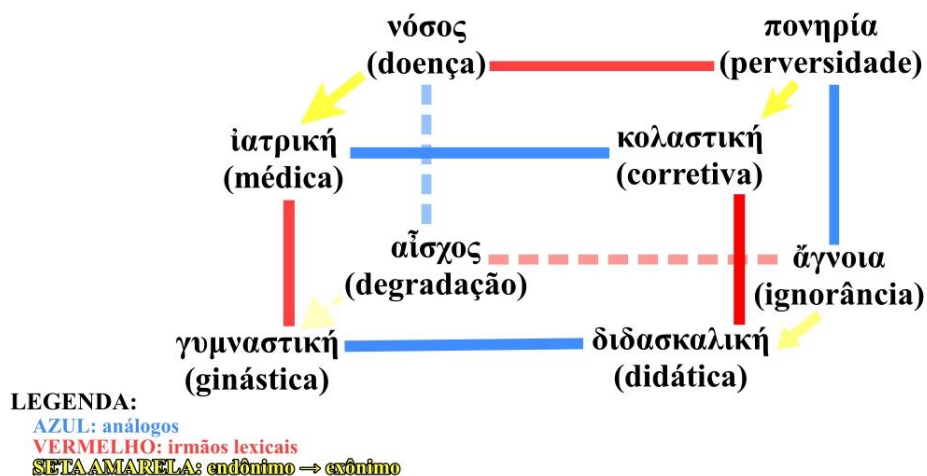
Figura 7 — Série proporcional da catártica (καθαρτική)



Fonte: elaboração própria por meio do software *PhotoScape X*

Entretanto, cada um desses conceitos de *καθαρτική* (catártica) é definido em função de uma vileza (*κακία*) a ser purificada. Nesse sentido, pode-se afirmar que há uma relação de endonímia entre os membros da primeira série proporcional e os da segunda. Assim, é possível pensar em uma relação entre essas duas séries, conforme a Figura 8 apresenta em uma configuração tridimensional.

Figura 8 — A relação entre as séries da catártica (καθαρτική) e da vileza (κακία)



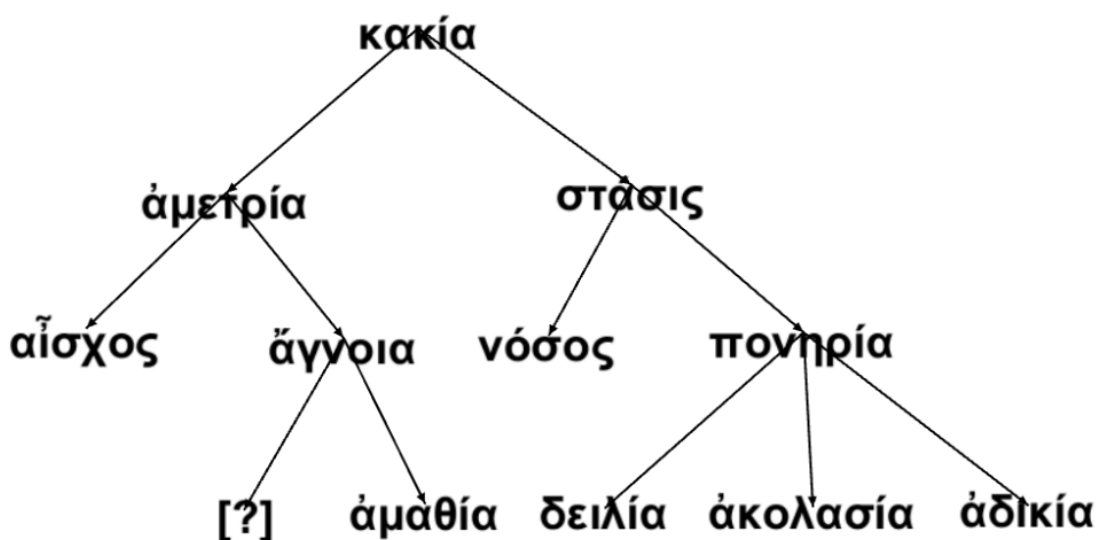
Fonte: elaboração própria por meio do software *PhotoScape X*

Contudo, esses oito conceitos não esgotam as categorias de *καθαρτική* (catártica) e *κακία* (vileza) no *Sofista*. O Estrangeiro identifica uma forma (*εἶδος*) de *ἄγνοια* (ignorância) que seria maior (*μέγας*) e mais penosa (*χαλεπός*) do que todas as outras, chamando-a de *ἀμαθία*

(estupidez) (Platão, Sofista, 229b-229c). Esse conceito é definido como “o que não reconhece o que se acredita conhecer”¹²⁶. Aqui há um elogio indireto à figura de Sócrates, pois, conforme representado na *Apologia* (21a-22a), ele teria sido considerado pelo oráculo como “mais sábio” (*σοφώτερός*) justamente por não achar (*οἶμαι*) que conhece (*οἶδα*) algo, enquanto os demais achariam conhecer o que não conhecem. Entretanto, as outras subcategorias não são descritas, apenas há o reconhecimento de que *ἄγνοια* (ignorância) incluiria outras formas (*εἰδος*). Essa consideração por si própria é um indício de que o padrão de divisões binárias ainda está sendo conduzido.

O Estrangeiro também menciona três subcategorias de *πονηρία* (perversidade), sendo elas *δειλία* (covardia), *ἀκολασία* (intemperança) e *ἀδικία* (injustiça) (Platão, Sofista, 228e). Logo em seguida, os três conceitos são retomados em uma coordenação, mas com o vocábulo *ὑβρις* (desmedida) no lugar de *ἀκολασία* (intemperança), sugerindo que ambos seriam diferentes designações para o mesmo conceito¹²⁷. Entretanto, essas subcategorias da perversidade não são definidas ou explicadas. Além disso, a subdivisão da perversidade em três categorias distintas seria um rompimento com o padrão de divisões binárias, conforme observado até o momento. Essa tripartição pode ser observada na representação arbórea da Figura 9.

Figura 9 — Estrutura conceitual da vileza (*κακία*)



Fonte: elaboração própria por meio do programa *Gephi*

¹²⁶ “ΞΕΝΟΣ: τὸ μὴ κατειδότα τι δοκεῖν εἶδέναι.” (Platão, Sofista, 229c).

¹²⁷ “ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν καὶ περὶ μὲν ὑβριν καὶ ἀδικίαν καὶ δειλίαν ἢ κολαστικὴ πέφυκε τεχνῶν μάλιστα δὴ πασῶν προσήκουσα Δίκη.” (Platão, Sofista, 229a).

Contudo, os dois problemas levantados acima podem ser solucionados pelo conceito de *ἀρετή* (virtude). O Estrangeiro opõe *πονηρία* (perversidade) ao conceito de virtude (Platão, *Sofista*, 227). Entretanto, como nota Schäfer¹²⁸, *ἀρετή* ocorre mais comumente em oposição a *κακία* (vileza) como um todo. Consequentemente, a oposição com *πονηρία* (perversidade) pode ser compreendida como uma metonímia. Conforme observa-se em *Górgias* 206c-206e, a virtude seria a propriedade que ordena (*τάσσω*) algo por meio de retidão (*ὀρθότης*) e arte (*τέχνη*) com o fim de torná-lo bom (*ἀγαθός*). Ainda conforme esse trecho, a virtude estaria presente (*παράγιννομαι*) tanto em objetos inanimados (*σκεῶς*) quanto no corpo (*σῶμα*) e na alma (*ψυχή*) dos viventes (*ζῶον*). Em outros diálogos, Platão empega o termo ‘*ἀγαθός*’ ou ainda o sintagma “*τὸ ὄντως ἀγαθόν*” (“o real bem”) para se referir ao princípio da realidade (*οὐσία*) (*República*, 6.504e-509b), que seria plenamente suficiente (*ἰκανός*) e perfeito (*τέλειος*) (Filebo, 20c-21a). Entretanto, no trecho apresentado de *Górgias*, ‘*ἀγαθός*’ é utilizado para se referir apenas ao bem particular a cada coisa, aquilo que a torna suficiente (*ἰκανός*) e perfeita (*τέλειος*) de acordo com sua natureza parcial, não se tratando de uma perfeição absoluta.

Dados esses esclarecimentos, Platão reconhece quatro virtudes (*ἀρετή*) na *República* (4.427e-430e): *ἀνδρεία* (coragem), *σωφροσύνη* (prudência), *σοφία* (sabedoria) e *δικαιοσύνη* (justiça). Posteriormente (*República*, 4.444b-444d), as virtudes são contrastadas a quatro outros vocábulos, que são justamente os mesmos apresentados no último nível de *κακία* (vileza) no *Sofista*: *δειλία* (covardia), *ἀκολασία* (intemperança), *ἀμαθία* (estupidez) e *ἀδικία* (injustiça).

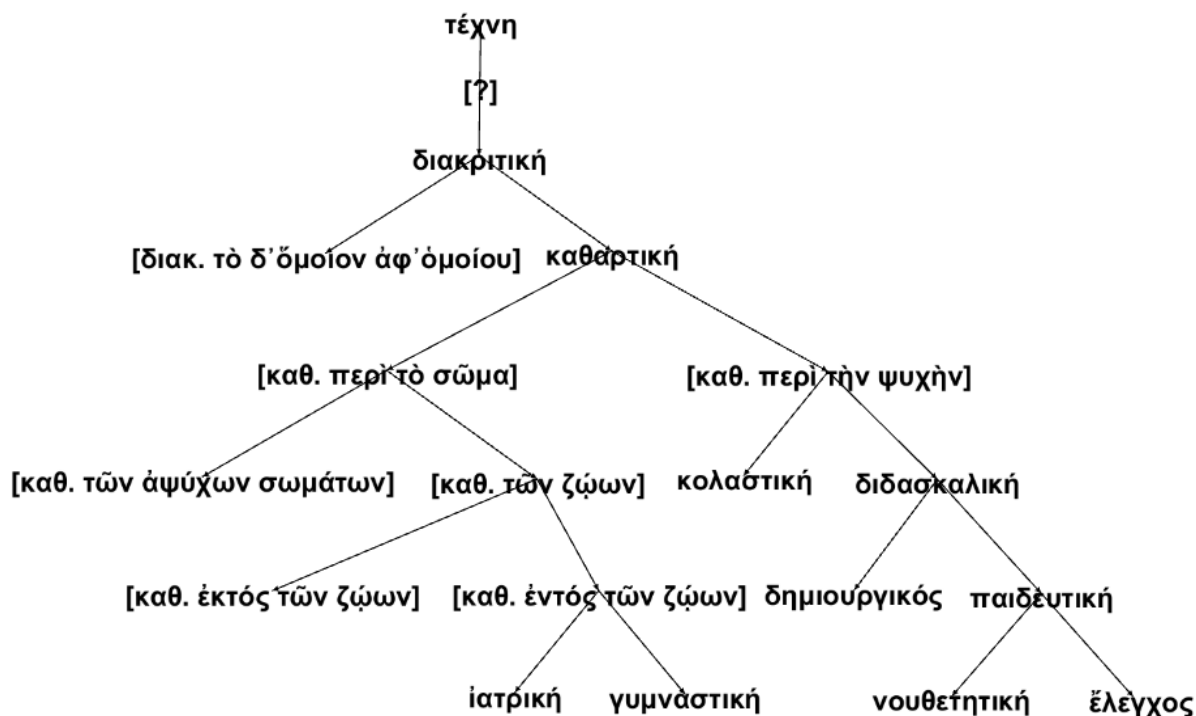
Nesse sentido, a tripartição de *πονηρία* (perversidade) parece ser motivada por um interesse em retomar as oposições entre virtude (*ἀρετή*) e vileza (*κακία*) construídas na *República*. A forma como essas oposições são estabelecidas em Platão se assemelha a antônimas. Antônimos são definidos por Cruse (1987, p. 204-206) como um tipo de oposição cujos elementos podem ser comparados em intensidade ou quantidade de maneira gradativa, como se fossem pontos opostos de uma escala. Isso pode ser observado na maneira como o conceito de *σοφία* (sabedoria) se expressa no adjetivo *σοφός* (sábio) quando empregado na forma comparativa “*σοφώτερός*” (Platão, *Apologia de Sócrates*, 21a-22a). Assim, assume-se que, na perspectiva de Platão, afirmar a presença de ‘mais’ ou ‘menos’ *σοφία* em alguém seria algo semanticamente normal. Logicamente, quanto menos sabedoria houver, mais próximo se estaria de *ἀμαθία* (estupidez) ou de *ἄγνοια* (ignorância) de maneira geral. Portanto, pode-se afirmar a existência de quatro pares de antônimos: *ἀνδρεία:δειλία* (coragem:covardia), *σωφροσύνη:ἀκολασία* (prudência:intemperança), *δικαιοσύνη:ἀδικία* (justiça:injustiça) e

¹²⁸ (virtude/melhor forma/excelência (aretê) *In*: Schäfer, 2012)

σοφία:ἄμαθία (sabedoria:estupidez). Ademais, essas antonímias seriam do tipo engajada (*committed*), na medida em que cada par possuiria um item de conotação negativa e o outro, positiva (Cruse, 1987, p. 208-209).

Quanto às subdivisões de catártica (*καθαρτική*) que ainda não foram abordadas, todas se dão a partir de *διδασκαλική* (didática). Teeteto e o Estrangeiro (Platão, *Sofista*, 229d) concordam prontamente que a parte da arte didática voltada para *ἄμαθία* (estupidez) seria a que os helenos chamam de *παιδεία* (paidéia) — posteriormente referida como *παιδευτική* (paidêutikē)¹²⁹. A que se voltaria para outras realizações de *ἄγνοια* (ignorância) é designada *δημιουργική* (demiúrgica). Assim, pode-se afirmar essa oposição conceitual é formada pelo traço articulador de ‘paciente’ a ação.

Figura 10 — Estrutura da separativa (*διακριτική*)



Fonte: elaboração própria por meio do programa Gephi

Logo em seguida, *παιδεία* (paidéia) é subdividida em duas outras categorias, contrastadas pelas expressões “*τραχυτέρα*” (a mais dura, amarga) e “*λειότερον*” (a mais suave, doce) (Platão, *Sofista*, 229e-230a). A primeira, chamada de *νουθετική* (advertiva), ocorreria pela alternância entre ser severo (*χαλεπαίνω*) e gentil (*μαλθακός*). Segundo o Estrangeiro¹³⁰, seria uma arte didática geralmente exercida por pais (*τι πάτριον*) na educação dos filhos (*υἱός*). A segunda, designada *ἐλέγχος* (élenkhos), ocorreria pela comparação (“*τιθέασι παρ’ ἀλλήλας*”)

¹²⁹ (Platão, *Sofista*, 231b).

¹³⁰ (Platão, *Sofista*, 229e-230a).

de opiniões (δόξα) e discursos (λόγος), de modo a observar o que há de contrário (ἐναντίος) com o intuito de remover (ἐξαιρέω) opiniões (δόξα) obstrutivas (ἐμπόδιος)¹³¹. Esse último conceito encerra a estrutura de διακριτική (separativa), representada como uma estrutura arbórea na Figura 10, semelhante ao esquema proposto por Sallis (1996, p. 470).

Segundo o Estrangeiro, ἔλεγχος (élenkhos) seria a mais poderosa e bela forma de catarse (Platão, Sofista, 230d-230e). Trata-se, aqui, de mais um elogio indireto à figura de Sócrates, na medida em que essa definição de élenkhos descreve exatamente a postura do filósofo. Por mais que Platão não empregue esse termo de forma direta e explícita para identificar o método socrático, se convencionou academicamente designá-lo assim (Vlastos, 1995; Kahn, 2013; Schäfer, 2012). Segundo a definição de Vlastos:

Elenchus socrático é uma busca por verdade moral a partir de argumento adversário de pergunta-e-resposta em que a tese é debatida apenas se aferida como a própria crença do respondente e é considerada como refutada apenas se a negação é deduzida de suas próprias crenças (Vlastos, 1995, p. 4, tradução nossa)¹³².

Ou seja, o élenkhos (ἔλεγχος) socrático seria uma forma de reavaliação de crenças pessoais a partir do reconhecimento das próprias contradições. Vlastos (1995) enfatiza que a refutação, que ocorre pela contradição do respondente, não seria o objetivo central do élenkhos, mas apenas um meio para as investigações sobre a verdade. Segundo ele (Vlastos, 1995), a refutação enquanto meta seria particular à erística (ἐριστική), que Platão estabelece em outra subestrutura das artes (τέχνη) com a quinta definição de sofística (Platão, Sofista, 225c-226a).

Apesar dessa distinção, o personagem Teeteto afirma que os praticantes de ἔλεγχος (élenkhos) seriam os próprios sofistas (Platão, Sofista, 230e-231a). O Estrangeiro aceita a atribuição, mas com ressalvas: afirma que se deve ter cautela (φυλακή) com os semelhantes (ὁμοιότης)¹³³. Como também nota Campbell (1867, p. 53), a aproximação do sofista com o método élenkhos é apresentada com um tom de incerteza, antecipando uma mudança de perspectiva sobre tal possibilidade. Entretanto, antes dessa identificação ser reconsiderada, o Estrangeiro apresenta um quadro geral das categorias que conduzem até élenkhos:

ESTRANGEIRO: Que a catártica (καθαρτική) pertença precisamente à arte (τέχνη) diacrítica (διακριτική). Então, que seja delimitada a parte da catártica relativa à alma (περὶ ψυχήν) e dessa, a didática (διδασκαλική); da didática, a paidêutica (παιδευτική). Enfim, da paidêutica, o élenkhos (ἔλεγχος) — que se volta à vã presunção de sabedoria, conforme o discurso apresentado agora — deve ser considerado por nós

¹³¹ (Platão, Sofista, 230b-230d).

¹³² “Socratic elenchus is a search for moral truth by question-and-answer adversary argument in which a thesis is debated only if asserted as the answerer's own belief and is regarded as refuted only if its negation is deduced from his own beliefs.”

¹³³ (Platão, Sofista, 231a-231b).

nenhum outro senão o nobre gênero sofístico (σοφιστική) (Platão, Sofista, 231b, tradução nossa).

Entretanto, conforme indica Campbell (1867, p. 231), a expressão “*ἡ γένει γενναία*” (o nobre gênero) não teria a pretensão de distinguir um tipo elevado de sofística em detrimento de outros piores. Efetivamente, esse sintagma conteria um teor irônico que retoma as ressalvas em 231a-231b e, simultaneamente, antecipa a discussão em 232e-233a. Entretanto, após uma retomada das seis definições em 231c-2321e, o Estrangeiro se questiona por que tantas artes (τέχνη) seriam chamadas pelo mesmo nome, ansiando por algum tipo de unidade conceitual¹³⁴.

Em vista disso, o Estrangeiro (Platão, Sofista, 232b) retoma a definição que lhe pareceu mais clara (καταφαίνω): a quinta forma de sofística (σοφιστική), incluída no âmbito competitivo de ἀντιλογική (controvertiva). Então, o personagem questiona a possibilidade de uma mesma figura, como Protágoras e outros sofistas, debater sobre tantos assuntos: a geração (γένεσις) e a realidade (οὐσία), as normas (νόμος) e os assuntos civis (πολιτικός) e tanto o que é visível (φανερός) como o céu (οὐρανός) e a terra (γῆ) quanto o invisível (ἀφανής) como o divino (θεῖος)¹³⁵. Assumindo que seria impossível dominar tantos assuntos, o Estrangeiro declara que a arte sofística (σοφιστική) seria uma espécie de ‘θαῦμα’, mas não em uma conotação positiva de maravilhamento¹³⁶. Conforme a leitura de Campbell (1867, p. 67), a lexia ‘θαῦμα’, nesse contexto, compararia a sofística a um truque de malabares. Assim, o sofista seria reduzido a alguém que pratica truques discursivos para parecer sábio (σοφός) diante dos jovens (νέος), com o intuito de convencê-los a dar-lhe dinheiro (χρῆμα) ao torná-los seus estudantes (μαθητής)¹³⁷. O personagem continua: “ESTRANGEIRO: Então, o sofista para nós revelou-se com algum entendimento (ἐπιστήμη) conjectural (δοξαστικός) sobre todas as coisas, mas não uma verdade”¹³⁸. Posteriormente, essa perspectiva do sofista como um ilusionista é organizada especificamente no campo de ποιητική (poética)¹³⁹.

Contudo, ainda cabe destacar que a produção de truques no trecho 223b-223d parece reiterar os traços centrais das cinco primeiras definições de sofística (σοφιστική), mas excluir a identificação com ἔλεγχος (élenkhos) do trecho 230e-231a. Além da menção explícita à quinta definição em 232b, retoma-se parte do sentido da primeira, em que o sofista atrairia jovens

¹³⁴ (Platão, Sofista, 232a).

¹³⁵ (Platão, Sofista, 232b-232e).

¹³⁶ (Cf. θαῦμα In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle et al., 2021).

¹³⁷ (Platão, Sofista, 223b-223d).

¹³⁸ “ΞΕΝΟΣ: δοξαστικὴν ἄρα τινὰ περὶ πάντων ἐπιστήμην ὁ σοφιστὴς ἡμῖν ἀλλ’ οὐκ ἀλήθειαν ἔχων ἀναπέφανται” (Platão, Sofista, 233c, tradução nossa).

¹³⁹ (Platão, Sofista, 234a-236d, 265a-268d).

(νέος) dispostos a pagá-lo em troca de conversas (ὀμιλία) sobre a virtude (ἀρετή)¹⁴⁰. Em ambos os casos, se transmite algum tipo de doutrina, ou ensinamento (μάθημα), em troca de pagamento, assim como nas definições dois, três e quatro¹⁴¹. Entretanto, como visto anteriormente, o entendimento (ἐπιστήμη) do sofista (σοφιστής) é reduzido a truques (θαῦμα) e conjecturas (δοξαστικός), excluindo qualquer possibilidade de transmitir um conhecimento da verdade (ἀλήθεια)¹⁴². Isso impediria a identificação do sofista com alguma forma de καθαρτική (catártica), sobretudo com élenkhos — o que explica a referida hesitação do Estrangeiro em relacioná-lo com um desses conceitos em 231a-231b.

Além disso, na discussão sobre a arte catártica (καθαρτική), Campbell (1867) e Barnabé (2013) atentam para a presença um vocabulário religioso, mais especificamente relacionado aos mistérios gregos. Barnabé (2013) em particular chama a atenção para lexemas que ocorrem também em textos órficos ou em trechos de outros diálogos platônicos em que há um debate sobre esses temas. Os vocábulos seriam: καθαρμός (rito de purificação), ἀνόητος (néscio), ἀπαλλαγή (libertação), ἐμποδίους (obstáculo), θαῦμα (maravilhamento) e φαντασμα (vislumbre, aparição)¹⁴³. Ainda que tais expressões sejam empregadas em um sentido corrente no trecho 226d-234e, a coocorrência dessas lexias evoca um tom místico-religioso à discussão. Portanto, semelhante ao que afirma Barnabé (2013)¹⁴⁴, a desconfiança prévia e a subsequente desassociação entre os sofistas e o exercício do élenkhos também atribuiria a essa figura a sina de falso iniciado ou falso sacerdote, ao passo que dignificaria o filósofo com a função de purificar a alma. Isso retoma a caracterização do filósofo no *Fédon* (64a-68c) como alguém que realiza a catarse (κάθαρσις) da alma (ψυχή) em relação ao corpo (σῶμα) na busca pela verdade (ἀλήθεια).

Assim, a construção da estrutura conceitual da arte separativa (διακριτική) pode ser compreendida como uma forma de testar a hipótese do sofista (σοφιστής) ser ou não capaz de transmitir alguma forma de conhecimento verdadeiro ou mesmo de empregar métodos de origem filosófica. Negada a possibilidade, acentua-se, de maneira mais direta a intenção de distinguir, de forma antagônica, sofística e filosofia — assunto que será abordado após a próxima análise de definição. Quanto às estruturas em si, pode-se verificar um certo nível de

¹⁴⁰ (Platão, *Sofista*, 223a-223b).

¹⁴¹ (Platão, *Sofista*, 223b-224e).

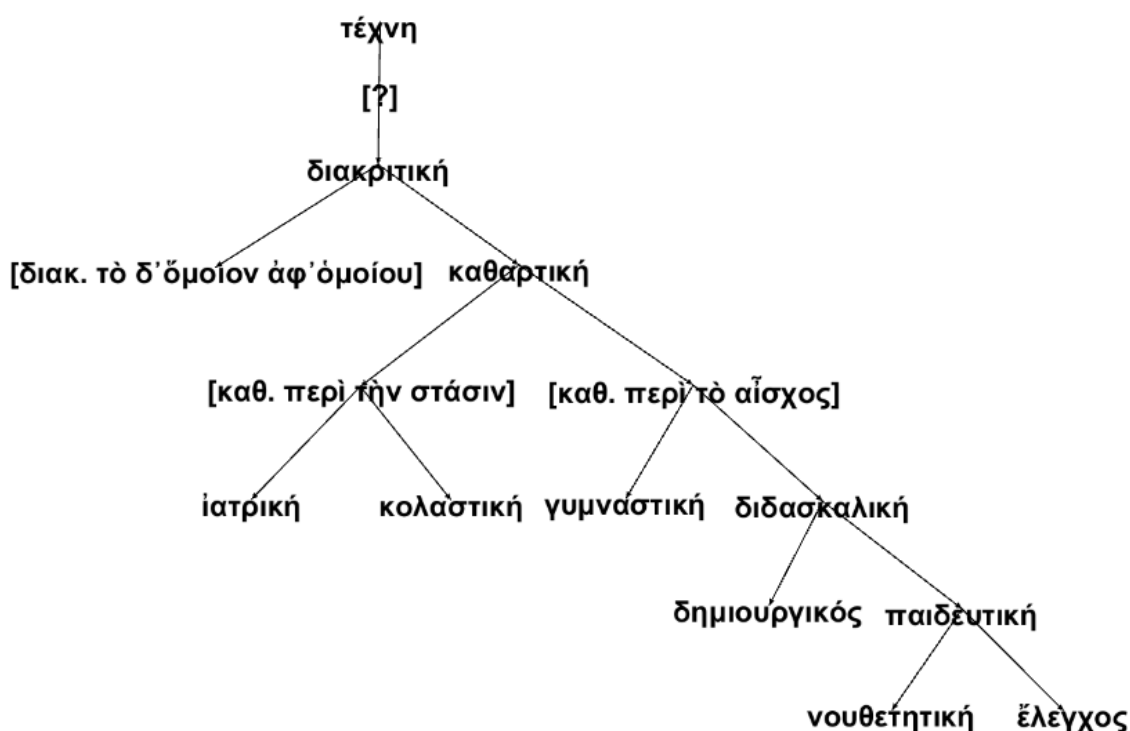
¹⁴² (Platão, *Sofista*, 223b-223d).

¹⁴³ καθαρμός (Cf. Platão, *Sofista*, 226d, 227c, 227d); ἀνόητος (Cf. Platão, *Sofista*, 224b, 228d); ἀπαλλαγή (Cf. Platão, *Sofista*, 230c); ἐμποδίους (Cf. Platão, *Sofista*, 230d, 231e); θαῦμα (Cf. Platão, *Sofista*, 233a); φαντασμα (Cf. Platão, *Sofista*, 223c, 232a, 234e).

¹⁴⁴ Diferente de Barnabé (2013), não se assume neste trabalho que Platão pretenderia substituir os mistérios pela filosofia, tampouco que possuiria uma perspectiva estritamente negativa sobre os iniciados (Cf. Platão, *Fédon*, 69c-70d).

flexibilidade nas relações conceituais, na medida em que apresentam categorias análogas definidas por combinações simples entre traços semânticos. No intuito de demonstrar essa maleabilidade, optou-se por representar nas Figuras 11 e 12 diferentes possibilidades de configuração entre os conceitos discutidos neste subcapítulo. Em ambas as imagens, procurou-se inverter a função estrutural das oposições *στάσις:άμετρία* (conflito:dissimetria) — que originalmente são categorias em *κακία* (vileza) e traços semânticos em *διακριτική* (separativa) — com a dos traços ‘*περὶ τὸ σῶμα:περὶ τὴν ψυχὴν*’ (‘sobre o corpo:sobre a alma’), em que ocorre o inverso.

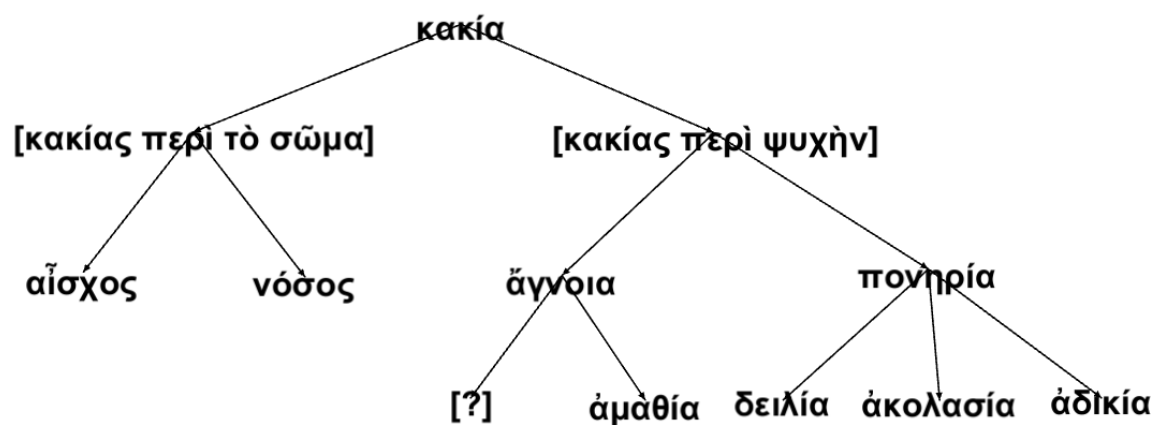
Figura 11 — Possibilidade de reconfiguração da separativa (*διακριτική*)



Fonte: elaboração própria por meio do programa *Gephi*

Na Figura 11, em particular, também se omitiu as quatro primeiras categorias de [καθαρτική περὶ τὸ σῶμα] (catártica do corpo), por serem introduzidas na obra de maneira anedótica. Com isso, pôde-se enfatizar os paralelos com a estrutura original de *κακία* (vileza) da Figura 9 e as séries proporcionais das Figuras 7 e 8.

Figura 12 — Possibilidade de reconfiguração da vileza (*κακία*)



Fonte: elaboração própria por meio do programa *Gephi*

4.6 A Sexta Ramificação: o Sofista como um ilusionista

No subcapítulo anterior, foi abordada a estrutura da arte separativa (*διακριτική*) e a da vileza (*κακία*). Esses sistemas conceituais são introduzidos na obra quando os personagens Estrangeiro e Teeteto consideram a hipótese de o sofista (*σοφιστής*) efetivamente ser um sábio capaz de instruir. Contudo, essa conjectura é logo descartada pelos personagens, excluindo a possibilidade de que o sofista seria capaz de exercer as artes separativas (Platão, *Sofista*, 232a-233c). Em contrapartida, é levantado que o sofista seria alguma espécie de fazedor de truques (*θαῦμα*), o que conduz a uma nova ramificação das artes (*τέχνη*) e à última definição de sofística (*σοφιστική*). Assim, caberá novamente aplicar os métodos fundamentados na Abordagem Contextual (Cruse, 1987) para analisar e descrever os conceitos seguintes.

No momento inicial dessa nova discussão (Platão, *Sofista*, 233d-236c), os personagens situam o sofista em uma subestrutura provisória de *ποιητική* (poética). Ele é representado como um feiticeiro (*γόης*) e um “imitador daqueles *que-são*”¹⁴⁵, sendo então incluído no gênero (*γένος*) dos ilusionistas (*θαυματοποιός*)¹⁴⁶. Por isso, o termo *μιμητική* (mimética), que ocorrera como mero exemplo anedótico no trecho 219b, é retomado para ser explorado com maior atenção. Esse conceito receberia duas divisões, definidas pelos sintagmas “*τῇ γραφικῇ τέχνῃ*” (pela arte gráfica) e “*εἰδῶλα λεγόμενα*” (palavras enunciadas), sendo a última retomada posteriormente como *εἰδωλοποιική* (poética de imagens)¹⁴⁷. Campbell (1867, p. 76) considera a mimética e a poética de imagens como sinônimos. Contudo, tanto na distinção conceitual empregada anteriormente quanto na que será vista posteriormente em 265a-268c, Platão parece reservar o segundo termo a categorias distintas, ainda que próximas. No trecho 234c, em específico, *εἰδωλοποιική* parece retomar mais propriamente a criação de imagens ou figuras pelo discurso verbal. Há também subdivisões desse conceito que são aplicadas à *μιμητική* (mimética) como um todo, inclusive à arte gráfica (Platão, *Sofista*, 235c-236c). Uma é chamada de *εἰκαστική* (representativa), a produção de imagens (*εἰδῶλον*) semelhantes (*εἰκός*) à referência (*παράδειγμα*). A outra seria *φανταστική* (fantástica), em que a simetria (*συμμετρία*) pode ser distorcida para conferir beleza (*καλός*) à obra, proporcionando apenas um vislumbre (*φάντασμα*) e não semelhança (*εἰκός*) à referência (*παράδειγμα*). Nesse par, há uma oposição entre os traços ‘fidedigno e ‘não fidedigno’ quanto ao traço articulador de ‘resultado’ da ação.

¹⁴⁵ “[ΞΕΝΟΣ: ...] *μιμητὴς ὧν τῶν ὄντων* [...]” (Platão, *Sofista*, 235a, tradução e grifo nosso).

¹⁴⁶ (Platão, *Sofista*, 235b).

¹⁴⁷ “ΞΕΝΟΣ: [...] *τῇ γραφικῇ τέχνῃ*” (Platão, *Sofista*, 234b); “ΞΕΝΟΣ: [...] *εἰδῶλα λεγόμενα*” (Platão, *Sofista*, 234c); ‘*εἰδωλοποιική*’ (Cf. Platão, *Sofista*, 234b, 236c).

Entretanto, o Estrangeiro afirma que antes de situar a posição específica da sofística nesse novo campo, seria necessário abordar o problema da falsidade (*ψεῦδος*) considerando os conceitos parmenideanos de ‘o que-é’ (*τὸ ὄν*) e ‘o que-não-é’ (*τὸ μὴ ὄν*) (Platão, *Sofista*, 237a-237b). Isso porque afirmar a falsidade (*ψεῦδος*) seria, por natureza, como declara o Estrangeiro, “assumir que o *que-não-é* é”¹⁴⁸. Contudo, esse assunto é tratado particularmente no Capítulo 5.4 da dissertação.

Após as discussões ontológicas sobre ‘o que-é’ (*τὸ ὄν*) e ‘o que-não-é’ (*τὸ μὴ ὄν*), o conceito de *ποιητική* (poética) é enfim retomado para maiores desenvolvimentos (Platão, *Sofista*, 265a-265d). Porém, sua estrutura conceitual é totalmente reformulada, sobretudo no que concerne a *μιμητική* (mimética).

Nas seções finais da obra (Platão, *Sofista*, 265a-268d), o Estrangeiro reelabora a última definição de sofística a partir de uma nova estruturação do campo da poética (*ποιητική*). Essa categoria ampla é dividida em duas partes (*μέρος*): “a divina e a humana”¹⁴⁹. Com isso, é formada mais uma subdivisão no terceiro nível conceitual de *τέχνη* (arte). Nela, há uma oposição entre os traços semânticos ‘deus:humano’ (*θεός:ἄνθρωπος*) ligada ao traço articulador de ‘agente’ da ação. A parte da poética realizada por deuses será designa provisoriamente neste trabalho como [*ποιητική θεία*] (poética divina). Ela corresponderia à ação divina responsável por produzir a natureza (*φύσις*), incluindo o ato de criar “todos viventes mortais”, plantas e corpos sem alma¹⁵⁰. O Estrangeiro propõe essa definição assumindo a premissa de que o ‘vir a ser’ (*γίγνεσθαι*) da natureza (*φύσις*) exigiria uma causa autosuficiente (*αἰτία αὐτομάτη*), mais especificamente um raciocínio (*διάνοια*) “com expressão e entendimento divino”¹⁵¹. Por outro lado, a atividade criativa dos humanos (*ἄνθρωπος*) corresponderia ao ato de produzir combinações (*συνίστημι*) de elementos preexistentes no mundo natural (*φύσις*)¹⁵². Para os fins desta pesquisa, tal conceito será donominado provisoriamente de [*ποιητική ἀνθρώπινη*] (poética humana).

Em seguida, os conceitos dois anteriores recebem as mesmas bipartições, que se formam no quarto nível da arte: *αὐτοποιητικόν* (produção das coisas próprias) e *εἰδωλοποιικόν* (produção de imagens), designados também como *αὐτουργική* e *εἰδωλουργική*, respectivamente

¹⁴⁸ “ΞΕΝΟΣ: τετόλμηκεν ὁ λόγος οὗτος ὑποθέσθαι τὸ μὴ ὄν εἶναι: ψεῦδος γὰρ οὐκ ἂν ἄλλως ἐγίγνετο ὄν” (Platão, *Sofista*, 237a).

¹⁴⁹ “ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν θεῖον, τὸ δ’ ἀνθρώπινον.” (Platão, *Sofista*, 265b, tradução nossa).

¹⁵⁰ “ΞΕΝΟΣ: ζῶα δὲ πάντα θνητά, καὶ δὲ καὶ φυτὰ ὅσα τ’ ἐπὶ γῆς ἐκ σπερμάτων καὶ ῥιζῶν φύεται, καὶ ὅσα ἄψυχα ἐν γῇ συνίσταται σώματα τηκτὰ καὶ ἄτηκτα, μὲν ἄλλον τινὸς ἢ θεοῦ δημιουργοῦντος φήσομεν ὕστερον γίγνεσθαι πρότερον οὐκ ὄντα,” (Platão, *Sofista*, 265c, tradução e grifo nossos).

¹⁵¹ “ΞΕΝΟΣ: [...] μετὰ λόγου τε καὶ ἐπιστήμης θείας [...]” (Platão, *Sofista*, 265c, tradução nossa).

¹⁵² (Platão, *Sofista*, 265d-265e).

(Platão, Sofista, 266a-266d). Vale ressaltar que o segundo conceito fora apresentado de maneira vaga em trechos anteriores (Platão, Sofista, 235b, 236c), mas recebe uma posição mais específica na estrutura apenas na discussão final da obra. Conforme será observado nos exemplos logo a seguir, a distinção entre *αὐτοποιητική* e *εἰδωλοποιική* ocorre pela oposição dos vocábulos *αὐτός* (mesmo, próprio) e *εἶδωλον* (imagem), que qualificam o produto das respectivas artes. Desse modo, pode-se depreender uma oposição dos traços semânticos ‘original:cópia’, ligada ao traço articulador de ‘resultado’ da ação.

Como mencionado, os conceitos de *αὐτοποιητική* e *εἰδωλοποιική* formam as subcategorias imediatas tanto da [poética divina] quanto da [poética humana]. Assim, há a parte designada aqui como [*αὐτοποιητική θεία*] (poética divina das coisas próprias), que consiste na criação de seres vivos (*ζῷον*) e elementos naturais, como o fogo (*πῦρ*) e a água (*ὔδωρ*)¹⁵³. Há também o que se denominará [*εἰδωλοποιική θεία*] (poética divina de imagens), identificado com a criação de imagens (*εἶδωλον*) ou vislumbres (*φάντασμα*) em sonhos (*ὕπνος*) e à luz do dia (*ἡμέρα*), incluindo ainda a produção de sombras (*σκότος*) e reflexos¹⁵⁴.

Em contrapartida, os paralelos na [poética humana] se diferem entre “fazer a própria casa pela [arte] construtiva (*οἰκοδομική*) e outra pela gráfica (*γραφική*)”¹⁵⁵. Desse modo, considerando a proposta desta pesquisa, caberá designar o primeiro caso como [*αὐτοποιητική ἀνθρώπινη*] (poética humana das próprias coisas) e o segundo como [*εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη*] (poética humana de imagens).

A partir de *εἰδωλοποιική* (poética de imagens), há uma nova bipartição no quinto nível da estrutura (Platão, Sofista, 266d-267a). Nela, há uma retomada da oposição entre *φανταστική* (fantástica) e *εἰκαστική* (representativa) apresentada anteriormente em 236a-236c. Entretanto, diferente do caso anterior, não é explicitado se as divisões seriam espelhadas — isso é, se formariam categorias tanto em [*εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη*] quanto em [*εἰδωλοποιική θεία*]. Ademais, os exemplos empregados de *φανταστική* (fantástica) e *εἰκαστική* (representativa) parecem se referir exclusivamente a atividades humanas (Platão, Sofista, 236a-236c). Portanto, ainda que [*εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη*] e [*εἰδωλοποιική θεία*] sejam ambas compreendidas nas expressões *εἰδωλοποιική* e *εἰδωλουργική*, elas parecem ocorrer de forma meramente metonímica na subdivisão proposta em 266d-267a, se referindo apenas à parte humana.

¹⁵³ (Platão, Sofista, 266a-266b).

¹⁵⁴ (Platão, Sofista, 266b-266c).

¹⁵⁵ “ΞΕΝΟΣ: τί δὲ τὴν ἡμετέραν τέχνην; ἄρ’ οὐκ αὐτὴν μὲν οἰκίαν οἰκοδομικῇ φήσομεν ποιεῖν, γραφικῇ δὲ τιν’ ἑτέραν, οἷον ὅναρ ἀνθρώπινον ἐγρηγορόσιν ἀπειργασμένην;” (Platão, Sofista, 266c, tradução nossa).

Após essa breve retomada, é feita uma bipartição de *φανταστική* (fantástica) no sexto nível da estrutura (Platão, Sofista, 267a-267b). Uma é definida breve e vagamente apenas como “a que é gerada por meio de um instrumento”¹⁵⁶. Entretanto, o significado desse conceito torna-se evidente quando observada a oposição que o texto estabelece com outro termo: *μιμητικόν* (imitativa). Isso porque, na imitativa, a ferramenta (“*ἐαυτὸν ὄργανον*”) aplicada para produzir (*ποιέω*) o vislumbre (*φάντασμα*) seria o próprio corpo (*σῶμα*) ou voz (*φωνή*) do sujeito (Platão, Sofista, 267a). Assim, as subcategorias da fantástica seriam contrastadas pelo instrumento (*ὄργανον*) envolvido no processo. Contudo, não seria possível descrever essa oposição por somente um único traço articulador, pois tais conceitos se distinguem pela identificação (e não identificação) do ‘instrumento’ com o ‘agente’ do processo. No primeiro conceito, que será designado provisoriamente nesta dissertação como [*φανταστική δι’ ὀργάνων*], há uma disjunção entre os traços articuladores ‘instrumento’ e ‘agente’. No caso de *μιμητικόν*, ao contrário, há uma identidade entre ‘instrumento’ e ‘agente’.

Em seguida, *μιμητικόν* (imitativa) é subdividida em duas categorias no sétimo nível da estrutura da arte (Platão, Sofista, 267a-267e). O termo chamado de *ἱστορική* (investigativa) produziria uma imitação (*μίμῃμα*, *μίμησις*) do que se conhece (*γινώσκω*) com entendimento (*μετ’ ἐπιστήμης*), podendo tratar de uma pessoa ou de um conceito, como a justiça (*δικαιοσύνη*) e a virtude (*ἀρετή*)¹⁵⁷. O outro, designado *δοξομιμητική* (doxomimética), se basearia apenas nas conjecturas ou opiniões (*δόξα*, *δοξάζω*) do imitador enquanto ignorante (*ἀγνοέω*) a respeito do que é imitado. Cabe ressaltar que o Estrangeiro comenta a necessidade de cunhar o neônimo *δοξομιμητική* (doxomimética), justificando que ninguém anteriormente haveria feito essas divisões (Platão, Sofista, 267d-267e). Enfim, a oposição entre tais conceitos ocorreria pelo contraste dos traços ‘com entendimento da referência: sem entendimento da referência’ ligado ao articulador de ‘agente’ da ação.

No oitavo nível da arte, por sua vez, é operada uma nova bipartição em *δοξομιμητική* (doxomimética). Um desses conceitos será designado provisoriamente neste trabalho como [*δοξομιμητική ἀπλή*] (doxomimética ingênua), pois seria exercida por “imitadores francos” ou ‘ingênuos’, “que presumem saber das coisas sobre as quais conjecturam”¹⁵⁸. Em contraste, há a divisão denominada *εἰρωνική* (dissimulativa) neste trabalho, exercida por “*εἰρωνικὸν μιμητὴν*” (imitadores dissimulados): “ESTRANGEIRO: [...] o tipo do outro, pela prática nos

¹⁵⁶ “*ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν δι’ ὀργάνων γινόμενον*” (Platão, Sofista, 267a).

¹⁵⁷ (Platão, Sofista, 267a-267e).

¹⁵⁸ “*ΞΕΝΟΣ: ὁ μὲν γὰρ εὐήθης αὐτῶν ἐστὶν οἰόμενος εἰδέναι ταῦτα ἃ δοξάζει: [...] ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν τὸν μὲν ἀπλοῦν μιμητὴν τινα*” (Platão, Sofista, 267e-268a, tradução e grifo nossos).

discursos, tem muita desconfiança e medo de que seja ignorante acerca dos assuntos que ele se afigura saber perante os demais.”¹⁵⁹. Portanto, nesse nível, é possível identificar a oposição ‘honestidade:dissimulação’ ligada ao traço articulador de ‘agente’ do processo.

No oitavo nível da estrutura, *εἰρωνική* (dissimulativa) se divide em *δημολογικόν* (discursiva pública) e na última definição de *σοφιστικόν* (sofística), que revelaria o ‘real sofista’ (*ὄντως σοφιστής*) (Platão, *Sofista*, 268a-268d). Uma é definida pela apresentação de discursos (*λόγος*) longos (*μακρός*) diante de uma multidão (*πλήθος*) em espaços públicos (*δημόσιος*)¹⁶⁰. Já a nova definição de *σοφιστικόν* (sofística) se daria por discursos (*λόγος*) curtos (*βραχύς*), em ambientes privados (*ἴδιος*), e visaria a contradição (*ἐναντιολογέω*) do interlocutor¹⁶¹. Aqui ocorrem ao menos três oposições de traços semânticos: ‘longo:curto’, ligados ao traço articulador de ‘instrumento’ da ação, o discurso; ‘público:privado’, no de ‘ambiente’ — o tipo de lugar em que a ação ocorre; e ‘coletivo:individual’ no de ‘destinatário’ — o ouvinte do discurso. Além das oposições, essa definição de *σοφιστικόν* (sofística) possuiria o traço de ‘contradição’ ligado ao ‘resultado’ do processo. Em seguida, enfim é elaborado um quadro recapitulativo das categorias superordenadas:

ESTRANGEIRO: Da produtora de discursos contrários (*ἐναντιοποιολογική*), da parte dissimulativa (*εἰρωνικόν*) da [arte] conjectural (*δοξαστική*), à mimética (*μιμητικόν*); do gênero fantástico (*φανταστικόν*) à porção ilusionista (*θαυματοποικόν*) demarcada pela produção — não divina (*θεῖον*), mas humana (*ἀνθρωπικόν*) — da poética de imagens (*εἰδωλοποιική*) nos discursos: quando se fala que o real sofista é ‘dessa estirpe e sangue’, se diz da forma mais verdadeira, como parece (Platão, *Sofista*, 268c-268d, tradução nossa)¹⁶².

Embora essa definição de sofística (*σοφιστικόν*) se refira a um ‘ὄντως σοφιστής’ (real sofista), ela não é incompatível com as demais. Desse modo, não há um descarte das definições anteriores, mas sim uma demarcação da prática que propiciaria ao sofista os subsídios necessários para exercitar múltiplas formas de arte (*τέχνη*). Isso porque, conforme apresentado anteriormente nas definições de um a cinco, o meio ou instrumento de trabalho dos sofistas seria precisamente o discurso (*λόγος*). Assim, a última definição caracterizaria a produção da ferramenta que o sofista emprega em seus diferentes campos de atuação.

Cabe ressaltar também um paralelo frasal entre a descrição de [*δοξομιμητική ἀπλή*] (doxomimética ingênua) e uma passagem da *Apologia de Sócrates*. Trata-se, mais

¹⁵⁹ “ΞΕΝΟΣ: [...] τὸ δὲ θατέρου σχῆμα διὰ τὴν ἐν τοῖς λόγοις κλίνδην ἔχει πολλὴν ὑποψίαν καὶ φόβον ὥς ἀγνοεῖ ταῦτα ἅ πρὸς τοὺς ἄλλους ὥς εἰδὼς ἐσημάτισται.” (Platão, *Sofista*, 267e-268a, tradução nossa).

¹⁶⁰ (Platão, *Sofista*, 268b).

¹⁶¹ (Platão, *Sofista*, 268b-268c).

¹⁶² “ΞΕΝΟΣ: τὸ δὲ τῆς ἐναντιοποιολογικῆς εἰρωνικοῦ μέρους τῆς δοξαστικῆς μιμητικόν, τοῦ φανταστικοῦ γένους ἀπὸ τῆς [268δ] εἰδωλοποιικῆς οὐ θεῖον ἀλλ’ ἀνθρωπικόν τῆς ποιήσεως ἀφωρισμένον ἐν λόγοις τὸ θαυματοποικόν μόριον, ταύτης τῆς γενεᾶς τε καὶ αἵματος ὅς ἂν φῇ τὸν ὄντως σοφιστὴν εἶναι, τάληθέστατα, ὥς ἔοικεν, ἐρεῖ.”

especificamente, de um dos trechos em que o personagem Sócrates justifica seu título de mais sábio: “[...] ἀλλ’ οὗτος μὲν οἶεται τι εἰδέναι οὐκ εἰδώς, ἐγὼ δέ, ὥσπερ οὖν οὐκ οἶδα, οὐδὲ οἶομαι: ἔοικα [...] σοφώτερος εἶναι, ὅτι ἂ μὴ οἶδα οὐδὲ οἶομαι εἰδέναι”¹⁶³.

Nesse excerto da *Apologia*, a construção que indica o equívoco alheio (“οἶεται τι εἰδέναι οὐκ εἰδώς”) é semelhante à que define [doxomimética ingênua] no *Sofista*: “οἰόμενος εἰδέναι ταῦτα ἂ δοξάζει”¹⁶⁴. Tal proximidade pode ser melhor explicitada por meio de uma fórmula: [verbo οἶομαι]+[{infinitivo de οἶδα}+{complemento que indica falta de conhecimento}]. Em oposição, a sentença socrática consistiria na negação de οἶδα (saber) junto à negação de οἶομαι (presumir), cujo complemento, quando preenchido explicitamente, seria um segundo οἶδα. A partir desse paralelo, pode-se afirmar que o imitador ingênuo (μιμητής ἀπλῆ), praticante de [δοξομιμητική ἀπλῆ], seria o mesmo tipo de indivíduo criticado na *Apologia de Sócrates*.

Ademais, a natureza desse equívoco corresponderia diretamente à definição de ἀμαθία (estupidez) no *Sofista* (229b-229c), considerada a pior forma de ἄγνοια (ignorância), conforme apresentado no Capítulo 4.5 (p. 74-75). Porém, o praticante de εἰρωνική (dissimulativa) parece ser retratado de maneira ainda mais negativa do que o imitador ingênuo. Um indício seria a escolha do autor em não retomar explicitamente o termo ἀμαθία (estupidez) na definição da [doxomimética ingênua]. Outro seria a ocorrência do lexema εὐήθης que, semelhante a ἀπλόος, pode significar não apenas ‘simplório’ e ‘tolo’, mas também ‘ingênuo’, ‘bem-intencionado’ e ‘honesto’¹⁶⁵. Assim, embora os dois adjetivos possuam empregos de conotação negativa, ambos podem apresentar também situações de uso com conotação neutra ou mesmo positiva. Portanto, a preferência por ἀπλόος e εὐήθης em detrimento de ἀμαθία nos trechos 267e-268e pode indicar uma tentativa de atenuar a estupidez do imitador ingênuo frente à atitude do sofista. Vale lembrar que a última definição de sofística (σοφιστικόν) seria uma subcategoria de εἰρωνική (dissimulativa). Assim, quando o imitador dissimulado (“εἰρωνικόν μιμητήν”) sofre uma inferiorização diante do imitador ingênuo, por extensão, se inferioriza também o sofista.

Campbell (1867, p. lvii) afirma que isso seria uma inconsistência involuntária, um erro acidental de Platão. Entretanto, a relação entre ingenuidade (ἀπλόος, εὐήθης) e estupidez (ἀμαθία) parece ser não apenas uma escolha consciente, mas também algo importante para a caracterização do sofista. Conforme as definições e os indícios levantados (Platão, *Sofista*, 268a-268c), o sofista não seria sábio (σοφός) nem ingênuo (εὐήθης), tampouco ciente de sua

¹⁶³ “[...] mas esse [homem] presume saber algo que não sabe, e eu, por assim dizer, certamente não sei, nem presumo [saber]: pareço [...] ser mais sábio porque o que não sei também não presumo saber” (Platão, *Apologia de Sócrates*, 21d, tradução e grifo nossos).

¹⁶⁴ “dos que presumem saber dos assuntos sobre os quais conjecturam” (Platão, *Sofista*, 268a, tradução nossa).

¹⁶⁵ (Cf. ἀπλόος, εὐήθης In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle et al., 2021).

ignorância, mas sim alguém que, temendo a possibilidade de ser ignorante, dissimula a si mesmo e aos demais. Desse modo, a dissimulação pode ser compreendida como uma perpetuação da *ἀμαθία* (estupidez) própria e alheia, na medida em que obstruiria o reconhecimento da ignorância pessoal e, conseqüentemente, impossibilitaria o caminho para o conhecimento verdadeiro.

4.7 A Hierarquia da Arte (τέχνη) como produto da Dialética (διαλεκτική): considerações gerais

O presente capítulo foi destinado à análise e descrição das múltiplas ramificações da estrutura conceitual de τέχνη (arte), em que o termo εἶδος (forma) é empregado para identificar categorias e subcategorias. Conforme observado anteriormente, esses conceitos foram elaborados no diálogo com o objetivo de definir a arte sofística (σοφιστική) em suas variadas facetas. Quanto a este subcapítulo, em específico, compete examinar as características gerais da estrutura em toda a sua extensão, bem como explorar as possíveis consequências dessas observações.

Ainda que τέχνη (arte) seja o termo principal dessa estrutura, ele não é definido na obra. Cabe notar que há uma discussão sobre τέχνη também na *República* (1.341d-1.347a), em que esse conceito é descrito como uma espécie de prática pela qual se domina (κρατέω) e guia (ἄρχω) algo em benefício (τὸ συμφέρον, ὠφέλιμος) de outrem:

[SÓCRATES] Então, Trasímaco, isto está claro a partir de agora: que nenhuma arte nem cargo promove benefício a si própria, mas — como dizia outrora — providencia e prescreve a quem é governado, procurando o proveito de cada um dos que são mais fracos e não dos mais fortes (Platão, *República*, 136e, tradução nossa)¹⁶⁶.

Porém, conforme descrito nos subcapítulos anteriores, as múltiplas sofísticas (σοφιστική) no *Sofista* são depreciadas como atividades exercidas apenas em benefício próprio. Assim, pode-se afirmar que o emprego de τέχνη (arte) no *Sofista*, apesar de ser o fundamento de uma estrutura conceitual, é vago e mais próximo da acepção comum. Contudo, pode-se propor uma definição provisória do conceito de τέχνη (arte) nesse diálogo a partir do traço semântico de ‘resultado’. Embora tal traço articulador não seja responsável por todas as definições, ele ainda estaria presente no grau de necessidade criterial em cada termo, pois é o parâmetro da primeira bipartição — ποιητική:κτητική (poética:aquisitiva). Assim, no intuito de captar o significado mínimo do emprego de τέχνη (arte) no *Sofista*, propõe-se a seguinte definição: ‘uma atividade premeditada com o intuito de propiciar um determinado resultado’. Com isso, evidencia-se que o emprego de τέχνη na *República* também possui alguma ênfase no traço articulador de ‘resultado’. A diferença estaria no traço de ‘beneficiário’, que é ofuscado no *Sofista*, sendo pouco relevante nas definições, ainda que identificado com o ‘agente’ da ação em conceitos da sofística. Em contrapartida, na *República*, o traço articulador de ‘beneficiário’

¹⁶⁶ “οὐκοῦν, ὦ Θρασύμαχε, τοῦτο ἤδη δῆλον, ὅτι οὐδεμία τέχνη οὐδὲ ἀρχὴ τὸ αὐτῇ ὠφέλιμον παρασκευάζει, ἀλλ’, ὅπερ πάλαι ἐλέγομεν, τὸ τῷ ἀρχομένῳ καὶ παρασκευάζει καὶ ἐπιτάττει, τὸ ἐκείνου συμφέρον ἥττονος ὄντος σκοποῦσα, ἀλλ’ οὐ τὸ τοῦ κρείττονος.”

seria ressaltado, além de ser ligado diretamente aos traços de ‘outrem’ e ‘indivíduo mais fraco’ ou ‘mais vulnerável’.

Na estrutura de *τέχνη* (arte), o termo *εἶδος* (forma) é consistentemente empregado para designar, de maneira genérica, a existência de subtipos ou subcategorias, como na seguinte passagem: “ESTRANGEIRO: Mas, de modo geral, há duas formas (*εἶδη*) em todas as artes”¹⁶⁷. Trata-se do uso que Else (1936) descreveu como ‘hipocrático’, pois é semelhante à maneira como Hipócrates emprega *εἶδος* para designar uma determinada classe ou tipo de coisa. Em Platão, esse uso denotaria mais especificamente unidades “logico-naturais”. Como observado por Havelock (1967, p. 254-256) e Else (1936), esse seria o uso padrão do termo nos escritos da juventude de Platão. Posteriormente, com os textos da maturidade, *εἶδος* (forma) passaria a representar também unidades metafísicas¹⁶⁸, como será observado no Capítulo 5.

No esquema da Figura 13, optou-se por representar seis diferentes ocorrências de *σοφιστική* (sofística), ao invés apenas uma categoria que acumulasse todas as relações conceituais. Isso porque Platão reconhece na obra, explicitamente, seis definições de diferentes atividades praticadas pelos sofistas (Platão, *Sofista*, 231c-231e, 267a-267e). Na subestrutura conceitual do comércio, por exemplo, há tanto a venda dos próprios saberes quanto a dos de outrem, seja entre cidades ou em apenas uma — contudo, qualquer um desses casos apresenta características suficientes para receber a designação de *σοφιστική* (sofística)¹⁶⁹. Assim, o vínculo de todas essas classes a uma mesma designação parece ser efeito de uma contingência: a percepção de que tais atividades seriam praticadas pelo mesmo conjunto de profissionais, os sofistas (*σοφιστής*).

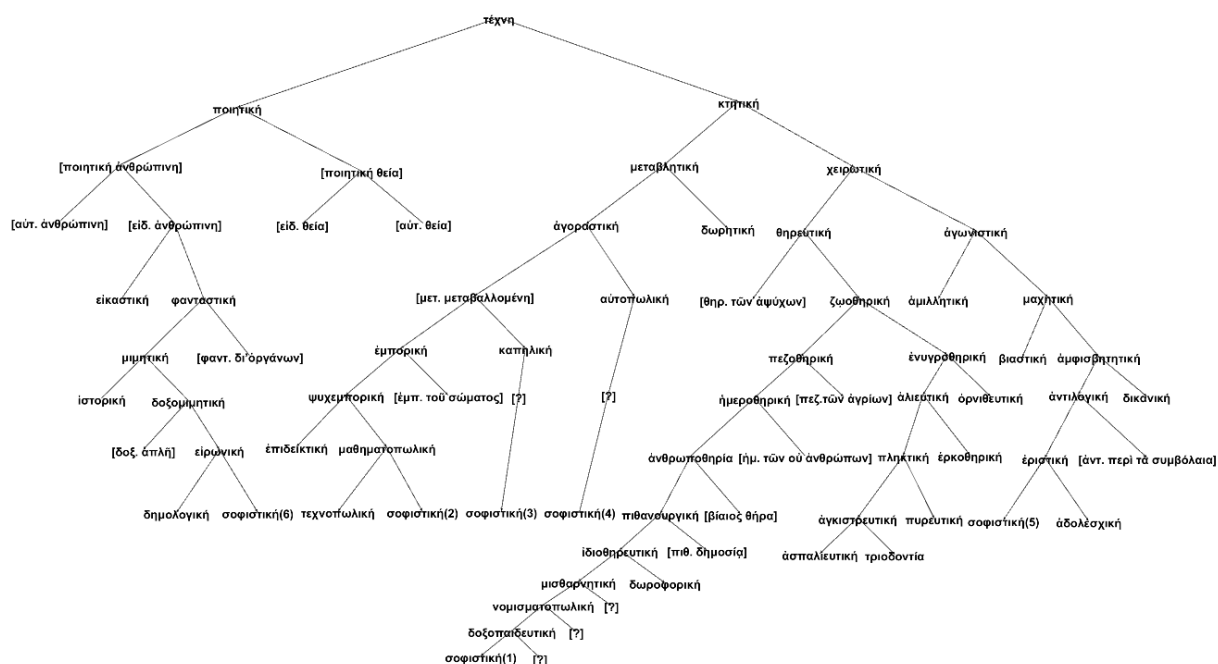
Outra característica da estrutura conceitual das artes (*τέχνη*) no *Sofista* é a preferência por adjetivos com o sufixo derivacional ‘-ικός’, mais particularmente no feminino ‘-ική’ e no neutro ‘-ικόν’. Esse sufixo, no feminino, transmite o sentido de arte, remetendo ao substantivo ‘τέχνη’ (Boas *et al.*, 2017). Por outro lado, a forma neutra é frequentemente empregada para fazer concordância ou retomar por elipse os vocábulos *εἶδος* (forma) e *μέρος* (parte). Como também notou Campbell (1867) em suas representações da estrutura, a forma feminina é mais informativa em relação ao campo conceitual e, por isso, foi escolhida como forma das entradas no léxico.

¹⁶⁷ “ΞΕΝΟΣ: ἀλλὰ μὴν τῶν γε τεχνῶν πασῶν σχεδὸν εἶδη δύο” (Platão, *Sofista*, 219a, tradução nossa).

¹⁶⁸ (Havelock, 1967, p. 254-256; Else, 1936).

¹⁶⁹ (Platão, *Sofista*, 223a-224e).

Figura 13 — Estrutura conceitual da arte (τέχνη)



Fonte: elaboração própria por meio do programa Gephi¹⁷⁰

Como disposto na Figura 13, as artes são subdivididas inicialmente em *ποιητική* (poética) e *κτητική* (aquisitiva) (Platão, Sofista, 219a-219c). Ambas são decompostas em mais outras duas, também consideradas *εἶδος* (forma), assim como as demais divisões. Isso pode ser observado explicitamente na sentença “ESTRANGEIRO: E será que não [haveria] duas formas (*εἶδος*) da aquisitiva?”¹⁷¹. Assim, as formas da arte, de maneira geral, são definidas por um processo de bipartição, pelo qual cada categoria recebe duas subcategorias distintas, chamadas também de dicotomias (Campbell, p. xlv). Essa divisão conceitual em Platão pode ser compreendida como sucessivas inclusões binárias de classes disjuntas. Cabe destacar que tal processo é frequentemente referido no *corpus* de maneira explícita por vocábulos como *διαίρέω* (dividir) ou *διαίρεσις* (divisão), conforme o trecho: “ESTRANGEIRO: lembremo-nos da divisão (*διαίρεσις*) anterior em formas”¹⁷². Além disso, o sentido de separação ou divisão é reforçado pelo emprego de expressões como ‘μέρος’ (parte) ou mais especificamente ‘μέρη δύο’ (duas partes), que se refere em geral às subcategorias de uma forma (*εἶδος*)¹⁷³, como também nota Campbell (1867). Os pares dessa estruturação, por serem mutuamente excludentes e estarem contidos no mesmo conceito, podem ser considerados co-hipônimos incompatíveis —

¹⁷⁰ Gephi é um *Software* para a visualização e análise de gráficos em rede, disponível para download em <https://gephi.org>. Todos os gráficos apresentados neste relatório foram criados manualmente.

¹⁷¹ “ΞΕΝΟΣ: κτητικῆς δὲ ἄρ’ οὐ δύο εἶδη;” (Platão, Sofista, 219d, tradução nossa).

¹⁷² “ΞΕΝΟΣ: [...] τῶν ἔμπροσθεν ἀναμνησθῶμεν κατ’ εἶδη διαίρεσεων” (Platão, Sofista, 264c).

¹⁷³ (Cf. Platão, Sofista, 219c, 220a, 220b, 221b).

isso é, taxônimos de um hiperônimo imediato comum (Cruse, 1987). Esse caso de taxonímia, especificamente, também pode ser compreendido como uma oposição complementar, na medida em que os elementos da relação “dividem exaustivamente algum domínio conceitual em dois compartimentos mutuamente excludentes”¹⁷⁴.

Como demonstrado, as sucessivas divisões da estrutura ocorrem pela distinção de traços semânticos contrários. Por exemplo, em [θηρευτική τῶν ἀψύχων]:ζωοθηρική (persecutória dos sem alma:predatória dos viventes), as duas classes são divididas pela oposição ‘com alma:sem alma’. No caso de [ποιητική θεία]:[ποιητική ἀνθρώπινη] (poética divina:poética humana), a oposição é formada pela diferença ‘humano:divino’. Entretanto, essa análise seria pouco informativa a respeito dos critérios de bipartição, na medida em que os traços são atribuídos aos termos de maneiras distintas. Isso porque todos os conceitos de τέχνη (arte) expressam algum tipo de atividade e cada traço semântico distintivo é vinculado a apenas uma parte ou elemento do processo. Assim, foi necessário também identificar um outro tipo de traço que represente tal elemento particular da ação, algo que foi chamado no Capítulo 4.1 de ‘traço articulador’. Desse modo, a oposição ‘humano:divino’ no primeiro exemplo ocorreria pela ligação com o traço articulador de ‘agente’, o praticante dessa arte. Por outro lado, ‘com alma:sem alma’ dependeria do traço articulador de ‘paciente’, a presa das formas de caça da segunda oposição. Cabe reiterar que cada oposição varia quanto ao traço articulador ainda que pertençam ao mesmo nível. Por exemplo, as oposições πεζοθηρικών:ἐνυγροθηρικών (predatória dos pedestres:predatória dos úmidos) e βιαστικών:ἀμφισβητητικών (violenta:contestativa) são ambas do nível seis, mas são formadas por traços articuladores diferentes — o de ‘paciente’ e o de ‘instrumento’, respectivamente.

Conforme representado na Figura 13, há apenas uma parte da estrutura conceitual em que não se explicita uma divisão binária: as subcategorias de μισθαρνητική (remunerativa), que se encerram na primeira definição de sofística (Platão, Sofista, 222e-223b). Considera-se que isso tenha ocorrido por desinteresse do próprio autor, haja vista casos como os de [ἀντιλογική περὶ τὰ συμβόλαια] (controvertiva contratual) e [φανταστική δι’ ὀργάνων] (fantástica por instrumento), em que os personagens justificam a falta de uma denominação pela irrelevância do conceito (Platão, Sofista, 225b-225c, 267a-267b).

Ademais, há uma particularidade no campo da ἀγοραστική (mercantil) — a subestrutura que contém as definições 2, 3 e 4 de sofística (σοφιστική). Como demonstrado no Capítulo 4.3, essas definições se distinguem apenas pelo pertencimento a diferentes categorias dos níveis

¹⁷⁴ “The essence of a pair of complementaries is that between them they exhaustively divide some conceptual domain into two mutually exclusive compartments” (Cruse, 1987, p. 198, tradução nossa)

cinco e seis da arte (τέχνη), mas se fundamentam no mesmo conceito. Isso é, em todos esses casos, o sofista é compreendido como um vendedor de ensinamentos (μάθημα) sobre a virtude (ἀρετή), podendo pertencer tanto a καπηλική (varejista) quanto a ἐμπορική (exportadora) e tanto a αὐτοπωλική (autônoma) quanto a [μεταβαλλομένη μεταβλητική] (comutativa comutada)¹⁷⁵. Contudo, esse conceito de sofística (σοφιστική) subentende propriedades das categorias intermediárias: a venda de ensinamentos (μάθημα) e de produtos da alma (ψυχή), que definem μαθηματοπωλική (doutrinária) e ψυχεμπορική (exportadora psíquica) respectivamente¹⁷⁶. Nesse sentido, pode-se afirmar que as categorias dos níveis cinco e seis possuiriam uma convergência conceitual. Portanto, a rigor, a subestrutura conceitual da mercantil, em particular, não seria uma hierarquia (Cruse, 1987, p. 115-118).

Há também uma ramificação da arte construída a partir de διακριτική (separativa). Contudo, o *Sofista* não apresenta indícios textuais suficientes para determinar a relação exata entre os dois conceitos. Embora διακριτική seja introduzida como pertencente a τέχνη (arte)¹⁷⁷, não é possível afirmar rigorosamente a existência de uma relação *imediata*, ou *direta*, entre eles, sobretudo porque isso violaria o padrão binário observado em toda a estrutura. Desse modo, seria mais parcimonioso aceitar a possibilidade de que algum outro conceito intermediaria a relação entre τέχνη e διακριτική. Entretanto, como a escolha dos critérios ou traços articuladores varia em cada bipartição, o nível dos conceitos não é previsível. Portanto, estipular a categoria superordenada da separativa com base apenas no *Sofista* seria também renunciar à própria parcimônia almejada.

Além disso, conforme observado no Capítulo 4.5, διακριτική (separativa) se desdobra em subcategorias de καθαρτική (catártica) que são definidas por conceitos da estrutura de κακία (vileza)¹⁷⁸. A catártica conteria διδασκαλική (didática), que, por sua vez, incluiria ἔλεγχος (élenkhos)¹⁷⁹, conceito que se refere indiretamente ao método socrático de refutação como um caminho para o conhecimento (Vlastos, 1995; Kahn, 2013; Schäfer, 2012). Essa relação entre purificação, conhecimento e filosofia também é demarcada no *Fédon* (64a-68c), em que o filósofo é caracterizado como alguém que realiza a catarse (κάθαρσις) da alma (ψυχή) em relação ao corpo (σῶμα) para buscar a verdade (ἀλήθεια).

O conceito de διακριτική (separativa) seria introduzido no diálogo com o intuito de verificar se o sofista (σοφιστής) poderia ser incluído em alguma forma de ensino ou instrução.

¹⁷⁵ (Platão, *Sofista*, 224e-224c).

¹⁷⁶ (Platão, *Sofista*, 223e-224b).

¹⁷⁷ (Platão, *Sofista*, 226c).

¹⁷⁸ (Platão, *Sofista*, 228b-229a).

¹⁷⁹ (Platão, *Sofista*, 230d-231b).

Os personagens levantam a hipótese de identificar o sofista (*σοφιστής*) especificamente com o exercício de *ἔλεγχος* (*élenkhos*) (Platão, *Sofista*, 230d-231b). Entretanto, pode-se interpretar que tal associação é descartada quando se questiona o conhecimento do sofista (*σοφιστής*) acerca dos assuntos sobre os quais ele debate (Platão, *Sofista*, 223b-223d). Isso porque, após a indagação, o sofista passa a ser entendido como alguém incapaz de transmitir conhecimentos verdadeiros (*ἀλήθεια*), sendo considerado apenas um criador truques (*θαῦμα*) e conjecturas (*δοξαστικός*)¹⁸⁰. Isso intenciona uma distinção rígida entre a figura do sofista e do filósofo, descartando qualquer possibilidade de interseção ou identificação entre os dois.

O referido contraste entre filosofia e sofística é reiterado posteriormente na discussão acerca da dialética (*διαλεκτική*), logo após a definição desse conceito (Platão, *Sofista*, 253b-254b). No contexto aludido, o Estrangeiro afirma que o exercício da dialética seria exclusivo aos filósofos, opondo-os aos sofistas. A conduta do filósofo seria iluminada (*λαμπρός*) e voltada àquilo que-é (“*τοῦ ὄντος*”)¹⁸¹. Em contraste, o sofista seria “aquele que foge em direção à escuridão *daquilo que-não-é*”¹⁸². Convém notar que essa descrição antecipa a tese de que a falsidade (*ψευδής*) consistiria em confundir ‘o que-é’ (*τὸ ὄν*) com ‘o que-não-é’ (*τὸ μὴ ὄν*) (Platão, *Sofista*, 263a-263d). Todavia, esse assunto será particularmente explorado no Capítulo 5.4, cabe agora abordar outros termos pertinentes à filosofia platônica.

Segundo Kahn (2004, p. 60-65), as primeiras ocorrências do adjetivo *διαλεκτικός* no *Corpus platonicum* expressariam o sentido de ‘hábil em diálogos’. Esse uso refletiria o significado da própria base lexical ‘*διαλέγω*’ (dialogar), empregada também na acepção comum durante a primeira fase da escrita platônica¹⁸³. Ambos os lexemas, desde as primeiras obras platônicas, remeteriam à prática filosófica da conversa socrática (Kahn, 2004, p. 72). Entretanto, ainda conforme Kahn (2004, p. 60-65), a partir dos textos da maturidade de Platão, *διαλεκτικός* designaria especificamente o meio para o conhecimento da verdade, sobretudo após o emprego da forma feminina ‘*διαλεκτική*’ no livro VII da *República*. Assim, esse vocábulo não mais denotaria apenas o exercício da conversação *per se*, mas um método inspirado no modelo socrático¹⁸⁴. Vale constatar que natureza dessa mudança semântica por si própria indicaria uma ativação terminológica, haja vista que o significado resultante é pertinente às reflexões de Platão. Outro indício forte da condição de *διαλεκτική* (dialética) como termo é a presença de uma elaboração definitória explícita no *Sofista*:

¹⁸⁰ (Platão, *Sofista*, 223b-223d).

¹⁸¹ (Platão, *Sofista*, 254a).

¹⁸² “*ΞΕΝΟΣ: ὁ μὲν ἀποδιδράσκων εἰς τὴν τοῦ μὴ ὄντος σκοτεινότητα*” (Platão, *Sofista*, tradução e grifo nossos)

¹⁸³ (Kahn, 2004, p. 60-65).

¹⁸⁴ (Kahn, 2004, p. 72).

ESTRANGEIRO: Não diremos que é do entendimento dialético separar (“κατὰ γένη διαιρεῖσθαι”) por gênero, não assumir forma idêntica como diferente, nem diferente sendo idêntico?

TEETETO: Sim, diremos.

ESTRANGEIRO: Portanto, é aquilo capaz de realizar isto: distinguir adequadamente, de cada unidade que jaz à parte, uma ideia (*idéa*) em meio a muitas, estendida (*διατείνω*) em tudo; depois, muitas diferentes entre si sendo contidas (*περιέχω*) por uma de fora; então novamente, uma atada (*συνάπτω*) em uma [única] por muitas inteiras; até mesmo muitas definidas (*ὀρίζω*) em tudo à parte. Isso é entender a dividir (*διακρίνω*) por gênero, à maneira que cada um pode partilhar (*κοινωνέω*) e conforme não [o pode] (Platão, *Sofista*, 253d-253e, tradução nossa)¹⁸⁵.

Embora haja um intenso debate acadêmico sobre a possibilidade de identificar ou não a dialética (*διαλεκτική*) com o processo de divisões binárias (Ackrill, 2001), pode-se observar múltiplos verbos que denotam de divisão e separação (*διαίρω*, *ὀρίζω* e *διακρίνω*) na passagem acima. Esses sentidos também se expressam quando a dialética é discutida em outras obras, como no *Fedro* (265b-266e) e na *República* (5.454a). A título de exemplo, pode-se destacar um sintagma semelhante ao da citação: “κατ’εἶδη διαιρούμενοι” (separando por gênero)¹⁸⁶.

Todavia, a definição de *διαλεκτική* (dialética) do *Sofista* também apresenta um conjunto de verbos que denotam o sentido oposto: o de proximidade ou união (*διατείνω*, *περιέχω*, *συνάπτω* e *κοινωνέω*). A mesma relação de sentido também é estabelecida no *Fedro* (265b-266e), demarcada nitidamente pelo substantivo ‘*συναγωγή*’ (reunião). Desse modo, Platão não parece limitar a dialética apenas às divisões ou às uniões de formas (*εἶδος*), gêneros (*γένος*) e ideias (*idéa*), reconhecendo ambos os procedimentos na extensão do conceito. Assim, entende-se dialética (*διαλεκτική*) de modo alinhado a Kahn (2004, p. 320-321) e Campbell (1867, p. vii-ix), como um exercício filosófico que compreende tanto a divisão (*διαίρεσις*) como a reunião (*συναγωγή*) de formas (*εἶδος*).

Semelhantemente, Reale (2014a, p. 164-166) afirma também que a dialética (*διαλεκτική*) compreenderia um processo ascendente, em que haveria o reconhecimento das ideias mais amplas a partir das sucessivas reuniões (*συναγωγή*) de ideias mais específicas, em direção à “ideia suprema”. Por outro lado, haveria um procedimento descendente, em que se identificaria as divisões (*διαίρεσις*) mais específicas em vista de ideias mais amplas, em direção àquelas que não podem ser subdivididas e assim “estabelecer o lugar que uma ideia dada ocupa na estrutura hierárquica do *mundo ideal*” (Reale, 2014a, p. 165). Entretanto, como se observa

¹⁸⁵ “ΞΕΝΟΣ: τὸ κατὰ γένη διαιρεῖσθαι καὶ μῆτε ταῦτὸν εἶδος ἕτερον ἡγήσασθαι μῆτε ἕτερον ὃν ταῦτὸν μὴ οὐ τῆς διαλεκτικῆς φήσομεν ἐπιστήμης εἶναι; ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί, φήσομεν. ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν ὃ γε τοῦτο δυνατόν δρᾶν μίαν ἰδέαν διὰ πολλῶν, ἐνὸς ἐκάστου κειμένου χωρὶς, πάντῃ διατεταμένην ἱκανῶς διαισθάνεται, καὶ πολλὰς ἐτέρας ἀλλήλων ὑπὸ μιᾶς ἐξωθεν περιεχομένας, καὶ μίαν αὖ δι’ ὅλων πολλῶν ἐν ἐνὶ συνημμένῃ, καὶ πολλὰς χωρὶς πάντῃ διορισμένας: τοῦτο δ’ ἐστίν, ἥ τε κοινωνεῖν ἕκαστα δύναται καὶ ὅπῃ μὴ, διακρίνειν κατὰ γένος ἐπίστασθαι.”

¹⁸⁶ (Platão, *República*, 5.454a).

na estrutura conceitual da arte (*τέχνη*) e em trechos do *Político* (262a-262c, 265a), o objeto da dialética (*διαλεκτική*) não parece ser necessariamente uma ideia (*ιδέα*) enquanto entidade metafísica ou essência do ‘mundo ideal’ platônico, podendo se tratar também de um conceito de existência puramente cognitiva, em certos casos até uma noção provisória. Tampouco se pode dizer que os últimos níveis das estruturas no *Sofista* foram apresentados como ‘conceitos finais’, intransponíveis e incapazes de conter outras ideias — são os ‘últimos’ apenas por encerrarem de alguma forma a discussão sobre um determinado tema estabelecido na obra. Contudo, pode-se consentir com Reale (2014a, p. 166-170) que os procedimentos dialéticos (*διαλεκτική*) de reunião (*συναγωγή*) e divisão (*διαίρεσις*) seriam consequências do pensamento metafísico e protológico de Platão. Isso porque a própria definição de dialética em 253d-253e parece favorecer uma leitura semelhante à de Kahn (2004, p. 320, 2013, p. 164). Desse modo, se depreende que, na perspectiva platônica, toda multiplicidade de seres, corpóreos ou não, seria ontologicamente dependente de unidades incorpóreas e essas, de outras mais abrangentes e simples. Esse assunto será abordado de maneira mais específica no Capítulo 5, em que se tratará também da união entre as formas (*εἶδος*) expressa pelo termo *κοινωνέω* (partilhar).

Assim, pode-se interpretar as divisões (*διαίρεσις*) de *τέχνη* (arte) como uma prática dialética (*διαλεκτική*) que busca compreender a unidade da sofística (*σοφιστική*) a partir de sua multiplicidade. Isso torna-se mais claro ao contrastar as diferentes definições. Abaixo, representam-se de forma sintética as seis definições de sofística com a explicitação dos traços semânticos herdados das categorias superordenadas, sendo cada uma identificada entre parênteses:

- SOFÍSTICA 1: um caçador (*θηρευτική*) de humanos (*ζωοθηρική, πεζοθηρική, ἡμεροθηρική* e *ἀνθρωποθηρία*) que se utiliza do convencimento (*πιθανουργική*) em espaços privados (*ἰδιοθηρευτική*) para receber pagamento (*μισθοαρνητική*) em dinheiro (*νομισματοπωλική*) por meio de conversas sobre a virtude (*δοξοπαιδευτική*) com jovens ricos e célebres. (Platão, *Sofista*, 219d-223b)
- SOFÍSTICA 2, 3 e 4: um comerciante (*ἀγοραστική*) de produtos alheios (*[μεταβαλλομένη μεταβλητική]*) ou próprios (*αὐτοπωλική*), que atua na própria cidade (*καπηλική*) ou em outras (*ἐμπορική*), vendendo ensinamentos (*ψυχεμπορική* e *μαθηματοπωλική*) sobre a virtude. (Platão, *Sofista*, 223c-224e)
- SOFÍSTICA 5: um combatente (*ἀγωνιστική*) cuja arma consiste em discursos (*ἀμφισβητητική*) curtos que são realizados em contextos privados (*ἀντιλογική*), debatendo assuntos como a justiça (*ἐριστική*) com o intuito de lucrar. (Platão, *Sofista*, 225a-226a)

- SOFÍSTICA 6: um humano que produz (*ποιητική* e [*ποιητική ἀνθρώπινη*]) imagens ([*εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη*]) fantásticas (*φανταστική*) com o próprio corpo (*μιμητική*) sobre a virtude (*δοξομιμητική*), atuando de forma dissimulada (*εἰρωνική*) para contradizer o interlocutor. (Platão, Sofista, 265a-268c)

Embora cada definição atribua certas características não repetidas nas demais, todas partem de um mesmo *frame*, na medida em que envolvem representações de uma mesma situação ou esquema que envolve múltiplos participantes em diferentes papéis (Fillmore, 1968, 1982; L’Homme, 2020). Nesse sentido, o *frame* sofístico mínimo seria um processo de convencimento formado por **a)** um agente humano, o sofista; **b)** um paciente humano, o sujeito a ser persuadido; **c)** um instrumento retórico, que seria um discurso, geralmente sobre a justiça ou a virtude; e **d)** um resultado, que seria o lucro obtido pelo sofista. Assim, por mais que cada definição seja uma categoria única na estrutura conceitual, todas são estabelecidas a partir da conceptualização do mesmo processo. Há, portanto, uma espécie de núcleo conceitual comum, uma espécie de situação prototípica¹⁸⁷ que subjaz todas as definições. A multiplicação desse conceito em seis definições seria uma maneira observar como essa situação pode ser localizada em diferentes tipos de práticas humanas. Essa multiplicação, portanto, pode ser compreendida como uma tentativa de esgotar todas as possibilidades de atuação que um sofista (*σοφιστής*) poderia se inserir. Isso reforça a oposição entre sofística e filosofia de maneira radical, criando múltiplas oposições em diferentes âmbitos como a índole, a intenção, o objetivo, o conhecimento, a relação com o público e a natureza das produções discursivas.

Esse esforço sistemático de apartar filosofia e sofística alude diretamente aos conflitos de interesses da população ateniense no Século V. Segundo Romilly (2002, p. 1, p. 57), a princípio, o lexema ‘*σοφιστής*’ (sofista) seria empregado para se referir de maneira ampla a qualquer indivíduo que fosse proeminente em conhecimento ou retórica. Com esse sentido, a expressão seria aplicada inclusive aos poetas e adivinhos, além de filósofos como Sócrates e Platão¹⁸⁸. Entretanto, ainda conforme Romilly (2002, 30-45), essas duas figuras teriam vivido em um contexto hostil aos intelectuais, frequentemente identificados pelo rótulo genérico de ‘*σοφιστής*’ (sofista). Seria apenas a partir de Platão e Aristóteles que *σοφιστής* (sofista) se tornaria um termo depreciativo para se referir a um grupo específico de pessoas: aqueles que se ocupam de discutir retórica com fins práticos e ensiná-la em troca de pagamento (Romilly, 2002, p. 41-45). Cabe ressaltar que seria também a partir dos escritos de Platão que o vocábulo

¹⁸⁷ (Cf. Cruse, 1987, p. 148).

¹⁸⁸ (Romilly, 2002, p. 1).

‘*φιλόσοφος*’ (filósofo) passaria a designar uma outra porção específica de intelectuais gregos (Havelock, 1967, p. 280). Assim, as definições de sofística no *Sofista* se revelam não apenas como uma tentativa de organizar conceitos, mas também como uma ferramenta de distinção social, na medida em que dividem rigidamente dois grupos atribuindo aspectos valorativos antagônicos a cada um: ao filósofo, o entendimento das verdades mais elevadas; ao sofista, apenas o lucro, a persuasão e a dissimulação da própria ignorância.

5 A ESTRUTURA CONCEITUAL DA REALIDADE (*οὐσία*)

5.1 Sobre *εἶμι* e *τὸ ὄν*: o que É ‘Aquilo que-é’?

No Capítulo 4, observou-se como o termo *εἶδος* (forma) é empregado no sentido hipocrático para distinguir categorias logico-naturais¹⁸⁹, mais especificamente a noção de *σοφιστική* (sofística) na estrutura conceitual de *τέχνη* (arte). No trecho 236a-237a, em particular, o sofista passa a ser compreendido como um criador de vislumbres (*φάντασμα*), mas o Estrangeiro eleata nota que essa conclusão conduziria a um novo problema: a natureza da falsidade (*ψεῦδος*). Isso porque afirmar a existência do falso seria uma contradição na filosofia de Parmênides, seu mestre, por presumir que ‘o que-não-é’ (*τὸ μὴ ὄν*) é (*εἶμι*). Em vista desse dilema, o diálogo introduz um novo tópico filosófico. Na passagem 237a-264d, *εἶδος* (forma), bem como *ιδέα* (ideia) e *νοητός* (inteligível), ocorrem para indicar entidades metafísicas da teoria platônica. Esses elementos são delimitados a partir do conceito de *τὸ ὄν* (o que-é) e são situados em uma estrutura conceitual própria, de natureza muito distinta do que foi observado anteriormente. Contudo, cabe ressaltar que a expressão ‘*τὸ ὄν*’ (o que-é) já designaria um conceito específico na filosofia grega desde Parmênides, algo que é diretamente evocado pela representação do Estrangeiro eleata. Portanto, cabe a este capítulo analisar essa nova estrutura conceitual. Nesta seção em particular, haverá uma breve exposição da origem de ‘*τὸ ὄν*’ (o que-é) na filosofia grega para que então seja possível abordar mais especificamente sobre como tal conceito se insere no pensamento platônico.

Como afirmado acima, obra discute mais diretamente o tópico dos inteligíveis a partir do conceito de *τὸ ὄν* (o que-é). Esse sintagma é uma oração relativa formada pelo verbo ‘*εἶμι*’ (ser) no particípio neutro, que toma para si o artigo neutro como sujeito vago — significando ‘aquilo que é’. Quanto às propriedades sintáticas e semânticas do lexema, o verbo em questão possui empregos de natureza variada. Há um uso absoluto, sem complemento, para expressar os sentidos de ‘existir’, ‘ser real’, ‘ser o caso’ e ‘ser verdade’. Todavia, ‘*εἶμι*’ também ocorre associado a um complemento no genitivo, significando ‘ter’ ou ‘haver’. Além disso, pode acompanhar um infinitivo, comportando-se de maneira semelhante ao verbo auxiliar ‘poder’ da língua portuguesa. Entretanto, o emprego mais frequente de *εἶμι* seria como verbo de ligação, traduzido geralmente como ‘ser’, ‘estar’ ou ‘ficar’ a depender do complemento. É importante atentar que esses são apenas alguns exemplos de uso, apresentados de maneira não exaustiva apenas para ilustrar a riqueza combinatória desse verbo¹⁹⁰.

¹⁸⁹ (Cf. Else, 1936).

¹⁹⁰ (Cf. *εἶμι* In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021).

O emprego mais antigo e fundamental de *εἶμι*, segundo Kahn (2009, p. 134), seria ou um sentido locativo amplo de ‘estar presente’, ‘estar disponível’ (*be present, be available*) ou um vital-locativo de ‘viver’, ‘habitar’ (*live, dwell*). Assim, os demais empregos dicionarizados seriam derivados do locativo, conforme explica o autor:

É por isso que o uso absoluto, ‘existencial’, do verbo pode também ser visto como o resultado de apagar o adverbial de lugar nesta construção locativa: Sócrates é [ou está] (em algum lugar). Existência é, como se fosse, um local generalizado ou deixado indeterminado. Um tal sentido locativo-existencial do verbo corresponde à antiga noção da língua grega (atestada de Górgias a Aristóteles), que ‘o que quer que seja, é [ou está] em algum lugar; o que é [ou está] nenhures nada é’ (Kahn, 2009, p. 134, tradução nossa)¹⁹¹.

A relação entre o sentido fundamental e o emprego copulativo de *εἶμι* (ser) pode ser explicada por dados morfológicos, segundo Kahn (2009, p. 135). Seria o único caso de verbo grego que apresenta todas as três características seguintes: **a)** é derivado da raiz indo-europeia **es-*; **b)** preserva o radical durativo; e **c)** não recebe formas do aoristo ou de radicais não-durativos. Essa singularidade evidencia a força de *εἶμι* para expressar estados, de tal modo que o próprio aspecto durativo pode ser entendido como um pressuposto para o tipo de predicação semântica que ocorre na cópula. Por exemplo, em uma oração como ‘Sócrates é filósofo’, expressa-se uma relação durável e estável entre sujeito e predicativo, o que assume a presença do sujeito em algum lugar não importando qual o seja. Ou seja, toda relação estável pressupõe um sujeito que está em alguma parte qualquer da realidade — isso é, grosso modo, que o sujeito exista. É uma das razões pela qual a cópula implica em “existência para um sujeito, afirmação de verdade para a sentença e pertencimento ao predicado” (Kahn, 2009, p. 138-139)¹⁹².

No campo filosófico, em especial, o verbo *εἶμι* (ser), sobretudo na forma *τὸ ὄν*, recebe uma posição de destaque a partir das reflexões de Parmênides (Kahn, 2009). No poema *Sobre a natureza*, Parmênides emprega *τὸ ὄν* (o que-é) para se referir ao elemento compreendido como a própria natureza da realidade e o verdadeiro objeto do conhecimento. Como define Reale:

Os eleatas apresentam uma concepção do ser que poderemos chamar integral e unívoca, na medida em que admitem uma única acepção de ser, ou seja, o ser no sentido absoluto (o puro positivo), que comporta uma acepção igualmente integral e unívoca do não-ser, como absolutamente negativo. Em consequência, todos os atributos que os eleatas reconhecem como próprios do ser não são senão uma explicitação desse caráter absoluto: o ser é dito ingênito, incorruptível, imutável, imóvel, absolutamente igual a si mesmo (I, 111 ss.).¹⁹³

¹⁹¹ “That is why the absolute, ‘existential’ use of the verb can also be seen as the result of zeroing the adverbial of place in this locative construction: Socrates is (somewhere). Existence is, as it were, location generalized or left indeterminate. Such a locative-existential sense of the verb corresponds to the old Greek notion (attested from Gorgias to Aristotle) that ‘whatever is, is somewhere; what is nowhere is nothing’.”

¹⁹² “[...] existence for a subject, truth claim for the sentence, and belonging for the predicate”

¹⁹³ (Ser [ὄν, εἶναι, ens, esse] In: Reale, 2014c).

Essa concepção sobre aquilo *que-é* ($\tau\acute{o} \acute{o}\nu$) se apresenta a partir de dois caminhos descritos por Parmênides. O primeiro se fundamentaria em dois axiomas: **a)** o *que-é* é; e **b)** o *que-não-é* não é (Fragmento 2 *In*: Coxon, 2009). O segundo caminho, por sua vez, seria a inversão do anterior, podendo ser sintetizado nas seguintes declarações: **a)** o *que-é* não é; e **b)** o *que-não-é* é (Fragmentos 2, 6, 7 *In*: Coxon, 2009). Esse caminho é considerado absurdo por Parmênides, pois consistiria em ignorar a oposição inerente aos dois conceitos, na medida em que afirma a equivalência de conceitos essencialmente contraditórios. Com isso, o filósofo afirma que o *que-é* há de *ser* em absoluto (Fragmento 8 *In*: Coxon, 2009), assumindo que seria incoerente atribuir alguma falta de *ser* e presença de *não-ser*. Assim, Parmênides conclui que o *que-é* seria ingênito, imutável e imperecível, já que não poderia surgir do *que-não-é* nem deixar de *ser*. Além disso, seria o único, pois se houvesse outro, o primeiro ‘não *seria*’ em relação ao segundo e vice-versa.

Embora essa discussão possa ser relacionada à ideia de existência, segundo Kahn (2009), o sentido central de *ser* ($\epsilon\iota\mu\acute{\iota}$) nas discussões de Parmênides não seria o existencial, mas sim o verídico-ontológico — ou seja, $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ (o *que-é*) como ‘o *que-é*-factual’ ou ‘o *que-é*-verdadeiro’ e não ‘o *que-existe*’. Isso porque os diferentes sentidos do verbo $\epsilon\iota\mu\acute{\iota}$ (*ser*) em *Sobre a natureza* seriam articulados em função da busca por afirmações verdadeiras. Ou seja, com base em $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ enquanto ‘o *que-é*-verdadeiro’ também se expressaria os demais sentidos como **a)** ‘o *que-está-presente*’, em um sentido espacial amplo; **b)** ‘o *que-é-real*’, em um sentido existencial; **c)** ‘o *que-é*-(algo)’, em um sentido predicativo vago; e **d)** por pressuposição, ‘o *que-é*-cognoscível’. Assim, nos termos da Semântica Contextual, todos os traços possíveis ou esperados nos usos comuns do verbo $\epsilon\iota\mu\acute{\iota}$ — como ‘presença’, ‘duração’, ‘estabilidade’, ‘factualidade’, ‘realidade’, ‘existência’ e ‘predicação’ — seriam ligados ao de ‘verdade’ e promovidos ao grau de necessidade criterial nesse contexto filosófico.

Ademais, o contraste que Parmênides estabelece entre $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ (o *que-é*) e $\tau\acute{o} \mu\eta \acute{o}\nu$ (o *que-não-é*) seria de tal modo que o segundo consistiria na negação de todos os sentidos acumulados pelo primeiro termo, como uma espécie de “puro negativo”¹⁹⁴. A oposição radical entre os dois conceitos leva o filósofo a assumir uma espécie de monismo ontológico, na medida em que o *que-é* ($\tau\acute{o} \acute{o}\nu$) plenamente não poderia receber forma alguma de negação (Kahn, 2009, p. 161). Assim, nada senão o *que-é* ($\tau\acute{o} \acute{o}\nu$) poderia *ser* em qualquer sentido, levando à conclusão de que o *que-é* seria apenas um e único.

¹⁹⁴ (NÃO-SER ($\mu\eta \acute{o}\nu$) *In*: Reale, 2014c)

Desse modo, a representação de um eleata discípulo de Parmênides no *Sofista* estabelece um diálogo explícito com essa doutrina filosófica, sobretudo quando o personagem se propõe a debater o conceito de $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ (o que-é). Isso corrobora a afirmação de Schäfer no verbete:

Em geral: Platão se apresenta como herdeiro dos primórdios da filosofia grega pelo fato de ter vinculado ao “ser” as propriedades, carregadas de valores, ou perfeições: imperecibilidade, imutabilidade, indivisibilidade e universalidade¹⁹⁵.

Com isso, a ativação terminológica da expressão ‘ $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ ’, ou apenas ‘ $\acute{o}\nu$ ’ em certos contextos, pode ser confirmada prontamente em função dessa intertextualidade no domínio filosófico. Entretanto, ainda é necessário observar as particularidades acerca de como $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ (o que-é) é caracterizado na obra platônica.

O conceito de $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ (o que-é) é diretamente debatido a partir do trecho 236e, quando o Estrangeiro nota que a discussão sobre a criação de vislumbres (*φάντασμα*), atribuída ao sofista, levantaria um problema filosófico que sempre lhe causaria aporia (*ἀπορία*): a natureza da falsidade (*ψευδος*). Como afirma o personagem: “Essa explicação ousa assumir que *o que-não-é* (“ $\tau\acute{o} \mu\eta \acute{o}\nu$ ”) é (“ $\acute{\epsilon}\tilde{\iota}\nu\alpha\iota$ ”): pois de outro modo a falsidade não se tornaria [algo] *que-é* (“ $\acute{o}\nu$ ”)”¹⁹⁶. Isso é, afirmar a falsidade (*ψευδος*) de algo seria o mesmo que a atribuir, simultaneamente, $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ (o que-é) e a $\tau\acute{o} \mu\eta \acute{o}\nu$ (o que-não-é). Ou seja, significa dizer que aquilo *é* e ao mesmo tempo *não-é*. Ademais, conforme as explicações anteriores sobre o verbo *εἶμι* (ser), declarar que algo é falso seria também assumir que falsidade é existente, real e verdadeira. Assim, tal tipo de declaração seria contraditória em relação à dicotomia entre a $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$ (o que-é) e $\tau\acute{o} \mu\eta \acute{o}\nu$ (o que-não-é) em Parmênides.

A partir disso, o Estrangeiro começa a elencar outras oporias (*ἀπορία*) que podem ser derivadas do discurso original de Parmênides. Primeiramente, o personagem nota que seria impossível empregar a expressão $\tau\acute{o} \mu\eta \acute{o}\nu$ (o que-não-é) sem atribuir um número gramatical, seja de singular ou plural (Platão, *Sofista*, 237b-239c). Assim, o Estrangeiro percebe a impossibilidade de discutir $\tau\acute{o} \mu\eta \acute{o}\nu$ (o que-não-é) sem recorrer à unidade (*ἕν*), pluralidade (*πληθος*) ou realidade (*οὐσία*). Isso contestaria diretamente a tese de que $\tau\acute{o} \mu\eta \acute{o}\nu$ (o que-não-é) seria inexplicável (*ἄλογος*), indizível (*ἄρρητος*), impronunciável (*ἄφθεγκτος*) e inconcebível (*ἀδιανόητος*)¹⁹⁷. Em seguida, ele discorre sobre o problema de se identificar diretamente $\tau\acute{o} \acute{o}\nu$

¹⁹⁵ (Ser/ente [ousia, on] In: Schäfer, 2012)

¹⁹⁶ “ΞΕΝΟΣ: τετόλμηκεν ὁ λόγος οὗτος ὑποθέσθαι τὸ μὴ ὄν εἶναι: ψευδος γὰρ οὐκ ἂν ἄλλως ἐγίγνετο ὄν.” (Platão, *Sofista*, 237a, tradução nossa)

¹⁹⁷ (Platão, *Sofista*, 239a-239b, 241a)

(o que-é) à verdade, na medida em que uma imagem (*εἰδωλον*) seria *algo que-é* (*τὸ ὄν*), enquanto objeto real e existente, mas não seria ‘a verdadeira coisa’ (*τὸ ἀληθινόν*)¹⁹⁸.

O Estrangeiro também aponta o problema em Parmênides comparar *τὸ ὄν* (o que-é) a uma esfera (*σφαῖρα*), na medida em que essa forma é divisível em partes (*μέρος*), tendo meio (*μέσος*) e extremidade (*ἔσχατος*)¹⁹⁹. Isso porque que, se *τὸ ὄν* (o que-é) não for absolutamente indivisível (*ἀμερής*), também não será “*τὸ ἐν αὐτῷ*” (a própria unidade), tampouco inteiro (*ὅλον*)²⁰⁰. Nesse caso, faltaria (*στέρομαι*) *τὸ ὄν* (o que-é) em si próprio²⁰¹. Assim, segundo o Estrangeiro, não haveria realidade (*οὐσία*) nem geração (*γένεσις*), pois “o que é gerado sempre é gerado inteiro”²⁰².

Diante desses problemas, o Estrangeiro decide voltar sua atenção a dois outros grupos que também discorreriam acerca de *τὸ ὄν* (o que-é) e *τὸ μὴ ὄν* (o que-não-é)²⁰³. O primeiro seria formado por aqueles “que definem corpo (*σῶμα*) idêntico a realidade (*οὐσία*)”²⁰⁴. Em contrapartida, o segundo grupo seria o daqueles que apontam para as formas (*εἶδος*) inteligíveis (*νοητός*) e incorpóreas (*ἀσώματος*) como sendo a verídica (*ἀληθινός*) realidade²⁰⁵. A última doutrina, chamada “amigos das formas”²⁰⁶, claramente se refere à proposta de Platão, ao passo que a primeira pode ser identificada com a escola de Demócrito (Campbell, 1867, p. 122-123). Ademais, o Estrangeiro dedica uma breve provocação aos corporalistas, afirmando que haveriam de admitir que ao menos as virtudes (*ἀρετή*) não seriam visíveis (*όρατός*) nem tangíveis (*άπτός*)²⁰⁷.

Em vista desse debate, o Estrangeiro elabora uma nova definição de *τὸ ὄν* (o que-é):

ESTRANGEIRO: Digo, então, que tudo isto realmente é (“*ὄντως εἶναι*”): qualquer coisa alguma que possua uma potência (*δύναμις*), seja para fazer (*ποιέω*) algo que é por natureza diferente ou para sofrer (*πάσχω*) minimamente pelo mais frívolo, mesmo se apenas por uma única vez. Proponho, portanto, uma definição que define os que-são (“*τὰ ὄντα*”) como algo que não é outra coisa senão potência (*δύναμις*). (Platão, Sofista, 247d-247e, tradução nossa)²⁰⁸

¹⁹⁸ (Platão, Sofista, 239e-240d).

¹⁹⁹ (Platão, Sofista, 244e-245a).

²⁰⁰ (Platão, Sofista, 245a-245d).

²⁰¹ (Platão, Sofista, 245c).

²⁰² “*ΞΕΝΟΣ: τὸ γινόμενον ἀεὶ γέγονεν ὅλον*.” (Platão, Sofista, 245d).

²⁰³ (Platão, Sofista, 245e-246a).

²⁰⁴ “*ΞΕΝΟΣ: [...] ταῦτὸν σῶμα καὶ οὐσίαν ὀρίζομενοι*” (Platão, Sofista, 246b).

²⁰⁵ (Platão, Sofista, 246b).

²⁰⁶ “*ΞΕΝΟΣ: [...] τοὺς τῶν εἰδῶν φίλους*” (Platão, Sofista, 248a).

²⁰⁷ (Platão, Sofista, 246e-247c).

²⁰⁸ “*ΞΕΝΟΣ: λέγω δὴ τὸ καὶ ὅποιαν οὖν τινα κεκτημένον δύναμιν εἶτ' εἰς τὸ ποιεῖν ἕτερον ὅτι οὖν πεφυκὸς εἶτ' εἰς τὸ παθεῖν καὶ μικρότατον ὑπὸ τοῦ φανλοτάτου, κἂν εἰ μόνον εἰς ἅπαξ, πᾶν τοῦτο ὄντως εἶναι: τίθεμαι γὰρ ὅρον ὀρίζειν τὰ ὄντα ὡς ἔστιν οὐκ ἄλλο τι πλὴν δύναμις*.”

Essa definição marca um afastamento evidente em relação à doutrina de Parmênides, pois compreende ‘δύναμις’ (potência, capacidade) enquanto característica fundamental de τὸ ὄν (o que-é), definida na *República* conforme o excerto:

[SÓCRATES] Falemos que potências (δύναμις) sejam algum gênero (γένος) dos que-são (“τῶν ὄντων”), precisamente com os quais nós podemos o que podemos e tudo mais que se possa. Digo, por exemplo, que a visão e a audição têm potência — se apanhas a forma (εἶδος) que eu quero dizer (Platão, *República*, 5.477c, tradução nossa)²⁰⁹.

É possível observar uma aparente circularidade entre os conceitos de τὸ ὄν (o que-é) e δύναμις (potência, capacidade), na medida em que o primeiro é definido pela posse do segundo, enquanto este parece ser considerado um tipo ou classe daquele. Contudo, o problema apenas se apresenta caso o genitivo “τῶν ὄντων” seja compreendido como um partitivo, o que resultaria na tradução “algum gênero *dentre* os que-são”. Em contrapartida, esse sintagma pode ser lido como um possessivo: “algum gênero *dos* (ou *pertencente aos*) que-são”, no sentido de um gênero de coisas presente nos que-são (τὰ ὄντα). Nesse caso, δύναμις (potência, capacidade) pode ser interpretada como uma propriedade ou parte, ao invés de um tipo de objetos singulares incluído na categoria dos que-são (τὰ ὄντα). A interpretação do sintagma como possessivo é, inclusive, mais compatível com o sentido comum de δύναμις enquanto ‘faculdade’ ou ‘capacidade’²¹⁰. Desse modo, tudo que-é (τὸ ὄν) seria identificado pelo seu conjunto de potências (δύναμις) para realizar e sofrer ações. Assim, pode-se compreender δύναμις (potência, capacidade) como um merônimo necessário de τὸ ὄν (o que-é), na medida em que consiste nas partes que o compõem. Merônimos, segundo Cruse (1987, p. 159-165), são lexias que representam uma parte de um todo, cuja representação lexical é chamada de holônimo. Esse tipo de relação é identificado pela normalidade semântica de sentenças como ‘X tem (um) Y’ e ‘Y é parte de X’, tal que X seja o merônimo e Y, o holônimo. Como considera-se o sintagma “τῶν ὄντων” um possessivo, assume-se como normal o sentido de sentenças como ‘o que-é tem uma potência’.

Contudo, como constatado, o processo de encapsulamento semântico de δύναμις (potência, capacidade) por de τὸ ὄν (o que-é) na definição, formando também um par endônimo-exônimo, revela um distanciamento em relação à doutrina de Parmênides, em que essa associação não ocorre. Porém, o sentido original de ‘ser algo, real, existente, verdadeiro e predicável ou atribuível’ se mantém relevante. Isso pode ser observado no seguinte trecho:

²⁰⁹ “[ΣΩΚΡΑΤΗΣ] φήσομεν δυνάμεις εἶναι γένος τι τῶν ὄντων, αἷς δὴ καὶ ἡμεῖς δυνάμεθα ἃ δυνάμεθα καὶ ἄλλο πᾶν ὅτι περ ἂν δύνηται, οἷον λέγω ὄψιν καὶ ἀκοὴν τῶν δυνάμεων εἶναι, εἰ ἄρα μανθάνεις ὃ βούλομαι λέγειν τὸ εἶδος.”

²¹⁰ (Cf. δύναμις In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle et al., 2021).

“Claramente, então, o movimento (*κίνησις*) realmente é (“*ἐστι*”) o *que não é* (“*οὐκ ὄν*”) e o *que-é* (*ὄν*), uma vez que participa (“*μετέχει*”) daquilo que é (*τοῦ ὄντος*)”²¹¹. Nesse excerto, como será tratado mais especificamente no Capítulo 5.3, o Estrangeiro afirma que o movimento *é* por haver entes que se movimentam. Assim, o a reelaboração platônica do conceito de *τὸ ὄν* (o *que-é*) pela presença de *δύναμις* (potência, capacidade) seria uma forma de qualificar essa realidade ou existência de maneira mais específica. Conforme será observado nos próximos subcapítulos, a presença endonímica de *δύναμις* (potência, capacidade) permite demarcar uma nova extensão ao conceito de *τὸ ὄν* (o *que-é*), que passa a abranger uma categoria ampla de elementos, ao invés de se referir sempre a apenas uma única referência possível, como era na proposta de Parmênides.

Ademais, há pelo menos dois empregos diferentes de *τὸ ὄν* (o *que-é*), ambos observáveis no último excerto citado (Platão, Sofista, 256e). O texto sugere a existência de um uso monorreferencial, exclusivamente singular, que expressaria de maneira estrita ‘aquilo *que-é*’ em si, enquanto entidade única, uma espécie de princípio que transmite sua potência àqueles *que-são* (*τὰ ὄντα*)²¹². Esse emprego pode se assemelhar ao de Parmênides, mas é redefinido conforme as bases da perspectiva platônica. Por outro lado, o significado amplo, mais extensivo, de *τὸ ὄν* (o *que-é*) é evidente na própria definição, que inclui uma forma no plural (*τὰ ὄντα*) (Platão, Sofista, 247d-247e, 248c). Nesse caso, o significado de *τὸ ὄν* (o *que-é*) se estende automaticamente a todo elemento ou conceito que apresente as mesmas características — a saber: ter *δύναμις* (potência, capacidade) e ser real, existente, verdadeiro e predicável. Cada um que possuisse essas propriedades estaria criterialmente incluído em *τὸ ὄν* enquanto um ‘participante’, como em “e precisamente o que é movido e o movimento (*κίνησιν*) devem ser admitidos como as *que-são* (*ὄντα*)”²¹³ e “e é (*ἐστι*) por participar (*μετέχειν*) daquilo que é (*τοῦ ὄντος*)”²¹⁴.

Em suma, há aos menos dois conceitos expressos por *τὸ ὄν*, que se distinguem de maneira semelhante à como *lexias* primárias se diferem das secundária em Cruse (1987). Cabe lembrar que ele²¹⁵ define unidade lexical (ou ‘lexia’) como diferentes unidades de sentido vinculadas à mesma unidade de forma, considerando também que um certo sentido se torna operante em uma sentença conforme as possibilidades combinatórias do contexto. Desse modo,

²¹¹ “ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν δὴ σαφῶς ἡ κίνησις ὄντως οὐκ ὄν ἐστι καὶ ὄν, ἐπεὶ περ τοῦ ὄντος μετέχει;” (Platão, Sofista, 256e, tradução nossa)

²¹² (Platão, Sofista, 250a-250e)

²¹³ “ΞΕΝΟΣ: καὶ τὸ κινούμενον δὴ καὶ κίνησιν συγχωρητέον ὡς ὄντα” (Platão, Sofista, 249b, tradução nossa).

²¹⁴ “ΞΕΝΟΣ: ἐστι δέ γε διὰ τὸ μετέχειν τοῦ ὄντος” (Platão, Sofista, 256a, tradução nossa).

²¹⁵ (Cruse, 1987, p. 80)

lexias ‘primárias’ seriam aquelas que requerem mínimas condições para serem selecionadas ou produzidas na sentença (Cruse, 1987, p. 79-80). As ‘secundárias’, por outro lado, seriam as que se manifestam em condições mais específicas, contextos mais restritos. Todavia, os termos ‘*lexia* primária’ e ‘*lexia* secundária’ foram cunhados para reflexões sobre o léxico da língua como um todo. Desse modo, quando uma *lexia* é classificada como primária, parte-se de um contraste com outras *lexias* que não necessariamente pertencem a uma forma de comunicação especializada. Ou seja, distancia-se do escopo de trabalho terminológico. Portanto, empregar os termos ‘*lexia* primária’ e ‘*lexia* secundária’ para descrever fenômenos estritamente terminológicos pode gerar imprecisões comunicativas. Contudo, tal distinção conceitual é oportuna nesta pesquisa. Logo, caberá designar ‘conceito primário’ e ‘conceito secundário’ as variantes conceituais que se diferenciem de maneira análoga às *lexias* primárias e secundárias, mas considerando apenas as unidades de sentido propriamente terminológicas — isso é, que possuem um valor representacional em uma dada comunicação especializada.

- a) CONCEITO SECUNDÁRIO: τὸ ὅν (o que-é), um conceito estrito e monorreferencial, que indica apenas uma forma (εἶδος) enquanto objeto singular, mais especificamente o princípio ontológico da possibilidade de portar uma potência e ser real, existente, verdadeiro, cognoscível, predicável ou atribuível;
- b) CONCEITO PRIMÁRIO: τὸ ὅν/τὰ ὄντα (o que-é/os que-são), um conceito lato, extensível a qualquer objeto singular que possua uma potência — sendo também real, existente, verdadeiro, cognoscível, predicável ou atribuível —, mas que necessariamente possui uma relação de partilha com o conceito anterior.

Quanto à sintaxe do verbo εἶμι (ser) em Platão, Brown (1999) salienta a proximidade semântica entre o uso sintaticamente ‘completo’ ou absoluto (intransitivo, de sentido existencial) e o ‘incompleto’ (copulativo). Ela aponta para sentenças como “τιθέντες τι τῶν ὄντων ψυχῇν;”²¹⁶, em que construções do tipo ‘τὸ ὅν τι’ (o que-é algo) são empregadas de forma intercambiável com o simples ‘τὸ ὅν’. Assim, Brown (1999) argumenta que a ausência de um complemento no verbo εἶμι (ser) não demarcaria um emprego distinto, chamado de ‘existencial’, pelo contrário, seria uma estratégia para expressar o mesmo sentido de uma maneira mais ampla, com o intuito de comunicar a própria possibilidade de predicação. Logo, ela interpreta que Platão faz uso do verbo εἶμι (ser) não apenas como uma forma de construir predicados, mas como um signo da própria predicação, do ato de se atribuir algo a um

²¹⁶ (Platão, Sofista, 248e).

determinado ente²¹⁷. Portanto, segundo Brown (1999, p. 447) os dois tipos de oração — ‘X é’ e ‘X é Y’ — estariam vinculados por acarretamento. Isso é, ‘X é Y’ acarreta ‘X é (algo)’ ou, simplesmente, ‘X é’. Assim, sentenças do tipo ‘X é’ expressariam a possibilidade de ‘X ser algo’. Kahn (2009, p. 112-115) expande essa conclusão afirmando que também haveria um sentido implícito de existência nesse tipo de construção, na medida em que as afirmações ‘X é (algo)’ e ‘X é Y’ também acarretariam a proposição ‘X existe’. Desse modo, ela afirma que todas as orações existenciais do verbo εἶμι (ser) seriam potencialmente predicativas e que a cópula seria implicitamente existencial.

Toda essa semântica de τὸ ὄν (o que-é) se expressa também em outras flexões do verbo εἶμι (ser) e com o substantivo derivado οὐσία (essência, entidade, realidade). Esse, em particular, é um vocábulo formado pela adição do sufixo derivacional feminino -ία ao particípio de εἶμι (ser), mais particularmente o radical alomórfico feminino οὐσ-, em concordância com o gênero do sufixo. Esse sufixo seria empregado para denotar a ideia de qualidade ou propriedade, formando substantivos abstratos a partir de adjetivos ou outros substantivos (Boas *et al.*, 2017, p. 264; Ragon, 2011, p. 162). Segundo Kahn (2009, p. 9), o termo οὐσία seria útil para denotar a natureza ou da quiddidade de um determinado objeto em debate. Ele ainda afirma que o verbo e seu derivado expressariam o mesmo sentido:

Em ambos o *Sofista* e a *República*, então, podemos dizer que Platão tinha apenas um conceito de Ser, expresso por *einai*, *ousia* e *on*, um conceito que cobrirá as noções de existência, predicação, identidade, verdade e talvez mais (Kahn, 2009, p. 115, grifo do autor, tradução nossa)²¹⁸.

Entretanto, esse excerto não afetaria a posição defendida anteriormente de que haveria dois conceitos na expressão τὸ ὄν (o que-é), pois, no trecho acima, o autor se refere ao sentido básico que se expressa em ambos, não à extensão de cada uso. A demarcação entre o conceito primário e o secundário de τὸ ὄν (o que-é), conforme estabelecido neste Subcapítulo, apenas delimita duas extensões distintas do termo, mas reconhece que ambas são condicionadas pelo mesmo significado básico observado por Kahn. Isso porque o conceito secundário acumularia os mesmos sentidos do primário, diferindo apenas quanto a referência.

Dados esses esclarecimentos, cabe retomar a discussão sobre como o conceito de τὸ ὄν (o que-é) se expressa em outras formas. Brown (1999, p. 469), assim como Kahn (2009, p. 115), defende que οὐσία (realidade) e εἶμι (ser) seriam vocábulos de sentido intercambiável. Isso pode

²¹⁷ (Brown, 1999, p. 469).

²¹⁸ “Both in the *Sophist* and in the *Republic*, then, we can say that Plato has only one concept of Being, expressed by *einai*, *ousia*, and *on*, a concept that will cover the notions of existence, predication, identity, truth, and perhaps more.”

ser observado no trecho 248c, em que a expressão “ὅρον που τῶν ὄντων”²¹⁹ (em algum grau uma definição dos que são) é empregada para retomar o sintagma “οὐσίας περί” (sobre realidade). No *Teeteto*, encontra-se também a expressão “οὐσίαν λέγεις καὶ τὸ μὴ εἶναι [...]” em uma coordenação de pares de opostos: “Falas de realidade e do não ser, de semelhante e dessemelhantes, do idêntico e do diferente, [...]”²²⁰. Ademais, no *Sofista* (251e-252a), a partilha em τὸ ὄν (o que-é) é tratada como equivalente à partilha em οὐσία. Importante ressaltar também que esse vínculo direto entre verbo e substantivo derivado seria previsto por Cabré (1999, p. 139), que compreende todo termo verbal como aparentado a um nominal.

Além disso, ambos τὸ ὄν (o que-é) e οὐσία (realidade) são empregados em oposição a γένεσις (geração). Nesse contraste, os dois primeiros são caracterizados por conservar perpetuamente a própria identidade, sendo sempre os mesmos. Em contrapartida, a geração estaria a cada momento em uma nova alteridade para consigo mesma, sendo sempre diferente de si e de seu estado anterior (Platão, *Sofista*, 248a). Assim, trata-se de uma oposição entre permanência e mudança. Convém lembrar que essa relação é estabelecida após o contexto em que o Estrangeiro introduz a doutrina dos ‘amigos das formas’ (Platão, *Sofista*, 246a-246c). Nela, combate-se a perspectiva de que o corpo seria a única realidade e, em contrapartida, defende-se que a ‘real realidade’ (ὄντως οὐσία) seria um conjunto de formas (εἶδος) inteligíveis (νοητός) e incorpóreas (ἀσώματος). Desse modo, há uma espécie de paralelo entre o contraste de doutrinas filosóficas e o dos termos:

ESTRANGEIRO: Dizeis que em algum grau discernistes a realidade (οὐσία) e geração (γένεσις) à parte? Certo?

TEETETO: Sim.

ESTRANGEIRO: E que nós, com um corpo (σῶμα), partilhamos da geração (γένεσις) por meio da sensação (αἴσθησις); e com uma alma (ψυχή), por meio de raciocínio (λογισμός), da real realidade (ὄντως οὐσία), que dizeis sempre permanecer igualmente conforme os idênticos, mas a geração (γένεσις), variavelmente variada (Platão, *Sofista*, 248a, tradução nossa)²²¹.

Todavia, pode-se observar na passagem que o corpo *partilharia* da geração (γένεσις). Isso implica que corpo enquanto paciente possua alguma potência e que, portanto, pertença à categoria ampla de τὸ ὄν (o que-é). Desse modo, supõe-se que a definição de τὸ ὄν (o que-é) também possa ser aplicada à própria geração. Nessa hipótese, a geração estaria relacionada a τὸ ὄν e a οὐσία (realidade) por inclusão, não por oposição. Essa possibilidade é reforçada pelo

²¹⁹ “em algum grau uma definição dos que-são” (Platão, *Sofista*, 248c, tradução nossa).

²²⁰ “ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: οὐσίαν λέγεις καὶ τὸ μὴ εἶναι, καὶ ὁμοιότητα καὶ ἀνομοιότητα, καὶ τὸ ταυτόν τε καὶ τὸ ἕτερον, ἐπὶ δὲ ἓν τε καὶ τὸν ἄλλον ἀριθμὸν περὶ αὐτῶν” (Platão, *Teeteto*, 185c-185d, tradução nossa).

²²¹ “ΞΕΝΟΣ: γένεσιν, τὴν δὲ οὐσίαν χωρὶς που διελόμενοι λέγετε; ἢ γάρ; ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί. ΞΕΝΟΣ: καὶ σῶματι μὲν ἡμᾶς γενέσκει δι’ αἰσθήσεως κοινωνεῖν, διὰ λογισμοῦ δὲ ψυχῇ πρὸς τὴν ὄντως οὐσίαν, ἣν ἀεὶ κατὰ ταῦτα ὡσαύτως ἔχειν φατέ, γένεσιν δὲ ἄλλοτε ἄλλως.”

emprego de *οὐσία* em 219b, na definição da poética (*ποιητική*): “ESTRANGEIRO: Quando alguém conduz à realidade²²² (*οὐσία*) tudo aquilo que, sendo posterior, não [havia] anteriormente [...]”²²³. Reitera-se que tal definição é construída em vista de conceitos como a agricultura (*γεωργία*), a mimética (*μιμητική*) e o “cuidado sobre todo corpo mortal”²²⁴, não de algo incorpóreo (*ἀσώματος*).

Porém, é necessário observar a expressão “*ὄντως οὐσία*” (real realidade) (Platão, Sofista, 248a). O advérbio ‘*ὄντως*’ também é derivado do verbo *εἰμί* (ser), formando um sintagma tautológico²²⁵. Contudo, é justamente essa redundância semântica que resolveria o dilema acima, na medida em que pode ser lida como uma tentativa de expressar um sentido mais estrito, uma realidade por excelência. Essa distinção permite também admitir mais facilmente o pertencimento de certos elementos e categorias na realidade. Logo, pode-se acatar que o corpo (*σῶμα*) e a geração (*γένεσις*) pertenceriam à realidade apenas por extensão. Porém, devido à forte oposição com ‘*ὄντως οὐσία*’ em 248a, seria necessário também constatar que o corpo e a geração seriam exemplos periféricos, que pouco representam o conceito de realidade. Por fim, o emprego de *οὐσία* na definição de poética não parece ser ativado terminologicamente, pois apresenta um sentido vago e comum de existência que se aproxima mais da ideia de geração (*γένεσις*) do que de *τὸ ὄν* e *οὐσία*.

Embora a sinonímia cognitiva se mantenha entre *τὸ ὄν* e *οὐσία*, o contexto do sintagma ‘*ὄντως οὐσία*’ pode levantar a hipótese de que haja uma preferência pela forma *οὐσία* (realidade) quando o texto se refere especificamente às formas inteligíveis e incorpóreas de *τὸ ὄν* (o que-é) primário. Como afirma Campbell (1867, p. 118), o emprego de *οὐσία* (realidade) “indica que estamos entrando em uma nova e mais abstrata fase da filosofia”²²⁶.

Cabe ainda examinar qualitativamente o tipo de oposição semântica entre *γένεσις* (geração) e o par *οὐσία*: [*τὸ ὄν*] (realidade: o que-é). Torna-se relevante, neste ponto, explicitar que no *Filebo* (54a-54d) *οὐσία* (realidade) é compreendida como um princípio ou causa de *γένεσις* (geração), conforme o excerto: “SÓCRATES: Portanto, se realmente o prazer é uma geração, por necessidade seria gerado em razão de alguma realidade”²²⁷ (Platão, *Filebo*, 54c, tradução nossa). Nesse sentido, todo elemento compreendido em *γένεσις* (geração) manteria

²²² A maneira como o substantivo *οὐσία* é empregado nesse trecho, contrastante a uma noção de ‘*ὄντως οὐσία*’, impossibilita uma tradução consistente do termo por ‘essência’ ou ‘entidade’. No intuito de captar essa abrangência, opta-se por ‘realidade’, assim como Harduin (2024).

²²³ “*ΞΕΝΟΣ: πᾶν ὅπερ ἂν μὴ πρότερόν τις ὄν ὕστερον εἰς οὐσίαν ἄγῃ [...]*” (Platão, Sofista, 219b).

²²⁴ “*ΞΕΝΟΣ: [...] περὶ τὸ θνητὸν πᾶν σῶμα θεραπεία [...]*” (Platão, Sofista, 219a, tradução nossa).

²²⁵ (Cf. Boas *et al.*, 2017, p. 83-84).

²²⁶ “*This change of terminology [(“περὶ τῆς οὐσίας” ao invés de “τοῦ ὄντος” em 246a)] indicates that we are entering on a new and more abstract phase of philosophy.*”

²²⁷ “*ΣΩΚΡΑΤΗΣ: οὐκοῦν ἡδονὴ γε, εἴπερ γένεσις ἐστίν, ἐνεκά τινος οὐσίας ἐξ ἀνάγκης γίγνται ἄν.*”

uma conexão, mesmo que possivelmente indireta, com alguma forma de *οὐσία*-[τὸ ὄν] (o que-é; realidade).

5.2 Sobre o Partilhar (*κοινωνέω*): a relação entre as Formas (*εἶδος*) da ‘Real Realidade’ (*ὄντως οὐσία*)

Neste capítulo, foi iniciada a identificação dos termos utilizados no debate metafísico do *Sofista*. Até então, a análise se voltou mais particularmente ao conceito fundamental desse assunto, designado pelo verbo *εἶμι* (ser), mais frequentemente empregado no particípio neutro ‘*τὸ ὄν*’ (o que-é), e representado também pelo substantivo derivado ‘*οὐσία*’ (realidade). No subcapítulo anterior, houve breves menções aos conceitos de ‘*κοινωνέω*’ (partilhar) e ‘*μετέχω*’ (participar), que são utilizados na obra para descrever as relações de *τὸ ὄν* (o que-é) com outros elementos. Agora, cabe observar como Platão emprega esses termos para estabelecer novas relações em seu sistema teórico.

No excerto comentado há poucas páginas (Platão, *Sofista*, 248a), pode-se observar a presença do vocábulo *κοινωνέω* (partilhar), que expressa um tipo de relação específico no campo conceitual de *οὐσία* (realidade). Esse verbo é derivado do adjetivo *κοινός*²²⁸, que pode ser traduzido como ‘comum’ ou ‘compartilhado’²²⁹. *Κοινωνέω* (partilhar) conserva o sentido do radical, mas o expande de diferentes maneiras de acordo com o caso do complemento. Com genitivo, pode significar ‘participar de algo’, ‘tomar parte em algo’, ‘ter algo em comum’, ‘dar parte de algo’, ‘ser parceiro em algo’, ‘comunicar algo’. Por outro lado, com dativo, pode ser traduzido como ‘comunicar a alguém’, ‘associar-se com alguém’, ‘tomar parte com alguém’²³⁰.

Segundo Ackrill (1957, p. 5-6), Platão empregaria o verbo *κοινωνέω* (partilhar), bem como seus compósitos e derivados²³¹, com genitivo para expressar uma relação assimétrica em que um conceito é encapsulado por outro, como no trecho 250b: “em relação à partilha da realidade”²³². Por outro lado, ainda de acordo com o autor, os três verbos de mesmo radical (*κοινωνέω*, *προσκοινωνέω*, *ἐπικοινωνέω*) teriam complemento no dativo para indicar relações simétricas. Todavia, esse emprego geralmente ocorre em sentenças vagas ou generalistas, como em “que é possível compartilhar umas às outras”²³³. Ademais, a única outra ocorrência do verbo *κοινωνέω* (partilhar) com dativo também possui o pronome recíproco *ἀλλήλων* (uns aos outros) no plural como complemento²³⁴. Já o derivado *προσκοινωνέω* (repartir), que só possui uma

²²⁸ (Cf. *κοινός* In: Beekes, 2010).

²²⁹ (Cf. *κοινός* In: LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021).

²³⁰ (Cf. *κοινωνέω* In: DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021)

²³¹ A título de exemplo: *προσκοινωνέω* (repartir), *ἐπικοινωνέω* (compartilhar) e *κοινωνία* (partilha).

²³² “ΞΕΝΟΣ: [...] πρὸς τὴν τῆς οὐσίας κοινωνίαν;” (Platão, *Sofista*, 250b).

²³³ “ΞΕΝΟΣ: [...] ὡς δυνατόν ἐπικοινωνεῖν ἀλλήλοις;” (Platão, *Sofista*, 251d).

²³⁴ (Platão, *Sofista*, 254b).

ocorrência no *corpus*, é empregado com *οὐσία* (realidade) no genitivo²³⁵. Porém, *ἐπικοινωνέω* (compartilhar), que também ocorre uma única vez, possui como complemento o pronome *ἀλλήλων* no dativo plural²³⁶. O substantivo derivado desse último verbo, *ἐπικοινωνία* (compartilhamento), outro hápax no *corpus*, forma uma perífrase verbal também acompanhada de *ἀλλήλων* no dativo plural: “E então? Consentiremos que todas as coisas possuem uma potência de compartilhamento *entre si*?”²³⁷. Assim, tal emprego do pronome recíproco parece demonstrar que o dativo, junto aos correlatos de *κοινωνέω* (partilhar), seria uma maneira de expressar a possibilidade de relação ou conexão entre conceitos de maneira vaga, como também afirma Ackrill (1957).

Esse tipo de relação chamado de ‘partilhar’ (*κοινωνέω*) é definido como “ESTRANGEIRO: uma afetação (*πάθημα*) ou atuação (*ποίημα*) — de alguma potência (*δύναμις*) — que surge das coisas que se combinam entre si (*ἀλλήλων*).” (Platão, *Sofista*, 248b, tradução nossa)²³⁸. Desse modo, o conceito de partilha pressupõe *τὸ ὄν* (o que-é), na medida em que prescinde uma potência (*δύναμις*)²³⁹.

Ainda que a definição de partilhar (*κοινωνέω*) indique uma reciprocidade, há diversos casos que demonstram uma direcionalidade assimétrica na ação, assim como defendia Ackrill (1957). Há o exemplo de *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso), que partilham (*κοινωνέω*) de *τὸ ὄν* (o que-é) por *serem*, embora o último não partilhe dos dois primeiros, por “nem repousar nem se mover”²⁴⁰. Assim, *κοινωνέω* seria um termo amplos, que contém também as situações unidirecionais — aquelas com apenas um lado responsável pela atuação (*ποίημα*), enquanto o outro seria o paciente da afetação (*πάθημα*). Dessa maneira, o emprego do pronome recíproco na definição parece indicar apenas que ambas as partes devem estar envolvidas no processo, não que o tipo de envolvimento seja o mesmo. Isso é, o pronome não indicaria que as duas partes seriam simultaneamente passivas e ativas uma em relação à outra, mas apenas que ambas são necessárias no processo. É nesse sentido que a forma (*εἶδος*) platônica não se resumiria a conceitos produzidos pela cognição humana, compreendendo também entidades com existência própria, que possuem algum tipo de agência uma sobre a outra, ainda que incorpóreas e inteligíveis.

²³⁵ (Platão, *Sofista*, 252a).

²³⁶ (Platão, *Sofista*, 251d).

²³⁷ “ΞΕΝΟΣ: τί δ’, ἂν πάντα ἀλλήλοις ἐῶμεν δύναμιν ἔχειν ἐπικοινωνίας;” (Platão, *Sofista*, 252d, tradução e grifo nossos).

²³⁸ “ΞΕΝΟΣ: πάθημα ἢ ποίημα ἐκ δυνάμεώς τινος ἀπὸ τῶν πρὸς ἄλληλα συνιόντων γιγνόμενον.”

²³⁹ Conforme abordado no subcapítulo anterior, *δύναμις* é a característica definitiva de *τὸ ὄν* no *Sofista* (247d-247e).

²⁴⁰ “ΞΕΝΟΣ: [...] οὔτε ἔστηκεν οὔτε κινεῖται” (Platão, *Sofista*, 250c, tradução nossa).

Em uma perspectiva semântica, pode-se compreender *κοινωνέω* (partilhar) como uma relação que pressupõe ao menos um par de opostos conversivos. Cruse (1987, p. 231) define essa relação a partir de um paradigma espacial: conversivos seriam um par de entidades em direções opostas do mesmo eixo. O teste para verificá-los seria o seguinte:

Esses podem ser diagnosticados, pelo menos por enquanto, pelo fato de que, quando um membro do par é substituído pelo outro em uma sentença, a nova sentença pode ser tornada logicamente equivalente à original intercambiando dois dos argumentos de constituinte nominal (Cruse, 1987, p. 231, tradução nossa)²⁴¹.

Nesse sentido, em uma sentença como (S1) ‘X está *defronte* a Y’, se o vocábulo ‘defronte’ for substituído por ‘detrás’ em uma (S2) ‘X está *detrás* de Y’ e houver a inversão dos argumentos X e Y em (S3) ‘Y está *detrás* de X’, então a última será logicamente equivalente a primeira. Nesse caso, ‘defronte:detrás’ seria um par de conversivos. Apesar do paradigma dessa relação ser espacial, o teste produz resultados positivos em outros campos semânticos, de modo que o conceito pode ser expandido metaforicamente para outros casos²⁴², como ‘professor:aluno’, ‘anfitrião:hóspede’ e ‘ancestral:descendente’. Nesse sentido, *κοινωνέω* (partilhar) expressaria um eixo semântico no qual se encontra o par conversivos de afetante:afetado, pressupostos como instâncias mínimas da oposição, também conversiva, de atuação:afetação (*ποιήμα:πάθημα*). Por isso, se classificará, para os propósitos desta análise, o elemento partilhado de conversivo ativo e o elemento partilhante de conversivo passivo.

Entretanto, o partilhar (*κοινωνέω*) não pode ser semanticamente esgotado por esse rótulo. O Estrangeiro afirma que o movimento (*κίνησις*) é por participar (*μετέχω*) de *τὸ ὄν* (o que-é) e que é idêntico (*ταυτόν*) por também participar do mesmo (*αὐτός*) (Platão, Sofista, 256a). Contudo, anda é afirmado que “o movimento é idêntico e não idêntico”²⁴³. Esses trechos demonstram a verdadeira relevância do partilhar na estrutura conceitual proposta por Platão. Trata-se do conceito que exprime a transmissão de predicados ou atributos a outros elementos, sobretudo por uma lógica que dependência e necessidade. No caso do movimento, afirma-se que esse conceito participa de *τὸ ὄν* (o que-é) e de *ταυτόν* (idêntico) por ser algo verdadeiro, real e, necessariamente, igual a si mesmo. É a partir dessas propriedades que se conclui a participação do movimento nos outros dois conceitos, como uma relação constante de dependência ontológica — ou codependência, nos casos recíprocos. Ressalta-se também que, como a real realidade (*ὄντως οὐσία*) se manteria sempre igual a si mesma, em oposição à

²⁴¹ These may be diagnosed, for the time being at least, by the fact that when one member of a pair is substituted for the other in a sentence the new sentence can be made logically equivalent to the original one by interchanging two of the noun phrase arguments.

²⁴² (Cruse, 1987, p. 231-233).

²⁴³ “ΞΕΝΟΣ: [...] τὴν κίνησιν δὴ ταυτόν τ’ εἶναι καὶ μὴ ταυτόν” (Platão, Sofista, 256b, tradução nossa).

geração (γένεσις)²⁴⁴, é seguro assumir que as partilhas estabelecidas entre as formas (εἶδος) eternas também o seriam. Nesses casos, em particular, pode-se compreender o partilhar como uma ação de transmissão que não possui começo, meio nem fim, mas perpétua como essas próprias formas (εἶδος).

Há também o uso de outros verbos e substantivos que parecem transmitir o mesmo conceito expresso por *κοινωνέω* (partilhar) ou *κοινωνία* (partilha), como também apontam Baldry (1937) e Kahn (2013). No trecho 256a, por exemplo, afirma-se que o movimento (κίνησις) é por participar (μετέχω) em τὸ ὄν (o que-é) e que é idêntico (τὰυτόν) por também participar do mesmo (αὐτός). Logo em seguida²⁴⁵, o Estrangeiro discute as relações ontológicas do idêntico e do diferente (ἕτερον) pelos substantivos deverbais μέθεξις (participação) e *κοινωνία*, usados de forma intercambiável. Isso porque ‘ser idêntico’ pressupõe a realidade da própria identidade e a possibilidade de transmissão dessa característica, que ocorreria pela relação de *κοινωνία* ou μέθεξις. Em 251e μετέχω (participar) também é empregado para retomar o termo *κοινωνία*, mais especificamente o sintagma perifrástico “ἔχειν κοινωνίας” (ter partilha), no contexto em que se estabelece a relação assimétrica do movimento e do repouso (στάσις) para com a realidade (οὐσία). Posteriormente²⁴⁶, o mesmo verbo é utilizado para afirmar a relação mútua entre o diferente (ἕτερον) e aquilo que-é (τὸ ὄν). Assim, a dupla possibilidade de *κοινωνέω* (partilhar) demarcar uma relação recíproca ou não recíproca também está presente no verbo μετέχω (participar).

Além disso, o uso intercambiável de *κοινωνέω* (partilhar) e μετέχω (participar) ao longo do texto destaca que esses vocábulos conteriam a mesma significação no processo argumentativo, expressando os mesmos tipos de caso, em que as propriedades de um conceito necessariamente seriam transmitidas o outra. Trata-se, portanto, do que Cruse (1987, p. 88) denomina como ‘sinonímia cognitiva’, uma relação lexical em que a substituição de um elemento por outro não afeta o valor de verdade da sentença. Cabe destacar também, que os dois verbos, bem como os substantivos deverbais— *κοινωνία* (partilha) e μέθεξις (participação) —, contêm os mesmos traços semânticos de ‘participar’, ‘tomar parte’ e ‘ser parte de’²⁴⁷. Isso reforça a hipótese de variação designativa entre esses termos. Ademais, o ‘μέθεξις’ parece ser o vocábulo preferencial para designar a entrada desse conceito em dicionários especializados²⁴⁸.

²⁴⁴ (Platão, Sofista, 248a).

²⁴⁵ (Platão, Sofista, 256a-256b).

²⁴⁶ (Platão, Sofista 259a).

²⁴⁷ (Cf. μετέχω, μέθεξις, μεταλαμβάνω In: Beekes, 2010; LSJ, 2025; DDGP, 2022; Diggle *et al.*, 2021).

²⁴⁸ (Participação [Metoiché, methexis] In: Schäfer, 2012; (Metexis [μέθεξις] In: Reale, 2014c).

Outra lexia que possui esses traços semânticos e retoma o conceito de *κοινωνέω* (partilhar) é o verbo *μεταλαμβάνω* (tomar parte). No trecho 256b, uma hipótese de relação entre movimento (*κίνησις*) e repouso (*στάσις*) é marcada por *μεταλαμβάνω*, mas é descartada pela contradição de afirmar que o próprio movimento estaria em repouso. Isso retoma diretamente o conceito de *κοινωνία* (partilha) como uma transmissão de características conceituais. O verbo *μεταλαμβάνω* ocorre também anteriormente quando Platão discute a possibilidade ou não de mistura entre realidades, opondo as orações “impossível tomarem parte (“*μεταλαμβάνειν*”) entre si” e “possível compartilharem (“*ἐπικοινωνεῖν*”) entre si”²⁴⁹. Como destacado anteriormente, *ἐπικοινωνέω* (compartilhar) possui apenas uma ocorrência no *corpus* e se trata de um compósito de *κοινωνέω* (partilhar) com a preposição *ἐπί* (acima de, junto de). A escolha do compósito ao invés do vocábulo base pode ser motivada por um intuito de ressaltar o contexto de combinação simétrica.

Por outro lado, *μεταλαμβάνω* (tomar parte) e *μετέχω* (participar) parecem ser empregados de forma intercambiável na argumentação do diálogo platônico *Parmênides*, sugerindo que o primeiro verbo também possa ocorrer em contextos simétricos. Em 131a, o personagem homônimo pergunta a Sócrates se “o participante participa”²⁵⁰ da forma (*εἶδος*) inteira (*ὅλος*) ou de uma parte (*μέρος*) dela. Nesse excerto, ocorre o hápax ‘*μετάληψις*’, um substantivo derivado de *μεταλαμβάνω*, utilizado para retomar diretamente a expressão tautológica do período anterior. Em seguida, os interlocutores discutem o problema da partilha com o verbo *μετέχω* (participar)²⁵¹, empregando formas como o participio neutro plural ativo “*τὰ μετέχοντα*”²⁵² e o substantivo deverbais ‘*μέθεξις*’ (participação)²⁵³. Desse modo, pode-se pensar em ambos, *μεταλαμβάνω* e *μετέχω*, como variantes designativas de *κοινωνέω* (partilhar), representando tanto relações simétricas ou recíprocas quanto assimétricas ou direcionadas. Uma evidência que reforça essa hipótese é a proximidade semântica e morfológica entre esses vocábulos. Ambos são compósitos formados pela preposição ‘*μετά*’ (com, junto de)²⁵⁴, se diferenciando pelas bases ‘*ἔχω*’ e ‘*λαμβάνω*’, que compartilham os sentidos de ‘segurar’, ‘tomar’ e ‘pegar’²⁵⁵. Ademais, nota-se uma simetria verbo-substantivo entre os pares *μετέχω*-*μέθεξις* e

²⁴⁹ “ΞΕΝΟΣ: [...] ἀδύνατον μεταλαμβάνειν ἀλλήλων [...] δυνατὰ ἐπικοινωνεῖν ἀλλήλοις;” (Platão, *Sofista*, 251d-251e, tradução nossa)

²⁵⁰ “τὸ μεταλαμβάνον μεταλαμβάνει” (Platão, *Parmênides*, 131a)

²⁵¹ (Platão, *Parmênides*, 132c).

²⁵² (Platão, *Parmênides*, 132a, 132e, 133a, 133d).

²⁵³ (Platão, *Parmênides*, 132d).

²⁵⁴ (Cf. Ragon, 2011, p. 164).

²⁵⁵ (Cf. ἔχω, λαμβάνω *In*: LSJ, 2025; DDGP, 2022)

μεταλαμβάνω-μετάληψις, de modo que a troca de um dos verbos por outro não resulta em perdas no paradigma terminológico.

Quanto a outro vocábulo mencionado anteriormente, *προσκοινωνέω* (repartir) ocorre em concordância a *πότερος* (Platão, Sofista, 252a), retomando os conceitos da pergunta anterior: se movimento (*κίνησις*) e repouso (*στάσις*) teriam ou não participação (*μετέχω*) na realidade (*οὐσία*). O verbo *προσκοινωνέω* (repartir) também é um composto, formado por *κοινωνέω* (partilhar) e a preposição *πρός* (diante de, em relação a). Assim, há mais um possível caso de uso intercambiável. Porém, dessa vez, a escolha de um compósito não é clara. A hipótese mais parcimoniosa seria de que essa formação, com *πρός*, ressaltaria a direcionalidade assimétrica em relação ao genitivo ‘*οὐσίας*’ e demove o traço possível de ‘reciprocidade’, na medida em que sua única ocorrência no *corpus* indica uma relação direcional ou assimétrica. Portanto, nesse caso, não se pode afirmar uma sinonímia cognitiva com *κοινωνέω* (partilhar), que abrange outras possibilidades de relação.

Outra lexia que parece evocar o conceito de *κοινωνέω* (partilhar) é *συμμίγνυμι* (juntar), encontrado na paráfrase de uma hipótese previamente discutida (Platão, Sofista, 252e): a de que todas as coisas teriam a potência de compartilhamento (*ἐπικοινωνία*) entre si — “ESTRANGEIRO: E caso permitirmos que todas as coisas tenham um poder de compartilhamento?”²⁵⁶. Posteriormente, *συμμίγνυμι* reaparece em uma sentença sobre a possibilidade de relação entre os gêneros: “ESTRANGEIRO: [...] os gêneros se misturam (*συμμίγνυμι*) entre si (*ἀλλήλων*)”²⁵⁷. Na mesma declaração, se defende uma participação (*μέθεξις*) mútua entre o diferente (*ἕτερον*) e aquilo que-é (*τὸ ὄν*). A partir desses indícios textuais, atesta-se as leituras de Kahn (2013, p. 114) e Ackrill (1957, p. 6), que consideram *συμμίγνυμι* (juntar) como uma das formas de expressar uma participação simétrica. Esse verbo, em específico, pode se tratar de uma variante designativa de *ἐπικοινωνέω*, como uma maneira de expressar um caso de *κοινωνέω* (partilhar) ressaltando a reciprocidade entre as partes.

Entretanto, não há um esforço metalinguístico de Platão em definir de maneira clara as diferenças conceituais entre esses termos. Ademais, vários deles possuem uma frequência baixa: *συμμίγνυμι* (juntar) possui apenas quatro ocorrências, ao passo que *ἐπικοινωνέω* (compartilhar) e *προσκοινωνέω* (repartilhar) possuem apenas uma. Assim, não há indícios textuais suficientes para classificar todos esses termos igualmente como sinônimos cognitivos, tampouco como conceitos independentes. Seria mais adequado rotulá-los como variantes, conceituais ou designativas, de uma mesma unidade ampla. Ela em seu conceito primário, pode

²⁵⁶ “ΞΕΝΟΣ: τί δ’, ἂν πάντα ἀλλήλοις ἐῷμεν δύναμιν ἔχειν ἐπικοινωνίας;” (Platão, Sofista, 252d, tradução nossa).

²⁵⁷ “ΞΕΝΟΣ: [...] συμμείγνυται τε ἀλλήλοις τὰ γένη” (Platão, Sofista, 259a, tradução nossa).

ser representada por *κοινωνέω* (partilhar), abrangendo ambas as possibilidades de relação simétrica e assimétrica. Já as relações estritamente simétrica e assimétrica seriam dois sentidos secundários desse termo. Nesse sentido, vocábulos como *συμμίγνυμι* (juntar), *ἐπικοινωνέω* (compartilhar) e *προσκοινωνέω* (repartilhar) representariam o mesmo conceito de *κοινωνέω* (partilhar), mas modulariam distintamente o traço possível de ‘reciprocidade’ de acordo com os elementos da relação. Cruse (1987, p. 285-289) descreve relações semelhantes a essa como ‘plesionímias’, em que duas lexias difeririam de sentido em um determinado contexto por apenas um traço semântico. Seria o caso de ‘assassinar’ e ‘executar’, em sentenças como ‘um soldado foi assassinado’ e ‘um soldado foi executado’, que se diferem pelos traços ‘crime’ e ‘punição’.

Em síntese, *μεταλαμβάνω* (tomar parte) e *μετέχω* (participar) seriam variantes designativas de *κοινωνέω* (partilhar), na medida em que são sinônimos cognitivos, compartilhando os traços semânticos de ‘reciprocidade’ e ‘direcionalidade’ no mesmo grau de necessidade: o possível. Por outro lado, o par *ἐπικοινωνέω* (compartilhar) e *συμμίγνυμι* (juntar) parece enfatizar o traço ‘recíproco’, ao passo que *προσκοινωνέω* (repartilhar) aparenta excluí-lo. Portanto, esses três últimos termos seriam plesiônimos entre si e em relação ao primeiro trio de variantes terminológicas.

5.3 Sobre o Movimento (*κίνησις*) e o Repouso (*στάσις*)

Conforme observado anteriormente, quando os personagens do *Sofista* se voltam para uma discussão ontológica e metafísica sobre a ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*), é elaborado um segundo grande campo conceitual formado por entes invisíveis, intangíveis e incorpóreos. Essa nova estrutura é construída a partir da reelaboração do conceito que Parmênides designava como *τὸ ὄν* (o que-é). Dois entes fundamentais às reflexões da proposta platônica são *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso), ambos já brevemente mencionados. Esses conceitos também são considerados formas (*εἶδος*) ou gêneros (*γένος*) de *οὐσία* (realidade) (Platão, *Sofista*, 254). Desse modo, cabe a este subcapítulo analisar como a estrutura conceitual é organizada a partir desses dois termos.

A discussão acerca de *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso) se inicia a partir do debate sobre o conceito de *ψυχή* (alma), introduzido no argumento que estabelece a premissa contra as teses corporalistas (Platão, *Sofista*, 246-247). O raciocínio inicial pode ser decomposto nas seguintes proposições: **a)** viventes mortais (*θνητὸν ζῶον*) *são* algo (*εἶναι τι*); **b)** viventes mortais *são* precisamente um corpo com alma (*σῶμα ἔμψυχον*)²⁵⁸; **c)** logo, a alma *é* algo *que-é*²⁵⁹. Ou seja, se os animais mortais *são* algo e se definem especificamente pela presença de alma, então a alma necessariamente também *é* algo. Assim, entende-se que a vida corpórea, por definição, acarrete a presença da alma.

Essa conclusão é utilizada como premissa para construir o argumento central contra a perspectiva corporalista. A partir do entendimento de que a alma (*ψυχή*) *é* algo *que-é* (*τὸ ὄν*), afirma-se que ela pode ser (*εἶναι*) justa (*δίκαιος*) e injusta (*ἀδίκος*) pela presença (*παρουσία*) da justiça (*δικαιοσύνη*)²⁶⁰. Entretanto, assim como as demais virtudes (*ἀρετή*), essas não seriam tangíveis (*ἄπτός*) nem visíveis (*ὁρατός*), mas incorpóreas (*ἄσώματος*) e invisíveis (*ἀόρατος*)²⁶¹. O Estrangeiro se satisfaz com esse argumento, dizendo que seria o bastante para afirmar que ao menos alguns dentre os que-são (*τὰ ὄντα*) seriam incorpóreos (*ἄσώματος*)²⁶².

Posteriormente, são debatidas as possibilidades de caracterizar o conhecimento (*γινώσκω*) como um processo ativo (*ποιήμα*) ou passivo (*πάθος*) (Platão, *Sofista*, 248d-249a). Em particular, é descartada a hipótese de que o objeto cognoscível seria passivo em relação ao sujeito cognoscente. O Estrangeiro explica que se as realidades, naturalmente fixas (*τὸ*

²⁵⁸ Isso é, a soma entre corpo e alma.

²⁵⁹ “ΞΕΝΟΣ: τιθέντες τι τῶν ὄντων ψυχήν;” (Platão, *Sofista*, 246e).

²⁶⁰ (Platão, *Sofista*, 247a-247b).

²⁶¹ (Platão, *Sofista*, 247b-247e).

²⁶² (Platão, *Sofista*, 247c-247d).

ἡρεμοῦν), fossem pacientes de processos quaisquer, logo seriam movidas (κινέω) e alteradas²⁶³. Isso retoma a refutação que o personagem Sócrates elabora contra a tese de Heráclito (Platão, Teeteto, 181b-183d), segundo o qual tudo “se move e flui”²⁶⁴. O personagem argumenta que, se tanto a percepção quanto o objeto percebido estivessem em constante alteração, não seria possível afirmar algo sobre coisa alguma (Platão, Teeteto, 181b-183d). Assim, seria esvaziado completamente o sentido de expressões como ‘X é branco’ (λευκότης)²⁶⁵, ou ainda ‘X é assim’ (οὕτω) e ‘X não é assim’ (οὐχ οὕτω οὕτω)²⁶⁶, ou simplesmente ‘X é’²⁶⁷.

Apesar do termo κίνησις (movimento) ser definido apenas no diálogo anterior, pode-se observar uma clara continuidade conceitual. O movimento (κίνησις), no *Sofista*, também é compreendido de maneira ampla, incluindo não apenas a passagem de um objeto em diferentes pontos no espaço, mas também qualquer forma de mudança. Segundo Ambuel (2013, p. 252), a definição de movimento expressaria uma metáfora espacial, na medida em que o termo seria empregado para denotar tanto uma mudança de lugar quanto uma alteração qualitativa. Apesar dessa hipótese explicar as diferenças entre o uso comum dessa lexia e o emprego platônico, pode-se considerar, de um ponto de vista estritamente terminológico, que a ideia de deslocamento espacial estaria subordinada ao traço semântico de ‘sequencialidade’. Isso porque o movimento é subdividido em ‘alteração’ (ἀλλοίωσις), uma mudança qualitativa que não acarreta a noção de espaço, e ‘deslocamento’ (φορά), que seria, de fato, uma mudança de posição no espaço. Ou seja, pode-se afirmar que ambos possuem ‘sequencialidade’²⁶⁸ enquanto traço semântico criterial ressaltado (Cruse, 1987, p. 16-17, p. 52-53), na medida em que acarretam sucessões de estado (no caso de ἀλλοίωσις, alteração) e de posição (no caso de φορά, deslocamento). Isso pode ser observado diretamente na definição proposta no Teeteto:

SÓCRATES: [...] E diga-me, chamas ‘mover-se’ quando algo muda de lugar para lugar, ou também gira entorno de si próprio?

TEODORO: Eu próprio [o chamo].

SÓCRATES: Então, que isso seja uma única forma. Quando em si própria envelhecer e for ou de branco para preto, ou de brando para duro — ou alguma outra alteração alterar-se —, será que não [seria] merecido dizer que [é] outra forma de movimento?

TEODORO: A mim mesmo parece necessário, de fato.

²⁶³ (Platão, *Sofista*, 248d-249a)

²⁶⁴ “κινεῖται καὶ ῥεῖ”.

²⁶⁵ (Platão, *Teeteto*, 182d).

²⁶⁶ (Platão, *Teeteto*, 183a-183b).

²⁶⁷ (Platão, *Teeteto*, 183a).

²⁶⁸ Optou-se por ‘espaço e sequencialidade’, ao invés de ‘espaço e tempo’, para evitar correspondências diretas com o conceito filosófico de tempo (χρόνος) em Platão, o que acarretaria problemas de distinção entre conceitos operacionais e conceitos enquanto objeto de análise. Ademais, o tempo (χρόνος), em Platão, é compreendido como uma propriedade da realidade sensível, resultante do movimento, mas não o movimento em si (Platão, *Timeu*, 37d-38b), o que tornaria o embaraço terminológico ainda mais problemático.

SÓCRATES: Falo, evidentemente, destas duas formas de movimento: alteração (ἀλλοίωσις) e deslocamento (φορά) (Platão, Teeteto, 181c-181d, tradução nossa)²⁶⁹.

Ainda sobre a hipótese de o conhecimento ser um processo ativo ou passivo (Platão, Sofista, 248d-249a), os endônimos *ποίημα* (atividade) e *πάθημα* (afetação), presentes na definição de *τὸ ὄν* (o que-é) e *κοινωνέω* (partilhar), são retomados para discutir a forma de partilha operada em *γινώσκω* (conhecer). Entretanto, isso é feito a partir de lexias que retomam a oposição entre os traços semânticos ‘ativo’ e ‘passivo’, um fenômeno semelhante ao conceito greimasiano de isotopia²⁷⁰. Trata-se, mais especificamente, de lexias etimologicamente relacionados a *ποίημα* (atividade) e *πάθημα* (afetação): os verbos *ποιέω* (fazer) e *πάσχω* (sofrer) no infinitivo²⁷¹, além do substantivo *πάθος* (afeto), que também é empregado em oposição a *ποίημα*²⁷². Assim, considerando as hipóteses descartadas, é estabelecida uma relação de acarretamento entre os traços ‘fazer’ ou ‘agir’ e ‘mover’ em paralelo com ‘sofrer alteração’ e ‘ser movido’. Isso é, para Platão, realizar uma atividade seria gerar movimento, ao passo que ser paciente de uma ação seria receber ou sofrer esse movimento de outrem.

Após essa correlação entre movimento (*κίνησις*) e atividade, se introduz o vínculo do movimento e do intelecto (*νοῦς*) com a vida (*ζωή*), a alma (*ψυχή*) e o julgamento (*φρόνησις*)²⁷³. É em função dos quatro últimos conceitos, assumidos como entes reais, que o movimento é afirmado como algo que-é (*τὸ ὄν*). Com isso, Platão apresenta as primeiras razões pelas quais *τὸ ὄν* (o que-é), ao menos no sentido amplo, não seria um único ente como na doutrina de Parmênides, mas múltiplo:

ESTRANGEIRO: Será que nos convenceremos facilmente que movimento, vida, alma e julgamento não estão verdadeiramente presentes (*παρεῖναι*) *no que-é em absoluto* (*τῷ παντελῶς ὄντι*)? Que nem vive nem julga, mas [é] venerável e consagrado não tendo intelecto? Que [o que-é] é firmado imóvel? (Platão, Sofista, 248e-249a)²⁷⁴

²⁶⁹ “ΣΩΚΡΑΤΗΣ: καὶ μοι λέγε: ἄρα κινεῖσθαι καλεῖς ὅταν τι χώραν ἐκ χώρας μεταβάλλῃ ἢ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ στρέφεται; ΘΕΟΛΩΠΟΣ: ἔγωγε. ΣΩΚΡΑΤΗΣ: τοῦτο μὲν τοίνυν ἐν ἔστω εἶδος. ὅταν δὲ ἢ μὲν ἐν τῷ αὐτῷ, γηράσκη δέ, ἢ μέλαν ἐκ λευκοῦ ἢ σκληρὸν ἐκ μαλακοῦ γίγνηται, ἢ τινα ἄλλην ἀλλοίωσιν ἀλλοιῶται, ἄρα οὐκ ἄξιον ἕτερον εἶδος φάναι κινήσεως; ΘΕΟΛΩΠΟΣ: ἔμοιγε δοκεῖ ἀναγκαῖον μὲν οὖν. ΣΩΚΡΑΤΗΣ: δύο δὴ λέγω τούτῳ εἶδει κινήσεως, ἀλλοίωσιν, τὴν δὲ φράν.”

²⁷⁰ Aqui, há um empréstimo do conceito de isotopia da semântica greimasiana (Greimas, 1976), mas ainda sob uma ótica da semântica contextual. Assim, não se trata aqui de uma recorrência de *semas* do viés estruturalista, mas de uma recorrência de *traços semânticos* enquanto sentidos compartilhados no uso de diferentes lexias.

²⁷¹ (Platão, Sofista, 248c).

²⁷² (Platão, Sofista, 248d).

²⁷³ (Platão, Sofista, 248e-249a).

²⁷⁴ “ΞΕΝΟΣ: τί δὲ πρὸς Διός; ὥς ἀληθῶς κίνησιν καὶ ζῶην καὶ ψυχὴν καὶ φρόνησιν ἢ ῥαδίως πεισθισόμεθα τῷ παντελῶς ὄντι μὴ παρεῖναι, μηδὲ ζῆν αὐτὸ μηδὲ φρονεῖν, ἀλλὰ σεμνὸν καὶ ἅγιον, νοῦν οὐκ ἔχον, ἀκίνητον ἐστὸς εἶναι.”

Assim, o Estrangeiro testa a hipótese de não haver movimento (*κίνησις*) algum no ato de conhecer. Ele conclui então que nesse caso os demais conceitos não poderiam estar presentes em *τὸ ὄν* (o que-é). Entretanto, essa afirmação é considerada absurda, pois seria privar o ser (*εἶμι*) das possibilidades de ter intelecto (*νοῦς*) e de viver (*ζῶω*) e julgar (*φρονέω*)²⁷⁵. Isso porque se *τὸ ὄν* é definido pela potência de fazer ou sofrer, seria contraditório que vida, alma e julgamento lhe fossem estranhas enquanto processos assumidos como reais — independentemente de serem passivos ou ativos.

Desse modo, a condição do movimento (*κίνησις*) enquanto participante de *τὸ ὄν* (o que-é) é decidida em função da transitividade semântica²⁷⁶ dos termos relacionados. Ou seja, se vida (*ζωή*), alma (*ψυχή*) e julgamento (*φρόνησις*) forem conceitos que-são (*τὰ ὄντα*), mas uma condição mínima para os três for o movimento, então esse também será algo que-é (*τὸ ὄν*). O inverso não seria possível, pois movimento não é uma condição de *τὸ ὄν* (o que-é), na medida em que o segundo termo inclui também o oposto do primeiro: o repouso (*στάσις*) (Platão, *Sofista*, 250). Assim, pode-se afirmar que vida (*ζωή*), alma (*ψυχή*) e julgamento (*φρόνησις*) participam (*κοινωνέω*) *daquilo que é* (*τὸ ὄν*) por meio de *κίνησις* (movimento).

A relação entre movimento (*κίνησις*) e alma (*ψυχή*) é consistente no *Corpus platonicum*. No *Fedro* (245a-245e), o personagem de Sócrates apresenta o conceito de alma como princípio (*ἀρχή*) do movimento, dotada também de afeto (*πάθος*) e ação (*ἔργον*). Enquanto princípio, a alma (*ψυχή*) não poderia ser movida por outra coisa, o que a caracteriza como algo que move a si mesmo²⁷⁷, estando sempre em movimento (*ἀεικίνητος*). Assim, afirma-se que quem move a si mesmo é imortal e ingênito (*ἀγέννητος*), ao passo que os outros casos estariam sujeitos a interrupção e, portanto, à cessação da vida²⁷⁸. No *Fédon* (105c-105e) a alma também é qualificada como imortal por transmitir vida ao corpo, não lhe cabendo a morte, seu contrário (*ἐναντίος*). O discurso do *Timeu* (69c-69e; 76e-77b; 89) parece também coerente com essa visão de vida enquanto produto do movimento da alma (*ψυχή*) sobre o corpo, pois os vivos são assim chamados no diálogo por participarem (*μετέχω*) da vida²⁷⁹. Ademais, a teoria da tripartição da alma na *República* (436d-436e) é defendida a partir de uma premissa cinética: um dado elemento não pode estar simultaneamente em repouso e em movimento; logo, quando algo parece se comportar de maneira inversa, seria o caso de uma diferença entre as partes do todo.

²⁷⁵ (Platão, *Sofista*, 249a).

²⁷⁶ (Cruse, 1987, p. 113-115).

²⁷⁷ “*τὸ αὐτὸ κινεῖν*” (Platão, *Fedro*, 245a-245e); “*ὑφ’ ἑαυτοῦ κινουμένον*” (Platão, *Fedro*, 245e)

²⁷⁸ (Platão, *Fedro*, 245d).

²⁷⁹ (Platão, *Fedro*, 77b).

Já a relação entre *voûς* (intelecto) e *κίνησις* (movimento) seria indireta, na medida em que *voûς* é empregado para descrever *νόησις* (inteligência) enquanto uma afetação (*πάθημα*) da alma (*ψυχή*) na *República* (6.511d-7.512a). Já *φρόνησις* (julgamento) não possui uma definição clara, mas sua relação com o movimento pode ser entendida a partir da acepção comum, por ser uma virtude associada ao conhecimento. Assim, para Platão, se não há movimento, não há alma; e sem essa, não há intelecto nem julgamento. Entretanto, a posição da vida (*ζωή*) nessa cadeia de relações transitivas não é clara, pois no *Sofista* é sugerido brevemente que sem ela não haveria intelecto²⁸⁰, mas no *Fédon* (105c-105e) é declarado que a alma seria imortal — e, necessariamente, isso também se aplicaria a suas potências, como *voûς* (intelecto). Isso permite a possibilidade de interpretar a vida também como um princípio metafísico entre o movimento e a alma, que, por sua vez, transmitiria essa qualidade aos corpos, tornando-os vivos. Contudo, não foram encontrados no *corpus* indícios textuais suficientes para defender essa hipótese.

Quanto ao emprego de *στάσις* (repouso), no contexto de *τὸ ὄν* (o que-é), observa-se um conteúdo de sentido diferente de suas ocorrências no campo das artes (*τέχνη*). Esse substantivo possui ao menos dois significados gerais bem estabelecidos no léxico grego. O primeiro conserva o sentido da raiz protoindo-europeia **steh₂*, ‘ficar em pé’ (*stand*)²⁸¹, e expressa também, metaforicamente, posição ou estado fixo. Por outro lado, o segundo significado, posterior, denota discórdia ou desacordo²⁸². A ambiguidade de *στάσις* (repouso) é constatável por um dos testes propostos por Cruse (1987). Isso porque se opõe complementarmente a *ἀμετρία* (dissimetria) na discussão da vileza (*κακία*)²⁸³, mas, no presente tópico, reaparece em oposição a *κίνησις* (movimento). Desse modo, trata-se de empregos mutuamente excludentes que, se substituídos um pelo outro em uma sentença, alteram o valor de verdade da proposição. Há também uma clara distinção de campo lexical, pois as relações no domínio da *κακία* não são retomadas na discussão sobre *τὸ ὄν* (o que-é) e *οὐσία* (realidade). Assim, ocorrem duas seleções por normalidade contextual²⁸⁴ ao decorrer do texto, dado que uma leitura apenas pelo primeiro sentido levantaria problemas quanto à relevância e consistência do termo no segundo contexto. Portanto, mesmo que se possa argumentar que haja, de um ponto de vista lexical, uma relação entre os diferentes sentidos de *στάσις*²⁸⁵ (repouso), em uma perspectiva estritamente

²⁸⁰ “ΞΕΝΟΣ: ἀλλὰ νοῦν μὲν εἶχειν, ζωὴν δὲ μὴ φῶμεν;” (Platão, *Sofista*, 249a, tradução nossa).

²⁸¹ (*στάσις* In: Beekes, 2010).

²⁸² (Cf. *στάσις* In: LSJ, 2025; DDGP, 2022).

²⁸³ (Platão, *Sofista*, 228b-229a).

²⁸⁴ (Cf. Cruse, 1987)

²⁸⁵ Pode-se organizar os sentidos de *στάσις* (repouso) em um *continuum* progressivo de ‘repouso’ e ‘posição fixa’, em um sentido literal, a ‘posição moral’, ‘posição em um grupo’, em um sentido metafórico, para, enfim, ‘conflito’ e ‘desacordo’ que emergiria como consequência desse tipo de posicionamento fixo.

terminológica trata-se de um processo mais semelhante à homonímia, na medida em que o mesmo vocábulo representa conceitos nitidamente distintos na estrutura filosófica do autor. Vale destacar que esse não seria o caso de uma distinção entre ‘conceito primário’ e ‘secundário’, como fora observado em τὸ ὄν (o que-é). Isso porque, ao contrário de στάσις, os diferentes empregos de τὸ ὄν (o que-é), como explorado no Capítulo 5.1, possuem um vínculo semântico claro, sendo ambos pertinentes um para o outro e para a estrutura conceitual a qual pertencem.

A oposição entre κίνησις (movimento) e στάσις (repouso) ao lado da afirmação de que ambos os conceitos *são* (εἶναι), enquanto ‘algo que-é’ (τὸ ὄν), levanta um dilema: se ambos *são*, então seria correto afirmar que o movimento é estático e o repouso, móvel? (Platão, Sofista, 250a-250e). Esse problema surge na medida em que a atribuição do mesmo predicado a ambas — literalmente afirmar que ‘X é (algo)’ (τὸ ὄν) —, em um primeiro momento, pode ser interpretada como uma relação de equivalência ou identidade²⁸⁶, que igualaria os conceitos de maneira absoluta. Ou seja, é levantada a seguinte questão: afirmar que ‘X é (algo)’ e ‘Y é (algo)’ acarretaria ‘X é (o mesmo que) Y’? Isso porque o conceito de τὸ ὄν (o que-é) é demarcado essencialmente pelo predicado ‘é (algo)’; portanto, as sentenças ‘o movimento é (algo)’ e ‘o repouso é (algo)’ poderiam gerar uma identificação direta entre os três conceitos. Porém, como o Estrangeiro constata, esse raciocínio levaria à contradição de que tudo *que-é* estaria simultaneamente se movendo (κινέω) e repousando (ἵστημι), incluindo o próprio movimento (κίνησις) e repouso (στάσις) (Platão, Sofista, 250b-250d). Esse dilema é resolvido pela afirmação de que τὸ ὄν (o que-é) não seria equivalente a algum dos dois, mas sim um terceiro que os envolve “conforme a partilha da realidade”²⁸⁷.

Sob uma perspectiva semântica, tal solução envolve distinguir declarações de identidade (‘A é B no sentido de A=B’) e de predicação (‘A é B’ no sentido de ‘B é um atributo de A’). Ambas seriam exprimíveis tanto pelo verbo grego εἶμι (Kahn, 2009; Brown, 1999) quanto por sua tradução portuguesa *ser*. Segundo Brown (1999, p. 471), em oposição a Ackrill (1957), a solução do dilema em 251a-251c seria o único momento no diálogo que em de fato haveria necessidade de se distinguir aqueles dois empregos de εἶμι, na medida em que as demais discussões se fundamentariam no uso predicativo do verbo. A diferença entre identificação e predicação seria estabelecida para evocar e, então, refutar a tese de um grupo chamado de ‘aprendizes tardios’ (ὀψιμαθής). Conforme a descrição do Estrangeiro (Platão, Sofista, 251b-251c), eles defenderiam que apenas se pode afirmar ‘o humano é humano’ e ‘o bom é bom’,

²⁸⁶ Conforme a definição de Cruse (1987, p. 86-88)

²⁸⁷ “ΞΕΝΟΣ: πρὸς τὴν τῆς οὐσίας κοινωρίαν” (Platão, Sofista, 250c).

nunca ‘o humano é bom’. Trata-se do que parece ser, segundo Ambuel (2013, p. 249), uma crítica velada a Antístenes.

Em vista dessas reflexões, tanto *κίνησις* (movimento) quanto *στάσις* (repouso) seriam considerados ‘algo que é’, mas sem se identificarem ou equivalerem ‘àquilo que-é’ (*τὸ ὄν*) propriamente dito (Platão, *Sofista*, 250a-250c). Ou seja, o conceito primário de *τὸ ὄν* (o que-é), enquanto conjunto total dos entes ‘que-são’ (*τὰ ὄντα*), incluiria o movimento e o repouso. Por outro lado, o conceito secundário de *τὸ ὄν* (o que-é), como o ente específico que transfere a propriedade de *ser* aos membros do conjunto, seria participado pelo movimento e pelo repouso, mas não equivaleria a nenhum deles.

Com isso, é defendida a tese de que as classes (*γένος*) se misturam e se combinam, mas algumas possibilidades estariam proibidas. Assim, *τὸ ὄν* (o que-é) se combinaria de forma assimétrica com *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso), mas essas duas não se misturariam (Platão, *Sofista*, 254). Isso reitera a diferença de usos em *τὸ ὄν*, sendo tanto uma entidade e um conjunto de coisas, revelando também uma dupla característica no conceito de partilha (*κοινωνία*). Trata-se não só de um processo resultante de uma *δύναμις* (potência, capacidade) sobre a outra, mas também de uma inclusão conceitual (Cruse, 1987, p. 86-91), já que a possibilidade dos predicados é condicionada por essa relação. Assim, a atuação da *δύναμις* (potência, capacidade) de *τὸ ὄν* (o que-é) sobre *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso) é o que permite a afirmação “[...] dizemos que movimento e repouso *são*”²⁸⁸ e, por isso, chamá-los também de *τὸ ὄν*, no conceito primário. A partilha (*κοινωνία*), portanto, é uma relação estabelecida por Platão entre entes que possuem uma dependência ontológica. Seria nesse sentido que Platão afirma “ESTRANGEIRO: é (*ἔστι*) por participar (*μετέχειν*) daquilo que é (*οὗ ὄντος*)” (*Sofista*, 256a, tradução nossa)²⁸⁹.

Ademais, cabe destacar que *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso) seriam conceitos mutuamente excludentes — ou seja, contraditórios entre si. Essa oposição pode ser compreendida pelos respectivos traços semânticos ‘com mudança’ e ‘sem mudança’, a partir do eixo de sentido ‘sequencialidade’. Porém, é importante demarcar que o traço ‘sem mudança’ em *στάσις* não seria totalmente equivalente ao sentido de permanência ou conservação perpétua em ‘*ὄντως οὐσία*’ (real realidade) (Platão, *Sofista*, 248a). O repouso seria perpétuo como um elemento da real realidade, não sendo essa característica a sua diferença específica. Isso porque, como explicado, *τὸ ὄν* (o que-é) não participaria do repouso, mas sim o inverso. Portanto, pode-se afirmar que o repouso seria a negação do movimento enquanto interrupção ou ausência de

²⁸⁸ “ΞΕΝΟΣ: [...] κίνησιν καὶ στάσιν εἶναι λέγωμεν” (Platão, *Sofista*, 250c, tradução nossa).

²⁸⁹ “ΞΕΝΟΣ: ἔστι δὲ γε διὰ τὸ μετέχειν τοῦ ὄντος”.

mudança *em uma sequência*. Por outro lado, $\tau\acute{o}\ \acute{o}\nu$ (o que-é) seria permanência ou conservação enquanto algo além de qualquer sequencialidade, pois não poderia ser reduzido à ausência de mudança ou movimento. Nesse sentido, $\tau\acute{o}\ \acute{o}\nu$ (o que-é) primário incluiria a ‘sequencialidade’ como traço possível, mas o secundário a excluiria.

5.4 Sobre o Idêntico (*ταὐτόν*) e o Diferente (*ἕτερον*)

Neste capítulo, observou-se como a estrutura conceitual da ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*) é construída após a reelaboração do conceito de *τὸ ὄν* (o que-é). As primeiras relações são estabelecidas pelo conceito de partilha (*κοινωνία*), que conecta as diferentes formas (*εἶδος*) ou gêneros (*γένος*) da ontologia e da metafísica platônica. No subcapítulo anterior, dissertou-se acerca das relações assimétricas de *τὸ ὄν* (o que-é) para com *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso). Entretanto, nos trechos 254e-260e, são introduzidos dois outros conceitos, *ταὐτόν* (idêntico) e *ἕτερον* (diferente), que alicerçam a estrutura conceitual enquanto proposta teórica. Nesse contexto, ocorre uma revisão platônica da maneira como Parmênides empregaria o termo ‘*τὸ μὴ ὄν*’ (o que-não-é). A partir de tais reflexões, os personagens enfim fundamentam ontologicamente o que seria um discurso falso (*λόγος ψευδής*) (Platão, *Sofista*, 261d-264b). Conforme mencionado no Capítulo 4, trata-se de um problema metafísico levantado pela busca da última definição de sofística. Em vista disso, a presente subseção continua a análise sobre a estrutura conceitual da ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*), voltando-se ao debate acerca de *ταὐτόν* (idêntico) e *ἕτερον* (diferente).

Segundo Sallis (1996, p. 515-516), quando o Estrangeiro estabelece que *κίνησις* (movimento), *στάσις* (repouso) e *τὸ ὄν* (o que-é) seriam três formas (*εἶδος*) diferentes, ele estaria apresentando um problema e não uma solução, pois isso levanta outras dúvidas sobre a natureza de *τὸ ὄν* e sobre a relação desse com os outros dois conceitos. Assim, são postuladas mais duas grandes formas, *ταὐτόν* (idêntico) e *ἕτερον* (diferente), com o intuito de explicar como as três outras poderiam partilhar (*κοινωνέω*) umas das outras sem se identificarem (Platão, *Sofista*, 254d). Ou seja, os dois novos conceitos assegurariam a possibilidade de naturezas distintas conterem certos predicados iguais, ou pertencerem à mesma categoria, sem se identificarem mutuamente (Platão, *Sofista*, 255e). Isso porque o raciocínio platônico parece assumir o problema de que, embora cada coisa seja definida por um predicado específico, o mesmo predicado poderia ser atribuído a entes diversos.

Assim, o dilema introduzido no subcapítulo anterior seria solucionado pela partilha de *ἕτερον* (diferente) e *ταὐτόν* (idêntico) (Platão, *Sofista*, 255a-255b). A partilha de *ἕτερον* impossibilitaria que *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso) fossem idênticos a despeito de incluírem um mesmo predicado: o de *ser*²⁹⁰. A partilha de *ταὐτόν*, por sua vez, impediria que cada um se tornasse outro, diferente de si próprio, ainda que o mesmo ente partilhe de uma forma distinta²⁹¹. Assim, conclui-se que tudo partilharia de *ἕτερον*, na medida em que a

²⁹⁰ (Platão, *Sofista*, 255a-255b).

²⁹¹ (Platão, *Sofista*, 255a-255b).

alteridade entre os entes se daria em função desse vínculo, não apenas pelas particularidades de cada um²⁹². De modo semelhante, é afirmado que tudo partilharia de *ταυτόν*, pois a identidade de cada ente para consigo mesmo se conservaria até na partilha de *ἕτερον* (Platão, Sofista, 256a).

Com isso, o Estrangeiro estabelece que há dois modos de *ser* (*εἶμι*): “Mas acho que tu concordas: entre os *que-são*, os próprios são ditos conforme a si próprios e os demais, sempre segundo outros.”²⁹³. Em suma, conforme o personagem, ou algo *é* conforme a si próprio (*καθ’αυτό*) ou segundo outro (*πρὸς ἄλλο*). Trata-se da distinção de predicados que Kahn²⁹⁴ (2013, p. 116) identifica como ser “*per se*” e ser “*per aliud*”, respectivamente. Essa distinção evitaria os possíveis problemas de predicar a diferença de algo a partir da natureza em si mesma desse ente, de maneira isolada e não comparativa. Tal modo hipotético seria contraditório com o próprio conceito de diferença, que é intrinsecamente relacional (Platão, Sofista, 255c-255e). Assim, a condição de *ἕτερον* (diferente) enquanto ‘algo que-é’ (*τὸ ὄν*) se satisfaz pela necessidade de um princípio que transmita um tipo de predicado relacional às demais classe. Assim, as construções ‘conforme a si próprio’ e ‘segundo outro’ atuariam como propriedades da predicação semântica²⁹⁵ vinculadas ao conceito de partilha. A atribuição desses dois tipos de predicados semânticos se daria, segundo Kahn (2013), pela possibilidade de uma certa determinação ser ou não autorreferencial. Em síntese, ‘segundo outro’ é associado a *ἕτερον* (diferente) como um modo de predicação por relação de contraste, atendendo a premissa de que “não há uma maneira intrínseca, autorreferencial de ser diferente” (Kahn, 2013, p. 116)²⁹⁶. Por outro lado, ‘conforme a si próprio’ é associado a *ταυτόν* (idêntico)²⁹⁷, representando uma propriedade intrínseca da predicação, como explica Kahn:

O predicado expressa diretamente o ser do próprio sujeito, sua essência ou natureza como especificado em resposta à pergunta socrática *o que é F?*. Portanto, autopredicação (“O F é F”) é a forma padrão da predicação *per se* (Kahn, 2013, p. 116, grifo do autor, tradução nossa)²⁹⁸.

A partir da distinção entre esses dois tipos de predicado, torna-se mais claro o sentido da afirmação de que o movimento (*κίνησις*) seria idêntico (*ταυτόν*) e simultaneamente não

²⁹² (Platão, Sofista, 255e).

²⁹³ “ΞΕΝΟΣ: ἀλλ’ οἷμαί σε συγχωρεῖν τῶν ὄντων τὰ μὲν αὐτὰ καθ’ αὐτά, τὰ δὲ πρὸς ἄλλα ἀεὶ λέγεσθαι” (Platão, Sofista, 255c, tradução e grifo nossos).

²⁹⁴ Kahn, contudo, afirma que essa distinção já fora notada por Frede (*apud* Kahn, 2013, p. 116) como “*Is₁*” e “*Is₂*”.

²⁹⁵ (Cf. Polguère, 2018, p. 142-146).

²⁹⁶ “*Being different is always being different from something else: there is no intrinsic, self-referential way of being different.*”

²⁹⁷ (Platão, Sofista, 256).

²⁹⁸ “*In being per se, on the other hand, the predicate directly expresses the being of the subject itself, its essence or nature as specified in response to the Socratic What is F? question. Thus, self-predication (“The F is F”) is the default form of per se predication*”.

idêntico²⁹⁹: o movimento seria idêntico a si próprio, mas não aos outros entes — tampouco ao designado ‘idêntico’ enquanto princípio da identidade. Tal distinção seria necessária porque a ‘real realidade’ (ὅντως οὐσία), em contraste à geração (γένεσις)³⁰⁰, conservaria perpetuamente a própria identidade e, simultaneamente, incluiria predicados díspares de diversas formas (εἶδος) que-são (τὰ ὄντα). Isso é, porque a ‘real realidade’ (ὅντως οὐσία) sempre permanece *igual* a si mesma, ao passo que contém propriedades e elementos *diferentes* uns dos outros. Por isso, em Platão, ‘X é’ acarretaria mutuamente ‘X é idêntico a si próprio’ e, portanto, ‘X partilha de ταυτόν’, mas não ‘X é idêntico ao próprio idêntico (ταυτόν)’, pois essa última sentença seria contraditória em relação às demais. Consequentemente, a partilha de ταυτόν também acarretaria a partilha de ἕτερον. Assim, se τὸ ὄν (o que-é) seria o signo da predicação, como defende Brown (1999), então ἕτερον e ταυτόν seriam os contornos internos desse conceito, os termos responsáveis por delimitar as propriedades que, embora muito distintas, seriam mutuamente acarretadas pelo fenômeno de ‘ser’.

Por essas razões, o Estrangeiro afirma que tudo partilharia (κοινωνέω) de ἕτερον (diferente) e de ταυτόν (idêntico), até mesmo o conceito secundário de τὸ ὄν (o que-é) — e vice-versa (Platão, Sofista, 256a-257b). Dessa maneira, haveria uma espécie de tríade em partilha (κοινωνία) mútua, simétrica, uma vez que cada membro depende do outro. Todos partilhariam de τὸ ὄν, pois cada um ‘é algo’ e ‘é real’; de ταυτόν, porque cada qual necessariamente é a si próprio; e de ἕτερον, por não serem o mesmo ente.

Como afirma Campbell (1867, p. lxxxiv-lxxxv), ἕτερον (diferente) seria a propriedade que propiciaria a separação entre os entes, mas não de uma maneira absoluta, pois também assegura a existência de relações. Isso é, ἕτερον seria o princípio que possibilitaria a multiplicidade de entes reais, pois impede que tudo seja o mesmo. Por outro lado, ταυτόν (idêntico) seria o princípio que impediria cada um de tornar-se diferente (ἕτερον) de si mesmo. Sem essas formas, τὸ ὄν (o que-é), por exemplo, seria diferente de si próprio, perdendo a propriedade de ‘ser (algo)’ e ‘ser real’, consequentemente, não seria capaz de transmitir essa característica a outros entes, o que esvaziaria a realidade (οὐσία) por completo.

Em vista dessas discussões, há uma reformulação do termo τὸ μὴ ὄν (o que-não-é). Inicialmente, o conceito é apresentado pelo Estrangeiro de Eleia conforme a doutrina de Parmênides, seu mestre (Platão, Sofista, 237a-239b), de maneira semelhante à *República* (4.478b-4.478c). Nessa perspectiva, τὸ μὴ ὄν (o que-não-é) representaria a privação absoluta de τὸ ὄν (o que-é). Porém, logo em seguida, τὸ μὴ ὄν é compreendido como uma aporia expressiva,

²⁹⁹ (Platão, Sofista, 256b).

³⁰⁰ (Platão, Sofista, 245d, 248a).

pois a própria atribuição de número gramatical ao sintagma contradiria o seu significado de vazio ontológico, supostamente nulo de qualquer característica descritível ou realizável³⁰¹.

Em vista dos problemas observados na doutrina de Parmênides e da subsequente reformulação de τὸ ὄν (o que-é), o Estrangeiro reelabora o termo τὸ μὴ ὄν (o que-não-é), tornando-o uma designação alternativa de ἕτερον (diferente) (Platão, Sofista, 256d-256e). Cabe ressaltar que há nesse caso uma reelaboração do *termo*, mas não do conceito. Quando o Estrangeiro afirma que τὸ μὴ ὄν (o que-não-é) é um dos *que-são* (τὰ ὄντα)³⁰², ele não estaria reestruturando o conceito que Parmênides representava com esse sintagma. Se fosse o caso, Platão estaria declarando que o absoluto nada ‘seria (algo)’ enquanto ente real, verdadeiro, descritível e predicável. Porém, não há indícios de que o filósofo assumira tal perspectiva, muito pelo contrário. No trecho 237a-239b, abordado no Capítulo 5.1, há uma demonstração de que a tentativa de indicar ou representar ‘algo-que-não-é’ (τὸ μὴ ὄν) sempre resultaria em contradição, pois se trataria de algo inexprimível e inqualificável. Assim, a postura de Platão frente a esse problema poderia ser sintetizada, ao que parece, pela seguinte questão: ‘Por que representar algo que é ausente de qualquer característica representável?’. Desse modo, o problema filosófico não estaria no conceito em si, mas no valor informativo da expressão ‘τὸ μὴ ὄν’.

Em concordância a Bossi (2013, p. 170-173), pode-se afirmar que tanto Parmênides quanto Platão assentiriam igualmente que uma ‘absoluta privação de *ser*’ não poderia ser ‘algo que-é’ (τὸ ὄν). A diferença estaria na decisão a respeito de como empregar o sintagma ‘τὸ μὴ ὄν’ (o que-não-é). Na doutrina proposta por Platão, em que τὸ ὄν pode se referir a elementos variados, ‘τὸ μὴ ὄν’ (o que-não-é) torna-se um recurso comunicativo válido para discernir τὸ ὄν, o conceito secundário, de seus participantes, que também são chamados de ‘τὸ ὄν’ ou ‘τὰ ὄντα’ conforme o conceito primário, como é demonstrado em 256d-258e. Portanto, o conceito que Parmênides conferiu ao sintagma ‘τὸ μὴ ὄν’ (o que-não-é) não seria rejeitado no sistema filosófico do *Sofista*, Platão apenas reatribuiria essa designação a outro conceito: ἕτερον (diferente).

Como tentou-se demonstrar, a redesignação de τὸ μὴ ὄν (o que-não-é) ocorre quando o Estrangeiro observa que os partilhantes de τὸ ὄν (o que-é) também manteriam uma relação de alteridade com partilhado, apesar de serem tratados de forma homônima (Platão, Sofista, 256d-256e). Em suma, algo que partilha de τὸ ὄν (o que-é) *não* propriamente o é. Como maneira de expressar esse tipo de alteridade, a predicação negativa de τὸ μὴ ὄν (o que-não-é) é empregada

³⁰¹ (Platão, Sofista, 237a-239b).

³⁰² (Platão, Sofista, 256d-256e).

enquanto signo de diferença, não de ausência. Assim, o Estrangeiro afirma um ‘τὸ μὴ ὄν’ (o que-não-é) que não seria o oposto (ἐναντίος) de τὸ ὄν, mas apenas algo diferente³⁰³. Nesse sentido, τὸ μὴ ὄν (o que-não-é) não parece ser tratado como um ente autônomo e partilhável, embora também chamado de εἶδος (forma)³⁰⁴, mas sim uma variante designativa de ἕτερον (diferente) e seu conjunto de partilhantes. Ambos τὸ μὴ ὄν e ἕτερον (diferente) são empregados para representar a possibilidade de predicação ‘*per aliud*’.

A discussão sobre a diferença é estendida a outros conceitos não definidos na obra (Platão, Sofista, 257a-258a). O primeiro seria o adjetivo καλόν (belo), identificado como um gênero (γένος) *dentre os que são* (τῶν ὄντων) e apresentado em antítese (ἀντίθεσις) ao não belo (τὸ μὴ καλόν)³⁰⁵. Assim, é estabelecida uma distinção entre ἐναντίος (oposto) e ἀντίθεσις (antítese). O primeiro vocábulo, ἐναντίος, representaria uma oposição entre contraditórios, semelhante à maneira como Parmênides contrapõe ‘τὸ μὴ ὄν:τὸ ὄν’ (o que-não-é:o que-é)³⁰⁶. Já o segundo, ἀντίθεσις, retomaria a maneira como Platão identifica τὸ μὴ ὄν com ἕτερον (diferente)³⁰⁷. Assim, τὸ μὴ καλόν seria o conjunto dos que não são o próprio καλόν, incluindo até mesmo aqueles que, por partilharem dessa forma, poderiam ser chamados de καλόν. Em seguida, os pares ‘τὸ μὴ μέγα:τὸ μέγα’ (o não grande:o grande) e ‘τὸ μὴ δίκαιον:τὸ δίκαιον’ (o não justo:o justo) são reconhecidos como gêneros (γένος) de τὸ ὄν, mas também sem definição³⁰⁸.

Ademais, vale destacar que τὸ ὄν (o que-é), κίνησις (movimento) e στάσις (repouso) são chamados de γένος (gênero)³⁰⁹. Em seguida, recebem o título de εἶδος (forma) junto a ταὐτὸν (idêntico): “ESTRANGEIRO: Poremos o idêntico como quarta perante as três formas (εἶδος)?”³¹⁰. Por fim, ἕτερον (diferente) é incluído como quinta forma (εἶδος), mas logo depois é chamada de ἰδέα (ideia)³¹¹. Isso indica um uso intercambiável entre γένος, εἶδος e ἰδέα. Else (1936) e Baldry (1937) se referem particularmente a ἰδέα e εἶδος como termos de mesmo valor em Platão. Entretanto, Else (1936) considera γένος um vocábulo de menor importância, que representaria de maneira vaga um tipo natural ou verdadeiro, mas que não seria “um termo para a Ideia”³¹². Porém, conforme as observações anteriores, γένος é empregado no *Sofista* para se

³⁰³ (Platão, Sofista, 257a-257e).

³⁰⁴ (Platão, Sofista, 256e).

³⁰⁵ (Platão, Sofista, 257d-257e).

³⁰⁶ (Platão, Sofista, 257b, 258b-258e).

³⁰⁷ (Platão, Sofista, 257e).

³⁰⁸ (Platão, Sofista, 258a).

³⁰⁹ (Platão, Sofista, 254d).

³¹⁰ “ΞΕΝΟΣ: τέταρτον δὴ πρὸς τοῖς τρισὶν εἶδεσιν τὸ ταὐτὸν τιθῶμεν;” (Platão, Sofista, 255c, tradução nossa)

³¹¹ (Platão, Sofista, 255d-255e).

³¹² “It [γένος] is not a term for the Idea” (Else, 1936, p. 38).

referir aos mesmos conceitos tratados como *εἶδος*, sendo até mesmo mais frequente do que *idéa*. Além disso, *εἶδος* também é empregado de maneira relativamente vaga na obra. Isso porque, apesar de *εἶδος* ser utilizado no *Sofista* para identificar e apresentar conceitos filosoficamente relevantes, esse termo é aplicado indiscriminadamente a tipos muito diversos de categoria e referência — seja ao princípio fundamental da realidade, ou à arte que lucra com discursos. Portanto, ao menos no que concerne ao *corpus* desta pesquisa, *εἶδος* (forma), *idéa* (ideia) e *γένος* (gênero) podem ser consideradas variantes designativas.

Cabe ainda abordar o dilema envolvendo a sofística que motivou a discussão acerca de *τὸ ὄν* (o que-é). A partir das conclusões sobre *τὸ μὴ ὄν* (o que-não-é), os interlocutores enfim definem o que seria o verdadeiro (*ἀληθής*) e o falso (*ψευδής*): as qualidades (*ποιός*) que um enunciado (*λόγος*) recebe ao combinar (*συντίθηναι*) verbo (*ῥήμα*) e nome (*ὄνομα*) de maneira correspondente ou não aos ‘que-são’ (*τὰ ὄντα*)³¹³. O Estrangeiro indica essas propriedades em exemplos como ‘Teeteto sentou-se’ e ‘Teeteto voa’³¹⁴. A exposição continua:

ESTRANGEIRO: O verdadeiro desses [enunciados] diz as coisas que-são (*τὰ ὄντα*) na medida em que é o caso a teu respeito.

TEETETO: O que mais?

ESTRANGEIRO: Agora, a falsa [diz] coisas diferentes dos que-são (*τὰ ὄντα*).

TEETETO: Sim.

ESTRANGEIRO: Assim, diz os que-não-são (*τὰ μὴ ὄντα*) como [se fossem] os que-são (*ὄντα*).

[...]

ESTRANGEIRO: Falando assim a teu respeito, falando de diferentes (*ἕτερον*) como os mesmos, os *que-não-são* (*μὴ ὄντα*) como os *que-são* (*ὄντα*), como parece em absoluto, que tal tipo de combinação por verbo e nome realmente e verdadeiramente (“*ὄντως τε καὶ ἀληθῶς*”) vem a ser um enunciado falso (*λόγος ψευδής*) (Platão, *Sofista*, 263b-263d, tradução nossa)³¹⁵.

Essa concepção de enunciado falso (*ψευδής*) reafirma o conceito original de *τὰ μὴ ὄντα* (o que-não-é), conforme Parmênides propôs, na medida em que assume a impossibilidade de algo absolutamente ‘não ser’. É em função dessa premissa que o debate acerca do falso (*ψευδής*) exige um desenvolvimento teórico envolvendo a ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*). Entretanto, a definição de falsidade também justifica a decisão platônica de redesignar a denominação ‘*τὰ μὴ ὄντα*’ para outros empregos, pois assume uma multiplicidade de ‘coisas que-são’ (*τὰ ὄντα*) capaz de realizar combinações. Convém notar que a combinação entre ‘nome’ e ‘verbo’ em um

³¹³ (Platão, *Sofista*, 262e-263d).

³¹⁴ (Platão, *Sofista*, 263a).

³¹⁵ Interpreta-se o segundo *εἰμί* da passagem como afirmação de verdade (Cf. *εἰμί.5 In*: Beekes, 2010; *εἰμί.A.III In*: LSJ, 2025; Kahn, 2009): “ΞΕΝΟΣ: λέγει δὲ αὐτῶν ὁ μὲν ἀληθὴς τὰ ὄντα ὡς ἔστιν περὶ σοῦ. ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: τί μὴν; ΞΕΝΟΣ: ὁ δὲ δὴ ψευδὴς ἕτερα τῶν ὄντων ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί. ΞΕΝΟΣ: τὰ μὴ ὄντ’ ἄρα ὡς ὄντα λέγει. [...] ΞΕΝΟΣ: περὶ δὴ σοῦ λεγόμενα, λεγόμενα μέντοι θάτερα ὡς τὰ αὐτὰ καὶ μὴ ὄντα ὡς ὄντα, παντάπασιν ὡς εἰκὲν ἢ τοιαύτη σύνθεσις ἔκ τε ῥημάτων γιγνομένη καὶ ὀνομάτων ὄντως τε καὶ ἀληθῶς γίγνεσθαι λόγος ψευδής.”

enunciado seria análoga ao raciocínio (*διάνοια*) da alma (*ψυχή*): “Quando em uma alma frente a um raciocínio isso surge em silêncio, tens que nomearias senão por opinião (*δόξα*)?”³¹⁶. Em vista disso, também discorre sobre “uma mistura de sensação (*αἴσθησις*) e opinião (*δόξα*)”, chamada de aparência (*φαντασία*) ou parecer (*φαίνω*), a partir da qual surgiria a opinião falsa (*ψευδὴς δόξα*)”³¹⁷. Portanto, a falsidade, seja no raciocínio (*διάνοια*) ou no enunciado (*λόγος*), residiria em um erro combinatório, mas os elementos da combinação necessariamente seriam reais enquanto ‘coisas *que-são*’ (*τὰ ὄντα*). Assim, até a mentira possuiria algum lastro de realidade. Disso advém uma falsa ironia — em algum nível jocosa, mas profundamente filosófica — de afirmar algo “realmente e verdadeiramente” sobre a natureza do falso (*ψευδής*).

³¹⁶ “ΞΕΝΟΣ: ὅταν οὖν τοῦτο ἐν ψυχῇ κατὰ διάνοιαν ἐγγίγνηται μετὰ σιγῆς, πλὴν δόξης ἔχεις ὅτι προσείπης αὐτό;” (Platão, Sofista, 264a, tradução nossa).

³¹⁷ “ΞΕΝΟΣ: [...], ‘φαίνεται’ δὲ ὃ λέγομεν σύμμειξις αἰσθήσεως καὶ δόξης, [...]” (Platão, Sofista, 264a-264b).

5.5 A rede de conceitos da Real Realidade (*ὄντως οὐσία*): considerações gerais

Conforme observado ao decorrer deste Capítulo, Platão apresenta, por meio do personagem Estrangeiro, uma estrutura de conceitos que fundamentaria a tese sobre a ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*). Essas unidades são chamadas de formas (*εἶδος*), gêneros (*γένος*) ou ideias (*ιδέα*), tal como as categorias de arte (*τέχνη*). Entretanto, diferente do campo abordado no Capítulo 4, a estrutura atual organizaria princípios lógicos, ontológicos e metafísicos da teoria platônica. Mais especificamente, ‘real realidade’ se fundamentaria em cinco conceitos elementares: *τὸ ὄν* (o que-é), *κίνησις* (movimento), *στάσις* (repouso), *ταυτόν* (idêntico) e *ἕτερον* (diferente). Cabe agora retomar sinteticamente as discussões sobre esses termos e explorar os possíveis desdobramentos do tema.

O termo inicial, *τὸ ὄν* (o que-é) ou *οὐσία* (realidade), é definido explicitamente com uma extensão ampla, sendo o conjunto total de elementos dotados da potência (*δύναμις*) de realizar (*ποιέω*) ou sofrer (*πάσχω*) algo (Platão, *Sofista*, 247d-247e). Todavia, *τὸ ὄν* e *οὐσία* também são empregados para representar um elemento específico, sendo esse estritamente o princípio ontológico que transmite a capacidade de *ser* (*εἶμι*) algo. No Capítulo 5.1, o sentido amplo foi denominado ‘conceito primário’ e o estrito, ‘conceito secundário’.

Conforme abordado anteriormente, embora o primário seja definido pelo termo *δύναμις*, a maneira como os argumentos são desenvolvidos ao longo do diálogo demonstra que há outros sentidos igualmente relevantes na elaboração conceitual de *τὸ ὄν* (o que-é). Cabe então observar que verbo *εἶμι* (ser), em geral, é empregado como cópula sem complemento explícito, representando o próprio fenômeno da predicação (Brown, 1999). Além disso, segundo Kahn (2009, 2013), Platão parece assumir que toda predicação conteria uma afirmação implícita de existência. Desse modo, haveria uma relação de acarretamento mútuo entre predicabilidade e realidade. Ou seja, na perspectiva platônica, ‘X é (algo)’ sempre acarretaria ‘X é real’ ou ‘X existe’ e vice-versa. Esse vínculo lógico, apesar de implícito, se mantém constante e pertinente no debate acerca de *τὸ ὄν* (o que-é).

Entretanto, pode-se afirmar que essa conexão necessária e direta entre predicação e existência também se estenderia ao conceito de potência (*δύναμις*). Isso porque, na perspectiva platônica, a existência ou realidade de algo estaria condicionada à partilha (*κοινωνία*) de *τὸ ὄν* (o que-é). Além disso, todos os cinco conceitos centrais da estrutura se conectariam pelo mesmo tipo de relação. A partilha, cabe lembrar, é definida como uma afetação (*πάθημα*) ou atuação (*ποίημα*) de alguma potência em interação com outra (Platão, *Sofista*, 248b). Portanto, a realidade e a predicabilidade estariam também intrinsecamente vinculadas à potência.

Ackrill (1957) defende que o conceito de *κοινωνέω* (partilhar) seria elaborado com o propósito de distinguir os múltiplos empregos do verbo *εἶμι* (ser) pertinentes ao debate filosófico. Segundo ele, cada valor distinto seria identificado de acordo com o complemento genitivo de *κοινωνέω* — considerando também variantes designativa do mesmo termo, como *μετέχει*. Assim, uma estrutura do tipo ‘*X μετέχει Y*’ representaria o mesmo sentido das sentenças em que *εἶμι* atribui um conceito ao sujeito oracional — isso é, ‘*X é Y*’ no sentido de ‘*X* se inclui na categoria *Y*’ ou ‘*X* é um tipo de *Y*’. Já orações semelhantes a ‘*X μετέχει τὰ τοῦ*’ denotariam identidade — ou seja, ‘*X* é idêntico *a si mesmo*’. Por fim, a fórmula ‘*X μετέχει τοῦ ὄντος*’ expressaria existência — simplesmente ‘*X* é (real)’ ou ‘*X* existe’.

Porém, Brown (1999, p. 471) contra-argumenta que, apesar de Platão reconhecer a diferença entre esses três empregos do verbo *εἶμι*, tal distinção seria relevante apenas para refutar os ‘aprendizes tardios’ (Platão, *Sofista*, 251a-251c). Nos demais casos, conforme comentado anteriormente, a argumentação do filósofo estaria centrada no emprego copulativo, em que haveria um acarretamento entre sentenças do tipo ‘*X ἐστὶ Y*’ (*X* é *Y*) e ‘*X ἐστὶ [τι]*’ (*X* é [algo])³¹⁸. Como também já explicado, Kahn (2009) amplia essa perspectiva afirmando que a cópula do verbo *εἶμι* (ser) seria implicitamente existencial. Ademais, conforme estabelecido no Capítulo 5.2, *κοινωνέω* (partilhar) pode ser classificada como uma relação conversiva entre um elemento ativo e outro passivo.

As primeiras partilhas (*κοινωνία*) no *Sofista* são estabelecidas no debate sobre as possíveis relações entre *τὸ ὄν* (o que-é), *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso). Platão trata o conceito de movimento como uma mudança de estado, incluindo duas subcategorias: a alteração (*ἀλλοίωσις*), uma mudança qualitativa-sequencial; e o deslocamento (*φορά*), uma espacial-sequencial (Platão, *Teeteto*, 181c-181d). Por outro lado, o repouso não é definido explicitamente nem no *Sofista* nem no *Teeteto*, mas é constantemente abordado como a negação do movimento.

Em 251d-254e, após a refutação dos ‘aprendizes tardios’, os personagens se questionam acerca das possibilidades de partilha (*κοινωνία*). Três hipóteses são formuladas: **a)** todas as formas partilhariam umas das outras; **b)** nenhuma forma partilharia de outra; e **c)** cada forma partilharia de certas outras, mas não de todas. O primeiro caso implicaria na contradição de que toda a realidade estaria simultaneamente em repouso (*στάσις*) e em movimento (*κίνησις*), de tal maneira que o próprio repouso se movimentaria (*κινέω*) e o movimento repousaria (*ἵστημι*)³¹⁹. O segundo caso, por sua vez, implicaria na afirmação de que o movimento e o repouso não

³¹⁸ (Brown, 1999).

³¹⁹ (Platão, *Sofista*, 251e-252d, 256b).

seriam reais, pois estariam privados de $\tau\acute{o}\ \delta\upsilon\nu$ (o que-é)³²⁰. Após as duas hipóteses serem descartadas, assume-se a terceira como verdadeira³²¹. Esse caso reitera a declaração prévia de que $\tau\acute{o}\ \delta\upsilon\nu$ (o que-é) não se movimenta nem repousa³²². Na passagem, assume-se que $\tau\acute{o}\ \delta\upsilon\nu$, no sentido do conceito secundário, não poderia estar nem em movimento nem em repouso, uma vez que a realidade como um todo, enquanto conceito primário de $\tau\acute{o}\ \delta\upsilon\nu$, incluiria ambos os estados. Ou seja, se é possível que um certo ‘algo que-é’ esteja em movimento ou em repouso, então o princípio do ‘ser’ não poderia estar repousando nem se movimentando. Isso porque, por exemplo, caso ‘movimentar-se’ fosse um predicado desse princípio, ele necessariamente também o transmitiria a todos ‘os que-são’ ($\tau\acute{\alpha}\ \delta\upsilon\nu\tau\alpha$), excluindo a existência do ‘repousar’ — e vice-versa.

Assim, haveria uma relação de excludência mútua na oposição $\kappa\acute{\iota}\nu\eta\sigma\iota\varsigma\colon\sigma\tau\acute{\alpha}\sigma\iota\varsigma$ (movimento:repouso), o que impossibilitaria uma partilha ($\kappa\omicron\iota\nu\omega\nu\acute{\iota}\alpha$) mútua (ou ‘simétrica’) entre os dois conceitos. Por outro lado, ambas partilhariam de $\tau\acute{o}\ \delta\upsilon\nu$ (o que-é) por *serem* algo e *serem* reais conforme o predicado que identifica cada uma. Desse modo, toda forma ($\epsilon\acute{\iota}\delta\omicron\varsigma$) consistiria em um predicado básico que é transmitido por meio da partilha: ‘movimentar’ ($\kappa\iota\nu\acute{\epsilon}\omega$), no caso do movimento ($\kappa\acute{\iota}\nu\eta\sigma\iota\varsigma$); ‘repousar’ ($\acute{\iota}\sigma\tau\eta\mu\iota$), no de $\sigma\tau\acute{\alpha}\sigma\iota\varsigma$; e ‘ser (algo)’, além do implícito ‘ser real’, no de $\tau\acute{o}\ \delta\upsilon\nu$. A partilha dessas três formas seria determinada por acarretamento³²³: ‘X se movimenta’ e ‘X repousa’ são mutuamente excludentes, mas ambos acarretam unilateralmente ‘X é (algo)’, que acarreta mutuamente ‘X é real’.

Quanto aos demais conceitos da ‘real realidade’ ($\delta\upsilon\nu\tau\omega\varsigma\ \omicron\upsilon\delta\acute{\iota}\alpha$), $\acute{\epsilon}\tau\epsilon\rho\omicron\nu$ (diferente) e $\tau\alpha\upsilon\tau\acute{o}\nu$ (idêntico) são apresentados no *Sofista* como soluções ao seguinte dilema: como múltiplas formas ($\epsilon\acute{\iota}\delta\omicron\varsigma$) poderiam conter o mesmo predicado — ‘ser [algo]’ ou ‘ser real’ — sem se identificarem? (Platão, *Sofista*, 254e-256e). Conforme o raciocínio do Estrangeiro, tudo ($\pi\acute{\alpha}\nu\tau\alpha$) necessariamente partilharia ($\kappa\omicron\iota\nu\omega\nu\acute{\epsilon}\omega$) tanto de $\acute{\epsilon}\tau\epsilon\rho\omicron\nu$ quanto de $\tau\alpha\upsilon\tau\acute{o}\nu$, na medida em que o predicado ‘ser (algo)’ ou ‘ser real’ acarretaria ‘ser (idêntico) a si próprio’ e ‘ser diferente dos outros’³²⁴. Caso contrário, cada coisa seria diferente de si mesma e idêntica às demais, de modo a colapsar toda a multiplicidade de sujeitos que poderiam receber o predicado ‘ser (algo)’ ou ‘ser real’. Assim, há uma espécie de tríade universal, formada por um acarretamento mútuo entre os predicados de $\acute{\epsilon}\tau\epsilon\rho\omicron\nu$ (diferente), $\tau\alpha\upsilon\tau\acute{o}\nu$ (idêntico) e $\tau\acute{o}\ \delta\upsilon\nu$ (o que-

³²⁰ (Platão, *Sofista*, 251e-252a).

³²¹ (Platão, *Sofista*, 254b).

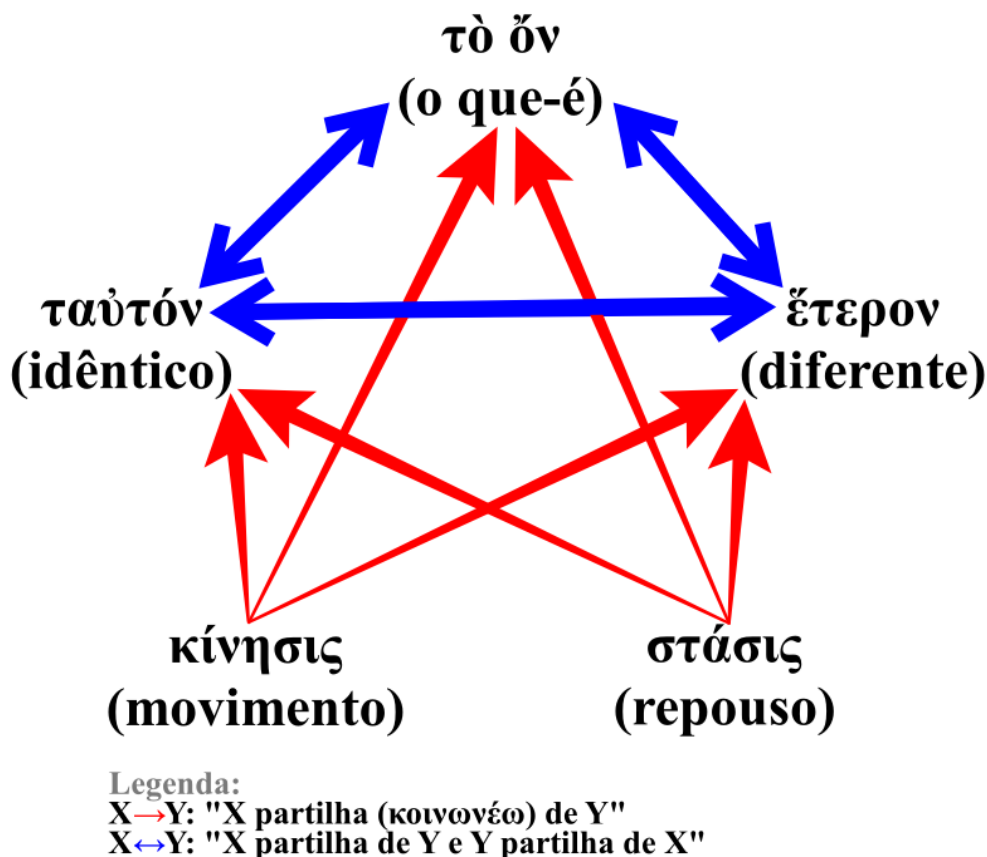
³²² (Platão, *Sofista*, 250c).

³²³ (Cf. Cruse, 1987, p. 14-15)

³²⁴ (Platão, *Sofista*, 256a-256e).

é). Assim, conforme esquematizado na Figura 14, a estrutura da ‘real realidade’ se organizaria em uma espécie de rede conceitual, em muito distante do que se observou em *τέχνη* (arte).

Figura 14 — Estrutura conceitual da ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*)



Fonte: elaboração própria por meio do software *PhotoScape X*

Em síntese, as cinco formas (*εἶδος*) da ‘real realidade’ podem ser identificadas pelo predicado que elas transmitem aos demais entes: o de *τὸ ὄν* (o que-é) seria ‘X é (algo)’ e, implicitamente, ‘X é real’; o de *κίνησις* (movimento), ‘X se movimenta’; o de *στάσις* (repouso), ‘X repousa’; o de *ταὐτόν* (idêntico), ‘X é idêntico a X’; e o de *ἕτερον* (diferente), ‘X é diferente de Y’. Já o conceito de partilha (*κοινωνία*) indicaria os casos em que essa transmissão de predicados ocorreria. A presença de uma partilha seria determinada por uma relação de dependência ontológica ou condição de existência. Ou seja, um certo elemento ou conceito X partilha de Y se Y for necessário para a existência de X enquanto tal. Ademais, a partilha seria simétrica (ou ‘mútua’, ‘recíproca’) nos casos de codependência entre formas (*τὸ ὄν*, *ταὐτόν*, *ἕτερον*) e assimétrica (ou ‘direcionada’, ‘unilateral’) quando apenas um elemento é dependente do outro (*στάσις* e *κίνησις* para com os demais).

Em vista disso, quando Platão (Sofista, 247d-247e, 248b) emprega *δύναμις* (potência) para definir tanto *τὸ ὄν* (o que-é) quanto *κοινωνέω* (partilhar), parece haver um esforço para enfatizar o aspecto combinatório e interativo da estrutura da ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*). Cabe lembrar que potência é um conceito definido tautologicamente na *República* (5.477c) como algo pelo qual “nós podemos o que podemos”. Contudo, pode-se argumentar que essa tautologia seja um recurso para enfatizar a amplitude do conceito, pois antecipa a perspectiva de que a potência seria uma característica inerente à própria realidade como um todo. Desse modo, potência parece ser o conceito necessário para explicar a maneira como cada forma (*εἶδος*) transmite seu predicado às demais: uma atuação (*ποίημα*) que gera uma afetação (*πάθημα*) na outra³²⁵. Além disso, tal oposição entre participante ativo e passivo pode ser considerada um recurso conceitual para distinguir partilhas simétricas e assimétricas. Nos casos recíprocos, as duas formas (*εἶδος*) relacionadas seriam ambas agente e paciente. Por outro lado, nos casos unilaterais, apenas uma seria ativa e a outra, passiva.

Portanto, quando Platão define *τὸ ὄν* (o que-é) como um portador de *δύναμις* (potência) (Platão, Sofista, 247d-247e) ele também está firmando que *δύναμις* é uma característica inerente à predicação e à realidade. Com isso, o *Sofista* também redimensiona o conceito *τὸ ὄν* (o que-é) como algo inerentemente relacional. Nesse sentido, a predicação seria uma propriedade naturalmente combinatória que surgiria das interações entre as formas (*εἶδος*). Assim, toda a realidade seria fundamentada pela transmissão de predicados, mais especificamente pela transferência de características conforme as condições ontológicas de cada elemento. Com isso, Platão parece tentar demonstrar que os princípios ou condições fundamentais da realidade possuiriam uma relação profunda de codependência. Desse modo, o filósofo insere a capacidade combinatória e o poder transmissivo no centro de sua ontologia, abrangendo desde os princípios mais fundamentais no *Sofista* até as faculdades humanas na *República*.

³²⁵ Isso porque *κοινωνέω* (partilhar) é definido mais especificamente como uma combinação que gera uma afetação (*πάθημα*) ou atuação (*ποίημα*) de alguma potência (*δύναμις*) (Platão, Sofista, 248b).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Capítulos 4.6 e 5.5 apresentaram as conclusões parciais da pesquisa em relação às duas grandes estruturas conceituais elaboradas no *Sofista*: a da arte (τέχνη) e a da real realidade (ὄντως οὐσία). Agora, serão observadas as características gerais da terminologia presente no *corpus*. Cabe lembrar que esta pesquisa assumiu como ponto de partida os conceitos indicados por três termos: εἶδος (forma), ἰδέα (ideia) e νοητός (inteligível). O primeiro, εἶδος (forma) ocorre em um total de 48 vezes ao longo do diálogo, sendo consistentemente empregado para identificar conceitos em ambas as estruturas conceituais. O segundo, ἰδέα (ideia), possui 4 ocorrências (Platão, *Sofista*, 235d, 253d, 254a, 255e), indicando respectivamente: um questionamento acerca de qual categoria de ποιητική (poética) o sofista seria incluído³²⁶; o objeto do processo dialético (διαλεκτική) em um sentido genérico³²⁷; os termos τὸ ὄν³²⁸ e ἕτερον³²⁹.

Por sua vez, νοητός (inteligível) apresenta apenas uma ocorrência, na seguinte passagem: “[...] sustentando veementemente que algumas formas (εἶδος) inteligíveis (νοητός) e incorpóreas (ἀσώματος) serem a realidade (οὐσία) verídica”³³⁰. Trata-se do contexto em que se contrastam as teses corporalistas aos ‘amigos das formas’, divergentes acerca do que seria a realidade (οὐσία). Nessa comparação, ocorre uma série de contrastes lexicais claros: corpo (σῶμα) e incorpóreo (ἀσώματος), visível (όρατός) e invisível (ἀόρατος), sensível (άπτός) e inteligível (νοητός). Esse campo lexical parece indicar o paradigma focal que seleciona o emprego de εἶδος (formas) em seu aspecto metafísico. A coocorrência de tais vocábulo e a correlação com o tema precisariam ser verificadas em outros diálogos, mas ainda se trata de um caminho possível para pesquisas futuras. Isso porque, nos demais contextos da obra, εἶδος (forma) e ἰδέα (ideia) designam conceitos ou categorias de maneira genérica.

Além disso, ao contrário do que defendia Else (1936), o termo γένος (gênero), com 56 ocorrências no *corpus*, foi empregado em ambas as estruturas conceituais com o mesmo valor de εἶδος (forma) e ἰδέα (ideia). Assim, a afirmação de que γένος não seria um termo propriamente dito, mas apenas uma lexia vaga e de menor importância (Else, 1936, p. 28), não parece verdadeira no tocante ao *Sofista*. A vagueza ou generalidade observada em γένος (gênero) parece ser igualmente presente em εἶδος (forma) e ἰδέα (ideia). Entretanto, a falta de caracterização semântica não seria um problema nesse tipo de caso. Isso porque a função

³²⁶ (Platão, *Sofista*, 235d).

³²⁷ (Platão, *Sofista*, 253d).

³²⁸ (Platão, *Sofista*, 254a).

³²⁹ (Platão, *Sofista*, 255e).

³³⁰ “ΞΕΝΟΣ: νοητὰ ἅπαντα καὶ ἀσώματα εἶδη βιαζόμενοι τὴν ἀληθινὴν οὐσίαν εἶναι” (Platão, *Sofista*, 246b).

representacional desses termos é de identificar outros conceitos, independente da natureza de cada um.

Quanto às estruturas conceituais no *Sofista*, há uma discrepância significativa entre *τέχνη* (arte) e *ὄντως οὐσία* (real realidade), tanto na natureza dos conceitos como na organização das relações. No caso de *τέχνη* (arte), cada termo representa um tipo de atividade planejada com o intuito de obter um resultado específico — seja a aquisição ou a produção de algo. A estrutura segue um padrão hierárquico de taxonomia. Cada nível é elaborado pelo processo de dividir (*διαίρεω*) formas (*εἶδος*) em duas partes (*μέρος*) mais específicas, chamado na obra de *διαίρεσις* (divisão). Esse processo opera a partir de oposições entre características de um elemento ou participante da atividade em questão. Em termos semânticos, cada divisão compreenderia dois traços contrastantes ligados a um traço de sentido mais amplo, chamado de ‘articulador’, que atuaria como uma espécie de eixo de sentido para a oposição. A partir desse processo, são formados conceitos mutuamente excludentes que dividem uma categoria em dois. Trata-se do que Cruse (1987, p. 198) designa como ‘opostos complementares’.

Entretanto, a estrutura conceitual da arte apresenta variações. Nas ramificações de *ἀγοραστική* (mercantil), certas formas opostas apresentam as mesmas subcategorias, que se comportam como um reflexo conceitual uma da outra, se distinguindo apenas pelo traço semântico da respectiva forma superordenada. Porém, essas diferenças estruturais podem ser compreendidas não como uma inconsistência, mas como uma antecipação do debate acerca de *ὄντως οὐσία* (realidade), em que se defende a possibilidade de mistura entre diferentes formas. De todo modo, o processo de *διαίρεσις* (divisão), no *Sofista*, pode ser identificado como um tipo de procedimento dialético³³¹, aplicado particularmente nessa obra com objetivo de definir a sofística pela identificação de suas diversas práticas.

A estrutura de *ὄντως οὐσία* (real realidade), em contrapartida, não seria primariamente formada nem por hiponímias nem por oposições complementares, mas por um tipo de relação elaborado explicitamente na própria obra: o partilhar (*κοινωνέω*). De um ponto de vista semântico-lexical, essa relação seria constituída por um par de opostos conversivos marcados pelo contraste agente:paciente. A partilha de cada elemento seria determinada por uma espécie de dependência lógica e ontológica. Por exemplo, se é verdadeiro que ‘X é (algo)’, logo, X partilharia de *τὸ ὄν* (o que-é); se ‘X é diferente de Y’, então, X partilharia de *ἕτερον* (diferente). Além disso, se ‘ser (algo)’ acarretaria ‘ser a si próprio’ e vice-versa, então *τὸ ὄν* partilharia de *ταυτόν* (idêntico) e vice-versa. Desse modo, algo apenas poderia conter certa propriedade ou

³³¹ (Platão, *Sofista*, 253d).

predicado ao ser paciente da atividade de alguma forma (*εἶδος*) da ‘real realidade’ (*ὄντως οὐσία*).

Nesse sentido, a identidade e a natureza de toda e qualquer coisa seria o resultado da atuação de diferentes realidades (*οὐσία*) que transmitiriam própria característica definitiva aos demais. Assim, as formas (*εἶδος*) no nível de *ὄντως οὐσία* (real realidade) seriam existências próprias que fundamentariam e possibilitariam a identidade de cada coisa, ente ou fenômeno, atuando como princípios ontológicos não apenas da cognição humana, mas de toda realidade em si mesma.

Entretanto, Platão não representa *κοινωνία* (partilha) como uma ação deliberada, mas sim como uma espécie de interação natural e espontânea, na medida em que cada relação seria apreendida por uma espécie de dependência ontológica. Importante ressaltar que cada forma (*εἶδος*) desse campo apresentaria suas próprias relações de dependência. Há, por exemplo, o caso da tríade *τὸ ὄν* (o que-é), *ἕτερον* (diferente) e *ταυτόν* (idêntico), em que cada elemento seria codependente dos demais. Por outro lado, há também o caso do par *κίνησις* (movimento) e *στάσις* (repouso), que seriam opostos mutuamente excludentes. Além disso, as duas últimas formas seriam dependentes das três anteriores de maneira assimétrica ou unilateral.

Cabe enfatizar que esses cinco termos não representariam exatamente categorias, como era o caso em *τέχνη* (arte), mas sim princípios enquanto objetos singulares. Por exemplo, *κίνησις* (movimento) não seria apenas uma abstração do movimento, mas também o princípio ontológico do movimento, um elemento ou objeto singular com existência própria. Contudo, apreendem-se categorias gerais a partir desses entes, como no caso de *τὸ ὄν* (o que-é), que representa tanto o princípio ontológico do ‘ser’ quanto o conjunto das ‘coisas que são’.

Essas diferenças de tema e relação conceitual entre os campos de arte (*τέχνη*) e *ὄντως οὐσία* (real realidade) parecem reforçar a perspectiva de Else (1936, p. 53). Ele interpreta que o termo *εἶδος* (forma) no campo da arte seria empregado no sentido hipocrático, meramente para designar um ‘tipo’ de coisa, em contraste às ‘puras’ e ‘verdadeiras’ formas apresentadas nos trechos sobre a ‘real realidade’. Uma evidência levantada por Else (1936, p. 53) para essa distinção é o emprego de ‘*νοητά*’ e ‘*ἁσώματα*’ referido no começo deste capítulo. Outra evidência favorável é a discussão acerca do método para dividir (*διαφέρειν*) formas (*εἶδος*) em partes (*μέρος*) no *Político* (262a-262c, 265a). Ainda que a divisão seja apresentada como um processo objetivo com critérios próprios de validação, admite-se a possibilidade de múltiplas maneiras de realizá-la, como a divisão de uma forma (*εἶδος*) pela metade³³² e a discriminação

³³² “*διὰ μέσων*” (Platão, *Político*, 262b).

da menor parte pela maior³³³. Nesse sentido, é como se certas formas (*εἶδος*) fossem compreendidas como categorias puramente mentais, que podem ser reorganizadas conforme o critério deliberado. Assim, pode-se distinguir pelo menos dois empregos diferentes de *εἶδος* (forma): um, em sentido forte, representando ‘algo que-é’ (*τὸ ὄν*) enquanto princípio ontológico de alguma propriedade ou predicado, um elemento com existência independente à cognição humana; e outra, em sentido fraco, expressando uma categoria enquanto produto mental, semelhante ao uso hipocrático.

Conforme a listagem de Campbell (1867, p. xxv), diversas designações do campo de *τέχνη* (arte) ocorrem como hápax no *Corpus platonicum*. Considerando também que há uma espécie de revisão ou mesmo reelaboração dos procedimentos de divisão (*διαίρεσις*) no *Político*, é possível que os termos de *τέχνη* (arte), ou mesmo a própria estrutura conceitual, possuam um baixo valor representacional na terminologia platônica. Isso porque, ainda segundo Campbell (1867, p. xlv), essas divisões ou ‘dicotomias’ seriam um exercício propedêutico ou provisório. Entretanto, ainda seriam termos, na medida em que são produzidos a partir de um procedimento técnico de importância para o autor, a dialética (*διαλεκτική*). Assim, o aspecto mais relevante de *τέχνη* (arte), em certa medida, seria a maneira pela qual é estruturada e organizada — isso é, o modo como são estabelecidas as relações, definições e aplicações de cada conceito.

As duas estruturas seriam o resultado de diferentes procedimentos de elaboração e distinção conceitual, mas ambas ainda seriam produto da dialética (*διαλεκτική*). Conforme demonstrado no Capítulo 4.7, a dialética compreenderia tanto a divisão (*διαίρεσις*) de conceitos em categorias e unidades mais específicas quanto a reunião (*συναγωγή*) de referências e formas em ideias mais amplas³³⁴. Embora as subdivisões das artes (*τέχνη*) sejam obtidas pela divisão (*διαίρεσις*), como uma maneira de investigar as múltiplas atividades da unidade conceitual sofística, esse procedimento também conduziu à discussão sobre a real realidade (*ὄντως οὐσία*), em que há uma reunião (*συναγωγή*) da multiplicidade em unidades ontológicas mais fundamentais. Isso porque a última definição de sofística levanta um problema acerca da oposição entre ‘o que-é’ (*τὸ ὄν*) e ‘o que-não-é’ (*τὸ μὴ ὄν*), direcionando o diálogo à discussão sobre a real realidade (*ὄντως οὐσία*), após a qual torna-se possível enfim elaborar a última ramificação das artes (*τέχνη*). Isso não apenas demonstra a pervasividade dos conceitos da real realidade (*ὄντως οὐσία*), mas também da dialética (*διαλεκτική*). Assim, o método dialético é representado como a capacidade de desvendar tanto as mais específicas das atividades humanas

³³³ “πρὸς μέγα μέρος μικρὸν διαιρουμένην” (Platão, *Político*, 265a).

³³⁴ (Platão, *Sofista*, 253d-253e).

— inclusive aquelas que os próprios personagens consideram irrelevantes — quanto os princípios mais básicos da realidade. Contudo, as mudanças de tema, das artes (τέχνη) para a real realidade (ὄντως οὐσία), demonstra como a divisão (διαίρεσις) e a reunião (συναγωγή) não seriam processos totalmente separados, mas sim movimentos conduzidos de maneira alternada de acordo com as necessidades da investigação. Ademais, convém destacar que o movimento (κίνησις) também recebe uma bipartição conceitual que não recorre à lógica da partilha (κοινωνία) (Platão, Teeteto, 181c-181d), algo em alguma medida semelhante às divisões no campo das artes (τέχνη) no *Sofista*. Isso reforça a percepção de que mesmo as formas de τέχνη (arte) em alguma medida refletiriam aspectos dos conceitos da real realidade (ὄντως οὐσία), uma vez que podem apresentar estruturas semelhantes.

Portanto, εἶδος (forma), ἰδέα (ideia) e γένος (gênero) podem ser definidos como ‘o objeto típico da dialética (διαλεκτική)’, sendo então variantes designativas de um mesmo termo generalista. Ademais, o emprego desses vocábulos em campos diversos pode ser uma maneira de ressaltar a conexão dos conjuntos ou das categorias mentais com os princípios ontológicos. De uma maneira ou de outra, escolha de empregar os três vocábulos para tipos tão diferentes de conceito reflete a própria busca filosófica de Platão, como defendido por Kahn (2004), em alcançar as unidades na multiplicidade e vice-versa, sejam elas unidades cognitivas ou metafísicas.

Essa proposta filosófica pode explicar também os demais casos de variação designativa observados nos Capítulos anteriores. Ainda que uma variação terminológica possa suscitar discussões sobre uma possível variação conceitual ou mesmo uma inconsistência teórica, a coerência argumentativa e a consistência conceitual do *Sofista* possibilitaram identificar que a variação ocorreria especificamente quanto às designações. Isso é, em função da consistência conceitual e da coerência argumentativa no *Sofista*, a variação terminológica do texto foi identificada apenas como designativa, e não conceitual. Em certos casos, isso ocorreria entre unidades com sentido lexical próximo, como κοινωνέω (partilhar), μεταλαμβάνω (tomar parte) e μετέχω (participar), que possuem algum nível de sinonímia na própria língua grega. Similarmente, há também o caso de μεταβλητική (comutativa) e ἀλλακτική (permutativa). Em outras situações, um termo adjetivo como πεζοθηρική (predatória dos pedestres) é retomado por uma forma substantiva, πεζοθηρία, ou com uma perífrase, “τῆς πεζῆς θήρας” (Platão, *Sofista*, 222b).

Essas variações, embora possam parecer arbitrárias e aleatórias, podem ser explicadas pelas próprias reflexões de Platão. Como afirmado anteriormente, a variação designativa no *Sofista* pode ser motivada pela desconfiança platônica a respeito da transmissão de

conhecimentos pela escrita (Kahn, 2004; Reale, 2014; Platão, Fedro, 274c-277a). Além disso, o reconhecimento de um mesmo conceito em múltiplas designações é, em alguma medida, um processo interpretativo análogo à reflexão dialética acerca das unidades na multiplicidade. Nesse sentido, Platão convida o ouvinte ou leitor a reconhecer o sentido comum, a unidade conceitual, em diferentes designações, oferecendo uma experiência textual semelhante à própria busca pelas unidades de forma (*εἶδος*) na multiplicidade do mundo. Assim, é possível que a variação designativa seja também uma estratégia para provocar um efeito de dúvida na recepção que emule, ainda que parcialmente, ou incite a investigação dialética.

Ressalta-se também que a perspectiva da TCT foi determinante para esta pesquisa. Convém lembrar que, segundo Cabré (1998, 1999), o conhecimento especializado é estruturado por meio de relações conceituais e, quando adquirido, pode ser representado na forma de um mapa conceitual. Esse foco nas relações, com a auxílio da semântica contextual, permitiu observações mais diretas sobre a maneira como os diferentes conceitos da obra são organizados para formar um sistema teórico coerente. A partir disso, foi possível também realizar as comparações entre as diferentes estruturas conceituais. Tais informações relacionais e estruturais foram de suma importância para a análise e descrição dos termos, além de serem fundamentais para a delimitação e definição dos conceitos. Ademais, a própria macroestrutura e microestrutura do léxico foram concebidas com o intuito de aplicar mais rigorosamente os princípios teóricos e metodológicos retomados acima (Cabré, 1998, 1999). Vale também informar que o modelo proposto de léxico relacional foi útil como material de consulta ao decorrer da própria pesquisa, na medida em que reunia informações textuais sobre os termos e organizava dados semântico-lexicais sobre os conceitos. Desse modo, a construção do léxico permitiu um maior controle sobre as análises, descrições e conclusões da pesquisa.

Por fim, cabe destacar que este não é um estudo exaustivo sobre toda a terminologia de Platão, mas uma tentativa inicial de sistematização das estruturas conceituais presentes no *Sofista*, particularmente voltada para as relações conceituais de forma (*εἶδος*), ideia (*idéa*) e inteligível (*νοητός*). Para uma perspectiva mais ampla, as definições e relações conceituais aqui postas devem ser sujeitadas a comparações com outros diálogos. Portanto, ainda há termos a serem explorados, em particular os que são apenas mencionados brevemente, aqueles cuja estrutura conceitual é mais diretamente discutida em outras obras ou que fogem do escopo deste trabalho. De todo modo, uma expansão do léxico exigiria um *corpus* que incluísse outros diálogos.

Por exemplo, *τὸ μὴ δίκαιον* (o não justo) e *τὸ δίκαιον* (o justo) no *Sofista* são apenas mencionados, mas são elaborados na *República*; assim como *τὸ μὴ μέγα* (o não grande) e *τὸ*

μέγα (o grande), que ocorrem no *Fédon*; bem como καλόν (belo) e τὸ μὴ καλόν (não belo), que são descritos no *Banquete* e no *Fedro*. Outros conceitos relevantes para a discussão acerca da ‘real realidade’ (ὄντως οὐσία) seriam τὸ ἀγαθόν (o bem), debatido na *República* (504e-509b) e no *Filebo* (20c-21a); e τὸ ἓν (o uno), amplamente discutido em *Parmênides*. Ademais, o *Timeu* como um todo seria uma obra relevante para identificar outros termos relacionados a forma (εἶδος), ideia (ιδέα) e gênero (γένος). Também caberia definir de maneira mais precisa as relações de vida (ζωή), alma (ψυχή) e julgamento (φρόνησις) com o movimento (κίνησις). A partir disso, pode-se pensar em uma exploração acerca da estrutura conceitual da alma (ψυχή), em vista de mais outros conceitos como opinião (δόξα), intelecto (νοῦς), raciocínio (διάνοια) e virtude (ἀρετή) — o que demandaria um levantamento em múltiplas obras, como *Fedro*, *Fédon*, *República*, *Teeteto* e *Timeu*. Nesse caso, ainda que o campo de τέχνη (arte) seja considerado provisório, as subestruturas de separativa (διακριτική) e vileza (κακία) podem se provar uma exceção, devido à relação com a alma (ψυχή) e à maneira como esses assuntos são abordados em outros diálogos.

REFERÊNCIAS

ACKRILL, J. L. Plato and the Copula: *Sophist* 251-259. **The Journal of Hellenic Studies**, vol. 77, n. 1, p. 1-6, nov. 1957. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/628625>. Acesso em: 20 mar. 2026.

_____. **Essays on Plato and Aristotle**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

AMBUEL, D. Difference in Kind: Observations on the Distinction of the Megista Gene. In: BOSSI, B.; ROBINSON, T. M. (eds.) **Plato's *Sophist* revisited**. Belin: De Gruyter, 2013. p. 247-268.

AST, F. **Lexicon Platonicum**. [S. l.]: Lipsiae in libraria Weidmanniana, 1835.

BARNABÉ, A. The sixth definition (*Sophist* 226a–231c): transposition of religious language. In: BOSSI, B.; ROBINSON, T. M. (eds.) **Plato's *Sophist* revisited**. Belin: De Gruyter, 2013. p. 41-56.

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BALDRY, H. C. Plato's 'Technical Terms'. **The Classical Quarterly**, Jul.-Oct., 1937, v. 31, n. 3/4 Jul.-Oct., 1937, p. 141-150. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/636692>. Acesso em: 07 ago. 2025.

BOSSI, B. Back to the Point: Plato and Parmenides – Genuine Parricide? In: BOSSI, B.; ROBINSON, T. M. (eds.) **Plato's *Sophist* revisited**. Belin: De Gruyter, 2013. p. 157-173.

BEEKES, R. S. P. **Etymological dictionary of Greek**. v. 1-2. Leiden: Brill, 2010.

BIBER, D. Corpus-based and corpus-driven analyses of Language variation and use. In: HEINE, B.; HEIKO, N. (ed.) **Oxford handbook of linguistic analysis**. 2 ed. Oxford: Oxford university press, 2015.

BLONDELL, R. **The play of character in Plato's dialogues**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BOAS, E. E.; RIJKSBARON, A.; HUITINK, H.; DE BAKKER, M. **Cambridge grammar of classical Greek**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2017.

BROWN, L. Being in the Sophist: A Syntactical Enquiry. In: FINE, G. (ed.) **Plato. 1: Metaphysics and Epistemology Oxford Readings in Philosophy**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 455-478.

CABRÉ, M. T. **Terminology: theory, methods and applications**. Tradução Janet Ann DeCesaris. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

_____. **La terminologia: Representación y comunicación**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada; Universitat Pompeu Fabra, 1999.

_____. Terminología y lingüística: la teoría de las puertas. Tradução Rosanna Folguerà. **Estudios de Lingüística del Español (ELiEs)**. Espanha, nº. 16, 2002a. ISSN-e 1139-8736. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3166034>. Acesso em: 26 out. 2025.

_____. Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización. *In*: GARCÍA PALACIOS, J.; FUENTES MORÁN, M. T. (eds.). **Texto, Terminología y Traducción**. Salamanca: Ediciones Almar, 2002b. p. 15-36.

CAMPBELL, L. (ed.) **Sophistes and Politicus of Plato**. Oxford: Clarendon press, 1867.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2002.

COXON, A. H. (ed.) **The fragments of Parmenides**. Las Vegas; Zurich; Athens: Parmenides Publishing, 2009.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004

CRUSE, D. A. **Lexical semantics**. Cambridge; New York; Melbourne: Cambridge University press, 1987.

DDGP: Dicionário digital grego-português. Araraquara: FCLAr/UNESP, 2022. Disponível em: <http://hipatia.fclar.unesp.br/3x/>. Acesso em: 20 de ago. 2025.

DIGGLE, J. (ed.); FRASER, B. L.; JAMES, P.; SIMKIN, O. B.; THOMPSON, A. A.; WESTRIPP, S. J. **The Cambridge Greek Lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

ELSE, G. F. The Terminology of the Ideas. **Harvard Studies in Classical Philology**, 1936, Vol. 47, 1936, p. 17-55. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/310570>. Acesso em: 07 ago. 2025.

EUCLIDES. **Euclidis Elementa**. Edição Heiberg, J. L. Leipzig: Teubner, 1883-1888. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>. Acesso em: 26 set. 2024.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. *In*: BACH, E.; HARNS, R. T. (ed.) **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehard & Winston, 1968. P. 1-88.

_____. Frame Semantics. *In*: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA. **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982. p. 111-137.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018a.

_____. **Elementos de análise do discurso**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2018b.

_____. A respeito dos conceitos de debreagem e de embreagem: as relações entre semiótica e linguística. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 15, n. 1, p. 12-38, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i1.8970>.

GAUDIN, F. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. Tradução Enilde Fausltich. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. VII. Campo Grande: Editora UFMS, 2014. p. 287-303.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**: pesquisa e método. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

HAAS, W. Semantic Value. In: LUNT, H. G. (ed.) **Proceedings of the ninth International Congress of Linguists**. Massachusetts: Cambridge, 1962a. p.1066-1072.

_____. The theory of translation. **Philosophy** (Cambridge University Press on behalf of Royal Institute of Philosophy). [Cambridge], vol. 37, n° 141, Jul. 1962b. p. 208-228. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3748438>. Acesso em: 02 nov. 2025.

HARDUIN, P. S. M. **Realidade e perspectiva**: um estudo sobre a ontologia do Sofista de Platão. Orientador: Marco Antônio de Avila Zingano. 2024. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-06082024-160957/>. Acesso em: 4 maio 2026.

HIPÓCRATES. **Collected Works I**. Edição W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1868. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>. Acesso em: 26 set. 2024.

HAVELOCK, E. **Preface to Plato**. New York: Universal library, 1967.

KAHN, C. H. **Plato and the socratic dialogue**: The philosophical use of a literary form. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KAHN, C. H. **Essays on Being**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. **Plato and the post-socratic dialogue**: the return to the philosophy of nature. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2013.

KOENTGES, T. Computational Analysis of the Corpus Platonicum. **Center for hellenic studies research bulletin**, [S. l.], vol. 6, 2018. Disponível em: http://nrs.harvard.edu/urn3:hlnc.essay:KoentgesT.Computational_Analysis_of_the_Corpus_Platonicum. 2018. Acesso em: 11 set. 2022.

_____. The un-platonic menexenus: a stylometric analysis with more data. **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, [S. l.], vol. 60, n. 2, p. 211-241. Maio 2020a. Disponível em: <https://grbs.library.duke.edu/index.php/grbs/article/view/16197>. Acesso em: 11 set. 2022.

_____. Measuring Philosophy in the First Thousand Years of Greek Literature. **Digital classics online**. [S. l.], bd. 6,2, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.11588/dco.2020.2.73197>. Disponível em:

<https://journals.ub.uniheidelberg.de/index.php/dco/article/view/73197>. Acesso em: 11 set. 2022.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

L'HOMME, M. **Lexical Semantics for Terminology**: an introduction. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020.

LSJ: A Greek-English lexicon. [S. l.: s. n.], 2025. Disponível em: https://lsj.gr/wiki/Main_Page. Acesso em: 20 ago. 2025.

PETERS, F. E. **Greek Philosophical Terms**: a historical lexicon. New York: New York University Press; London: University of London Press Pimited, 1967.

PLATÃO, Apologia de Sócrates. In: **Platonis Opera**. ed. John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Fédon. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Fedro. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Filebo. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Górgias. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Parmênides. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Político. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. República. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Sofista. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Teeteto. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. Timeu. In: **Platonis Opera**. Edição John Burnet. [S. l.]: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. **Plato in Twelve Volumes**: Vol. 1-9. Translated by W.R.M. Lamb. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd. 1925. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. **Plato in Twelve Volumes**, Vol. 12 translated by Harold N. Fowler. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921. 1925. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collections>. Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. **Fédon**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: Ed.ufpa, 2011.

_____. **Fedro**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: Ed.ufpa, 2011.

_____. **Górgias; Protágoras**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: Ed.ufpa, 2021.

_____. **Sofista; Político**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 2 ed. Belém: Ed.ufpa, 2024.

_____. **República**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 4 ed. Belém: Ed.ufpa, 2016.

_____. **Diálogos, vol. VIII**: Parmênides - Filebo. Tradução Carlos Alberto Nunes. 1 ed. [Belém]: Universidade Federal do Pará, 1974.

_____. **Diálogos, vol. X**: Sofista – Político – Apócrifos ou Duvidosos. Tradução Carlos Alberto Nunes. 1 ed. [Belém]: Universidade Federal do Pará, 1980.

_____. **Sofista**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Digitalização Juscelino D. Rodrigues. [S. l.: s. n.], 2003. Disponível em: <https://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do>. Acesso em: 20 abril 2026.

PRADO, A. L. do A. de A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. **Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 298-299, 2006. DOI: 10.24277/classica.v19i2.123. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/123>. Acesso em: 10 abril. 2026.

PRIETO, M. H. T. C.; TORRES, M. I. G.; ABRANCHES, C. M. N. **Do grego e do latim ao português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1991.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. São Paulo: Contexto, 2018.

RAGON, E. **Gramática grega**. São Paulo: Odysseus editora, 2011.

REALE, G. **História da filosofia grega e romana, vol. III: Platão.** Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz, Marcelo Perini. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

_____. **História da filosofia grega e romana, vol. IV: Plotino e o neoplatonismo.** Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz, Marcelo Perini. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

_____. **História da filosofia grega e romana, vol. IX: léxico da filosofia grega e romana.** Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz, Marcelo Perini. São Paulo: Edições Loyola, 2014c.

ROMILLY, J. de. **The Great Sophists in Periclean Athens.** Traduzido por Janet Lloyd. Oxford: Clarendon Press, 2002.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus.** Barueri: Manoele, 2004.

SALLIS, J. **Being and logos: reading the platonic dialogues.** 3 ed. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 1996.

SCHÄFER, C. (Org.) **Léxico de Platão.** Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SMYTH, H. W. **A Greek Grammar for Colleges.** [S. l.] American Book Company, 1920.
Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus%3Acollection%3AGrecoRoman>. Acesso em: 13 set. 2023.

TEMMERMAN, R. Teoria sociocognitiva da terminologia. Tradução Natacha Enzweiler; Luzia Araújo. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, nº 17, outubro-dezembro, 2004, p. 31-50.

VATRI, A.; MCGILLIVRAY, B. The Diorisis Ancient Greek Corpus. **Research Data Journal for the Humanities and Social Sciences**, [S. l.], vol. 3, nº 1, 2018, p. 55-65. DOI: 10.1163/24523666-01000013

VLASTOS, G. **Socratic Studies.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y lexicografía terminológica.** Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2003.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALIEVA, O. Elenchus and Diairesis in Plato's Sophist. **Hermathena**, n. 189, 2010, p. 71-91. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/42950993>. Acesso em: 9 ago. 2026.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral - Volume I**. 6 ed. Campinas: Pontes editores, 2020.

BEVILACQUA, C. R. Terminologia mono/bi/multilíngüe: algumas propostas e reflexões referentes às unidades fraseológicas especializadas. **Tradterm**, São Paulo, v. 8, p. 135–147, 2002. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2002.49128. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/49128>. Acesso em: 9 jul. 2026.

_____. Unidades fraseológicas especializadas: estado da questão em relação a sua definição, denominação e critérios de seleção. **Tradterm**, São Paulo, Brasil, v. 11, p. 237–253, 2005. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2005.49689. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/49689>. Acesso em: 9 jul. 2026.

_____. Unidades fraseológicas especializadas: novas perspectivas para sua identificação e tratamento. **Organon**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.29562. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29562>. Acesso em: 9 jul. 2026.

BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/17049>. Acesso em: 10 ago. 2026.

CASSIN, B.; GOFFEY, A. Sophistics, Rhetorics, and Performance; or, How to Really Do Things with Words. **Philosophy & Rhetoric**, [Pennsylvania], v. 42, n. 4, 2009, p. 349-372. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25655365>. Acesso em: 9 jul. 2026.

CASSIN, B. **O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

CHISHMAN, R. L. de. O léxico gerativo de James Pustejovsky. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 119-138, 2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/14786>. Acesso em: 9 jul. 2026.

CIAPUSCIO, G.; KUGUEL, J. Hacia una tipolización del discurso especializado: aspectos teóricos y aplicados. In: PALACIOS, J. G.; MORÁN, M. T. F. (eds.). **Texto, Terminología y Traducción**. Salamanca: Ediciones Almar, 2002. p. 37-73.

DIÓGENES LAÉRCIO. **Lives of Eminent Philosophers**. Edição R. D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, 1972. Disponível em:

<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>. Acesso em 9 jul. 2026.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di semantica**, v. 6, n. 2, 1985, p. 222-255. Disponível em: <https://www.cs.toronto.edu/~gpenn/csc2519/>. Acesso em: 9 jul. 2026.

FINATTO, M. J. B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. **Organon**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.29563. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29563>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FONSECA, H. Variedade terminológica na fraseologia. **Revista Digital Internacional de Lexicología, Lexicografía y Terminología**, Córdoba, Argentina., v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ReDILLeT/article/view/22222>. Acesso em: 9 jul. 2026.

FRANKLIN, L. Dichotomy and platonic diairesis. **History of Philosophy Quarterly**, v. 28, n. 1, 2011, p. 1-20. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25762153>. Acesso em: 9 ago. 2026.

FREIXA, J. L. La variación denominativa em Terminología: tipos causas. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (orgs.). **As ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia – Volume VII**. Campo Grande: Ed.UFMS, 2014, p. 305-323.

GÓMEZ-LOBO, A. Plato's Description of Dialectic in the 'Sophist' 253d I-e2. **Phronesis**, v. 22, n. 1, 1977, p. 29-47. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4182003>. Acesso em: 9 ago. 2026.

GRIEKS Nederlands. In: **LOGEION**. [S. l.: s. n.]: 2024. Disponível em: <https://logeion.uchicago.edu>. Acesso em: 10 jan. 2026.

HARRIS, Z. S. Distributional Structure. **Word**, v. 10, n. 2-3, 1954, p. 146-162. DOI: 10.1080/00437956.1954.11659520. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1954.11659520>. Acesso em: 9 jul. 2026.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KRIEGER, M. da G. A. A heterogeneidade do léxico especializado e perfis terminológicos. In: MURAKAWA, C. de A. A.; NADIN, O. L. (orgs.). **Terminologia: uma ciência interdisciplinar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 23-42.

LYONS, J. **Semantics 1**. New York: Cambridge University Press, 2009.

_____. **Semantics 2**. New York: Cambridge University Press, 2001.

MARTHA, W. E. **Relational models of the lexicon: representing knowledge in semantic networks**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

MORTARI, C. A. **Introdução à lógica**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

PALACIOS, J. G. El artículo lexicográfico en el diccionario de especialidad. *In*. LARA, I. A. (org.). **Diccionarios y lenguas de especialidad**. Universidad de Jaén: Jaén, 2002.

PHILIP, J. A. Platonic diairesis. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 97, 1966, p. 335-58. DOI: 10.2307/2936018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2936018>. Acesso em: 9 ago. 2026.

POLGUÈRE, A. From Writing Dictionaries to Weaving Lexical Networks. **International Journal of Lexicography**, v. 27, n. 4, 2014, p. 396-418. Disponível em: <https://academic.oup.com/ijl/article-abstract/27/4/396/932994?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 9 jul. 2026.

TREVASKIS, J. R. Division and Its Relation to Dialectic and Ontology in Plato. **Phronesis**, v. 12, n. 2, 1967, p. 118-29. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4181798>. Acesso em: 9 jul. 2026.

GLOSSÁRIO DE TERMOS SEMÂNTICO-LEXICAIS

ACARRETAMENTO.

(Cruse, 1987, p. 14-15; Ferreira, 2022, p. 79-86)

Relação de consequência lógica entre duas sentenças declarativas.

Acarretamento unilateral

Dado um par de sentenças **A** e **B**, haverá acarretamento unilateral se ambas as condições forem satisfeitas:

1. Verdade de **A** sempre resulta na verdade de **B**;
2. Falsidade de **B** sempre resulta na falsidade de **A**.
 - Por exemplo, sempre que
 - (A) ‘*Eu vi uma andorinha*’ for verdadeira, então,
 - (B) ‘*Eu vi um pássaro*’ também será verdadeira.
 - Por outro lado, se
 - (B) ‘*Eu vi um pássaro*’ for falsa, então,
 - (A) ‘*Eu vi uma andorinha*’ também será falsa.

Acarretamento mútuo

Dado um par de sentenças **A** e **B**, haverá acarretamento mútuo se ambas as condições forem satisfeitas:

1. Verdade de uma (**A** ou **B**) sempre resulta na verdade da outra;
2. Falsidade de uma (**A** ou **B**) sempre resulta na verdade da outra.
 - Por exemplo, sempre que
 - (A) ‘*São dez horas e cinquenta minutos*’ for verdadeira, então,
 - (B) ‘*Faltam dez minutos para as onze horas*’ também será verdadeira e vice-versa.

ANTONÍMIA, Antônimos.

(Cruse, 1987, p. 204-206)

Conferir Contrariedade e Contraditoriedade.

Compreende-se Antonímia especificamente como uma relação de opostos graduais ou escalares. A antonímia apresenta subtipos e varia em propriedades. Aqui, operacionaliza-se a característica com o propósito de distingui-la das demais formas de oposição. Desse modo, assume-se que, por definição, lexias em algum tipo de contraditoriedade podem ser diagnosticadas como Antônimos quando essa oposição possui casos de gradação. Um exemplo disso seria o emprego de formas no comparativo e no superlativo. Assume-se também que construções perifrásticas preservem esse tipo oposição escalável, conforme os exemplos: ‘*Sócrates é mais sábio que Meleto*’ e ‘*Sócrates tem mais sabedoria que Meleto*’.

Uma propriedade possível das Antonímias é o ‘engajamento’ ([*being*] *committed*) (Cruse, 1987, p. 208-209). Antonímias engajadas são marcadas pela presença de um membro com conotação positiva e o outro, negativa — como nos exemplos acima, em que ‘sábio’ é uma característica nitidamente elogiosa.

COMPATIBILIDADE, Compatíveis

(Cruse, 1987, p. 92-93)

Conferir Hiperonímia.

Conceito que demarca uma relação *possível*, mas não *necessária* entre duas sentenças ou lexias. Ou seja, sentidos que não são nem excludentes nem inclusivos.

Considere um par de sentenças **A** e **B** que diferem apenas pela presença ou de uma lexia **L1** ou **L2**, que necessariamente pertençam a um mesmo hiperônimo, como ‘*Isto é um L1*’ e ‘*Isto é um L2*’.

Por exemplo:

(A) ‘Este sujeito é um **neurologista**’;

(B) ‘Este sujeito é um **cirurgião**’.

Considere também as versões negativas desses predicados:

(An) ‘Este sujeito *não* é um **neurologista**’;

(Bn) ‘Este sujeito *não* é um **cirurgião**’.

A verdade da sentença **A** não acarreta nem **B** nem **Bn**, tal como a verdade de **B** não acarreta nem **A** nem **An**. Do mesmo modo, **An** não acarreta nem **B** nem **Bn**, que também não acarreta nem **A** nem **An**. Isso é, o valor de verdade entre as sentenças **A** e **B** é independente tanto nas afirmativas quanto nas negativas. Portanto, ‘neurologista’ e ‘cirurgião’ seriam semanticamente compatíveis. Assim, a lexia ‘neurocirurgião’ expressaria justamente a intercessão das possibilidades de sentido entre **L1** e **L2**.

(oposição) COMPLEMENTAR, (opostos) Complementares

(Cruse, 1987, p. 198-205)

Conferir Contraditoriedade.

Segundo Cruse, “A essência de um par de complementares é que, entre eles, há uma divisão exaustiva de algum domínio conceitual em dois compartimentos mutuamente excludentes, então o que não cai em um dos compartimentos deve necessariamente cair no outro”³³⁵ (1987, p. 198, tradução nossa). Nesse sentido, lexias em oposição complementar são contraditórias e não escaláveis.

CONTRADITORIEDADE, Contraditórios

(Cruse, 1987, p. 14-15; Ferreira, 2022, p. 85-87)

Conferir Acarretamento.

Tipo de relação de sentido em que a verdade de uma sentença **A** resulta na falsidade de uma outra sentença **B** e vice-versa. Trata-se das situações em que afirmar um sentido sempre resulta na negação de um outro.

Por exemplo, sempre que

(A) ‘*ele está vivo*’ for verdadeira, então

(B) ‘*ele está morto*’ será falsa.

Igualmente, se

(C) ‘*ele está parado*’ for verdadeira, então

(D) ‘*ele está em movimento*’ e ‘*ele está se movendo*’ serão falsas.

Observe que essas quatro sentenças são semelhantes, diferindo por apenas um elemento lexical ou sintagmático: vivo:morto, parado::‘em movimento:se movendo’). Dessa maneira, a contraditoriedade pode ser compreendida como um fenômeno lexical, e não apenas sentencial. Cabe também observar que, nesses casos, a verdade da afirmativa sempre resulta em que a negativa da contraditória também seja verdadeira e vice-versa. Ou seja, se a verdade de uma sentença **A** resulta a falsidade de uma **B** (e vice-versa), então a verdade da negativa de **B** acarretará a afirmativa de **A** (e vice-versa). Isso é, haverá um acarretamento mútuo entre **A** e a versão negativa da sentença **B**.

Por exemplo, se a verdade de

(A) ‘*ele está vivo*’ acarretar a falsidade de (B) ‘*ele está morto*’, então

³³⁵ “The essence of a pair of complementaries is that between them they exhaustively divide some conceptual domain into two mutually exclusive compartments, so that what does not fall into one of the compartments must necessarily fall into the other.”

(Bn) ‘*ele não está morto*’ também será verdadeira.

Dito de outro modo, sempre que a verdade de **A** acarretar a falsidade de **B**, haverá também um acarretamento mútuo entre **A** e a forma negativa de **B**.

CONTRARIEDADE, Contrários

(Cruse, 1987, p. 14-15; Ferreira, 2022, p. 84-86)

Conferir Acarretamento.

Tipo de relação de sentido em que a verdade de uma sentença **A** sempre acarreta a verdade da negativa de outra sentença **B**, mas o inverso não ocorre. Dito de outra maneira, um dado um par de sentenças **A** e **B** serão contrárias se houver um acarretamento unilateral entre a versão afirmativa de **A** e a negativa de **B**.

Por exemplo, a verdade de

- ‘*Isto é um gato*’ acarreta a verdade de ‘*isto não é um cachorro*’, porém,
- ‘*Isto não é um cachorro*’ não acarreta a verdade de ‘*Isto é um gato*’

Quanto à negativa da primeira (‘*Isto não é um gato*’), também não há um acarretamento de ‘*Isto não é um cachorro*’ nem de ‘*Isto é um cachorro*’. Tal como no caso da contraditoriedade, esse fenômeno também ocorre no nível lexical, chamado mais particularmente de Incompatibilidade.

CONVERSIVIDADE, (opostos) Conversivos, oposição conversiva

(Cruse, 1987, p. 231-240; Polguère, 2018, p. 165-167)

Conferir Acarretamento.

Relação lexical que expressa posições inversas.

Dado um par de lexias **L1** e **L2**, essas serão conversivas se e somente se for logicamente necessário substituir **L1** por **L2** no caso de uma inversão dos actantes semânticos da sentença.

Esse fenômeno pode ser reduzido à seguinte fórmula:

- Se ‘*X é L1 de Y*’,
- Então, ‘*Y é L2 de X*’.

Por exemplo:

- ‘*Teodoro é mestre de Teeteto*’, se invertida, logicamente acarreta que
- ‘*Teeteto é discípulo de Teodoro*’

Esse fenômeno pode ser compreendido como uma espécie de metáfora direcional (Cruse, 1987, p. 231-240) ou como uma relação de predicados e quase-predicados semânticos com a sintaxe da sentença (Polguère, 2018, p. 165-167). Em razão dessa assimetria direcional, esta dissertação realiza uma distinção funcional entre conversivos ‘ativos’ (a fonte de uma ação, como no caso de ‘mestre’) e conversivos ‘passivos’ (o destino dessa ação, em ‘discípulo’)

ENDONÍMIA, Endônimos

(Cruse, 1987, p. 123-124)

Chama-se de Endônimo uma lexia que expressa um determinado sentido naturalmente incluído ou encapsulado por outra lexia, chamada de Exônimo. Lexias em relação exônimo:endônimo também podem formar outros tipos de relação, como pares de hiperônimo:hipônimo, holônimo:merônimo. Por exemplo, a lexia ‘cavalo’ necessariamente inclui o sentido de ‘animal’. Desse modo, ‘cavalo’ seria exônimo e hipônimo de ‘animal’, enquanto esta lexia seria endônimo e hiperônimo daquela.

EXONÍMIA, Exônimo

Conferir Endonímia.

Lexia que inclui ou encapsula o sentido de outra, chamada de endônimo.

HIPERONÍMIA, Hiperônimo

(Cruse, 1987, p. 88-92; Polguère, 2018, p. 160-162)

Conferir *Acarretamento*.

Relação que expressa uma forma de inclusão semântica em uma categoria ou conjunto mais amplo.

Dado um par de lexias **L1** e **L2**, **L1** pode ser identificada como um Hiperônimo de **L2** e esta como um Hipônimo de **L1** caso uma afirmação de pertencimento sobre a **L1** acarrete unilateralmente no pertencimento em **L2**. Isso é, quando uma sentença do tipo ‘X é um **L1**’ acarreta ‘X é um **L2**’, mas a recíproca não é verdadeira. Por exemplo ‘*Isto é um cachorro*’ ou ‘*Isto é um elefante*’ sempre acarreta ‘*Isto é um animal*’, enquanto esta não acarreta nem a afirmação nem a negação das duas sentenças anteriores (Conferir *compatibilidade*).

Uma característica importante da Hiponímia-Hiperonímia é a transitividade semântica: a maneira como essas relações, quando configuradas em cadeia, são transferidas dos primeiros aos últimos elementos. Por exemplo, se ‘buldogue’ é um hipônimo de ‘cachorro’, e este é um hipônimo de ‘animal’, então ‘buldogue’ também será um hipônimo de ‘animal’.

O critério de identificação desse fenômeno semântico se altera de acordo com os quantificadores presentes na sentença. Para maiores esclarecimentos, consultar o trecho de Cruse acima. Cruse prefere opor o termo ‘Superordenado’ a Hipônimo, ao invés do tradicional ‘hiperônimo’, mas sua descrição tenta capturar o mesmo tipo de fenômeno (Polguère, 2018, p. 160-162).

HIPONÍMIA, Hipônimo

(Cruse, 1987, p. 88-92; Polguère, 2018, p. 160-162)

Conferir *Hiperonímia*.

Relação que expressa a inclusão de uma lexia em uma categoria maior, chamada de hiperônimo.

HOLONÍMIA, Holônimo

(Cruse, 1987, p. 160-171)

Conferir *Merônímia*.

Relação lexical que expressa o todo de uma parte, chamada de merônimo.

INCOMPATIBILIDADE, Incompatíveis

(Cruse, 1987, p. 93-95)

Conferir *Hiperonímia e Contrariedade*.

Relação de contrariedade entre lexias de um mesmo hiperônimo.

LEXEMA

Conferir páginas 30-32 da dissertação.

LEXIA

Conferir páginas 30-32 da dissertação.

MERONÍMIA, Merônimo

(Cruse, 1987, p. 160-171)

Relação lexical que expressa a parte de um todo.

Em um dado um par de lexias **L1** e **L2**, pode-se identificar um merônimo e seu respectivo holônimo pela normalidade de sentenças como ‘Um **L1** tem **L2**’ e ‘**L2** é uma parte de **L1**’. Por exemplo, se são normais as sentenças ‘Um **livro** tem **páginas**’ e ‘**Página** é uma parte de um **livro**’, então ‘página’ é um merônimo de ‘livro’ e este é um holônimo daquele.

PARONÍMIA, Parônimo

(Cruse, 1987, p. 130-133)

Conferir Endonímia e Exonímia.

Chama-se Parônimo uma lexia derivada que encapsula o sentido de sua base lexical. Isso é, Parônimos são os derivados que formam um par exônimo:endônimo com a sua origem. É o caso de dentista:dente, clareamento:clarear e dialogia:diálogo.

PLESIONÍMIA, Plesiônimo

(Cruse, 1987, p. 285-289)

Conferir Sinonímia cognitiva.

Relação entre lexias de sentido proximamente idêntico, mas que, pela diferença de apenas um traço semântico, falham no teste de sinonímia cognitiva. Cruse propõe outras maneiras de descrever as diferenças entre sinônimos e lexias de sentido próximo, mas esta foi a que se mostrou mais operacional nesta pesquisa.

SINONÍMIA COGNITIVA, Sinônimo cognitivo

(Cruse, 1987, p. 88)

Conferir Acarretamento.

Relação entre lexias que expressam a mesma denotação.

Considere um par de sentenças **A** e **B** que se diferem apenas pela presença ou de uma lexia **L1** ou de uma **L2**, como em '*Isto é um L1*' e '*Isto é um L2*'.

Por exemplo:

- '*Sócrates morreu*'
- '*Sócrates faleceu*'

Ainda que se possa depreender uma diferença de nuance, em termos de necessidade lógica essas sentenças estão mutuamente acarretadas. Isso é, se é verdade que '*Sócrates morreu*', também será necessariamente verdade que ele '*faleceu*'. Nisso consistem os sinônimos cognitivos.

TAXONÍMIA, Taxônimo

(Cruse, 1987, p. 137-145)

Conferir Hiperonímia e Incompatibilidade.

Taxônimos são hipônimos incompatíveis de um mesmo hiperônimo imediato — ou seja, 'co-hipônimos' incompatíveis. É a relação típica de uma hierarquia ramificada, também chamadas de taxonomias.

TRAÇO SEMÂNTICO

Conferir páginas 28-30 da dissertação.

TRAÇO ARTICULADOR

Conferir páginas 49-51 da dissertação.

VOCÁBULO

Conferir páginas 30-32 da dissertação.

APÊNDICE – LÉXICO DAS FORMAS

APÊNDICE A – ESTRUTURA DA ARTE (τέχνη)

PRIMEIRA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): arte-pescaria (τέχνη-ασπαλιευτική)

NÍVEL 1

τέχνη/tékhnē/arte

Relações:

Superordenados: Ø

Subordinados: **ποιητική** (taxônimo), **κτητική** (taxônimo), **διακριτική** (taxônimo INDIRETO)

Opostos: Ø

Definição:

Termo não definido no *Sofista*. Entretanto, a partir das subcategorias, pode ser definido como ‘o conjunto de atividades realizadas com o intuito de propiciar um resultado específico’.

Passagens definitórias:

República, 1.341d-1.342c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

[ΣΩΚΡΑΤΗΣ:] οὐκοῦν ἐκάστω τούτων ἔστιν τι συμφέρον;

[ΘΡΑΣΥΜΑΧΟΣ:] πάνυ γε.

[ΣΩΚΡΑΤΗΣ:] οὐ καὶ ἡ **τέχνη**, ἣν δ’ ἐγώ, ἐπὶ τούτῳ πέφυκεν, ἐπὶ τῷ τὸ *συμφέρον* ἐκάστω *ζητεῖν* τε καὶ *ἐκπορίζειν*;

[ΘΡΑΣΥΜΑΧΟΣ:] ἐπὶ τούτῳ, ἔφη.

[...]

[ΣΩΚΡΑΤΗΣ:] ἀλλὰ μὲν, ὦ Θρασύμαχε, *ἄρχουσί* γε αἱ **τέχναι** καὶ *κρατοῦσιν* ἐκείνου οὐπὲρ εἰσιν **τέχναι**.

Tradução de Nunes (2016)

[SÓCRATES] – E não há – perguntei – para cada uma dessas classes de pessoas o que lhes seja vantajoso?

[TRASÍMACO] – Perfeitamente.

[SÓCRATES] – e não tem a **arte** – voltei a falar – por finalidade natural procurar alcançar *o que é de vantagem* para cada um?

[TRASÍMACO] – Esse é, precisamente – disse, o seu fim.

[...]

[SÓCRATES] – Sendo assim, Trasímaco, **as artes governam e dominam** os objetos sobre que se exercem.

NÍVEL 2

ποιητική/poiētiké/poética

Relações:

Superordenados: **τέχνη** (hiperônimo)

Subordinados: [**ποιητική ἀνθρώπινη**] (taxônimo), [**ποιητική θεία**] (taxônimo)

Opostos: **κτητική** (complementar)

Definição:

Parte de **τέχνη** que visa produzir (ποιέω) algo.

Passagens definitórias:

Sofista, 219a-219b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: γεωργία μὲν καὶ ὅση περὶ τὸ θνητὸν πᾶν σῶμα θεραπεία, τό τε αὖ περὶ τὸ σύνθετον καὶ πλαστόν, ὃ δὴ σκεῦος ὠνομάκαμεν, ἢ τε **μιμητική**, σύμπαντα ταῦτα δικαιοτάτ' ἂν ἐνὶ προσαγορεύοιτ' ἂν ὀνόματι.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πῶς καὶ τίνι;

ΞΕΝΟΣ: πᾶν ὅπερ ἂν μὴ πρότερόν τις ὄν ὕστερον εἰς οὐσίαν ἄγῃ, τὸν μὲν ἄγοντα ποιεῖν, τὸ δὲ ἀγόμενον ποιεῖσθαι πού φαμεν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ὀρθῶς.

ΞΕΝΟΣ: τὰ δέ γε νυνδὴ ἃ διήλθομεν ἅπαντα εἶχεν εἰς τοῦτο τὴν αὐτῶν **δύναμιν**.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: εἶχε γὰρ οὖν.

ΞΕΝΟΣ: **ποιητικήν** τοίνυν αὐτὰ συγκεφαλαιωσάμενοι προσείπωμεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A *agricultura* e tudo o que trata do *corpo mortal*; depois, tudo o que se relaciona com os objetos compostos e manipulados, a que damos o nome de utensílios; e, por último, a **imitação**: não será justo designar tudo isso por um único nome?

TEETETO – Como assim, e que nome será?

ESTRANGEIRO – Damos o nome de produtor a quem *traz para a realidade* (εἰς οὐσίαν ἄγῃ) o que antes não existia, como denominamos produto o que passa a existir em cada caso particular.

TEETETO – Certo.

[ESTRANGEIRO – Ora, tudo o que há pouco enumeramos se caracteriza por essa virtude de produzir

TEETETO – Com efeito.]

ESTRANGEIRO – Então, designemos tudo aquilo por um nome único: serão as artes **produtivas**.

Comentários:

- O emprego de **οὐσία (realidade)** e **τις ὄν (algo que-é)** em **ποιητική (poética)**, no trecho “[...] μὴ πρότερόν τις ὄν ὕστερον εἰς οὐσίαν ἄγῃ [...]” (levar à realidade, em sucessão, algo que antes não era) é contraditório com as acepções posteriores (Cf. **τὸ ὄν (1)**). Portanto, essas duas expressões não estão ativas terminologicamente no trecho referido.
- Dos três termos atribuídos em hiponímia (γεωργία [agricultura], θεραπεία [cuidado] e **μιμητική [mimética]**), apenas o último é de fato inserido nas subcategorias de **ποιητική (poética)**. Os outros dois parecem não ser incluídos na estrutura por falta de conexão com a sofística. Entretanto, pode-se argumentar que γεωργία (agricultura) é compatível com alguma forma de **αὐτοποιητική** (poética das coisas próprias) e que θεραπεία (cuidado) de algum modo antecipe a discussão sobre **διακριτική (separativa)**. Ainda assim, não seria possível precisar exatamente a posição desses conceitos na estrutura por falta de indícios textuais.

κτητική/ktētiké/aquisitiva

Relações:

Superordenados: **τέχνη** (hiperônimo)

Subordinados: **μεταβλητική** (taxônimo), **χειρωτική** (taxônimo)

Opostos: **ποιητική** (complementar)

Definição:

Parte de **τέχνη** que visa a aquisição de algo que já foi gerado.

Passagens definitórias:

Sofista, 219c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὴ *μαθηματικὸν* αὖ μετὰ τοῦτο **εἶδος** ὅλον καὶ τὸ τῆς γνώσεως τό τε *χρηματιστικὸν* καὶ *ἀγωνιστικὸν* καὶ *θηρευτικόν*, ἐπειδὴ δημιουργεῖ μὲν οὐδὲν τούτων, **τὰ δὲ ὄντα** καὶ γεγονότα τὰ μὲν χειροῦται λόγοις καὶ πράξεσι, τὰ δὲ τοῖς χειρουμένοις οὐκ ἐπιτρέπει, μάλιστα ἄν που διὰ ταῦτα συνάπαντα τὰ μέρη **τέχνη** τις *κτητικὴ* λεχθεῖσα ἂν διαπρέψειεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Depois dessas, vem a **classe** inteira das artes da **aprendizagem** e do conhecimento, as do ganho, a da **luta** e a da **caça**, as quais nada fabricam, mas que, por meio da palavra ou da ação, procuram apropriar-se do **que existe** ou foi produzido, ou impedir que outros se apropriem. O nome genérico mais indicado para todas essas atividades seria o de **arte aquisitiva**.

NÍVEL 3

μεταβλητική/metablētikē/comutativa

Relações:

Superordenados: *κτητικὴ* (hiperônimo)

Subordinados: *δωρητικὴ* (taxônimo), *ἀγοραστικὴ* (taxônimo)

Opostos: *χειρωτικὴ* (complementar)

Correlatos: *ἀλλακτικὴ* (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de *κτητικὴ* que ocorre por trocas voluntárias (ἐκόν).

Passagens definitórias:

Sofista, 219d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: *κτητικῆς* δὲ ἄρ' οὐ δύο εἶδη; τὸ μὲν ἐκόντων πρὸς ἐκόντας **μεταβλητικὸν** ὃν διὰ τε δωρεῶν καὶ μισθώσεων καὶ ἀγοράσεων, τὸ δὲ λοιπόν, ἢ κατ' ἔργα ἢ κατὰ λόγους χειρούμενον σύμπαν, *χειρωτικὸν* ἂν εἴη;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Porém não há duas modalidades de **aquisição**? De um lado, temos a **troca**, *sempre voluntária*, por meio de presentes, locação e compra; do outro, tudo o que visa à captura por meio da ação ou da palavra: **a arte da captura**.

χειρωτική/kheirōtikē/submissiva

Relações:

Superordenados: *κτητικὴ* (hiperônimo)

Subordinados: *ἀγωνιστικὴ* (taxônimo), *θηρευτικὴ* (taxônimo)

Opostos: *μεταβλητικὴ* (complementar)

Definição:

Parte de **κτητική** que ocorre por dominação (χειρόω) — com o uso da força (ἔργον) ou do discurso (λόγος)

Passagens definitórias:

Sofista, 219d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **κτητικῆς** δὲ ἄρ' οὐ δύο εἶδη; τὸ μὲν ἐκόντων πρὸς ἐκόντας **μεταβλητικὸν** ὃν διὰ τε δωρεῶν καὶ μισθώσεων καὶ ἀγοράσεων, τὸ δὲ λοιπὸν, ἢ κατ' ἔργα ἢ κατὰ λόγους χειρούμενον σύμπαν, **χειρωτικὸν** ἂν εἴη;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Porém não há duas modalidades de **aquisição**? De um lado, temos a **troca**, sempre voluntária, por meio de presentes, locação e compra; do outro, tudo o que visa à *captura por meio da ação ou da palavra*: **a arte da captura**.

NÍVEL 4

ἀγωνιστική/agōnistikḗ/agonística

Relações:

Superordenados: **χειρωτική** (hiperônimo)

Subordinados: **ἀμιλλητική** (taxônimo), **μαχητική** (taxônimo)

Opostos: **θηρευτική** (complementar)

Definição:

Parte de **χειρωτική** que ocorre de maneira aberta e evidente (ἀναφανδόν).

Passagens definitórias:

Sofista, 219e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν ἀναφανδὸν ὅλον **ἀγωνιστικὸν** θέντας, τὸ δὲ κρυφαῖον αὐτῆς πᾶν **θηρευτικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Classificando no gênero **da luta** tudo o que é feito *a descoberto*, e **no da caça** o que for a ocultas.

θηρευτική/thēreutikḗ/persecutória

Relações:

Superordenados: **χειρωτική** (hiperônimo)

Subordinados: **[θηρευτική τῶν ἀψύχων]** (taxônimo), **ζωοθηρική** (taxônimo)

Opostos: **ἀγωνιστική** (complementar)

Definição:

Parte de **χειρωτική** que ocorre de maneira oculta (κρυφαῖος).

Passagens definitórias:

Sofista, 219e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν ἀναφανδὸν ὅλον **ἀγωνιστικὸν** θέντας, τὸ δὲ κρυφαῖον αὐτῆς πᾶν **θηρευτικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Classificando no **gênero da luta** tudo o que é feito a descoberto, e **no da caça** o que for *a ocultas*.

NÍVEL 5

[θηρευτική τῶν ἀψύχων]/[thēreutiké tōn apsykhōn]/[persecutória dos sem alma]

Relações:

Superordenados: **θηρευτική** (hiperônimo)

Subordinados: (?) *κολυμβητικῆς* (taxônimo)

Opostos: **ζωοθηρική** (complementar)

Definição:

Parte de **θηρευτική** que busca objetos sem alma (ἄψυχος).

Passagens definitórias:

Sofista, 220a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: πῶς δὲ οὐκ ἔστων; καὶ δεῖ γε ἡμᾶς τὸ μὲν τῶν ἀψύχων, ἀνώνυμον ὄν πλὴν κατ' ἓνια τῆς κολυμβητικῆς ἅττα μέρη καὶ τοιαῦτ' ἄλλα βραχέα, χαίρειν ἔᾶσαι, τὸ δέ, τῶν ἐμψύχων ζώων οὔσαν θήραν, προσειπεῖν ζῳοθηρικὴν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Existem, não há dúvidas. Para a classe dos *inanimados* não há nome específico, se não for apenas a parte que entende com *a arte de mergulhar* e outras igualmente insignificantes, que deixaremos de lado; mas para a dos seres animados, referente à caça a animais vivos, reservaremos o nome de **caça animal**.

Comentários:

- Conceito sem designação, explicitamente mencionado como “ἀνώνυμον” (sem nome, anônimo), conforme o trecho acima.
- “κολυμβητική” é um incluído conceitualmente em **[θηρευτική τῶν ἀψύχων]** (**persecutória dos sem alma**), mas sua posição estrutural não é definida.

ζῳοθηρική/zōjothēriké/predatória dos viventes

Relações:

Superordenados: **θηρευτική** (hiperônimo)

Subordinados: **πεζοθηρική** (taxônimo), **ἐνυγροθηρική** (taxônimo)

Opostos: **[θηρευτική τῶν ἀψύχων]**

Correlatos: ζῳοθηρία (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de **θηρευτική** que busca seres vivos com alma (ἔμψυχον ζῶον).

Passagens definitórias:

Sofista, 220a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: πῶς δὲ οὐκ ἔστων; καὶ δεῖ γε ἡμᾶς τὸ μὲν τῶν ἀψύχων, ἀνώνυμον ὄν πλὴν κατ' ἓνια τῆς κολυμβητικῆς ἅττα μέρη καὶ τοιαῦτ' ἄλλα βραχέα, χαίρειν ἔᾶσαι, τὸ δέ, τῶν ἐμψύχων ζώων οὔσαν θήραν, προσειπεῖν ζῳοθηρικὴν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Existem, não há dúvidas. Para a classe dos *inanimados* não há nome específico, se não for apenas a parte que entende com a arte de mergulhar e outras igualmente insignificantes, que deixaremos de lado; mas para a dos seres animados, referente à *caça a animais vivos*, reservaremos o nome de **caça animal**.

NÍVEL 6

πεζοθηρική/pezothēriké/predatória dos pedestres

Relações:

Superordenados: ζφοθηρική (hiperônimo)

Subordinados: [θήρα τῶν ἀγρίων] (taxônimo), ήμεροθηρική (taxônimo)

Opostos: ένυγροθηρική (complementar)

Correlatos: πεζοθηρία (sinônimo cognitivo), “τῆς πεζῆς θήρας” (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de θηρευτική que busca seres vivos com alma (ἔμψυχον ζῷον) que andam sobre pés ou patas (πεζός).

Passagens definitórias:

Sofista, 220a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: ζφοθηρικῆς δὲ ἄρ’ οὐ διπλοῦν εἶδος ἂν λέγοιτο ἐν δίκῃ, τὸ μὲν πεζοῦ γένους, πολλοῖς εἶδεσι καὶ ὀνόμασι διηρημένον, πεζοθηρικόν, τὸ δ’ ἕτερον νευστικοῦ ζώου πᾶν ένυγροθηρικόν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E relativamente à **caça animal**, seria lícito distinguir duas **subclasses**: de um lado, a *dos animais que andam na terra*, subdividida em muitas espécies, cada uma delas com seu nome particular, a que daremos a denominação genérica de **caça aos animais marchadores**, e, do outro, **a que compreende os nadadores**?

ένυγροθηρική/enygrothēriké/predatória úmida

Relações:

Superordenados: ζφοθηρική (hiperônimo)

Subordinados: ὀρνιθευτική (taxônimo), ἄλιευτική (taxônimo)

Opostos: πεζοθηρική (complementar)

Definição:

Parte de ζφοθηρική que se volta para seres vivos (ζῷον) que nadam (νευστικός), sejam exclusivamente aquáticos ou não.

Passagens definitórias:

Sofista, 220a, grifo nosso.

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: ζφοθηρικῆς δὲ ἄρ’ οὐ διπλοῦν εἶδος ἂν λέγοιτο ἐν δίκῃ, τὸ μὲν πεζοῦ γένους, πολλοῖς εἶδεσι καὶ ὀνόμασι διηρημένον, πεζοθηρικόν, τὸ δ’ ἕτερον νευστικοῦ ζώου πᾶν ένυγροθηρικόν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E relativamente à **caça animal**, seria lícito distinguir duas **subclasses**: de um lado, a dos animais que andam na terra, subdividida em muitas espécies, cada uma delas com seu nome particular, a que daremos a denominação genérica de **caça aos animais marchadores**, e, do outro, **a que compreende os nadadores**?

NÍVEL 7

ὀρνιθευτική/ornitheutikḗ/aviária

Relações:

Superordenados: **ἐνυγροθηρική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἀλιευτική** (complementar)

Definição:

Parte de **ἐνυγροθηρική** que se volta para seres vivos (ζῷον) voadores, alados (πτηνός).

Passagens definitórias:

Sofista, 220b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: νευστικοῦ μὴν τὸ μὲν πτηνὸν φύλον ὀρῶμεν, τὸ δὲ ἔνυδρον;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πῶς δ' οὔ;

ΞΕΝΟΣ: καὶ τοῦ πτηνοῦ μὴν γένους πᾶσα ἡμῖν ἡ θήρα λέγεται πού τις ὀρνιθευτική..

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – No gênero *dos nadadores* temos, ainda, a tribo dos *voláteis* e a dos aquáticos.

TEETETO – Como não?

ESTRANGEIRO – Ao conjunto da caça referente gênero dos *voláteis* dá-se o nome de **caça aos pássaros**, não é isso mesmo?

ἀλιευτική/halieutikḗ/haliêutica

Relações:

Superordenados: **ἐνυγροθηρική** (hiperônimo)

Subordinados: **ἀλιευτική** (taxônimo), **πληκτική** (taxônimo)

Opostos: **ὀρνιθευτική**

Definição:

Parte de **ἐνυγροθηρική** que se volta para seres vivos (ζῷον) aquáticos (ἔνυδρος).

Passagens definitórias:

Sofista, 220b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: νευστικοῦ μὴν τὸ μὲν πτηνὸν φύλον ὀρῶμεν, τὸ δὲ ἔνυδρον;

[...]

ΞΕΝΟΣ: οὐ δὲ ἐνύδρου σχεδὸν τὸ σύνολον ἀλιευτική.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – No gênero *dos nadadores* temos, ainda, a tribo dos *voláteis* e a dos aquáticos.

[...]

ESTRANGEIRO – E à caça de quase todos os animais *que vivem n'agua* dá-se o nome de **pescaria** [chamada aqui de haliêutica].

Comentários:

Nunes (1980, 2003, 2024) traduz **άλιευτική** como ‘pescaria’. Aqui, opta-se por traduzir **ἀσπαλιευτική** como **pescaria** e **άλιευτική** por **haliêutica**, pois, como se verá adiante, **ἀσπαλιευτική** se refere mais diretamente ao que se comumente conhece por pescaria, ao passo que **άλιευτική** seria uma categoria mais ampla.

NÍVEL 8

έρκοθηρική/herkothēriké/predatória de cerca

Relações:

Superordenados: **άλιευτική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **πληκτική** (complementar)

Definição:

Parte de **άλιευτική** que se dá por meio de armadilhas que cercam (έρκος) a presa.

Passagens definitórias:

Sofista, 220b-220c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν, ὅτι πᾶν ὅσον ἂν ἔνεκα κωλύσεως εἴργη τι περιέχον, ἔρκος εἰκὸς ὀνομάζειν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ μὲν οὖν.

ΞΕΝΟΣ: κύρτους δὴ καὶ δίκτυα καὶ βρόχους καὶ πόρκους καὶ τὰ τοιαῦτα μῶν ἄλλο τι πλὴν ἔρκη χρή προσαγορεύειν;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: οὐδέν.

ΞΕΝΟΣ: τοῦτο μὲν ἄρα ἔρκοθηρικὸν τῆς ἄγρας τὸ μέρος φήσομεν ἢ τι τοιοῦτον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Na primeira, tudo o que retém envolve a caça, para impedir que fuja, chama-se naturalmente *cercado*.

TEETETO – Perfeitamente.

ESTRANGEIRO – *Covos, redes, laços, cestas* e outros engenhos do mesmo tipo, que denominação mais certa lhes daremos, se não for a de *cercados*?

TEETETO – Não há outra.

ESTRANGEIRO – Então, a essa modalidade de *caça* daremos o nome de **caça por cerco** ou coisa parecida.

πληκτική/plēktiké/golpeativa

Relações:

Superordenados: **άλιευτική** (hiperônimo)

Subordinados: **πυρευτική** (taxônimo), **ἀγκιστρευτική** (taxônimo)

Opostos: **έρκοθηρική** (complementar)

Definição:

Parte de **ἀλιευτική** que se dá por meio de golpe (πληγή), seja com anzol (ἄγκιστρον) ou tridente (τριόδους).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὲ ἀγκίστροις καὶ τριόδοις πληγῇ γιγνόμενον ἕτερον μὲν ἐκείνου, **πληκτικὴν** δέ τινα θήραν ἡμᾶς προσεπειῖν ἐνὶ λόγῳ νῦν χρεών: ἢ τί τις ἄν, ὃ Θεαίτητε, εἴποι κάλλιον;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A outra, feita *por meio de golpes* de anzol ou de tridente, para ser englobada num só nome poderá ser denominada **caça vulnerante**, a menos, Teeteto, que sugerisses algum nome mais adequado.

NÍVEL 9

πυρευτική/pyreutiké/pirêutica

Relações:

Superordenados: **πληκτική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἀγκιστρευτική** (complementar)

Definição:

Parte de **πληκτική** que se ocorre à noite (νυκτερινός) com o auxílio de uma chama (πῦρ).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς τοίνυν **πληκτικῆς** τὸ μὲν νυκτερινὸν οἶμαι πρὸς πυρὸς φῶς γιγνόμενον ὑπ' αὐτῶν τῶν περὶ τὴν θήραν **πυρευτικὴν** ῥηθῆναι συμβέβηκεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A **caça vulnerante** apresenta ainda a variedade *noturna*, feita ao *clarão de archotes*. Os caçadores a denominam **caça ao fogo**.

ἀγκιστρευτική/ankistreutiké/recurva

Relações:

Superordenados: **πληκτική** (hiperônimo)

Subordinados: **τριοδοντία** (taxônimo), **ἀσπαλιευτική** (taxônimo)

Opostos: **πυρευτική** (complementar)

Definição:

Parte de **πληκτική** que ocorre durante o dia (μεθήμερινός).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δέ γε μεθήμερινόν, ὡς ἐχόντων ἐν ἄκροις ἄγκιστρα καὶ τῶν τριοδόντων, πᾶν ἄγκιστρευτικόν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A realizada *de dia*, pelo fato de serem os *tridentes* munidos de *fisgas* nas extremidades, é chamada **pesca de fisga**.

Comentários:

O emprego do radical ἄγκ- é de uma talha semântica impura, na medida em que todos os conceitos incluídos em **πληκτική (golpeativa)** também fazem uso de instrumentos com cavidade ou gancho (ἄγκος, ἄγκιστρόω) — anzol (ἄγκιστρον) e tridente (τριοδούς). O radical é empregado apenas como um rótulo para distinguir essa categoria das demais, não como uma diferença específica.

NÍVEL 10

τριοδοντία/triodontía/tridêntica

Relações:

Superordenados: ἄγκιστρευτική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: ἄσπαλιευτική (complementar)

Definição:

Parte de ἄγκιστρευτική que ocorre por meio de um movimento de cima para baixo (“τὸ ἄνωθεν εἰς τὸ κάτω”) com tridente (τριοδούς).

Passagens definitórias:

Sofista, 220e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τοῦ τοίνυν ἄγκιστρευτικοῦ τῆς πληκτικῆς τὸ μὲν ἄνωθεν εἰς τὸ κάτω γιγνόμενον διὰ τὸ τοῖς τριοδοῦσιν οὕτω μάλιστα χρῆσθαι τριοδοντία τις οἶμαι κέκληται.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A **pesca de fisga**, quando praticada *de cima para baixo*, dá-se o nome de **pesca de tridente**, por ser esse o instrumento usualmente empregado.

ἄσπαλιευτική/aspalieutiké/pescaria

Relações:

Superordenados: ἄγκιστρευτική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: τριοδοντία (complementar)

Definição:

Parte de ἄγκιστρευτική que ocorre por meio de movimento debaixo para cima (κάτωθεν εἰς τὸναντίον ἄνω, ἀνασπάω) com anzol (ἄγκιστρον).

Passagens definitórias:

Sofista, 221b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ τῆς ἐναντίας ταύτης πληγῆς, ἀγκίστρω τε γιγνόμενον καὶ τῶν ἰχθύων οὐχ ἢ τις ἂν τύχη τοῦ σώματος, ὥσπερ τοῖς τριοδοῦσιν, ἀλλὰ περὶ τὴν κεφαλὴν

καὶ τὸ στόμα τοῦ θηρευθέντος ἐκάστοτε, καὶ κάτωθεν εἰς τὸ ὑναντίον ἄνω ῥάβδοις καὶ καλάμοις ἀνασπώμενον: οὗ τί φήσομεν, ὦ Θεαίτητε, δεῖν τοῦνομα λέγεσθαι;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – *A que vulnera* em sentido inverso da precedente, com o recurso do *anzol* e não fere o peixe em qualquer parte do corpo, como o faz o tridente, porém sempre na cabeça e na boca, e o puxa *de baixo para cima* — o contrário, justamente, do processo anterior — com a ajuda de *varas* e *caniços*. A essa modalidade de pesca, Teeteto, que denominação daremos?

Comentários:

- Prática comparada metaforicamente com a sofística (221-222)
 - Nunes (1980, 2003, 2024) traduz **ἄλιευτική** como ‘pescaria’ e **ἀσπαλιευτική** como ‘pesca’. Aqui, opta-se por traduzir **ἄλιευτική** por **haliêutica** e **ἀσπαλιευτική** como **pescaria**, para demarcar enfatizar diferença essas categorias, considerando também que **ἀσπαλιευτική** se refere mais diretamente ao que se comumente conhece por pescaria, ao contrário de **ἄλιευτική**, que seria uma categoria mais ampla.
-

SEGUNDA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): ‘predatória dos pedestres’-sofística 1
(πεζοθηρική-σοφιστική 1)

NÍVEL 7

[πεζοθηρική τῶν ἀγρίων]/[pezothēriké tōn agriōn]/[predatória dos pedestres selvagens]

Relações:

Superordenados: πεζοθηρική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: ήμεροθηρική (complementar)

Definição:

Parte da πεζοθηρική que se volta para seres vivos (ζῷον) selvagens (ἄγριος).

Passagens definitórias:

Sofista, 222b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς πεζῆς θήρας γίνεσθον δύο μεγίστω τινὲ μέρει.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖον ἐκάτερον;

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν τῶν ήμέρων, τὸ δὲ τῶν ἀγρίων.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A caça dos marchadores compreende duas grandes divisões.

TEETETO – Quais são?

ESTRANGEIRO – A dos animais *domesticados* e a dos selvagens.

ήμεροθηρική/hēmerothēriké/predatória dos domésticos

Relações:

Superordenados: πεζοθηρική (hiperônimo)

Subordinados: [ήμεροθηρική τῶν οὐ ἀνθρώπων] (taxônimo), ἀνθρωποθηρία (taxônimo)

Opostos: [πεζοθηρική τῶν ἀγρίων] (complementar)

Definição:

Parte de πεζοθηρική que se volta para seres vivos (ζῷον) domésticos (ήμερος).

Passagens definitórias:

Sofista, 222b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς πεζῆς θήρας γίνεσθον δύο μεγίστω τινὲ μέρει.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖον ἐκάτερον;

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν τῶν ήμέρων, τὸ δὲ τῶν ἀγρίων.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: εἴτ' ἔστι τις θήρα τῶν ήμέρων;

ΞΕΝΟΣ: εἴπερ γέ ἐστιν ἄνθρωπος ήμερον ζῷον. θὲς δὲ ὅπη χαίρεις, εἴτε μηδὲν τιθεῖς ήμερον, εἴτε ἄλλο μὲν ήμερόν τι, τὸν δὲ ἄνθρωπον ἄγριον, εἴτε ήμερον μὲν λέγεις αὐτὸν ἄνθρωπον, ἀνθρώπων δὲ μηδεμίαν ἡγῇ θήραν: τούτων ὁπότερ' ἂν ἡγῇ φίλον εἰρησθαί σοι, τοῦτο ήμῖν διόρισον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A **caça dos marchadores** compreende duas grandes divisões.

TEETETO – Quais são?

ESTRANGEIRO – A dos *animais domesticados* e a dos **selvagens**.

TEETETO – Como! Há também *caça* aos animais *domesticados*?

ESTRANGEIRO – Sem dúvida, no caso de incluirmos o *homem* na classe desses *animais*. Formula a hipótese que te aprouver: ou não há animal *domesticado* ou há, realmente, mas o homem é *selvagem*; ou então, se consideras o *homem* um animal *domesticado*, não admites que possa haver *caça* ao *homem*. Declara qual dessas hipóteses é mais do teu agrado.

NÍVEL 8

[ήμεροθηρική τῶν οὐ ἀνθρώπων]/[hēmerothērikē tōn ou anthrōpōn]/[predatória dos domésticos não humanos]

Relações:

Superordenados: **ήμεροθηρική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἀνθρωποθηρία** (complementar)

Definição:

Parte de **ήμεροθηρική** que se volta para seres vivos (ζῷον) domésticos (ἥμερος) que não são humanos (ἄνθρωπος).

Passagens definitórias:

Sofista, 222b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **τῆς πεζῆς θήρας** γίνεσθον δύο μεγίστω τινὲ μέρει.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖον ἐκάτερον;

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν τῶν ἡμέρων, τὸ δὲ **τῶν ἀγρίων**.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: εἴτ' ἔστι τις θήρα τῶν ἡμέρων;

ΞΕΝΟΣ: εἴπερ γέ ἐστιν ἄνθρωπος ἡμερον ζῷον. θές δὲ ὅπη χαίρεις, εἴτε μηδὲν τιθεῖς ἡμερον, εἴτε ἄλλο μὲν ἡμερόν τι, τὸν δὲ ἄνθρωπον ἄγριον, εἴτε ἡμερον μὲν λέγεις αὖ τὸν ἄνθρωπον, ἀνθρώπων δὲ μηδεμίαν ἡγῆ θήραν: τούτων ὁπότερ' ἂν ἡγῇ φίλον εἰρησθαί σοι, τοῦτο ἡμῖν διόρισον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A **caça dos marchadores** compreende duas grandes divisões.

TEETETO – Quais são?

ESTRANGEIRO – A dos *animais domesticados* e a dos **selvagens**.

TEETETO – Como! Há também *caça* aos animais *domesticados*?

ESTRANGEIRO – Sem dúvida, no caso de incluirmos o *homem* na classe desses *animais*. Formula a hipótese que te aprouver: ou não há animal *domesticado* ou há, realmente, mas o homem é *selvagem*; ou então, se consideras o *homem* um animal *domesticado*, não admites que possa haver *caça* ao *homem*. Declara qual dessas hipóteses é mais do teu agrado.

Comentários:

Conceito sem designação ou elaboração, incluído aqui em respeito às bipartições, levando em conta o termo **ἄνθρωποθηρία (caça humana)** em 223b.

ἄνθρωποθηρία/anthrōpothēría/caça de humanos

Relações:

Superordenados: **ἡμεροθηρική** (hiperônimo)

Subordinados: **[βίαιον θήρα]** (taxônimo), **πιθανουργική** (taxônimo)

Opostos: **[ἡμεροθηρική τῶν οὐ ἀνθρώπων]** (complementar)

Definição:

Parte da **ἡμεροθηρική** que se volta para seres vivos (ζῷον) domésticos (ἥμερος) que são humanos (ἄνθρωπος).

Passagens definitórias:

Sofista, 222b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: εἴτ' ἔστι τις **θήρα** τῶν **ἡμέρων**;

ΞΕΝΟΣ: εἴπερ γέ ἐστιν **ἄνθρωπος ἥμερον ζῷον**. θές δὲ ὅπη χαίρεις, εἴτε μηδὲν τιθεῖς **ἥμερον**, εἴτε ἄλλο μὲν **ἥμερόν** τι, τὸν δὲ **ἄνθρωπον** ἄγριον, εἴτε **ἥμερον** μὲν λέγεις αὖ τὸν **ἄνθρωπον**, **ἀνθρώπων** δὲ μηδεμίαν ἡγῇ **θήραν**: τούτων ὁπότερ' ἂν ἡγῇ φίλον εἰρησθαί σοι, τοῦτο ἡμῖν διόρισον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A dos *animais domesticados* e a dos **selvagens**.

TEETETO – Como! Há também *caça* aos *animais domesticados*?

ESTRANGEIRO – Sem dúvida, no caso de incluirmos o *homem* na classe desses *animais*. Formula a hipótese que te aprouver: ou não há animal *domesticado* ou há, realmente, mas o homem é *selvagem*; ou então, se consideras o *homem* um animal *domesticado*, não admities que possa haver *caça* ao *homem*. Declara qual dessas hipóteses é mais do teu agrado.

Comentários:

O personagem do estrangeiro parece tratar **ἡμεροθηρική** (**predatória dos domésticos**) como sinônimo para a caça de humanos. Isso é evidenciado pelo fato de não haver nenhum outro ser vivo doméstico citado. Entretanto, **ἄνθρωποθηρία (caça de humanos)** é mencionada em 223b, após **ἡμεροθηρική** (**predatória dos domésticos**), na lista recapitulativa de formas em que o sofista pertence.

NÍVEL 9

[βίαιον θήρα]/[bíiaion théra]/[caça pela força]

Relações:

Superordenados: **ἄνθρωποθηρία** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **πιθανουργική** (complementar)

Definição:

Parte de **ἄνθρωποθηρία** que ocorre pela força (βίαιος).

Passagens definitórias:

Sofista, 222c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὴν μὲν ληστικὴν καὶ ἀνδραποδιστικὴν καὶ τυραννικὴν καὶ σύμπασαν τὴν πολεμικὴν, ἐν πάντα, **βίαιον θήραν**, ὀρισάμενοι.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Definamos a *pirataria*[,] o *tráfico de escravos*, a *tiranía* e a *arte bélica* em geral como pertencentes à **caça violenta**.

Comentários:

Conforme o excerto acima, há a menção anedótica de três subcategorias que não são exploradas no texto: *ληστική* (pirataria), *ἀνδραποδιστική* (tráfico humano), *τυραννική* (tiranía) e *πολεμική* (bélica), que não são discutidas ao longo da obra.

πιθανουργική/pithanourgiké/persuasiva

Relações:

Superordenados: **ἀνθρωποθηρία** (hiperônimo)

Subordinados: [**πιθανουργική δημοσία**] (taxônimo), **ἰδιοθηρευτική** (taxônimo)

Opostos: [**βίαιον θήρα**] (complementar)

Correlatos: πιθανοθηρία (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de **ἀνθρωποθηρία** que ocorre pela persuasão.

Passagens definitórias:

Sofista, 222c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὴν δέ γε δικανικὴν καὶ δημηγορικὴν καὶ προσομιλητικὴν, ἐν αὐτῷ τὸ σύνολον, **πιθανουργικὴν** τινα μίαν **τέχνην** προσειπόντες.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Os *discursos do foro*, das *assembléias populares*, a *arte da conversação*, englobaremos numa só classe, a que daremos o nome de **arte da persuasão**.

Comentários:

Conforme o excerto acima, há a menção anedótica de três subcategorias que não são definidas no texto: *δικανική* (judicial), *δημηγορική* (demagógica) e *προσομιλητική* (conversacional).

NÍVEL 10

[πιθανουργική δημοσία]/[pithanourgiké dēmosíai]/[persuasiva pública]

Relações:

Superordenados: **πιθανουργική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἰδιοθηρευτική** (complementar)

Definição:

Parte de **πιθανουργική** que se volta ao público (δημόσιος).

Passagens definitórias:

Sofista, 222d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς δὴ **πιθανουργικῆς** διττὰ λέγωμεν γένη.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖα;

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν ἕτερον ἰδίᾳ, τὸ δὲ *δημοσίᾳ* γινόμενον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Declaremos, ainda, que a **arte da persuasão** comporta dois **gêneros**.

TEETETO – Quais serão?

ESTRANGEIRO – Uma caça é *particular*, e a outra, **pública**.

Comentários:

A oposição δημόσιος:ἴδιος é, de maneira geral, vaga no *Sofista*, podendo se referir tanto a ambientes (oposição público:privado) quanto a pessoas (oposição povo:indivíduo). Assim, ἴδιος pode se referir tanto a um único indivíduo como a um grupo restrito.

ἰδιοθηρευτική/idiothēreutikḗ/persecutória privada

Relações:

Superordenados: **πιθανουργική** (hiperônimo)

Subordinados: **μισθαρνητική** (taxônimo), **δωροφορική** (taxônimo)

Opostos: [**πιθανουργική δημοσίᾳ**] (complementar)

Correlatos: ἰδιοθηρία (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de **πιθανουργική** que se volta ao privado (ἴδιος).

Passagens definitórias:

Sofista, 222d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς δὴ **πιθανουργικῆς** διττὰ λέγωμεν γένη.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖα;

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν ἕτερον ἰδίᾳ, τὸ δὲ *δημοσίᾳ* γινόμενον.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: γίνεσθον γὰρ οὖν εἶδος ἐκάτερον

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν αὖ τῆς **ἰδιοθηρευτικῆς** [...]

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Declaremos, ainda, que a **arte da persuasão** comporta dois **gêneros**.

TEETETO – Quais serão?

ESTRANGEIRO – Uma caça é *particular*, e a outra, **pública** (‘δημοσίᾳ’).

TEETETO – São dois, realmente, os **gêneros**.

ESTRANGEIRO – E na **caça aos particulares** [...]

Comentários:

A oposição δημόσιος:ἴδιος é, de maneira geral, vaga no *Sofista*, podendo se referir tanto a ambientes (oposição público:privado) quanto a pessoas (oposição povo:indivíduo). Assim, ἴδιος pode se referir tanto a um único indivíduo como a um grupo restrito.

δωροφορική/dōrophorikḗ/presenteadora

Relações:

Superordenados: **ιδιοθηρευτική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **μισθαρνητική** (complementar)

Correlatos: ἐρωτική (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de **ιδιοθηρευτική** que ocorre por meio de presentes (δῶρον), cometida por um amante (ἐρῶν).

Passagens definitórias:

Sofista, 222d-222e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν αὖ τῆς **ιδιοθηρευτικῆς** τὸ μὲν **μισθαρνητικόν** ἐστίν, τὸ δὲ **δωροφορικόν**;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: οὐ μανθάνω.

ΞΕΝΟΣ: τῇ τῶν ἐρώντων θήρα τὸν νοῦν, ὡς ἔοικας, οὕτω προσέσχες.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: τοῦ πέρι;

ΞΕΝΟΣ: ὅτι τοῖς θηρευθεῖσι δῶρα προσεπιδιδόασιν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἀληθέστατα λέγεις.

ΞΕΝΟΣ: τοῦτο μὲν τοίνυν ἐρωτικῆς τέχνης ἔστω εἶδος.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E na **caça aos particulares**, uma parte não é feita **mediante salário**, e outra **por meio de presentes**?

TEETETO – Não compreendo.

ESTRANGEIRO – Pelo que vejo, ainda não atentaste na **caça aos amantes**.

TEETETO – De que jeito?

ESTRANGEIRO – É que, além de *apanharem a presa*, acumulam-na de *presentes*.

TEETETO – É muito certo o que dizes.

ESTRANGEIRO – Demos, pois, a essa **espécie** o nome de **arte de amar**.

Comentários:

A designação de **δωροφορική (presenteira)** como **ἐρωτική (erótica)** não seria uma reelaboração conceitual, mas uma variação designativa que demarca uma ampliação expositiva das diferentes dimensões dessa arte.

μισθαρνητική/mistharnētikḗ/remunerativa

Relações:

Superordenados: **ιδιοθηρευτική** (hiperônimo)

Subordinados: **νομισματοπωλική** (taxônimo?)

Opostos: **δωροφορική** (complementar)

Correlatos: κολακική (sinônimo cognitivo), ἡδυντική (sinônimo cognitivo), μισθαρνική (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de **ιδιοθηρευτική** que ocorre por meio de conversas (προσομιλέω) que visam agrado (χάρις) e prazer (ἡδονή) para receber pagamento (μισθός).

Passagens definitórias:

Sofista, 222e-223a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τοῦ δέ γε **μισθαρνητικοῦ** τὸ μὲν προσομιλοῦν διὰ χάριτος καὶ παντάπασι δι' ἡδονῆς τὸ δέλεαρ πεποιημένον καὶ τὸν μισθὸν πραττόμενον τροφὴν ἑαυτῷ μόνον **κολακικὴν**, ὡς ἐγῶμαι, πάντες φαῖμεν ἂν ἢ **ἡδυντικὴν** τινα **τέχνην** εἶναι.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Porém da arte **com base no salário**, *a modalidade que se manifesta nas conversas*, com o simples *fito de agradar*, e que só usa o *prazer* como *isca*, sem nada mais exigir para sua subsistência, acho que todos nós concordaríamos em qualificá-la como **aduladora** ou simplesmente **arte recreativa**.

Comentários:

- “τὸ μὲν προσομιλοῦν διὰ χάριτος καὶ παντάπασι δι' ἡδονῆς” é um eufemismo para bajulação.
- De forma semelhante a **δωροφορικὴ (presenteira)**, **μισθαρνητικὴ (remunerativa)** também recebe designações alternativas que demarcam uma ampliação expositiva das diferentes dimensões dessa arte.

NÍVEL 12

νομισματοπωλική/nomismatopōlikē/monetária

Relações:

Superordenados: **μισθαρνητικὴ** (hiperônimo)

Subordinados: **δοξοπαιδευτικὴ** (taxônimo)

Opostos: [?]

Definição:

Parte de **μισθαρνητικὴ** em que se recebe em algum tipo de moeda ou dinheiro (νόμισμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 223a-223b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὲ ἐπαγγελλόμενον μὲν ὡς *ἀρετῆς* ἔνεκα τὰς ὁμιλίας ποιούμενον, μισθὸν δὲ νόμισμα πραττόμενον, ἄρα οὐ τοῦτο τὸ **γένος** ἐτέρῳ προσειπεῖν ἄξιον ὀνόματι;

[...]

ΞΕΝΟΣ: κατὰ δὴ τὸν νῦν, ὃ Θεαίτητε, λόγον, ὡς ἔοικεν, ἢ **τέχνης** οἰκειωτικῆς, χειρωτικῆς, κτητικῆς, θηρευτικῆς, ζωοθηρίας, πεζοθηρίας, χερσαίας, ἡμεροθηρικῆς, ἀνθρωποθηρίας, πιθανοθηρίας, ἰδιοθηρίας, μισθαρνητικῆς, **νομισματοπωλικῆς**, **δοξοπαιδευτικῆς**, νέων πλουσίων καὶ ἐνδόξων γιγνομένη θήρα προσρητέον, ὡς ὁ νῦν λόγος ἡμῖν συμβαίνει, **σοφιστικὴ**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a modalidade que promete ensinar a *virtude* por meio da conversação e que se faz *pagar em espécie*, não merecerá, como **gênero** à parte, denominação especial?

[...]

ESTRANGEIRO – Assim, Teeteto, de acordo com presente exposição, parece que essa parte da **arte [apropriativa]**, em sua variedade **aquisitiva**, de **caça**, de **aos animais**, aos animais vivos, **aos de terra**, aos domésticos, **ao homem**, ao

cidadão particular, com imposição de salário e em troca de dinheiro, aparentemente instrutiva, a caça que visa a apanhar *mancebos ricos* e de famílias *ilustres*, conforme indica a presente exposição, deverá ser denominada **sofística**.

Comentários:

Ainda que **μισθαρνητική (remunerativa)** não seja apresentado em oposição a outro conceito, pode-se tratá-lo como um taxônimo na medida em que a estrutura prevê essa oposição. A ausência de seu oposto pode ser condicionada pela proximidade do sofista e a falta de relevância para o tema, como ocorre em [ἀντιλογική περί τὰ συμβόλαια] (controvertiva contratual) e [φανταστική δι' ὀργάνων] (fantástica por instrumentos) (225b-225c, 267a-267b).

NÍVEL 13

δοξοπαιδευτική/doxopaideutikḗ/doxopaidêutica

Relações:

Superordenados: **νομισματοπωλική** (hiperônimo)

Subordinados: **σοφιστική** (taxônimo)

Opostos: [?]

Definição:

Parte de **νομισματοπωλική** que ocorre por conversas (ὁμιλία) sobre a virtude (ἀρετή).

Passagens definitórias:

Sofista, 223a-223b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὲ ἐπαγγελλόμενον μὲν ὡς ἀρετῆς ἕνεκα τὰς ὁμιλίας ποιούμενον, μισθὸν δὲ νόμισμα πραττόμενον, ἄρα οὐ τοῦτο τὸ γένος ἐτέρῳ προσειπεῖν ἄξιον ὀνόματι;

[...]

ΞΕΝΟΣ: κατὰ δὴ τὸν νῦν, ὃ Θεαίτητε, λόγον, ὡς ἔοικεν, ἡ τέχνης οἰκειωτικῆς, χειρωτικῆς, κτητικῆς, θηρευτικῆς, ζωοθηρίας, πεζοθηρίας, χερσαίας, ἡμεροθηρικῆς, ἀνθρωποθηρίας, πιθανοθηρίας, ἰδιοθηρίας, μισθαρνητικῆς, νομισματοπωλικῆς, δοξοπαιδευτικῆς, νέων πλουσίων καὶ ἐνδόξων γιγνομένη θήρα προσρητέον, ὡς ὁ νῦν λόγος ἡμῖν συμβαίνει, **σοφιστική**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a modalidade que promete ensinar a *virtude* por meio da conversação e que se faz *pagar em espécie*, não merecerá, como **gênero** à parte, denominação especial?

[...]

ESTRANGEIRO – Assim, Teeteto, de acordo com presente exposição, parece que essa parte da **arte [apropriativa]**, em sua variedade **aquisitiva**, de **caça**, de **aos animais**, aos animais vivos, **aos de terra**, **aos domésticos**, **ao homem**, **ao cidadão particular, com imposição de salário e em troca de dinheiro, aparentemente instrutiva**, a caça que visa a apanhar *mancebos ricos* e de famílias *ilustres*, conforme indica a presente exposição, deverá ser denominada **sofística**.

Comentários:

Chamado de taxônimo pelas mesmas razões de νομισματοπωλική (monetária).

NÍVEL 14

σοφιστική (1)/sophistiké (1)/sofística (1)

Relações:

Superordenados: δοξοπαιδευτική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: [?]

Correlatos: σοφιστής (base paronímica)

Definição:

Parte de δοξοπαιδευτική que se volta para jovens (νέος) ricos (πλούσιος) e célebres (ἑνδοξος).

Passagens definitórias:

Sofista, 223a-223b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὲ ἐπαγγελλόμενον μὲν ὡς ἀρετῆς ἕνεκα τὰς ὁμιλίας ποιούμενον, μισθὸν δὲ νόμισμα πραττόμενον, ἄρα οὐ τοῦτο τὸ γένος ἑτέρῳ προσειπεῖν ἄξιον ὀνόματι;

[...]

ΞΕΝΟΣ: κατὰ δὴ τὸν νῦν, ὃ Θεαίτητε, λόγον, ὡς ἔοικεν, ἡ τέχνης οἰκειωτικῆς, χειρωτικῆς, κτητικῆς, θηρευτικῆς, ζωοθηρίας, πεζοθηρίας, χερσαίας, ἡμεροθηρικῆς, ἀνθρωποθηρίας, πιθανοθηρίας, ἰδιοθηρίας, μισθαρνικῆς, νομισματοπωλικῆς, δοξοπαιδευτικῆς, νέων πλουσίων καὶ ἐνδόξων γιγνομένη θήρα προσρητέον, ὡς ὁ νῦν λόγος ἡμῖν συμβαίνει, σοφιστική.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a modalidade que promete ensinar a *virtude* por meio da conversação e que se faz *pagar em espécie*, não merecerá, como *gênero* à parte, denominação especial?

[...]

ESTRANGEIRO – Assim, Teeteto, de acordo com presente exposição, parece que essa parte da **arte [apropriativa]**, em sua variedade **aquisitiva**, de **caça**, de **aos animais**, aos animais vivos, **aos de terra**, **aos domésticos**, **ao homem**, **ao cidadão particular**, **com imposição de salário** e **em troca de dinheiro**, **aparentemente instrutiva**, a caça que visa a apanhar *mancebos ricos* e de famílias *ilustres*, conforme indica a presente exposição, deverá ser denominada **sofística**.

Comentários:

Chamado de taxônimo pelas mesmas razões de νομισματοπωλική (monetária).

TERCEIRA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): comutativa-sofística 2-4
(μεταβλητική-σοφιστική 2-4)

NÍVEL 4

δωρητική/dōrētiké/presenteira

Relações:

Superordenados: μεταβλητική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: ἀγοραστική (complementar)

Definição:

Parte de μεταβλητική que ocorre por meio de presentes.

Passagens definitórias:

Sofista, 223c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς τοῖνον ἀλλακτικῆς δύο εἶδη λέγωμεν, τὸ μὲν δωρητικόν, τὸ δὲ ἕτερον ἀγοραστικόν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

[ESTRANGEIRO – Digamos agora que a troca apresenta duas modalidades: uma, na base de donativos, e a outra na de compra e venda.]

ἀγοραστική/agorastiké/mercantil

Relações:

Superordenados: μεταβλητική (hiperônimo)

Subordinados: αὐτοπωλική (taxônimo), [μεταβαλλομένη μεταβλητική] (taxônimo)

Opostos: δωρητική (complementar)

Definição:

Parte de μεταβλητική que ocorre por meio do comércio.

Passagens definitórias:

Sofista, 223c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς τοῖνον ἀλλακτικῆς δύο εἶδη λέγωμεν, τὸ μὲν δωρητικόν, τὸ δὲ ἕτερον ἀγοραστικόν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

[ESTRANGEIRO – Digamos agora que a troca apresenta duas modalidades: uma, na base de donativos, e a outra na de compra e venda.]

NÍVEL 5

αὐτοπωλική/autopōliké/autônoma

Relações:

Superordenados: ἀγοραστική (hiperônimo)

Subordinados: σοφιστική (3) (super-taxônimo INDIRETO)

Opostos: **μεταβαλλομένη μεταβλητική** (complementar)

Definição:

Parte de **ἀγοραστική** que ocorre pela venda de produtos do próprio trabalho (αὐτουργός).

Passagens definitórias:

Sofista, 223d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὴν μὲν τῶν αὐτουργῶν αὐτοπωλικὴν διαιρουμένην, τὴν δὲ τὰ ἀλλότρια ἔργα **μεταβαλλομένην μεταβλητικὴν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Uma parte consiste **na venda direta da produção**; a outra é **a troca de produtos de origem diferente**.

Comentários:

Conferir **σοφιστική** (2-4)

[μεταβαλλομένη μεταβλητική]/[metaballoménē metablētiké]/[comutativa comutada]

Relações:

Superordenados: **ἀγοραστική** (hiperônimo)

Subordinados: **καπηλική** (taxônimo), **ἐμπορική** (taxônimo)

Opostos: **αὐτοπωλική** (complementar)

Definição:

Parte de **ἀγοραστική** que ocorre pela venda de produtos do trabalho de terceiros (τὰ ἀλλότρια ἔργα).

Passagens definitórias:

Sofista, 223d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὴν μὲν τῶν αὐτουργῶν αὐτοπωλικὴν διαιρουμένην, τὴν δὲ τὰ ἀλλότρια ἔργα **μεταβαλλομένην μεταβλητικὴν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Uma parte consiste **na venda direta da produção**; a outra é **a troca de produtos de origem diferente**.

NÍVEL 6

καπηλική/kapēliké/varejista

Relações:

Superordenados: **[μεταβαλλομένη μεταβλητική]** (hiperônimo)

Subordinados: **σοφιστική** (4) (super-taxônimo INDIRETO)

Opostos: **ἐμπορική** (complementar)

Definição:

Parte de **[μεταβαλλομένη μεταβλητική]** que ocorre de forma interna à cidade (κατὰ πόλιν).

Passagens definitórias:

Sofista, 223d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί δέ; τῆς **μεταβλητικῆς** οὐχ ἡ μὲν *κατὰ πόλιν* ἀλλαγὴ, σχεδὸν αὐτῆς ἥμισυ μέρος ὄν, **καπηλική** προσαγορεύεται;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E então? **As trocas** efetivadas *na cidade* e que abrangem quase metade dessas transações, não constituem a atividade própria dos **varejistas**?

Comentários:

Conferir **σοφιστική** (2-4).

ἐμπορικὴ/emporikḗ/exportadora

Relações:

Superordenados: [**μεταβαλλομένη μεταβλητική**] (hiperônimo)

Subordinados: [**σωμεμπορικὴ**] (taxônimo), **ψυχεμπορικὴ** (taxônimo)

Opostos: **καπηλική** (complementar)

Definição:

Parte de [**μεταβαλλομένη μεταβλητική**] que ocorre de uma cidade para outra (ἐξ ἄλλης εἰς ἄλλην πόλιν).

Passagens definitórias:

Sofista, 223d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ; τὸ δέ γε ἐξ ἄλλης εἰς ἄλλην πόλιν διαλλάττον ὦνῃ καὶ πράσει **ἐμπορικῇ**;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a outra modalidade, de trocas efetuadas *entre cidades diferentes*, por meio de compra e venda, não define à justa **os mercados**?

NÍVEL 7

[ἐμπορικὴ τοῦ σώματος]/[emporikḗ tou̐ sōmatos]/[exportadora somática]

Relações:

Superordenados: **ἐμπορικὴ** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ψυχεμπορικὴ** (complementar)

Definição:

Parte de **ἐμπορικὴ** que ocorre pelo comércio de produtos que servem (τρέφω, χράομαι) ao corpo (σῶμα) — como bebidas (ποτός) e comidas (σιτίον).

Passagens definitórias:

Sofista, 223e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς δ' **ἐμπορικῆς** ἄρ' οὐκ ἠσθήμεθα ὅτι τὸ μὲν ὅσοις τὸ σῶμα τρέφεται καὶ χρῆται, τὸ δὲ ὅσοις ἡ *ψυχή*, πωλοῦν διὰ νομίσματος ἀλλάττεται;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Porém já não observamos que no **comércio** há uma parte em que se vende e compra, e que serve para uso e *alimento* do *corpo*, e outra para uso da *alma*?

ψυχεμπορική/psykhemporikē/exportadora psíquica

Relações:

Superordenados: **ἐμπορική** (hiperônimo)

Subordinados: **ἐπιδεικτική** (taxônimo), **μαθηματοπωλική** (taxônimo)

Opostos: **[σωμεμπορική]** (complementar)

Definição:

Parte de **ἐμπορική** que ocorre pelo comércio de produtos que servem (τρέφω, χράομαι) à alma (**ψυχή**).

Passagens definitórias:

Sofista, 224a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: μουσικὴν τε τοίνυν συνάπασαν λέγωμεν, ἐκ πόλεως ἐκάστοτε εἰς πόλιν ἔνθεν μὲν ὠνηθεῖσαν, ἐτέρωσε δὲ ἀγομένην καὶ πιπρασκομένην, καὶ γραφικὴν καὶ θαυματοποικὴν καὶ πολλὰ ἕτερα τῆς ψυχῆς, τὰ μὲν παραμυθίας, τὰ δὲ καὶ σπουδῆς χάριν ἀχθέντα καὶ πωλούμενα, τὸν ἄγοντα καὶ πωλοῦντα μηδὲν ἦττον τῆς τῶν σιτίων καὶ ποτῶν πράσεως ἔμπορον ὀρθῶς ἂν λεγόμενον παρασχεῖν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Declaremos, então, que a arte da música em geral, sempre que é levada de cidade em cidade, comprada aqui, transportada e vendida acolá; a, *pintura*, a arte da *prestidigitação* e muitas outras que se relacionam com a *alma* e são transportadas e vendidas ora como simples meio de deleitação, ora para fins mais sérios, conferem aos que as compram e vendem, com o mesmo direito com que o faz o comércio de alimentos e de bebidas, o nome de negociantes.

Comentários:

Apesar da designação não ocorrer passagem definitiva, ela é empregada para retomar o conceito em 224b.

NÍVEL 8

ἐπιδεικτική/epideiktikē/exibitória

Relações:

Superordenados: **ψυχεμπορική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **μαθηματοπωλική** (complementar)

Definição:

Parte de **ψυχεμπορική** que ocorre pelo comércio de produtos de divertimento (παραμυθία) e relevância (σπουδή) — como as belas artes (μουσική συνάπασα), a pintura (γραφική), o maravilhamento (θαυματοποιική).

Passagens definitórias:

Sofista, 224b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς δὴ **ψυχεμπορικῆς** ταύτης ἅρ' οὐ τὸ μὲν **ἐπιδεικτικὴ** δικαιότατα λέγοιτ' ἄν, τὸ δὲ γελοίῳ μὲν οὐχ ἦττον τοῦ πρόσθεν, ὅμως δὲ μαθημάτων οὐσαν πρᾶσιν αὐτὴν ἀδελφῷ τινι τῆς πράξεως ὀνόματι προσειπεῖν ἀνάγκη;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a uma parte desse **comércio de mercadorias da alma**, não caberia, com justiça, a denominação de **ostentação**, como a outra, não menos risível do que a primeira e que também vende conhecimentos, não precisará ser designada por algum nome relacionado com sua atividade?

μαθηματοπωλική/mathēmatopōlikē/doutrinária

Relações:

Superordenados: **ψυχεμπορική** (hiperônimo)

Subordinados: **τεχνοπωλική** (taxônimo), **σοφιστική** (taxônimo)

Opostos: **ἐπιδεικτική** (complementar)

Definição:

Parte de **ψυχεμπορική** que ocorre pelo comércio de ensinamentos ou doutrinas (μάθημα).

Passagens definitórias:

Sofista, 224b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς δὴ **ψυχεμπορικῆς** ταύτης ἄρ' οὐ τὸ μὲν **ἐπιδεικτικὴ** δικαιότατα λέγοιτ' ἄν, τὸ δὲ γελοίῳ μὲν οὐχ ἦττον τοῦ πρόσθεν, ὅμως δὲ **μαθημάτων** οὔσαν πρᾶσιν αὐτὴν ἀδελφῷ τινι τῆς πράξεως ὀνόματι προσειπεῖν ἀνάγκη;" (Plat. Soph. 224b)

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ μὲν οὔν.

ΞΕΝΟΣ: ταύτης τοίνυν τῆς **μαθηματοπωλικῆς** [...]

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a uma parte desse **comércio de mercadorias da alma**, não caberia, com justiça, a denominação de **ostentação**, como a outra, não menos risível do que a primeira e que também vende *conhecimentos*, não precisará ser designada por algum nome relacionado com sua atividade?

TEETETO – Perfeitamente.

ESTRANGEIRO – Sendo assim, daremos um nome à secção desse **comércio de conhecimentos** [...]

NÍVEL 8

τεχνοπωλική/tekhnopōlikē/técnico-comercial

Relações:

Superordenados: **μαθηματοπωλική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **σοφιστική (2)** (complementar)

Definição:

Parte de **μαθηματοπωλική** que ocorre pelo comércio de conhecimentos (μάθημα) diversos que não da virtude (ἀρετή).

Passagens definitórias:

Sofista, 224b-224c

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **τεχνοπωλικὸν** μὴν τό γε περὶ τᾶλλα ἂν ἀρμόττοι: τὸ δὲ περὶ ταῦτα σὺ προθυμήθητι λέγειν ὄνομα.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – **Tráfico de artes** é a designação mais indicada para a primeira; quanto à outra, procura tu mesmo nomeá-la.

σοφιστική (2-4)/sophistikḗ (2-4)/ sofística (2-4)

Relações:

Superordenados: **μαθηματοπωλική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **τεχνοπωλική** (complementar)

Correlatos: χρηματιστική (plesionimo), **σοφιστής** (base paronímica)

Definição:

Parte de **μαθηματοπωλική** que ocorre pelo comércio de ensinamentos (μάθημα) sobre a virtude (ἀρετή).

Passagens definitórias:

Sofista, 224c-224e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: οὐδὲν ἄλλο. ἴθι δὴ νῦν συναγάγωμεν αὐτὸ λέγοντες ὥς τὸ τῆς **κτητικῆς, μεταβλητικῆς, ἀγοραστικῆς, ἐμπορικῆς, ψυχεμπορικῆς περὶ λόγους καὶ μαθήματα ἀρετῆς πωλητικὸν** δεύτερον ἀνεφάνη **σοφιστική**.

[...]

ΞΕΝΟΣ: καὶ τὸ **κτητικῆς** ἄρα **μεταβλητικόν, ἀγοραστικόν, καπηλικόν** εἴτε **αὐτοπωλικόν**, ἀμφοτέρως, ὅτιπερ ἂν ἦ περὶ τὰ τοιαῦτα **μαθηματοπωλικόν γένος**, αἰεὶ σὺ προσερεῖς, ὥς φαίνη, **σοφιστικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Não há outro. Então, resumamos tudo isso, para dizer que, pela segunda vez, a **sofística** se nos revelou como a parte da **aquisição**, da **troca**, do **comércio**, do **tráfico**, do **negócio de mercadorias da alma relativo aos discursos**, aos *conhecimentos* e à *virtude política*.

[...]

ESTRANGEIRO – Assim, a essa parte da **arte aquisitiva** que se exerce por **troca** e consiste **na revenda a varejo** ou **na venda de seus próprios produtos**, de qualquer forma, uma vez que esse comércio diz respeito ao **gênero de conhecimentos** de que já falamos, darás sempre, como parece, o nome de **sofística**.

Comentários:

- Conforme a passagem, a segunda definição de sofística — como um vendedor de discursos sobre a virtude — é incluída também como uma forma de **καπηλική (varejista)** e **αὐτοπωλική (autônoma)**. Apesar disso parecer um salto conceitual, pode-se observar que a cadeia de categorias intermediárias entre **ἐμπορικῆ (exportadora)** e **σοφιστική (sofística)** também são, no mínimo, compatíveis com **καπηλική (varejista)** e **αὐτοπωλική (autônoma)**, na medida em que não os contradizem. Algo semelhante ocorre de **ἐμπορικῆ (exportadora)** e **καπηλική (varejista)** em relação a **αὐτοπωλική (autônoma)**, ao menos no que tange os traços semânticos distintivos dos dois primeiros termos — pois quem vende os próprios produtos, o faz em sua cidade ou em outra. Assim, **καπηλική (varejista)** pode ser compreendido como sub-hiperônimo das subcategorias de **ἐμπορικῆ (autônoma)** — e este também, consequentemente. Já no caso

de **αὐτοπωλική (autônoma)**, pode ser observado como um conceito que, ou acumula em si próprio o conceito de **καπηλική (varejista)** (224d-224e) ou é sub-hiperônimo de **ἐμπορική (exportadora)** e **καπηλική (varejista)**.

- Assim, a segunda definição de sofística se desdobra em pelo menos mais duas, conforme indicado por Platão. Não obstante, pode-se dizer também que se trata de um conceito amplo que pode acumular diferentes características e, por isso, ser incluído em uma ou mais categorias abrangentes. Desse modo, a segunda definição de Sofística como a *venda de conhecimentos sobre a virtude* pode contemplar: A) revenda de produtos; B) venda dos próprios produtos; C) venda em cidades outras; e D) venda na própria cidade. As duplas A:B e C:D apesar de mutuamente excludentes em uma ação *singular*, em termos gerais podem ser compreendidas igualmente pela mesma arte. Importante destacar que é necessária a presença de pelo menos um conceito de cada par — ou seja, pelo menos A ou B e C ou D.
 - O termo **χρηματιστική (lucrativa)** é classificada com plesiônimo pois o sofista (**σοφιστής**) é compreendido, nesta definição, exatamente como praticante de **χρηματιστική (lucrativa)**. Entretanto, não parece haver uma relação de necessidade entre os dois conceitos, mas algum tipo de correlação por recorrência — isso é, praticantes de **χρηματιστική (lucrativa)** em geral são **sofistas (σοφιστής)** e vice-versa
-

QUARTA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): agonística-sofística 5 (αγωνιστική-σοφιστική 5)

NÍVEL 5

άμιλλητική/hamillētikē/competitiva

Relações com outros termos:

Superordenados: **αγωνιστική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **μαχητική** (complementar)

Definição:

Parte de **αγωνιστική** não definida.

Passagens definitórias:

Sofista, 225a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν **άμιλλητικὸν** αὐτῆς τιθέντας, τὸ δὲ **μαχητικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Uma é **competição**; a outra, **pugna**.

μαχητική/makhētikē/combativa

Relações com outros termos:

Superordenados: **αγωνιστική** (hiperônimo)

Subordinados: **βιαστική** (taxônimo), **άμφισβητητική** (taxônimo)

Opostos: **άμιλλητική** (complementar)

Definição:

Parte de **αγωνιστική** não definida.

Passagens definitórias:

Sofista, 225a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν **άμιλλητικὸν** αὐτῆς τιθέντας, τὸ δὲ **μαχητικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Uma é **competição**; a outra, **pugna**.

NÍVEL 6

βιαστική/biastikē/violenta

Relações com outros termos:

Superordenados: **μαχητική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **άμφισβητητική** (complementar)

Definição:

Parte de **μαχητική** que ocorre de corpo contra corpo (σῶμα πρὸς σώματα).

Passagens definitórias:

Sofista, 225a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῆς τοίνυν **μαχητικῆς** τῷ μὲν σώματι πρὸς σώματα γιγνομένῳ σχεδὸν εἰκὸς καὶ πρέπον ὄνομα λέγειν τι τοιοῦτον τιθεμένουσ οἷον **βιαστικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A parte da **luta** que se exerce *corpo a corpo*, pode ser natural e convenientemente aplicado o qualificativo de **violenta**.

ἀμφισβητητική/amphisbētētikē/contestativa

Relações com outros termos:

Superordenados: **μαχητική** (hiperônimo)

Subordinados: **δικανική** (taxônimo), **ἀντιλογική** (taxônimo)

Opostos: **βιαστική** (complementar)

Definição:

Parte de **μαχητική** que ocorre de discurso contra discurso (λόγος πρὸς λόγους).

Passagens definitórias:

Sofista, 225a-225b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῷ δὲ λόγοις πρὸς λόγους τί τις, ὃ Θεαίτητε, ἄλλο εἶπη πλὴν **ἀμφισβητητικόν**;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a que consiste no *entrechoque de discursos*, que nome lhe daremos, Teeteto, se não for o de **controvérsia**?

NÍVEL 7

δικανική/dikanikē/litigiosa

Relações com outros termos:

Superordenados: **ἀμφισβητητική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἀντιλογική** (complementar)

Definição:

Parte de **ἀμφισβητητική** que ocorre em público (δημοσία) com discursos longos (μῆκος λόγος) sobre o justo (δίκαιος) e o injusto (ἄδικος).

Passagens definitórias:

Sofista, 225b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: καθ' ὅσον μὲν γὰρ γίγνεται μήκεσί τε πρὸς ἐναντία μήκη λόγων καὶ περὶ τὰ δίκαια καὶ ἄδिका δημοσία, **δικανικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Quando o debate *consta de digressões a respeito do justo e do injusto*, recebe o qualificativo de **forense ou judicial**.

ἀντιλογική/antilogikē/controvertiva

Relações com outros termos:

Superordenados: **ἀμφισβητητική** (hiperônimo)

Subordinados: [ἀντιλογική περὶ τὰ συμβόλαια] (taxônimo), ἐριστική (taxônimo)

Opostos: δικανική (complementar)

Definição:

Parte de ἀμφισβητητική que ocorre de forma privada (ἐν ἰδίῳ) com discursos (λόγος) curtos (κατακεκερματισμένον) envolvendo perguntas (ἐρωτήσεις) e respostas (πρὸς ἀποκρίσεις).

Passagens definitórias:

Sofista, 225b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δ' ἐν ἰδίῳ αὐτὸ καὶ κατακεκερματισμένον ἐρωτήσεσι πρὸς ἀποκρίσεις μὲν εἰθίσμεθα καλεῖν ἄλλο πλὴν ἀντιλογικόν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Porém quando é realizado entre particulares e *cortado em pedacinhos, por meio de perguntas e respostas*, não temos o costume de dar-lhe o nome de **contenda**?

NÍVEL 8

[ἀντιλογική περὶ τὰ συμβόλαια]/[antilogikḗ perì tà symbólaia]/ [controvertiva contratual]

Relações com outros termos:

Superordenados: ἀντιλογική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: ἐριστική (complementar)

Definição:

Parte de ἀντιλογική que ocorre com discursos (λόγος) sobre contratos (περὶ τὰ συμβόλαια).

Passagens definitórias:

Sofista, 225b-225c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τοῦ δὲ ἀντιλογικοῦ τὸ μὲν ὅσον περὶ τὰ συμβόλαια ἀμφισβητεῖται μὲν, εἰκὴ δὲ καὶ ἀτέχνως περὶ αὐτὸ πράττεται, ταῦτα θετέον μὲν εἶδος, ἐπεὶ περ αὐτὸ διέγνωκεν ὡς ἕτερον ὃν ὁ λόγος, ἀτὰρ ἐπωνυμία οὐθ' ὑπὸ τῶν ἐμπροσθεν ἔτυχεν οὔτε νῦν ὑφ' ἡμῶν τυχεῖν ἄξιον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E na **contenda**, a parte que consiste na mera discussão **sobre contratos**, sem método **nem regras de arte**, deve ser considerada **espécie** diferente, já que nossa argumentação a reconhece como tal, muito embora os antigos não lhe tenham aplicado nome, nem mereça, agora, que lhe reservemos designação especial.

ἐριστική/eristikḗ/erística

Relações com outros termos:

Superordenados: ἀντιλογική (hiperônimo)

Subordinados: ἀδολεσχική (taxônimo), σοφιστική (taxônimo)

Opostos: [ἀντιλογική περὶ τὰ συμβόλαια] (complementar)

Definição:

Parte de ἀντιλογική que ocorre com discursos (λόγος) sobre o justo, o injusto e todos os demais conceitos (περὶ δικαίων αὐτῶν καὶ ἀδίκων καὶ περὶ τῶν ἄλλων ὅλως).

Passagens definitórias:

Sofista, 225c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δέ γε ἔντεχνον, καὶ περὶ δικαίων αὐτῶν καὶ ἀδίκων καὶ περὶ τῶν ἄλλων ὅλως ἀμφισβητοῦν, ἅρ' οὐκ ἐριστικὸν αὐτὸ λέγειν εἰθίσμεθα;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E a que é feita *com arte*, acerca do *justo* e do *injusto*, e de outros assuntos gerais, não temos por hábito denominar **erística**?

NÍVEL 9

ἀδολεσχηκή/adolestikhē/adulativa

Relações com outros termos:

Superordenados: ἐριστική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: σοφιστική (5) (complementar)

Definição:

Parte de ἐριστική que ocorre pelo prazer (δι' ἡδονήν) de fazê-lo em detrimento dos afazeres domésticos (οἰκεῖος) e do próprio dinheiro (χρηματοφορικὸς).

Passagens definitórias:

Sofista, 225d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τοῦ μὴν ἐριστικοῦ τὸ μὲν χρηματοφορικόν, τὸ δὲ χρηματιστικὸν ὃν τυγχάνει.

[...]

ΞΕΝΟΣ: δοκῶ μὴν τό γε δι' ἡδονήν τῆς περὶ ταῦτα διατριβῆς ἀμελὲς τῶν οἰκείων γινόμενον, περὶ δὲ τὴν λέξιν τοῖς πολλοῖς τῶν ἀκουόντων οὐ μεθ' ἡδονῆς ἀκουόμενον καλεῖσθαι κατὰ γνώμην τὴν ἐμὴν οὐχ ἕτερον ἀδολεσχηκοῦ.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Mas há uma **erística** que sabe ganhar dinheiro, e outra **que o dissipa**.

[...]

ESTRANGEIRO – Para mim, a disputa levada a cabo como simples jogo verbal e com *negligência dos interesses próprios*, em estilo nada agradável para a maioria dos ouvintes, na minha maneira de pensar só merece o de **verbosidade**.

σοφιστική (5)/sophistikē (5)/sofística (5)

Relações com outros termos:

Superordenados: ἐριστική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: ἀδολεσχηκή (complementar)

Correlatos: χρηματιστική (sinônimo cognitivo), σοφιστής (base paronímica)

Definição:

Parte da ἐριστική que gera ganho monetário (χρηματιστικός).

Passagens definitórias:

Sofista, 226a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: οὐδὲν ἄλλ' ἢ τὸ χρηματιστικὸν γένος, ὡς ἔοικεν, ἐριστικῆς ὄν τέχνης, τῆς ἀντιλογικῆς, τῆς ἀμφισβητητικῆς, τῆς μαχητικῆς, τῆς ἀγωνιστικῆς, τῆς κτητικῆς ἔστιν, ὡς ὁ λόγος αὖ μεμήνυκε νῦν, ὁ σοφιστής.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Isso mesmo. Conforme já vimos, é do **gênero lucrativo**, da **arte erística**, da **arte de disputas**, das **controvérsias**, da **arte do combate**, da **arte da luta** e do **ganho**, segundo neste momento provou nossa argumentação, que o **sofista** provém.

QUINTA RAMIFICAÇÃO DA ARTE (τέχνη): poética-sofística 6 (ποιητική-σοφιστική 6)

NÍVEL 3

[ποιητική ἀνθρώπινη]/[poiētikḗ anthrṓpinḗ]/[poética humana]

Relações com outros termos:

Superordenados: **ποιητική** (hiperônimo)

Subordinados: [**αὐτοποιητική ἀνθρώπινη**] (taxônimo), [**εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη**] (taxônimo)

Opostos: [**ποιητική θεία**] (complementar)

Definição:

Parte de **ποιητική** que é feita (ποιέω, ποιήσις) por humanos (ἀνθρώπινος, “ὕπ’ ἀνθρώπων”) e que produz combinações (“τὰ συνιστάμενα”) a partir da natureza (φύσις).

Passagens definitórias:

Sofista, 265d-265e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: καλῶς γε, ὦ Θεαίτητε. καὶ εἰ μὲν γέ σε ἡγούμεθα τῶν εἰς τὸν ἔπειτ’ ἄν χρόνον ἄλλως πως δοξαζόντων εἶναι, νῦν ἂν τῷ λόγῳ μετὰ πειθοῦς ἀναγκαίας ἐπεχειροῦμεν ποιεῖν ὁμολογεῖν: ἐπειδὴ δέ σου καταμανθάνω τὴν φύσιν, ὅτι καὶ ἄνευ τῶν παρ’ ἡμῶν λόγων αὐτὴ πρόσσεισιν ἐφ’ ἅπερ νῦν ἔλκεσθαι φῆς, ἐάσω: χρόνος γὰρ ἐκ περιττοῦ γίγνεται ἄν. ἀλλὰ θήσω τὰ μὲν φύσει λεγόμενα **ποιεῖσθαι θεία τέχνη**, τὰ δ’ ἐκ τούτων ὑπ’ ἀνθρώπων συνιστάμενα **ἀνθρωπίνην**, καὶ κατὰ τοῦτον δὴ τὸν λόγον δύο ποιητικῆς γένῃ, τὸ μὲν **ἀνθρώπινον** εἶναι, τὸ δὲ **θεῖον**.
Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Muito bem, Teeteto. Se nós te tomássemos por um desses que de futuro viriam a julgar de outro modo, procuraríamos converter-te à nossa maneira de pensar, assim pelo raciocínio como pela força da persuasão. Porém como percebo que tua natureza dispensa argumentos estranhos e se dirige por si mesma para onde te confessas atraído, abstenho-me de insistir nesse ponto, pois com isso perderíamos tempo inutilmente. Limito-me a afirmar que todas as coisas que atribuímos à *Natureza* são **produto de uma arte divina**, e as que os *homens compõem por meio*. daquelas o são de **uma arte humana**, e que, de acordo com essa explicação, há duas **espécies de arte criadora, a humana e a divina**.

[ποιητική θεία]/[poiētikḗ theía]/[poética divina]

Relações com outros termos:

Superordenados: **ποιητική** (hiperônimo)

Subordinados: [**αὐτοποιητική θεία**] (taxônimo), [**εἰδωλοποιική θεία**] (taxônimo)

Opostos: [**ποιητική ἀνθρώπινη**] (complementar)

Definição:

Parte da **ποιητική** que é feita (ποιέω, ποιήσις) por um deus (θεῖος, “θεοῦ δημιουργοῦντος”) e que produz a natureza (φύσις) — incluindo todos os viventes mortais (“ζῶα δὴ πάντα θνητά”) e os corpos sem alma (ἄψυχον σῶμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 265c-265e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: ζῶα δὴ πάντα θνητά, καὶ δὴ καὶ φυτὰ ὅσα τ' ἐπὶ γῆς ἐκ σπερμάτων καὶ ῥιζῶν φύεται, καὶ ὅσα ἄψυχα ἐν γῇ συνίσταται σώματα τηκτὰ καὶ ἄτηκτα, μὲν ἄλλου τινὸς ἢ **θεοῦ** δημιουργοῦντος φήσομεν ὕστερον γίνεσθαι πρότερον οὐκ ὄντα; ἢ τῷ τῶν πολλῶν δόγματι καὶ ῥήματι χρώμενοι—

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποίῳ τῷ;

ΞΕΝΟΣ: τὴν φύσιν αὐτὰ γεννᾷν ἀπὸ τινος αἰτίας αὐτομάτης καὶ ἄνευ διανοίας φυσούσης, ἢ μετὰ λόγου τε καὶ ἐπιστήμης **θείας** ἀπὸ **θεοῦ** γιγνομένης;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἐγὼ μὲν ἴσως διὰ τὴν ἡλικίαν πολλάκις ἀμφοτέρα μεταδοξάζω: νῦν μὲν βλέπων εἰς σέ καὶ ὑπολαμβάνων οἶεσθαί σε κατὰ γε **θεὸν** αὐτὰ γίνεσθαι, ταύτη καὶ αὐτὸς νενόμικα.

ΞΕΝΟΣ: καλῶς γε, ὦ Θεαίτητε. καὶ εἰ μὲν γέ σε ἡγούμεθα τῶν εἰς τὸν ἔπειτ' ἂν χρόνον ἄλλως πως *δοξαζόντων* εἶναι, νῦν ἂν τῷ λόγῳ μετὰ πειθοῦς ἀναγκαίως ἐπεχειροῦμεν *ποιεῖν* ὁμολογεῖν: ἐπειδὴ δέ σου καταμανθάνω τὴν φύσιν, ὅτι καὶ ἄνευ τῶν παρ' ἡμῶν λόγων αὐτὴ πρόσσεισιν ἐφ' ἅπερ νῦν ἔλκεσθαι φῆς, ἐάσω: χρόνος γὰρ ἐκ περιττοῦ γίγνεται ἂν. ἀλλὰ θήσω τὰ μὲν φύσει λεγόμενα **ποιεῖσθαι θεία τέχνη**, τὰ δ' ἐκ τούτων ὑπ' ἀνθρώπων συνιστάμενα **ἀνθρωπίνην**, καὶ κατὰ τοῦτον δὴ τὸν λόγον δύο **ποιητικῆς γένει**, τὸ μὲν **ἀνθρώπινον** εἶναι, τὸ δὲ **θεῖον**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – *Todos os animais mortais*, e bem assim as *plantas* que nascem na terra, de *semente* ou *raiz*, e todas as *substâncias inanimadas* que se encontram seu interior, *fusíveis* ou não *fusíveis* devemos dizer que tudo isso nasceu por outra influência que não a de alguma **divindade**, já que antes não **existia**? Ou aceitaremos a opinião comum, para falarmos como o povo?

TEETETO – Qual opinião?

ESTRANGEIRO – Que a *Natureza* os gerou em virtude de uma causa natural e destituída de *pensamento*; ou terá sido gerado por alguma força **divina**, dotada de *razão* e de *conhecimento*, *oriunda de Deus*?

TEETETO – Talvez por causa da idade, tenho mudado muito de opinião; porém ao ver-te neste momento, suspeito que és inclinado a acreditar que tudo isso nasce de um pensamento **divino**, conclusão que eu também aceito.

ESTRANGEIRO – Muito bem, Teeteto. Se nós te tomássemos por um desses que de futuro viriam a julgar de outro modo, procuraríamos converter-te à nossa maneira de pensar, assim pelo raciocínio como pela força da persuasão. Porém como percebo que tua natureza dispensa argumentos estranhos e se dirige por si mesma para onde te confessas atraído, abstenho-me de insistir nesse ponto, pois com isso perderíamos tempo inutilmente. Limito-me a afirmar que todas as coisas que atribuímos à *Natureza* são **produto de uma arte divina**, e as que os homens compõem por meio. daquelas o são de uma arte **humana**, e que, de acordo com essa explicação, há duas **espécies de arte criadora, a humana e a divina**.

NÍVEL 4a – formas de [ποιητική θεία]

[αὐτοποιητική θεία]/[autopoiētikē theía]/[poética divina das próprias coisas]

Relações com outros termos:

Superordenados: [ποιητική θεία] (hiperônimo), αὐτουργική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: [αὐτοποιητική ἀνθρώπινη] (complementar)

Definição:

Parte de [ποιητική θεία] que ocorre pela produção (ποιέω, ποίησις) divina (θεῖος, “θεοῦ δημιουργοῦντος”) de uma coisa (πρᾶξις) ela mesma (αὐτο-).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὰ δέ γ’ ὥς ἐτέρως αὖ διηρημένα, μέρος μὲν ἐν ἅφ’ ἑκατέρας τῆς μερίδος **αὐτοποιητικόν**, τὸ δ’ ὑπολοίπῳ σχεδὸν μάλιστ’ ἂν λεγοίσθην **εἰδωλοποικῶ**· καὶ κατὰ ταῦτα δὴ πάλιν ἡ **ποιητικὴ** διχῇ διαιρεῖται.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: λέγε ὅπῃ ἑκατέρα αὐθις.

ΞΕΝΟΣ: ἡμεῖς μὲν που καὶ τᾶλλα ζῶα καὶ ἐξ ὧν τὰ πεφυκότ’ ἐστίν, πῶρ καὶ ὕδωρ καὶ τὰ τούτων ἀδελφά, **θεοῦ** γεννήματα πάντα ἴσμεν αὐτὰ ἀπειργασμένα ἕκαστα· ἢ πῶς;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Se considerarmos a divisão no primeiro sentido, em cada secção teremos uma parte **produtora de realidades**, sendo lícito darmos às duas partes restantes o qualificativo de **imaginárias**. A esse modo, a **produção** ficou de novo dividida em duas partes.

TEETETO – Torna a falar dessas divisões.

ESTRANGEIRO – *Nós* e os outros *animais* e todos os elementos originários das coisas, o *fogo*, a *água* e substâncias *congéneres*, como sabemos, foram produzidas pelo **Deus** e são obra sua, cada coisa em particular e no conjunto.

Comentários:

O emprego de αὐτουργική (construtiva de coisas próprias) (266d) parece ser empregado como um sinônimo de αὐτοποιητική (poética de coisas próprias), se referindo tanto à divina como à humana. Entretanto, como o estrangeiro afirma explicitamente que se trata de quatro conceitos, sendo cada par subordinado diretamente a [ποιητική θεία] (**poética divina**) e [ποιητική ἀνθρώπινη] (**poética humana**) apenas, optou-se por não criar uma entrada nova para αὐτοποιητική (poética das coisas próprias) (266a).

[εἰδωλοποιική θεία]/[eidōlopoiikē theía]/[poética divina de imagens]

Relações com outros termos:

Superordenados: [ποιητική θεία] (hiperônimo), εἰδωλουργική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: [αὐτοποιητική θεία] (complementar)

Definição:

Parte da **ποιητική θεία** que ocorre pela produção (ποιέω, ποίησις) divina (θεῖος, “θεοῦ δημιουργοῦντος”) de imagens (εἶδωλον) — como aparições (φάντασμα) e ilusões de ótica (ver passagem abaixo).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τούτων δέ γε ἐκάστων εἰδῶλα ἀλλ' οὐκ αὐτὰ παρέπεται, δαιμονία καὶ ταῦτα μηχανῇ γεγονότα.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖα;

ΞΕΝΟΣ: τά τε ἐν τοῖς ὕπνοις καὶ ὅσα μεθ' ἡμέραν φαντάσματα αὐτοφυῇ λέγεται, σκιά μὲν ὅταν ἐν τῷ πυρὶ σκότος ἐγγίγνηται, διπλοῦν δὲ ἡνίκ' ἂν φῶς οἰκεῖόν τε καὶ ἀλλότριον περὶ τὰ λαμπρὰ καὶ λεῖα εἰς ἓν συνελθὼν τῆς ἔμπροσθεν εἰωθυίας ὁψεως ἐναντίαν αἴσθησιν παρέχον εἶδος ἀπεργάζεται.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Para todas essas coisas há *simulacros* que não são *elas mesmas* e que as acompanham, também originárias de uma arte *divina*.

TEETETO – Que simulacros?

ESTRANGEIRO – Os dos *sonhos* e os que denominamos de *dia aparições* naturais, como as *sombras* que se formam quando as *trevas* tomam conta do fogo ou o *reflexo* em objetos lisos e brilhantes de duas luzes que se encontram, uma própria para os olhos e outra estranha e que produzem em nossos *sentidos* uma *imagem* de efeito *inverso* da visão ordinária.

Comentários:

O emprego de *ειδωλουργική* (construtiva de imagens) (266d) parece ser empregado como um sinônimo de *ειδωλοποιική* (poética de imagens), se referindo tanto à divina como à humana. Entretanto, como o estrangeiro afirma explicitamente que se trata de quatro conceitos, sendo cada par subordinado diretamente a **[ποιητική θεία]** (produtiva divina) e **[ποιητική ἀνθρώπινη]** (produtiva humana) apenas, optou-se por não criar uma entrada nova para *ειδωλουργική* (construtiva de imagens) (266a).

NÍVEL 4b – formas de **[ποιητική ἀνθρώπινη]**

[αὐτοποιητική ἀνθρώπινη]/[autopoietikḗ anthrōpinē]/[poética humana das próprias coisas]

Relações com outros termos:

Superordenados: **[ποιητική ἀνθρώπινη]** (hiperônimo), αὐτουργική (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **[αὐτοποιητική θεία]** (complementar).

Definição:

Parte de **[ποιητική ἀνθρώπινη]** que ocorre pela produção (ποιέω, ποίησις) humana (ἀνθρώπινος, “ὑπ’ ἀνθρώπων”) de uma coisa (πρᾶξις) ela mesma (αὐτο-).

Passagens definitórias:

Sofista, 266c-266d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί δὲ τὴν ἡμετέραν τέχνην; ἄρ' οὐκ αὐτὴν μὲν οἰκίαν οἰκοδομικῇ φήσομεν ποιεῖν, γραφικῇ δὲ τιν' ἐτέραν, οἷον ὅναρ ἀνθρώπινον ἐγρηγορόσιν ἀπειρασμένην;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ μὲν οὖν.

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν καὶ τᾶλλα οὕτω κατὰ δύο διττὰ ἔργα τῆς ἡμετέρας αὐτοποιητικῆς πράξεως, τὸ μὲν αὐτό, φαμέν, αὐτουργική, τὸ δὲ εἰδωλοποιική.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E nossa **arte**? Não podemos dizer que com a *arte do arquiteto construímos* a própria casa, e por meio do *desenho* uma outra que é como um sonho de criação humana para as pessoas acordadas?

TEETETO – Perfeitamente.

ESTRANGEIRO – O mesmo acontece com as demais obras de nossa atividade **produtora**, que andam sempre aos pares, **a própria coisa**, digamos, oriunda da arte criadora, e sua *imagem* que só **gera simulacros**.

Comentários:

- Ainda que o conceito não tenha uma definição explícita, a oposição entre ‘αὐτο-’:εἰδωλον (próprio:imagem), levando em consideração os exemplos em 266c parecem ser suficientes para defini-la como proposto acima.
- O emprego de αὐτουργική (construtiva de coisas próprias) (266d) parece ser feito como um sinônimo de αὐτοποιητική (poética de coisas próprias), se referindo tanto à divina como à humana. Entretanto, como o estrangeiro afirma explicitamente que se trata de quatro conceitos, sendo cada par subordinado diretamente a [ποιητική θεία] (poética divina) e [ποιητική ἀνθρώπινη] (poética humana) apenas, optou-se por não criar uma entrada nova para αὐτοποιητική (poética das coisas próprias) (266a).

[εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη]/[eidōlopoiiké anthrṓpinē]/[poética humana de imagens]

Relações com outros termos:

Superordenados: [ποιητική ἀνθρώπινη] (hiperônimo), εἰδωλουργική (hiperônimo)

Subordinados: εἰκαστική (taxônimo), φανταστική (taxônimo)

Opostos: [αὐτοποιητική ἀνθρώπινη] (complementar)

Definição:

Parte de [ποιητική ἀνθρώπινη] que ocorre pela produção (ποιέω, ποίησις) humana (ἀνθρώπινος, “ὑπ’ ἀνθρώπων”) de imagens (εἰδωλον) — como a pintura (γραφικός).

Passagens definitórias:

Sofista, 266c-266d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί δὲ τὴν ἡμετέραν τέχνην; ἄρ’ οὐκ αὐτὴν μὲν οἰκίαν οἰκοδομικῇ φήσομεν ποιεῖν, γραφικῇ δὲ τιν’ ἑτέραν, οἷον ὄναρ ἀνθρώπινον ἐγρηγορόσιν ἀπειργασμένην;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ μὲν οὖν.

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν καὶ τᾶλλα οὕτω κατὰ δύο διττὰ ἔργα τῆς ἡμετέρας αὐτοποιητικῆς πράξεως, τὸ μὲν αὐτό, φαμέν, αὐτουργική, τὸ δὲ εἰδωλον εἰδωλοποιική.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E nossa **arte**? Não podemos dizer que com a *arte do arquiteto construímos* a própria casa, e por meio do *desenho* uma outra que é como um sonho de criação humana para as pessoas acordadas?

TEETETO – Perfeitamente.

ESTRANGEIRO – O mesmo acontece com as demais obras de nossa atividade **produtora**, que andam sempre aos pares, **a própria coisa**, digamos, oriunda da arte criadora, e sua *imagem* que só **gera simulacros**.

NÍVEL 5

εἰκαστική/eikastikḗ/representativa

Relações com outros termos:

Superordenados: [εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη] (hiperônimo)

Subordinados: [?]

Opostos: φανταστική (complementar)

Definição:

Parte de [εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη] e [εἰδωλοποιική θεία] que ocorre pela produção (ποιέω, ποίησις) de uma imagem (εἶδωλον) semelhante (εἰκόνα) à referência (παράδειγμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 235d-235e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: μίαν μὲν τὴν εἰκαστικὴν ὁρῶν ἐν αὐτῇ τέχνῃ. ἔστι δ' αὕτη μάλιστα ὅποταν κατὰ τὰς τοῦ παραδείγματος συμμετρίας τις ἐν μήκει καὶ πλάτει καὶ βάθει, καὶ πρὸς τοῦτοις ἔτι χρώματα ἀποδιδούς τὰ προσήκοντα ἐκάστοις, τὴν τοῦ μιμήματος γένεσιν ἀπεργάζηται.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Vejo primeiro **a arte de copiar**, que consegue os melhores resultados quando o *original* é reproduzido em suas *proporções de comprimento, largura e profundidade*, além das *cores* apropriadas a cada parte, do que resulta uma *cópia* perfeita.

Comentários:

- Ainda que **εἰκαστική (representativa)** seja introduzida como parte de **μιμητική (mimética)** (235-236), aquela é pouco depois chamada de parte de **εἰδωλοποιική (poética de imagens)** (“τούτῳ τοίνυν τῷ δύο ἔλεγον εἶδη τῆς εἰδωλοποιικῆς [...]” (236c). Posteriormente, na elaboração final da subestrutura de **ποιητική (poética)** (266d-267a), **μιμητική (mimética)** é situada de forma mais clara como parte de **φανταστική (fantástica)**. Assim, em vista da relação hiponímica estabelecida posteriormente entre **φανταστική (fantástica)** e **μιμητική (mimética)** (266d-267e), pode-se compreender que o primeiro emprego de **μιμητική (mimética)** é puramente provisório.
- Posteriormente, na elaboração final da subestrutura de **ποιητική (poética)** (266d-267a), **μιμητική (mimética)** é situada de forma mais clara como parte de **φανταστική (fantástica)**. Entretanto, classifica-se aqui **εἰκαστική (representativa)** como taxônimo apenas de [εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη] (**poética humana de imagens**), sem incluir [εἰδωλοποιική θεία] (**poética divina de imagens**). Isso porque, apesar do emprego dos termos amplos εἰδωλοποιική (poética de imagens) e εἰδωλουργική (construtiva de imagens), ao contrário das divisões imediatas de [ποιητική θεία] (**poética divina**) e

[ποιητική ἀνθρώπινη] (poética humana), não há uma marcação explícita de simetria ou espelhamento entre as subcategorias. Além disso, não há menções ou exemplos de obras divinas classificadas como **εἰκαστική** (representativa).

φανταστική/phantastikē/fantástica

Relações com outros termos:

Superordenados: [εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη] (hiperônimo)

Subordinados: **μιμητική** (taxônimo)

Opostos: **εἰκαστική** (complementar)

Definição:

Parte de [εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη] e [εἰδωλοποιική θεία] que ocorre pela produção (ποιέω, ποιήσις) de um vislumbre (φάντασμα, φαίνω), mas não de uma semelhança (οὐκ εἰκόνα) fidedigna em relação à referência (παράδειγμα). É o caso de grandes trabalhos de pintura e escultura (“τῶν μεγάλων πού τι πλάττουσιν ἔργων ἢ γράφουσιν”) que alteram a simetria (συμμετρία) para conferir beleza (καλός).

Passagens definitórias:

Sofista, 236b-236c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί δέ; τὸ φαινόμενον μὲν διὰ τὴν οὐκ ἐκ καλοῦ θεῶν εἰκέναι τῷ καλῷ, δύνανται δὲ εἶ τις λάβοι τὰ τηλικαῦτα ἰκανῶς ὁρᾶν, μηδ’ εἰκὸς ᾧ φησιν εἰκέναι, τί καλοῦμεν; ἄρ’ οὐκ, ἐπεὶ περ φαίνεται μὲν, εἰκε δὲ οὐ, φάντασμα;

[...]

ΞΕΝΟΣ: τὴν δὴ φάντασμα ἄλλ’ οὐκ εἰκόνα ἀπεργαζομένην τέχνην ἄρ’ οὐ φανταστικὴν ὀρθότατ’ ἂν προσαγορεύοιμεν;” (Plat. Soph.)

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E então? E o que dá a impressão de belo, por ser visto de posição desfavorável, mas que, para quem sabe contemplar essas criações monumentais em *nada se assemelha* com o modelo que presume imitar, por que nome designaremos? Não merecerá o de *simulacro*, por apenas *parecer*, sem ser realmente parecido?

[...]

ESTRANGEIRO – E a arte que produz *simulacros*, não *imagens*, não seria mais acertado denominá-la **ilusória**?

Comentários:

Ainda que **φανταστική** (fantástica) seja introduzida como subcategoria de **μιμητική** (mimética) (235-236), aquela pouco depois é chamada de parte de **εἰδωλοποιική** (“τούτω τοίνυν τὸ δύο ἔλεγον εἶδη τῆς εἰδωλοποιικῆς [...]” (236c). Posteriormente, na elaboração final da subestrutura de **ποιητική** (poética) (266d-267a), **μιμητική** (mimética) é situada de forma mais clara como parte de **φανταστική** (fantástica). Assim, em vista da relação hiponímica estabelecida posteriormente entre **φανταστική** (fantástica) e **μιμητική** (mimética) (266d-267e), pode-se compreender que o primeiro emprego de **μιμητική** (mimética) é puramente provisório.

Entretanto, classifica-se aqui **φανταστική** (fantástica) como taxônimo apenas de [εἰδωλοποιική ἀνθρώπινη] (poética humana de imagens), sem incluir [εἰδωλοποιική θεία] (poética divina de imagens). Isso porque, apesar do emprego dos termos amplos εἰδωλοποιική (poética de imagens) e εἰδωλοποιική (construtiva de imagens), ao contrário das divisões imediatas de [ποιητική θεία]

(*poética divina*) e [*ποιητική ἀνθρώπινη*] (*poética humana*), não há uma marcação explícita de simetria ou espelhamento entre as subcategorias. Além disso, não há menções ou exemplos de obras divinas classificadas como *φανταστική* (*fantástica*).

NÍVEL 6

[φανταστική δι' ὀργάνων]/[phantastikḗ di'orgánōn]/[fantástica por instrumentos]

Relações com outros termos:

Superordenados: *φανταστική* (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: *μιμητική* (complementar)

Definição:

Parte de *φανταστική* que ocorre por meio de um instrumento (“δι' ὀργάνων”) externo ao sujeito.

Passagens definitórias:

Sofista, 267a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν δι' ὀργάνων γινόμενον, τὸ δὲ αὐτοῦ παρέχοντος ἑαυτὸν ὄργανον τοῦ ποιοῦντος τὸ φάντασμα.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Uma trabalha **com instrumentos**; na outra, quem produz o simulacro serve de instrumento.

Comentários:

Em 267a-267b, o personagem Estrangeiro explicitamente se abstém de designar essa arte.

μιμητική/mimētikḗ/mimética

Relações com outros termos:

Superordenados: *φανταστική* (hiperônimo)

Subordinados: *ιστορική* (taxônimo), *δοξομιμητική* (taxônimo)

Opostos: [*φανταστική δι' ὀργάνων*] (complementar)

Definição:

Parte de *φανταστική* que ocorre com o próprio (ἑαυτοῦ) corpo (σῶμα) ou voz (φωνή) do sujeito para produzir uma imitação (μίμησις).

Passagens definitórias:

Sofista, 267a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν δι' ὀργάνων γινόμενον, τὸ δὲ αὐτοῦ παρέχοντος ἑαυτὸν ὄργανον τοῦ ποιοῦντος τὸ φάντασμα.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πῶς φήεις;

ΞΕΝΟΣ: ὅταν οἶμαι τὸ σὸν σχῆμά τις τῷ ἑαυτοῦ χρώμενος σῶματι προσόμοιον ἢ φωνὴν φωνῇ φαίνεσθαι ποιῇ, μίμησις τοῦτο τῆς φανταστικῆς μάλιστα κέκληται που.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Uma trabalha **com instrumentos**; na outra, quem produz o simulacro serve de instrumento.

TEETETO – Que queres dizer com isso?

ESTRANGEIRO – Quando alguém, quero crer, usando de *seu próprio corpo*, procura imitar tua aparência, ou tua voz com a dele, penso que a essa parte da **arte fantástica** se dá o nome de *mímica*.

Comentários:

Ainda que **μιμητική (mimética)** seja introduzida como categoria superordenada de **φανταστική (fantástica)** (235-236), esta pouco depois é afirmada como parte de **εἰδωλοποιική (poética de imagens)** (“τούτω τοίνυν τῷ δύο ἔλεγον εἶδη τῆς εἰδωλοποιικῆς [...]” (236c). Posteriormente, na elaboração final da subestrutura de **ποιητική (poética)** (266d-267a), **μιμητική (mimética)** é situada de forma mais clara como parte de **φανταστική (fantástica)**. Assim, em vista da relação hiponímica estabelecida posteriormente entre **φανταστική (fantástica)** e **μιμητική (mimética)** (266d-267e), pode-se compreender que o primeiro emprego de **μιμητική (mimética)** é puramente provisório.

NÍVEL 7

ἱστορική/historiké/investigativa

Relações com outros termos:

Superordenados: **μιμητική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **δοξομιμητική** (complementar)

Definição:

Parte de **μιμητική** que ocorre com base em um entendimento (ἐπιστήμη) da referência (παράδειγμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 267c-267e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί δὲ δικαιοσύνης τὸ σχῆμα καὶ ὅλης συλλήβδην ἀρετῆς; ἄρ’ οὐκ ἀγνοοῦντες μὲν, δοξάζοντες δὲ πη, σφόδρα ἐπιχειροῦσιν πολλοὶ τὸ δοκοῦν σφίσιν τοῦτο ὡς ἐνὸν αὐτοῖς προθυμεῖσθαι φαίνεσθαι ποιεῖν, ὅτι μάλιστα ἔργοις τε καὶ λόγοις μιμούμενοι;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: καὶ πάνυ γε πολλοί.

ΞΕΝΟΣ: μὲν οὖν πάντες ἀποτυγχάνουσι τοῦ δοκεῖν εἶναι δίκαιοι μηδαμῶς ὄντες; ἢ τούτου πᾶν τοῦναντίον;

[...]

ΞΕΝΟΣ: [...] ὅμως δέ, καὶ εἰ τολμηρότερον εἰρησθαι, διαγνώσεως ἕνεκα τὴν μὲν μετὰ δόξης μίμησιν **δοξομιμητικὴν** προσεῖπωμεν, τὴν δὲ μετ’ ἐπιστήμης **ἱστορικὴν** τινα μίμησιν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E que diremos da figura da *justiça* ou das *virtudes* em geral? Mas, não há um sem-número de indivíduos que, sem conhecê-la, porém *tendo* dela apenas *uma espécie de opinião*, põem todo o empenho em *fazer aparecer*

[o] que eles presumem ter no íntimo, *imitando-a*, quanto possível, por atos e por *palavras*?

[...]

ESTRANGEIRO – [...] De um jeito ou de outro, e embora se no afigure um tanto forte a expressão, para melhor diferenç[á]-la daremos o nome de **doxomimética** à imitação que se baseia na opinião, e a que se funda no conhecimento, *mimética histórica* ou erudita.

δοξομιμητική/doxomimētikē/doxomimética

Relações com outros termos:

Superordenados: **μιμητική** (hiperônimo)

Subordinados: **[δοξομιμητική ἀπλή]** (taxônimo), **εἰρωνική** (taxônimo)

Opostos: **ἱστορική** (complementar)

Correlatos: **δοξαστική** (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de **μιμητική** que ocorre com base em opinião (δόξα) sem entendimento (ἐπιστήμη) da referência (παράδειγμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 267b-267e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τῶν μιμουμένων οἱ μὲν εἰδότες ὁ μιμοῦνται τοῦτο πράττουσιν, οἱ δ' οὐκ εἰδότες. καίτοι τίνα μείζω διαίρεσιν ἀγνωσίας τε καὶ γνώσεως θήσομεν;

[...]

ΞΕΝΟΣ: [...] ὅμως δέ, κἂν εἰ τολμηρότερον εἰρῆσθαι, διαγνώσεως ἔνεκα τὴν μὲν μετὰ δόξης μίμησιν **δοξομιμητικὴν** προσείπωμεν, τὴν δὲ μετ' ἐπιστήμης **ἱστορικὴν** τίνα μίμησιν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Entre os *imitadores*, *uns conhecem o que imitam*, outros o *fazem sem conhecer*. E haverá, porventura, mais radical distinção do que a existente entre a *ignorância* e o *conhecimento*?

[...]

ESTRANGEIRO – [...] De um jeito ou de outro, e embora se no afigure um tanto forte a expressão, para melhor diferenç[á]-la daremos o nome de **doxomimética** à imitação que se baseia na opinião, e a que se funda no conhecimento, *mimética histórica* ou erudita.

NÍVEL 8

[δοξομιμητική ἀπλή]/[doxomimētikē haplê]/[doxomimética ingênua]

Relações com outros termos:

Superordenados: **δοξομιμητική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **εἰρωνική** (complementar)

Definição:

Parte de **δοξομιμητική** praticada por imitadores (μιμητής) que ingenuamente (εὐήθης, ἀπλός) presumem (οἶομαι) saber (οἶδα) algo sobre aquilo que imitam (μιμέομαι).

Passagens definitórias:

Sofista, 267e-268a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: ἔχει τοίνυν καὶ μάλα συχνήν. ὁ μὲν γὰρ εὐήθης αὐτῶν ἐστίν, οἰόμενος εἰδέναι ταῦτα ἃ δοξάζει· τὸ δὲ θατέρου σχῆμα διὰ τὴν ἐν τοῖς λόγοις κυλίνδῃσιν ἔχει πολλὴν ὑποψίαν καὶ φόβον ὥς ἀγνοεῖ ταῦτα ἃ πρὸς τοὺς ἄλλους ὥς εἰδῶς ἐσχημάτισται.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνν μὲν οὖν ἔστιν ἑκατέρου γένος ὧν εἴρηκας.

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν τὸν μὲν **ἀπλοῦν μιμητὴν** τινα, τὸν δὲ **εἰρωνικὸν μιμητὴν** θήσομεν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Pois em verdade aqui está ele, e bem patente. Entre esses tais, há o tipo *ingênuo* que *acredita saber o que apenas imagina*; o outro, pelo contrário, que se deixa arrastar por seus próprios argumentos, não esconde a suspeita e o receio de ignorar o que diante de terceiros ele procura aparentar que sabe.

TEETETO – Sem dúvida, há esses dois tipos que acabaste de descrever.

ESTRANGEIRO – Ao primeiro, então, daremos o nome de *imitador simples*, e ao outro, o de *imitador dissimulado*?

Comentários:

Este conceito retoma, implicitamente, a definição de **ἀμαθία** (estupidez), que por sua vez evoca a descrição da ignorância alheia em contraste à sabedoria de Sócrates na *Apologia* (21a-22a). Isso é, em alguma medida, pode-se afirmar que **[δοξομιμητική ἀπλή]** (doxomimética ingênua) é um produto de **ἀμαθία** (estupidez).

εἰρωνική/eirōniké/dissimulativa

Relações com outros termos:

Superordenados: **δοξομιμητική** (hiperônimo)

Subordinados: **δημολογική** (taxônimo), **σοφιστική** (6)

Opostos: **[δοξομιμητική ἀπλή]** (complementar)

Definição:

Parte de **δοξομιμητική** praticada por imitadores (μιμητής) que suspeitam (“ἔχει – ὑποψίαν καὶ φόβον”) que eles próprios seriam ignorantes (ἀγνοσία, ἀγνοέω) acerca do que imitam.

Passagens definitórias:

Sofista, 267e-268a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: ἔχει τοίνυν καὶ μάλα συχνήν. ὁ μὲν γὰρ εὐήθης αὐτῶν ἐστίν, οἰόμενος εἰδέναι ταῦτα ἃ δοξάζει· τὸ δὲ θατέρου σχῆμα διὰ τὴν ἐν τοῖς λόγοις κυλίνδῃσιν ἔχει πολλὴν ὑποψίαν καὶ φόβον ὥς ἀγνοεῖ ταῦτα ἃ πρὸς τοὺς ἄλλους ὥς εἰδῶς ἐσχημάτισται.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνν μὲν οὖν ἔστιν ἑκατέρου γένος ὧν εἴρηκας.

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν τὸν μὲν **ἀπλοῦν μιμητὴν** τινα, τὸν δὲ **εἰρωνικὸν μιμητὴν** θήσομεν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Pois em verdade aqui está ele, e bem patente. Entre esses tais, há o tipo ingênuo que acredita saber o que apenas imagina; o outro, pelo contrário, que se deixa arrastar por seus próprios argumentos, não esconde a *suspeita e o receio de ignorar o que diante de terceiros ele procura aparentar que sabe*.

TEETETO – Sem dúvida, há esses dois tipos que acabaste de descrever.

ESTRANGEIRO – Ao primeiro, então, daremos o nome de *imitador simples*, e ao outro, o de *imitador dissimulado*?

NÍVEL 9

δημολογική/dēmologikḗ/discursiva pública

Relações com outros termos:

Superordenados: **εἰρωνική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **σοφιστική (6)** (complementar)

Definição:

Parte de [**δοξομιμητική εἰρωνική**] que ocorre por discursos (λόγος) públicos (δημόσιος) longos (μακρός) diante de uma multidão (πλήθος).

Passagens definitórias:

Sofista, 268b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: σκοπῶ, καί μοι διττῷ καταφαίνεσθόν τινα: τὸν μὲν δημοσίᾳ τε καὶ μακροῖς λόγοις πρὸς πλήθη **δυνατὸν** εἰρωνεύεσθαι καθορῶ, τὸν δὲ *ἰδίᾳ* τε καὶ βραχέσι λόγοις ἀναγκάζοντα τὸν προσδιαλεγόμενον *ἐναντιολογεῖν* αὐτὸν αὐτῷ.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: λέγεις ὀρθότατα.

ΞΕΝΟΣ: τίνα οὖν ἀποφαινόμεθα τὸν μακρολογώτερον εἶναι; πότερα πολιτικὸν ἢ **δημολογικόν**;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: **δημολογικόν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Examino e creio perceber dois gêneros. No primeiro, distingo o indivíduo capaz de dissimular *em público com discursos prolixos*; no outro, o que *em círculos mais restritos, com sentenças curtas* leva seu interlocutor a *contradizer-se*.

TEETETO – É muito certo o que dizes.

ESTRANGEIRO – E o homem dos *discursos longos*, como o designaremos? É estadista ou **orador popular**?

TEETETO – **Orador popular**.

σοφιστική (6)/sōfistikḗ (6)/sofística (6)

Relações com outros termos:

Superordenados: **εἰρωνική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **δημολογική** (complementar)

Correlatos: **σοφιστής** (base paronímica)

Definição:

Parte de [δοξομιμητική εἰρωνική] que ocorre por discursos (λόγος) privados (ἴδιος) curtos (βραχύς), visando contradizer (ἐναντιολογέω) do interlocutor.

Passagens definitórias:

Sofista, 268b-268d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: σκοπῶ, καί μοι διττῶ καταφαίνεσθόν τινα: τὸν μὲν δημοσίᾳ τε καὶ μακροῖς λόγοις πρὸς πλήθη δυνατόν εἰρωνεύεσθαι καθορᾶ, τὸν δὲ ἰδίᾳ τε καὶ βραχεῖσι λόγοις ἀναγκάζοντα τὸν προσδιαλεγόμενον ἐναντιολογεῖν αὐτὸν αὐτῷ.
[...]

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὴ τῆς ἐναντιοποιολογικῆς εἰρωνικοῦ μέρους τῆς δοξαστικῆς μιμητικόν, τοῦ φανταστικοῦ γένους ἀπὸ τῆς εἰδωλοποιικῆς οὐ θεῖον ἀλλ’ ἀνθρωπικὸν τῆς ποιήσεως ἀφορισμένον ἐν λόγοις τὸ θαυματοποιικὸν μόριον, ‘ταύτης τῆς γενεᾶς τε καὶ αἵματος’ ὅς ἂν φῇ τὸν ὄντως σοφιστὴν εἶναι, τὰληθέστατα, ὡς ἔοικεν, ἐρεῖ.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Examino e creio perceber dois gêneros. No primeiro, distingo o indivíduo capaz de dissimular *em público com discursos prolixos*; no outro, o que *em círculos mais restritos*, com *sentenças curtas* leva seu interlocutor a *contradizer-se*.

[...]

ESTRANGEIRO – Sendo assim, a espécie imitativa e **suscitadora de contradições** da parte **dissimuladora** da **arte baseada na opinião**, pertencente ao **gênero imaginário** que se prende à arte **ilusória** da **produção de imagens, criação humana**, não divina, *desse malabarismo ilusório com palavras*: quem afirmar que é de semelhante sangue e dessa estirpe que provém o verdadeiro *sofista*, só dirá, como parece, a pura verdade.

APÊNDICE B – ESTRUTURAS DA SEPARATIVA (*διακριτική*) E DA VILEZA (*κακία*)

PRIMEIRA RAMIFICAÇÃO DA SEPARATIVA (διακριτική): separativa-médica
(διακριτική-ιατρική)

NÍVEL 1

διακριτική/diakritiké/separativa

Relações com outros termos:

Superordenados: **τέχνη** (hiperônimo INDIRETO)

Subordinados: **καθαρτική** (taxônimo), [διακριτική τὸ δ' ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου]
(taxônimo)

Opostos: [?]

Definição:

Parte de **τέχνη** que ocorre por meio de separações (διάκρισις, διαιρετικός).

Passagens definitórias:

Sofista, 226b-226c, grifo nosso

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: διαιρετικά που τὰ λεχθέντα εἴρηται σύμπαντα.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί.

ΞΕΝΟΣ: κατὰ τὸν ἐμὸν τοῖνον λόγον ὥς περὶ ταῦτα μίαν οὔσαν ἐν ἅπασι **τέχνην** ἐνὸς ὀνόματος ἀξιῶσομεν αὐτήν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: τίνα προσειπόντες;

ΞΕΝΟΣ: **διακριτικήν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – De modo geral, todos esses vocábulos exprimem a idéia de *separação*.

TEETETO – Certo.

ESTRANGEIRO – Ora, de acordo com o meu raciocínio, se uma arte, apenas, abrange todas essas ocupações, teremos de atribuir-lhe um único nome.

TEETETO – E como a denominaremos?

ESTRANGEIRO – **Arte de separar**.

Comentários:

- Ainda que **διακριτική (separativa)** seja introduzida como uma forma de arte, este caso não é incluído explicitamente em nenhuma forma anterior e não constitui uma bipartição como as demais.
- O personagem estrangeiro lista diversas atividades domésticas (οἰκετικός) — mais especificamente *διηθεῖν* (coar), *διαττᾶν* (crivar), *βράττειν* (peneirar), *ξαίνειν* (pentear), *κατάγειν* (reduzir) e *κερκίζειν* (fiar)— (226b) para introduzir **διακριτική (separativa)**. Entretanto, nenhuma dessas é localizada de forma precisa na estrutura conceitual, podendo se tratar apenas de exemplos anedóticos.

NÍVEL 2

καθαρτική/kathartikḗ/catártica

Relações com outros termos:

Superordenados: **διακριτική** (hiperônimo)

Subordinados: [**καθαρτική περὶ τὸ σῶμα**] (taxônimo), [**καθαρτική περὶ τὴν ψυχὴν**] (taxônimo)

Opostos: [**διακριτική τὸ δ' ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου**] (complementar)

Definição:

Parte de **διακριτική** que separa (ἀποχωρίζειν, διάκρισις, διαιρετικός) o melhor (τὸ βέλτιον) do pior (τὸ χεῖρον, τὸ λείπειν), descartando (ἀποβάλλω) o último, resultando em uma purificação (καθαρμός, κάθαρσις).

Passagens definitórias:

Sofista, 226d-227d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: καὶ μὴν ἔν γε ταῖς εἰρημέναις διακρίσει τὸ μὲν χεῖρον ἀπὸ βελτίονος ἀποχωρίζειν ἦν, τὸ δ' ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: σχεδὸν οὕτω νῦν λεχθὲν φαίνεται.

ΞΕΝΟΣ: τῆς μὲν τοίνυν ὄνομα οὐκ ἔχω λεγόμενον: τῆς δὲ καταλειπούσης μὲν τὸ βέλτιον διακρίσεως, τὸ δὲ χεῖρον ἀποβαλλούσης ἔχω.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: λέγε τί.

ΞΕΝΟΣ: πᾶσα ἡ τοιαύτη διάκρισις, ὥς ἐγὼ συννοῶ, λέγεται παρὰ πάντων καθαρμός τις.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Porém nas distinções por nós feitas, já se tratou da *separação entre o pior e o melhor*, e também entre semelhante e dessemelhante.

TEETETO – Dita dessa maneira, parece-me bastante clara.

ESTRANGEIRO – Não conheço o nome geralmente aplicado a esta última *separação*; porém sei o que dão à outra, a que *retém o melhor e rejeita o pior*.

TEETETO – Dize qual seja.

ESTRANGEIRO – No meu entender, todas as separações desse tipo são geralmente chamadas *purificação*.

[διακριτική τὸ ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου]/diakritikḗ tò d'hómoion aph'homoíou/[diacrítica do igual para o igual]

Relações com outros termos:

Superordenados: **διακριτική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **καθαρτική** (complementar)

Definição:

Parte de **διακριτική** que separa iguais (τὸ δ' ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου).

Passagens definitórias:

Sofista, 226d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: καὶ μὴν ἔν γε ταῖς εἰρημέναις διακρίσει τὸ μὲν χεῖρον ἀπὸ βελτίονος ἀποχωρίζειν ἦν, τὸ δ' ὅμοιον ἀφ' ὁμοίου.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Porém nas distinções por nós feitas, já se tratou da *separação entre o pior e o melhor*, e também entre *semelhante e dessemelhante*.

NÍVEL 3

[καθαρτική περὶ τὴν ψυχὴν]/[kathartikḗ perì tè psykhèn]/[catártica da alma]

Relações com outros termos:

Superordenados: **καθαρτική** (hiperônimo)

Subordinados: **κολαστική** (taxônimo), **διδασκαλική** (taxônimo)

Opostos: **[καθαρτική περὶ τὸ σῶμα]** (complementar)

Definição:

Parte de **καθαρτική** que se volta para as vilezas (**κακία**) da alma (ψυχή).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d-227d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἀλλὰ μεμάθηκα, καὶ συγχωρῶ δύο μὲν εἶδη καθάρσεως, ἐν δὲ τὸ περὶ τὴν ψυχὴν εἶδος εἶναι, τοῦ περὶ τὸ σῶμα χωρὶς ὄν.

[...]

ΞΕΝΟΣ: καὶ ψυχῆς ἄρα, καθ' ὅσον ἂν εὐρίσκωμεν **κακίας** ἀφαίρεσίν τινα, *καθαρμὸν* αὐτὸν λέγοντες ἐν μέλει φθεγξόμεθα.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

TEETETO – Penso que já compreendi, e admito que haja duas **espécies** de *purificação*, sendo diferente **da do corpo a** que se exerce **sobre a alma**.

[...]

ESTRANGEIRO – Sendo assim, todo meio que encontrarmos de expungir a *alma* de **maldade**, se lhe dermos o nome de *purificação*, teremos falado com acerto.

[καθαρτική περὶ τὸ σῶμα]/[kathartikḗ perì tò soma]/[catártica do corpo]

Relações:

Superordenados: **καθαρτική** (hiperônimo)

Subordinados: **[καθαρτική τῶν ἀψύχων σωμάτων]** (taxônimo), **[καθαρτική τῶν ζώων]** (taxônimo)

Opostos: **[καθαρτική περὶ τὴν ψυχὴν]** (complementar)

Definição:

Parte de **καθαρτική** que se volta para as vilezas (**κακία**) do corpo (σῶμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 226e-227a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: καὶ μὴν τά γε περὶ τὰ σώματα πολλὰ εἶδη καθάρσεων ἐνὶ περιλαβεῖν ὀνόματι προσήκει.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖα καὶ τίनि;

ΞΕΝΟΣ: **τά** τε **τῶν ζώων**, ὅσα ἐντὸς **σωμάτων** ὑπὸ **γυμναστικῆς ἰατρικῆς** τε ὀρθῶς διακρινόμενα καθαίρεται καὶ περὶ **τάκτός**, εἰπεῖν μὲν φαῦλα, ὅσα βαλανευτική παρέχεται: καὶ **τῶν ἀψύχων σωμάτων**, ὧν γναφευτική καὶ σύμπασα *κοσμητική* τὴν ἐπιμέλειαν παρεχομένη κατὰ σμικρὰ πολλὰ καὶ γελοῖα δοκοῦντα ὀνόματα ἔσχεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Será conveniente abranger numa designação única as diferentes modalidades de *purificação do corpo*.

TEETETO – Quais são, e como se chamam?

ESTRANGEIRO – Primeiro, **as dos seres vivos**, que operam **no interior do corpo**, graças a uma discriminação exata pela **ginástica** e a **medicina**, como a *purificação externa*, de designação corriqueira, alcançada pela arte do banho; depois, **a dos corpos inanimados**, que compreende a arte do pisoeiro e a dos adornos em de geral, de infinitas modalidades, cujos nomes são considerados ridículos.

NÍVEL 4

[καθαρτική τῶν ἀψύχων σωμάτων]/[kathartikḗ tôn apsykhon sōmátōn]/[catártica dos corpos sem alma]

Relações com outros termos:

Superordenados: **καθαρτική** (hiperônimo)

Subordinados: κοσμητική (taxônimo?), γναφευτική (taxônimo?)

Opostos: [καθαρτική τῶν ζώων] (complementar)

Definição:

Parte da [καθαρτική περὶ τὸ σῶμα] que se volta para corpos sem alma (ἀψύχων σώματος).

Passagens definitórias:

Sofista, 226e-227a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **τά τε τῶν ζώων**, ὅσα ἐντὸς σωμάτων ὑπὸ γυμναστικῆς ἰατρικῆς τε ὀρθῶς διακρινόμενα καθαίρεται καὶ περὶ **τάκτός**, εἰπεῖν μὲν φαῦλα, ὅσα βαλανευτική παρέχεται: καὶ **τῶν ἀψύχων σωμάτων**, ὧν γναφευτική καὶ σύμπασα **κοσμητική** τὴν ἐπιμέλειαν παρεχομένη κατὰ σμικρὰ πολλὰ καὶ γελοῖα δοκοῦντα ὀνόματα ἔσχεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Primeiro, **as dos seres vivos**, que operam **no interior do corpo**, graças a uma discriminação exata pela **ginástica** e a **medicina**, como a *purificação externa*, de designação corriqueira, alcançada pela arte do banho; depois, **a dos corpos inanimados**, que compreende *a arte do pisoeiro e a dos adornos em de geral*, de infinitas modalidades, cujos nomes são considerados ridículos.

Comentários:

O personagem do estrangeiro comenta sobre a inclusão de subcategorias nesta arte (κοσμητική [ornamental] e γναφευτική [cardadora]), mas não as elabora, considerando-as risíveis (γέλοιος).

[καθαρτική τῶν ζώων]/[kathartikḗ tôn zōjon]/[catártica dos viventes]

Relações com outros termos:

Superordenados: **καθαρτική** (hiperônimo)

Subordinados: [καθαρτική ἐκτός τῶν ζώων] (taxônimo), [καθαρτική ἐντός τῶν ζώων] (taxônimo)

Opostos: [καθαρτική τῶν ἀψύχων σωμάτων] (complementar)

Definição:

Parte de [καθαρτική περὶ τὸ σῶμα] que se volta para corpos (σῶμα) de viventes (ζωή) com alma (ἔμψυχος).

Passagens definitórias:

Sofista, 226e-227a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **τά** τε **τῶν ζώων**, ὅσα ἐντὸς σωμάτων ὑπὸ γυμναστικῆς ἱατρικῆς τε ὀρθῶς διακρινόμενα καθαίρεται καὶ περὶ **τάκτος**, εἰπεῖν μὲν φαῦλα, ὅσα βαλανευτική παρέχεται: καὶ **τῶν ἀψύχων σωμάτων**, ὧν γναφευτική καὶ σύμπασα *κοσμητική* τὴν ἐπιμέλειαν παρεχομένη κατὰ σμικρὰ πολλὰ καὶ γελοῖα δοκοῦντα ὀνόματα ἔσχεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Primeiro, **as dos seres vivos**, que operam **no interior do corpo**, graças a uma discriminação exata pela **ginástica** e a **medicina**, como a **purificação externa**, de designação corriqueira, alcançada pela arte do banho; depois, **a dos corpos inanimados**, que compreende a arte do pisoeiro e a dos adornos em de geral, de infinitas modalidades, cujos nomes são considerados ridículos.

NÍVEL 5

[καθαρτική ἐκτός τῶν ζώων]/[kathartikḗ ektós tōn zōjon]/[catártica externa dos viventes]

Relações com outros termos:

Superordenados: [καθαρτική τῶν ζώων] hiperônimo)

Subordinados: βαλανευτική (taxônimo?), [?]

Opostos: [καθαρτική ἐντός τῶν ζώων] (complementar)

Definição:

Parte de [καθαρτική τῶν ζώων] que se volta ao exterior (ἐκτός) dos corpos (σῶμα) de viventes (ζωή) com alma (ἔμψυχος).

Passagens definitórias:

Sofista, 226e-227a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **τά** τε **τῶν ζώων**, ὅσα ἐντὸς σωμάτων ὑπὸ γυμναστικῆς ἱατρικῆς τε ὀρθῶς διακρινόμενα καθαίρεται καὶ περὶ **τάκτος**, εἰπεῖν μὲν φαῦλα, ὅσα βαλανευτική παρέχεται: καὶ **τῶν ἀψύχων σωμάτων**, ὧν γναφευτική καὶ σύμπασα *κοσμητική* τὴν ἐπιμέλειαν παρεχομένη κατὰ σμικρὰ πολλὰ καὶ γελοῖα δοκοῦντα ὀνόματα ἔσχεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Primeiro, **as dos seres vivos**, que operam **no interior do corpo**, graças a uma discriminação exata pela **ginástica** e a **medicina**, como a **purificação externa**, de designação corriqueira, alcançada *pela arte do banho*; depois, **a dos corpos inanimados**, que compreende a arte do pisoeiro e a dos

adornos em de geral, de infinitas modalidades, cujos nomes são considerados ridículos.

Comentários:

Como a definição desse conceito e suas subdivisões são pouco elaboradas, é dúvida se βαλανευτική manteria uma relação imediata ou se seria apenas um exemplo anedótico. Seguindo o padrão de **[καθαρτική ἐντός τῶν ἐμψύχων σωμάτων]** (**catártica interna dos corpos com alma**), seria um taxônimo imediato, mas βαλανευτική (higiênica) não forma um par de complementares como os demais conceitos.

[καθαρτική ἐντός τῶν ζώων]/[kathartiké entós tōn zōjon]/[catártica interna dos dos viventes]

Relações com outros termos:

Superordenados: **[καθαρτική τῶν ζώων]** (hiperônimo)

Subordinados: **γυμναστική** (taxônimo), **ιατρική** (taxônimo)

Opostos: **[καθαρτική ἐκτός τῶν ζώων]** (complementar)

Definição:

Parte de **[καθαρτική τῶν ζώων]** que se volta ao interior (ἐντός) dos corpos (σῶμα) de viventes (ζωή) com alma (ἔμψυχος).

Passagens definitórias:

Sofista, 226e-227a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **τά τε τῶν ζώων**, ὅσα ἐντός σωμάτων ὑπὸ γυμναστικῆς ἰατρικῆς τε ὀρθῶς διακρινόμενα καθαίρεται καὶ περὶ **τάκτος**, εἰπεῖν μὲν φαῦλα, ὅσα βαλανευτική παρέχεται: καὶ **τῶν ἀψύχων σωμάτων**, ὧν γναφευτική καὶ σύμπασα κοσμητική τὴν ἐπιμέλειαν παρεχομένη κατὰ σμικρὰ πολλὰ καὶ γελοῖα δοκοῦντα ὀνόματα ἔσχεν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Primeiro, **as dos seres vivos**, que operam **no interior do corpo**, graças a uma discriminação exata pela **ginástica** e a **medicina**, como a *purificação externa*, de designação corriqueira, alcançada *pela arte do banho*; depois, **a dos corpos inanimados**, que compreende a arte do pisoeiro e a dos adornos em de geral, de infinitas modalidades, cujos nomes são considerados ridículos.

NÍVEL 6

γυμναστική/gymnastiké/ginástica

Relações com outros termos:

Superordenados: **[καθαρτική ἐντός τῶν ζώων]** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ιατρική** (complementar)

Definição:

Parte de **[καθαρτική ἐντός τῶν ἐμψύχων σωμάτων]** que se volta para a dissimetria (**ἀμετρία**) do corpo (σῶμα) — i. e., a degradação (**αἵσχος**).

Passagens definitórias:

Sofista, 228e-229a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν ἔν γε σώματι περὶ δύο παθήματα τούτω δύο τέχνα τινὲ ἐγενέσθην;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: τίνε τούτω;

ΞΕΝΟΣ: περὶ μὲν αἴσχος γυμναστική, περὶ δὲ νόσον ἰατρική.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E para o caso do *corpo*, não se formaram duas **artes** que se ocupam com essas duas afecções?

TEETETO – Quais serão?

ESTRANGEIRO – Para e **fealdade, ginástica**; para a **doença, medicina**.

Comentários:

Análogo a **διδασκαλική (didática)**, que purifica a dissimetria (**ἀμετρία**) da alma (ψυχή).

ἰατρική/iatriké/médica

Relações com outros termos:

Superordenados: [**καθαρτική ἐντός τῶν ζώων**] (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **γυμναστική** (complementar)

Definição:

Parte de [**καθαρτική ἐντός τῶν ἐμψύχων σωμάτων**] que se volta para a cisão (**στάσις**) do corpo (σῶμα) — i. e., a doença (**νόσος**).

Passagens definitórias:

Sofista, 228e-229a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν ἔν γε σώματι περὶ δύο παθήματα τούτω δύο τέχνα τινὲ ἐγενέσθην;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: τίνε τούτω;

ΞΕΝΟΣ: περὶ μὲν αἴσχος γυμναστική, περὶ δὲ νόσον ἰατρική.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E para o caso do *corpo*, não se formaram duas **artes** que se ocupam com essas duas afecções?

TEETETO – Quais serão?

ESTRANGEIRO – Para e **fealdade, ginástica**; para a **doença, medicina**.

Comentários:

Análogo a **κολαστική (corretiva)**, que purifica a cisão (**στάσις**) da alma (ψυχή).

SEGUNDA RAMIFICAÇÃO DA SEPARATIVA (διακριτική): corretiva-élenkhos
(κολαστική-έλεγχος)

NÍVEL 4

κολαστική/kolastiké/corretiva

Relações com outros termos:

Superordenados: [καθαρτική περί την ψυχήν] (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: διδασκαλική (complementar)

Definição:

Parte de [καθαρτική περί την ψυχήν] que se volta para a cisão (στάσις) da alma (ψυχή) — i. e., a perversidade (πονηρία).

Passagens definitórias:

Sofista, 229a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν καὶ περὶ μὲν ὕβριν καὶ ἀδικίαν καὶ δειλίαν ἡ κολαστικὴ πέφυκε **τεχνῶν** μάλιστα δὴ πασῶν προσήκουσα *Δίκη*.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E onde há **insolência**, **injustiça** e **cobardia**, não é a **correção**, dentre todas as **artes**, a mais de acordo com a justiça?

Comentários

Análogo a **ιατρική** (médica), que purifica a cisão (στάσις) do corpo (σῶμα).

διδασκαλική/didaskaliké/didática

Relações com outros termos:

Superordenados: [καθαρτική περί την ψυχήν] (hiperônimo)

Subordinados: παιδευτική (taxônimo), δημιουργική (taxônimo)

Opostos: κολαστική (complementar)

Definição:

Parte de [καθαρτική περί την ψυχήν] que se volta para a dissimetria (ἀμετρία) da alma (ψυχή) — i. e., a ignorância (ἄγνοια).

Passagens definitórias:

Sofista, 229a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί δέ; περὶ σύμπασαν ἄγνοιαν μὲν ἄλλην τινὰ ἢ διδασκαλικὴν ὀρθότερον εἶποι τις ἄν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E então? Para a **ignorância** em geral, poder-se-ia indicar uma arte mais adequada do que a da **instrução**?

Comentários:

Análogo a **γυμναστική** (ginástica), que purifica a dissimetria (ἀμετρία) do corpo (σῶμα).

NÍVEL 5

παιδευτική/paideutikḗ/paidēutica

Relações com outros termos:

Superordenados: **διδασκαλική** (hiperônimo)

Subordinados: **νουθετητική** (taxônimo), **ἔλεγχος** (taxônimo)

Opostos: **δημιουργικός** (complementar)

Correlatos: **παιδεία** (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte de **διδασκαλική** que se volta à estupidez (**ἄμαθία**).

Passagens definitórias:

Sofista, 220c-220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: καὶ δὴ καὶ τούτῳ γε οἶμαι μόνῳ τῆς **ἀγνοίας** **ἄμαθίαν** τοῦνομα προσρηθῆναι.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ γε.

ΞΕΝΟΣ: τί δὲ δὴ τῷ τῆς **διδασκαλικῆς** ἄρα μέρει τῷ τοῦτο ἀπαλλάττοντι λεκτέον;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: οἶμαι μὲν οὖν, ὃ ξένε, τὸ μὲν ἄλλο **δημιουργικὰς διδασκαλίας**, τοῦτο δὲ ἐνθάδε γε **παιδείαν** δι' ἡμῶν κεκληῆσθαι.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Essa espécie de **ignorância**, quero crer, é a única que recebeu o nome de **tolice**.

TEETETO – Perfeitamente.

ESTRANGEIRO – E como designaremos a parte do **ensino** que nos livra de tal inconveniente?

TEETETO – Eu, de mim, Estrangeiro, acho que a parte restante tem o nome de **ensino profissional**; a outra, pelo menos entre nós, é denominada **educação**.

δημιουργική/dēmiourgikḗ/demiúrgica

Relações com outros termos:

Superordenados: **διδασκαλική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **παιδευτική** (complementar)

Definição:

Parte de **διδασκαλική** que se vota às formas de ignorância (**ἀγνοια**) que não a estupidez (**ἄμαθία**).

Passagens definitórias:

Sofista, 220c-220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: καὶ δὴ καὶ τούτῳ γε οἶμαι μόνῳ τῆς **ἀγνοίας** **ἄμαθίαν** τοῦνομα προσρηθῆναι.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ γε.

ΞΕΝΟΣ: τί δὲ δὴ τῷ τῆς **διδασκαλικῆς** ἄρα μέρει τῷ τοῦτο ἀπαλλάττοντι λεκτέον;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: οἶμαι μὲν οὖν, ὃ ξένε, τὸ μὲν ἄλλο **δημιουργικὰς διδασκαλίας**, τοῦτο δὲ ἐνθάδε γε **παιδείαν** δι' ἡμῶν κεκληῆσθαι.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Essa espécie de **ignorância**, quero crer, é a única que recebeu o nome de **tolice**.

TEETETO – Perfeitamente.

ESTRANGEIRO – E como designaremos a parte do **ensino** que nos livra de tal inconveniente?

TEETETO – Eu, de mim, Estrangeiro, acho que a parte restante tem o nome de *ensino* **profissional**; a outra, pelo menos entre nós, é denominada **educação**.

NÍVEL 6

νουθετητική/nouthetētikē/advertiva

Relações com outros termos:

Superordenados: **παιδευτική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἔλεγχος** (complementar)

Definição:

Parte de **παιδευτική** que ocorre por alternância entre severidade (*χαλεπαίνω*) e gentileza (*μαλθακός*), geralmente utilizada por pais (*πάτριον*) para educar os filhos (*υἱός*).

Passagens definitórias:

Sofista, 229e-230a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν ἀρχαιοπρεπές τι *πάτριον*, ὃ πρὸς τοὺς ὑεῖς μάλιστ' ἐχρῶντό τε καὶ ἔτι πολλοὶ χρῶνται τὰ νῦν, ὅταν αὐτοῖς ἐξαμαρτάνωσί τι, τὰ μὲν *χαλεπαίνοντες*, τὰ δὲ *μαλθακώτερος* παραμυθούμενοι: τὸ δ' οὖν σύμπαν αὐτὸ ὀρθότατα εἶποι τις ἂν **νουθετητικήν**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Um deles é o método vetusto e venerável que nossos *pais* geralmente seguiam na educação dos *filhos*, e que ainda hoje muitos adotam quando os vêem cometer alguma falta, misto moderado de *reprimenda* e *advertência*, e que no todo poderia ser chamado **exortação**.

ἔλεγχος/élenkhos/élenkhos

Relações com outros termos:

Superordenados: **παιδευτική** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **νουθετητική** (complementar)

Definição:

Parte de **παιδευτική** que ocorre pela comparação (“τιθέασι παρ’ ἀλλήλας”) de opiniões (*δόξα*) e discursos (*λόγος*), observado o que há de contrário (*ἐναντίος*) para remover (*ἐξαιρέω*) opiniões (*δόξα*) obstrutivas (*ἐμπόδιος*). Considerada a maior e mais poderosa catarse (“μεγίστη καὶ κυριωτάτη τῶν καθάρσεων”).

Passagens definitórias:

Sofista, 230b-230d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: διερωτῶσιν ὧν ἂν οἴηται τίς τι πέρι λέγειν λέγων μηδέν: εἴθ' ἄτε πλανωμένων τὰς δόξας ῥαδίως ἐξετάζουσι, καὶ συνάγοντες δὴ τοῖς λόγοις εἰς ταὐτὸν *τιθέασι παρ' ἄλλήλας*, τιθέντες δὲ ἐπιδεικνύουσιν αὐτὰς αὐταῖς ἅμα περὶ τῶν αὐτῶν πρὸς τὰ αὐτὰ κατὰ ταὐτὰ *ἐναντίας*. οἱ δ' ὀρῶντες ἑαυτοῖς μὲν χαλεπαίνουσι, πρὸς δὲ τοὺς ἄλλους ἡμεροῦνται, καὶ τούτῳ δὴ τῷ τρόπῳ τῶν περὶ αὐτοὺς μεγάλων καὶ σκληρῶν *δοξῶν ἀπαλλάττονται* πασῶν τε ἀπαλλαγῶν ἀκούειν τε ἡδίστην καὶ τῷ πάσχοντι βεβαιότατα γιγνομένην. νομίζοντες γάρ, ὧ παῖ φίλε, οἱ καθαίροντες αὐτούς, ὥσπερ οἱ περὶ τὰ σώματα ἰατροὶ νενομίκασι μὴ πρότερον ἂν τῆς προσφερομένης τροφῆς ἀπολαύειν δύνασθαι σῶμα, πρὶν ἂν τὰ ἐμποδίζοντα ἐντός τις ἐκβάλῃ, ταὐτὸν καὶ περὶ ψυχῆς διανοήθησαν ἐκεῖνοι, μὴ πρότερον αὐτὴν ἔξειν τῶν προσφερομένων μαθημάτων ὄνησιν, πρὶν ἂν ἐλέγχων τις τὸν ἐλεγχόμενον εἰς αἰσχύνην καταστήσας, τὰς τοῖς μαθήμασιν *ἐμποδίσους* δόξας ἐξελῶν, καθαρὸν ἀποφῆναι καὶ ταῦτα ἡγούμενον ἅπερ οἶδεν εἰδέναι μόνον, πλείω δὲ μή.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: βελτίστη γοῦν καὶ σωφρονεστάτη τῶν ἔξεων αὕτη.

ΞΕΝΟΣ: διὰ ταῦτα δὴ πάντα ἡμῖν, ὦ Θεαίτητε, καὶ τὸν **ἐλεγχον** λεκτέον ὥς ἄρα *μεγίστη* καὶ *κυριωτάτη* τῶν *καθάρσεων* ἐστὶ, καὶ τὸν ἀνέλεγκτον αὖ νομιστέον, ἂν καὶ τυγχάνῃ βασιλεὺς ὁ μέγας ὢν, τὰ μέγιστα ἀκάθαρτον ὄντα, ἀπαίδευτόν τε καὶ αἰσχρὸν γεγονέναι ταῦτα ἃ καθαρώτατον καὶ κάλλιστον ἔπρεπε τὸν ὄντως ἐσόμενον εὐδαίμονα εἶναι.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Formulam uma série de perguntas sobre assunto em que o interlocutor pensa responder com vantagem, quando a verdade é que não diz coisa com coisa; depois, aproveitando-se de sua desorientação *lhe rebatem* facilmente as *opiniões*, que eles amontoam na crítica a que as submetem e, *confrontando umas com as outras*, mostram como *se contradizem* sobre os mesmos objetos em idênticas relações e igual sentido. Os que se vêem assim confundidos, acabam por desgostar-se de si próprios e passam a mostrar-se mais dóceis com relação aos outros; isso os livra do exagerado conceito que faziam deles mesmos, o que, de todas as liberações, é a mais agradável de se ouvir e a de melhor efeito para o interessado. O que se dá, meu caro menino, é que esses purificadores pensam exatamente como os médicos do corpo, os quais acreditam que o corpo não tira benefício algum dos alimentos sem primeiro remover alguém o que o perturba. O mesmo pensam aqueles a respeito da alma, que não pode colher vantagem dos ensinamentos ministrados, enquanto não for submetida a crítica rigorosa e a refutação não a fizer enrubescer de vergonha, com *livrá-la* das falsas *opiniões que servem de obstáculo* ao conhecimento e, assim purificada, levá-la à convicção de que só sabe o que realmente sabe, nada mais do que isso.

TEETETO – Sem dúvida; essa é a melhor e mais sábia disposição.

ESTRANGEIRO – Por isso mesmo, Teeteto, devemos dizer que a **refutação** é a *maior* e mais *eficiente purificação*, sendo forçoso concluir que o indivíduo que se eximir a esse processo, ainda mesmo que se trate do grande Rei, é impuro no mais alto grau, ignorante e deformado naquilo em que deveria mostrar-se mais *extreme* e mais belo, caso queira alcançar a verdadeira felicidade.

Comentários

Trata-se exatamente do método de refutação socrática, ainda que Platão não se refira a ele diretamente (Cf. Vlastos, 1995; Kahn, 2013; Schäfer, 2012).

ESTRUTURA DA VILEZA (*κακία*)

NÍVEL 1

κακία/kakía/vileza

Relações:

Superordenados: *εἶδος* (hiperônimo), *πάθημα* (hiperônimo), *ψυχή* (semi-holônimo), *σῶμα* (semi-holônimo)

Subordinados: *στάσις* (2) (taxônimo), *νόσος* (taxônimo)

Opostos: Ø

Definição:

Uma afetação (*πάθημα*) ruim (*φλαῦρος*) da alma (*ψυχή*) ou do corpo (*σῶμα*) que é removida em uma purificação (*καθαρμός*).

Passagens definitórias:

Sofista, 227d-228e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: *πονηρίαν* ἕτερον ἀρετῆς ἐν *ψυχῇ* λέγομέν τι;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πῶς γὰρ οὐ;

ΞΕΝΟΣ: καὶ μὴν *καθαρμός* γ' ἦν τὸ λείπειν μὲν θάτερον, ἐκβάλλειν δὲ ὅσον ἂν ἦ πού τι *φλαῦρον*.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἦν γὰρ οὐν.

ΞΕΝΟΣ: καὶ *ψυχῆς* ἄρα, καθ' ὅσον ἂν εὐρίσκωμεν *κακίας* ἀφαίρεσίν τινα, *καθαρμόν* αὐτὸν λέγοντες ἐν μέλει φθεγζόμεθα.

[...]

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν ἐν γε *σώματι* περὶ δύο *παθήματα* τούτω δύο *τέχνα* τινὲ ἐγενέσθην;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A **maldade** na alma não é algo diferente da *virtude*?

TEETETO – Como não?

ESTRANGEIRO – E *purificação*, não consiste em jogar fora a parte *ruim* e conservar tudo o mais?

TEETETO – Isso mesmo.

ESTRANGEIRO – Sendo assim, todo meio que encontrarmos de expungir a alma de maldade, se lhe dermos o nome de *purificação*, teremos falado com acerto.

[...]

ESTRANGEIRO – E para o caso do *corpo*, não se formaram duas **artes** que se ocupam com essas duas **afecções**?

Comentários:

Como a alma (*ψυχή*) e o corpo (*σῶμα*) *podem* ter alguma forma de vileza (*κακία*), mas não necessariamente, considera-se este conceito como ‘semi-holônimo’.

NÍVEL 2

στάσις (2)/stásis/conflicto

Relações:

Superordenados: **κακία** (hiperônimo), ψυχή (semi-holônimo), σῶμα (semi-holônimo)

Subordinados: **νόσος** (taxônimo), **πονηρία** (taxônimo)

Opostos: **ἀμετρία** (complementar)

Definição:

Parte da **κακία** provocada por uma por um desacordo (*διαφορά*) entre congênitos (*συγγενής*) devido a uma corrupção (*διαφθορά*).

Passagens definitórias:

Sofista, 228a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: πότερον ἄλλο τι **στάσιν** ἡγούμενος ἢ τὴν τοῦ φύσει συγγενοῦς ἕκτινος *διαφθοράς* *διαφοράν*;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – És de parecer que **discórdia** não seja a *dissolução* de elementos *aparentados*, pela ação de algum *dissídio* intercorrente?

Comentários:

Homônima de **στάσις (1) (conflicto)**, que se opõe a **κίνησις (movimento)** na discussão sobre τὸ ὄν (o que-é), representando outro conceito.

ἀμετρία/ametría/dissimetria

Relações:

Superordenados: **κακία** (hiperônimo), ψυχή (semi-holônimo), σῶμα (semi-holônimo)

Subordinados: **αἴσχος** (taxônimo), **ἄγνοια** (taxônimo)

Opostos: **στάσις** (complementar), **συμμετρίας** (antônimo), **κίνησις** (conversivo ativo {*ποίημα*→*κοινωνέω*})

Definição:

Parte da **κακία** que ocorre quando pelo desvio (*ἀποτυγχάνω*) de uma meta ou direção (*σκοπός*).

Passagens definitórias:

Sofista, 220d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί δ' ὅς' ἂν **κινήσεως μετασχόντα** καὶ σκοπόν τινα θέμενα πειρώμενα τούτου τυγχάνειν καθ' ἐκάστην ὁρμὴν παράφορα αὐτοῦ γίγνηται καὶ ἀποτυγχάνη, πότερον αὐτὰ φήσομεν ὑπὸ *συμμετρίας* τῆς πρὸς ἄλληλα ἢ τοῦναντίον ὑπὸ **ἀμετρίας** αὐτὰ πάσχειν; (Plat. Soph. 228c)

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Como? Se as coisas que **participam do movimento** e tendem para determinada meta errarem o alvo e passarem de lado a cada tentativa no propósito de alcançá-la, com diremos que isso acontece: em virtude da *simetria* existente entre eles ou da *assimetria*?

NÍVEL 3a – formas de στάσις (2)

νόσος/nósos/doença

Relações:

Superordenados: **στάσις (2)** (hiperônimo), σῶμα (super-holônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **πονηρία** (complementar)

Definição:

Parte da **στάσις** que ocorre no corpo (σῶμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 227d-228a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: δύο μὲν εἶδη **κακίας** περὶ **ψυχὴν** ρητέον.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖα;

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὲν οἶον **νόσον** ἐν **σώματι**, τὸ δ' οἶον **αἴσχος** ἐγγιγνόμενον.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: οὐκ ἔμαθον.

ΞΕΝΟΣ: **νόσον** ἴσως καὶ **στάσιν** οὐ ταὐτὸν νενόμικας;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Precisamos admitir que na **alma** há duas espécies de **maldade**.

TEETETO – Quais serão?

ESTRANGEIRO – Uma está na alma como a **doença** está no *corpo*; a outra como a **fealdade**.

TEETETO – Não compreendo.

ESTRANGEIRO – Talvez não consideres a **doença** a mesma coisa que **discórdia**.

TEETETO – Sobre isso, também, não sei o que deva responder...

Comentários:

- Ainda que Platão estabeleça uma equivalência entre **νόσος (doença)** e **στάσις (conflito)** na passagem acima, o primeiro termo posteriormente se distingue de **πονηρία (perversidade)** enquanto uma forma de **στάσις (conflito)** alma (228b). Isso sugere que o par **νόσος (conflito)** e **πονηρία (perversidade)** seriam relacionados conceitualmente por inclusão à expressão **στάσις (conflito)**, como hipônimos deste. Não obstante, o sentido de cada membro do par é maximizável de forma independente, pois, por definição, é possível que haja **νόσος (doença)** sem **πονηρία (perversidade)** e vice-versa.
- Análogo a **αἴσχος (degradação)**.

πονηρία/ponēría/perversidade

Relações:

Superordenados: **στάσις (2)** (hiperônimo), ψυχή (super-holônimo)

Subordinados: **δειλία** (taxônimo), **ἀκολασία** (taxônimo), **ἀδικία** (taxônimo)

Opostos: **νόσος** (complementar), ἀρετή (antônimo)

Definição:

Parte de **στάσις** que ocorre na alma (ψυχή).

Passagens definitórias:

Sofista, 227d-228b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **πονηρίαν** ἕτερον ἀρετῆς ἐν **ψυχῇ** λέγομέν τι;

[...]

ΞΕΝΟΣ: **στάσιν** ἄρα καὶ νόσον τῆς **ψυχῆς** **πονηρίαν** λέγοντες ὀρθῶς” ἐροῦμεν
Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – A **maldade** na alma não é algo diferente da *virtude*?

[...]

ESTRANGEIRO – Nesse caso, se designarmos a **maldade** como **doença** e **discórdia** da *alma*, teremos encontrado o termo exato.

Comentários:

Análogo a **ἄγνοια** (ignorância).

NÍVEL 3b – formas de ἀμετρία

αἴσχος/aîskhos/degradação

Relações com outros termos:

Superordenados: **ἀμετρία** (hiperônimo), σῶμα (super-holônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἄγνοια** (complementar), **κίνησις** (conversivo ativo
 {ποίημα→κοινωνέω})

Definição:

Parte da **ἀμετρία** que ocorre no corpo (σῶμα).

Passagens definitórias:

Sofista, 228a, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: ἀλλ’ **αἴσχος** ἄλλο τι πλὴν τὸ τῆς **ἀμετρίας** πανταχοῦ δυσειδὲς ἐνὸν **γένος**;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – E **fealdade**, não será senão **defeito de proporção**, **gênero** por demais nocivo à vista?

Comentários:

A definição é depreendida pela oposição a **ἄγνοια** (ignorância), que seria a **ἀμετρία** (estupidez) da alma, levando em conta sua proporcionalidade com **στάσις** (conflito), que também se subdivide em dois conceitos distintos pela oposição ‘ἐν σώματι: ἐν ψυχῇ’ (‘no corpo: na alma’).

Análogo a **νόσος** (doença).

ἄγνοια/áгноia/ignorância

Relações:

Superordenados: **ἀμετρία** (hiperônimo), ψυχή (super-holônimo)

Subordinados: **ἀμαθία** (taxônimo), [?] (taxônimo)

Opostos: **αἴσχος** (complementar), **κίνησις** (conversivo ativo
 {ποίημα→κοινωνέω}), σοφία (antônimo)

Definição:

Parte de **ἀμετρία** que ocorre na alma (ψυχή).

Passagens Definitórias:

Sofista, 228c-228d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: ἀλλὰ μὴν **ψυχὴν** γε ἴσμεν ἄκουσαν πᾶσαν πᾶν **ἀγνοοῦσαν**.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: σφόδρα γε.

ΞΕΝΟΣ: τό γε μὴν ἄγνοεῖν ἔστιν ἐπ' ἀλήθειαν ὁρμωμένης *ψυχῆς*, παραφόρου συνέσεως γιγνομένης, οὐδὲν ἄλλο πλὴν παραφροσύνη.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ μὲν οὖν.

ΞΕΝΟΣ: *ψυχὴν* ἄρα ἀνόητον αἰσχροὺς καὶ ἄμετρον θετέον.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἔοικεν.

ΞΕΝΟΣ: ἔστι δὴ δύο ταῦτα, ὥς φαίνεται, κακῶν ἐν αὐτῇ *γένει*, τὸ μὲν **πονηρία** καλούμενον ὑπὸ τῶν πολλῶν, **νόσος** αὐτῆς σαφέστατα ὄν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί.

ΞΕΝΟΣ: τὸ δέ γε **ἄγνοια** μὲν καλοῦσι, **κακία** δὲ αὐτὸ ἐν *ψυχῇ* μόνον γιγνόμενον οὐκ ἐθέλουσιν ὁμολογεῖν.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Por outro lado, sabemos muito bem que nenhuma *alma* *ignora* voluntariamente seja o que for.

TEETETO – É muito certo.

ESTRANGEIRO – Ora, errar nada mais é do que se desviar do seu caminho a *alma*, quando intenta alcançar a verdade, sem passar ao lado dela o entendimento.

TEETETO – Exato.

ESTRANGEIRO – Nesse caso, precisaremos atribuir **fealdade** e **assimetria** à *alma ignorante*.

TEETETO – É claro.

ESTRANGEIRO – Há nela, por conseguinte, como parece, dois **gêneros** de males: um, designado geralmente como **maldade**, é, sem dúvida, doença da *alma*.

TEETETO – Certo.

ESTRANGEIRO – O outro tem o nome de **ignorância**; mas, por ser o único **vício** da *alma*, de regra não a consideram como tal.

NÍVEL 4 – formas de *πονηρία* e *ἄγνοια*

δειλία/deilía/covardia

Relações:

Superordenados: **πονηρία** (hiperônimo), *ψυχή* (super-holônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἀκολασία** (incompatível), **ἀδικία** (incompatível), ἀνδρεία (antônimo)

Definição:

Parte da **πονηρία** não definida no *Sofista*.

Passagens Definitórias:

Sofista, 228e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: κομιδῇ συγχωρητέον, ὃ νυνδὲ λέξαντος ἡμπεγνόησά σου, τὸ δύο εἶναι γένη **κακίας** ἐν *ψυχῇ*, καὶ **δειλίαν** μὲν καὶ **ἀκολασίαν** καὶ **ἀδικίαν** σύμπαντα ἡγητέον **νόσον** ἐν ἡμῖν, τὸ δὲ τῆς πολλῆς καὶ παντοδαπῆς **ἄγνοίας** πάθος **αἵσχος** θετέον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

TEETETO – Evidentemente, terei de admitir o que a princípio duvidava, quando declaraste haver dois gêneros de **maldade** na *alma*, e que a **cobardia**, a **intemperança** e a **injustiça** devem ser englobadamente consideradas como uma **doença** em nós, e as manifestações da **ignorância**, tão variadas quanto freqüentes, como **deformidade**.

Comentários:

Ainda que a passagem acima se refira ao termo como uma forma de **νόσος** (**doença**), ela é descrita como “**κακίας** ἐν ψυχῇ” (vileza na alma). O uso de **νόσος** (**doença**) ao invés de **πονηρία** (**perversidade**) reflete uma analogia feita por Platão, na qual ele identifica esses dois termos a um mesmo fenômeno (**στάσις**), que pode ocorrer no corpo (**νόσος**) ou na alma (**πονηρία**).

ἀκολασία/akolasía/intemperança

Relações:

Superordenados: **πονηρία** (hiperônimo), ψυχή (super-holônimo)

Subordinados: Ø

Opositivos: **δειλία** (incompatível), **ἀδικία** (incompatível), σωφροσύνη (antônimo)

Correlatos: ὕβρις (sinônimo cognitivo)

Definição:

Parte da **πονηρία** não definida no *Sofista*.

Passagens definitórias:

Sofista, 228e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: κομιδῇ συγχωρητέον, ὃ νυνδὲ λέξαντος ἡμμεγνόησά σου, τὸ δύο εἶναι γένη **κακίας** ἐν ψυχῇ, καὶ **δειλίαν** μὲν καὶ **ἀκολασίαν** καὶ **ἀδικίαν** σύμπαντα ἡγητέον **νόσον** ἐν ἡμῖν, τὸ δὲ τῆς πολλῆς καὶ παντοδαπῆς **ἀγνοίας** πάθος **αἴσχος** θετέον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

TEETETO – Evidentemente, terei de admitir o que a princípio duvidava, quando declaraste haver dois gêneros de **maldade** na *alma*, e que a **cobardia**, a **intemperança** e a **injustiça** devem ser englobadamente consideradas como uma **doença** em nós, e as manifestações da **ignorância**, tão variadas quanto freqüentes, como **deformidade**.

Comentários:

- Conferir comentários em **δειλία/deília/covardia**.
- No trecho 229a, **ἀκολασία** é substituído por ὕβρις (excesso) coordenada a **δειλία** (covardia) e **ἀδικία** (injustiça), conceitos irmão, sugerindo uma variação designativa.

ἀδικία/adikía/injustiça

Relações:

Superordenados: **πονηρία** (hiperônimo), ψυχή (super-holônimo)

Subordinados: Ø

Opositivos: **δειλία** (incompatível), **ἀκολασία** (incompatível), δικαία (antônimo)

Definição:

Parte da **πονηρία** não definida no *Sofista*.

Passagens definitórias:

Sofista, 228e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: κομιδῇ συγχωρητέον, ὃ νυνδὲ λέξαντος ἡμφεγνόησά σου, τὸ δύο εἶναι γένη **κακίας** ἐν *ψυχῇ*, καὶ **δειλίαν** μὲν καὶ **ἀκολασίαν** καὶ **ἀδικίαν** σύμπαντα ἡγητέον **νόσον** ἐν ἡμῖν, τὸ δὲ τῆς πολλῆς καὶ παντοδαπῆς **ἀγνοίας** πάθος **αἴσχος** θετέον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

TEETETO – Evidentemente, terei de admitir o que a princípio duvidava, quando declaraste haver dois gêneros de **maldade** na *alma*, e que a **cobardia**, a **intemperança** e a **injustiça** devem ser englobadamente consideradas como uma **doença** em nós, e as manifestações da **ignorância**, tão variadas quanto freqüentes, como **deformidade**.

Comentários:

- Conferir comentários em **δειλία (covardia)**.

ἀμαθία/amathia/estupidez

Relações:

Superordenados: **ἄγνοια** (hiperônimo), *ψυχή* (super-holônimo)

Subordinados: Ø

Opositivos: [?] (complementar), **κίνησις** (conversivo ativo {**ποίημα**→**κοινωνέω**})

Definição:

Parte da mais penosa (*χαλεπός*) de **ἄγνοια**, em que não se acredita saber aquilo que não sabe (“τὸ μὴ κατειδότα τι δοκεῖν εἰδέναι”).

Passagens definitórias:

Sofista, 229c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **ἀγνοίας** γοῦν μέγα τί μοι δοκῶ καὶ χαλεπὸν ἀφωρισμένον ὄρᾱν **εἶδος**, πᾶσι τοῖς ἄλλοις αὐτῆς ἀντίσταθμον μέρεσιν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ποῖον δὴ;

ΞΕΝΟΣ: τὸ μὴ κατειδότα τι δοκεῖν εἰδέναι: δι’ οὗ κινδυνεύει πάντα ὅσα διανοία σφαλλόμεθα γίνεσθαι πᾶσιν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἀληθῆ.

ΞΕΝΟΣ: καὶ δὴ καὶ τούτῳ γε οἶμαι μόνῳ τῆς **ἀγνοίας** **ἀμαθίαν** τοῦνομα προσρηθῆναι.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO – Acho que consegui isolar uma **espécie** grande e por demais *nociva* de **ignorância**, que sozinha vale por todas as outras reunidas.

TEETETO – Qual é?

ESTRANGEIRO – Quando se imagina *conhecer o que não se conhece*. Talvez seja essa a origem dos erros a que está sujeito o intelecto.

TEETETO – É verdade.

ESTRANGEIRO – Essa espécie de **ignorância**, quero crer, é a única que recebeu o nome de **tolice**.

Comentários:

A definição deste conceito é semelhante ao trecho da *Apologia de Sócrates* que define a ignorância alheia em oposição à sabedoria de Sócrates: “[...] mas esse *presume saber algo que não sabe*, e eu, por assim dizer, certamente *não sei, nem presumo [saber]*: pareço [...] ser mais sábio porque *o que não sei também não presumo saber*” ([...] ἀλλ’ οὗτος μὲν οἶται τι εἰδέναι οὐκ εἰδώς, ἐγὼ δέ, ὥσπερ

οὖν οὐκ οἶδα, οὐδὲ οἶομαι: ἔοικα [...] σοφώτερος εἶναι, ὅτι ἂ μὴ οἶδα οὐδὲ οἶομαι εἰδέναι) (21a-22a).

APÊNDICE C – ESTRUTURA DA REALIDADE (*οὐσία*)

ESTRUTURA DE REALIDADE (οὐσία)

ἀλλοίωσις/alloíōsis/alteração

Relações:

Superodernados: **κίνησις** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **φορά** (complementar)

Correlatos: ἀλλοιόω (base paronímica)

Definição:

Forma (**εἶδος**) de **κίνησις** que transmite mudança de identidade.

Passagens definitórias:

Teeteto, 181c-181d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: τοῦτο μὲν τοίνυν ἐν ἔστω **εἶδος**. ὅταν δὲ ἡ μὲν ἐντῷ αὐτῷ, γηράσκη δέ, ἡ μέλαν ἐκ λευκοῦ ἢ σκληρὸν ἐκ μαλακοῦ γίγνηται, ἢ τινα ἄλλην **ἀλλοίωσιν ἀλλοιῶται**, ἄρα οὐκ ἄξιον ἕτερον **εἶδος** φάναι **κινήσεως**;

ΘΕΟΔΩΡΟΣ: ἔμοιγε δοκεῖ ἀναγκαῖον μὲν οὖν.

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: δύο δὴ λέγω τούτῳ **εἶδει κινήσεως**, **ἀλλοίωσιν**, τὴν δὲ **φοράν**.

Tradução de Nunes (1973)

SÓCRATES — Eis aí, por conseguinte, uma primeira **forma** de movimento. Mas, quando determinada coisa, parada no lugar em que está, vem a envelhecer, ou de negra fica branca, ou passa de duro para mole, ou **sofre alterações** de *outra* natureza, não merece tudo isso, também, ser considerado **formas** de **movimento**?

Teodoro — Acho que sim.

SÓCRATES — Não pode ser de outra maneira. Digo, pois, que há duas **espécies** de **movimento**: o de **alteração** e o de **translação**.

δύναμις/dýnamis/potência

Relações:

Superodernados: **τὸ ὄν** (holônimo)

Subordinados **πάθημα** (hipônimo), **ποίημα** (hipônimo), **κοινωνέω** (hipônimo)

Opostos: Ø

Correlatos: δύναμαι (base paronímica)

Definição:

Gênero (**γένος**) que consiste em uma propriedade que-são (**τὰ ὄντα**) pelo qual algo é possível (**δύναμαι**).

Passagens definitórias:

República, 5.477c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: φήσομεν **δυνάμεις** εἶναι **γένος** τι **τῶν ὄντων**, αἷς δὲ καὶ ἡμεῖς **δυνάμεθα** ἢ **δυνάμεθα** καὶ ἄλλο πᾶν ὅτι περ ἂν **δύνηται**, οἷον λέγω ὄψιν καὶ ἀκοήν τῶν δυνάμεων εἶναι, εἰ ἄρα μανθάνεις ὃ βούλομαι λέγειν τὸ **εἶδος**.

Tradução de Nunes (2016)

[SÓCRATES] Dizemos que as **faculdades** são uma **espécie de existência** por meio das quais *fazemos o que fazemos* como tudo o mais que, de um jeito ou de outro, *realiza* alguma coisa. Exemplificando, direi que a vista e o ouvido são faculdades, se é que compreendes o que pretendo exprimir com esse conceito.

Comentários:

- As relações de subordinação deste termo foram extraídas do trecho 477 do livro 5 da *República*. Como o *corpus* deste trabalho é o *Sofista*, essa lista de relações não é exaustiva.
- A definição de **τὸ ὄν (1) (o que-é)** é elaborada a partir do conceito de **δύναμις (potência)**, no *Sofista*, ao passo que na *República* parece ocorrer o processo inverso. Entretanto, essa lógica parece circular apenas no caso do genitivo “**τῶν ὄντων**” (**dos que-são**) ser lido como um partitivo ao invés de um possessivo. Nesse sentido, pode-se compreender o trecho “εἶναι γένος τι **τῶν ὄντων**” (ser algum gênero dos que são) como se referindo a um gênero ou classe de coisas que *pertence* ou *é própria* a cada **τὸ ὄν (o que-é)** individualmente, enquanto característica, propriedade ou faculdade.
- δόξα (opinião) é incluída como uma forma de **δύναμις (potência)** na *República*, em oposição à ἐπιστήμη (entendimento), que, por sua vez, incluiria διάνοια (raciocínio) como hipônimo. Entretanto, no *Sofista* (264a-264d) e no *Teeteto* (187a), trata-se de δόξα (opinião) como um produto de διάνοια (raciocínio) e, portanto, uma forma de ἐπιστήμη (entendimento). Em vista disso, seriam necessárias mais informações para afirmar se esse e outros conceitos — a saber, δόξα (opinião), ἐπιστήμη (entendimento), ὄψις (visão) e ἀκοή (audição) — seriam um tipo de πάθημα (atuação) ou de ποίημα (afetação).

εἶδος/eîdos/forma

Relações:

Superodernados: Ø

Subordinados: **δύναμις** (hipônimo)

τὸ ὄν (1) (hipônimo),

τὸ ὄν (2) (hipônimo),

κίνησις (hipônimo),

στάσις (1) (hipônimo),

ταὐτόν (hipônimo),

ἕτερον (hipônimo),

τέχνη (hipônimo),

κακία (hipônimo)

Opostos: Ø

Correlatos: **ιδέα** (sinônimo cognitivo), **γένος** (sinônimo cognitivo)

Definição:

Termo não definido pelo autor. Em geral, identifica conceitos, categorias e entes. Pode ser compreendido como o objeto típico da dialética.

Passagens definitórias:

Sofista, 253d-253e, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ κατὰ γένη διαιρεῖσθαι καὶ μήτε ταὐτόν εἶδος ἕτερον ἡγήσασθαι μήτε ἕτερον ὃν ταὐτόν μὴ οὐ τῆς διαλεκτικῆς φήσομεν ἐπιστήμης εἶναι;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί, φήσομεν.

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν ὃ γε τοῦτο δυνατόν δρᾶν μίαν **ιδέαν** διὰ πολλῶν, ἐνὸς ἐκάστου κείμενον χωρίς, πάντα διατεταμένην ἱκανῶς διαισθάνεται, καὶ πολλὰς ἑτέρας ἀλλήλων ὑπὸ μιᾶς ἔξωθεν περιεχομένας, καὶ μίαν αὖ δι' ὅλων πολλῶν ἐν ἐνὶ συνημμένην, καὶ πολλὰς χωρὶς πάντα διωρισμένας: τοῦτο δ' ἔστιν, ἧ τε **κοινωνεῖν** ἕκαστα *δύναται* καὶ ὅπη μή, διακρίνειν κατὰ γένος ἐπίστασθαι.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — Dividir por **gêneros** e não tomar a **idéia** de um pela do outro, e o inverso, a deste pela daquele: não diremos ser esse, precisamente, o conhecimento *dialético*?

TEETETO — É o que diremos, sem dúvida.

ESTRANGEIRO — Então, quem for capaz de distinguir *uma idéia única numa multidão de idéias independentes*, ou um sem-número de idéias diferentes entre si, porém abrangidas por outra mais ampla, e, de novo, uma idéia apenas que se estende por muitas outras e todas elas ligadas a uma unidade, e também muitas inteiramente isoladas ou separadas: eis o que se chama a arte de distinguir os gêneros, conforme a *capacidade de se combinarem ou de não combinarem*.

ἕτερον/héteron/diferente

Relações:

Superordenados: **εἶδος** (hiperônimo), **τὸ ὄν (1)** (hipônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **τὸ ὄν (1)** (conversivo ativo {**ποίημα**→**κοινωνέω**}),

ταὐτόν (conversivo ativo {**ποίημα**→**κοινωνέω**}),

τὸ ὄν (1) (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),

τὸ ὄν (2) (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),

ταὐτόν (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),

κίνησις (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),

στάσις (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**})

Correlatos: [**τὸ μὴ ὄν**] (sinônimo cognitivo)

Definição:

Forma (**εἶδος**) que transmite a alteridade entre formas (**εἶδος**) e seus partilhantes — que sejam em contraste a outras (“τὰ πρὸς ἄλλα”).

Passagens definitórias:

Sofista, 258a-258c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: οὐκοῦν, ὥς ἔοικεν, ἢ τῆς **θατέρου μορίου** φύσεως καὶ τῆς **τοῦ ὄντος** πρὸς ἄλληλα *ἀντικειμένων ἀντίθεσις* οὐδὲν ἦττον, εἰ θέμις εἰπεῖν, **αὐτοῦ τοῦ ὄντος οὐσία ἐστίν**, οὐκ ἐναντίον ἐκείνῳ σημαίνουσα ἀλλὰ τοσοῦτον μόνον, **ἕτερον** ἐκείνου.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: σαφέστατά γε.

ΞΕΝΟΣ: τίν’ οὖν αὐτὴν προσείπωμεν;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: δῆλον ὅτι **τὸ μὴ ὄν**, ὃ διὰ τὸν **σοφιστὴν** ἐζητοῦμεν, αὐτό ἐστι τοῦτο.

ΞΕΝΟΣ: πότερον οὖν, ὥσπερ εἶπες, ἔστιν οὐδενὸς τῶν ἄλλων **οὐσίας** ἐλλειπόμενον, καὶ δεῖ θαρροῦντα ἤδη λέγειν ὅτι **τὸ μὴ ὄν** βεβαίως ἐστὶ τὴν *αὐτοῦ φύσιν* ἔχον, ὥσπερ **τὸ μέγα ἢν μέγα** καὶ **τὸ καλὸν ἢν καλὸν** καὶ **τὸ μὴ μέγα μὴ μέγα** καὶ **τὸ μὴ καλὸν μὴ καλόν**, οὕτω δὲ καὶ **τὸ μὴ ὄν κατὰ ταὐτόν** ἢν τε καὶ **ἔστι μὴ ὄν**, ἐνάριθμον **τῶν πολλῶν ὄντων εἶδος** ἓν; ἢ τινα ἐτι πρὸς αὐτό, ὃ Θεαίτητε, ἀπιστίαν ἔχομεν;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — Assim, ao que parece, a oposição da natureza de *uma parte* do **outro** e da natureza do **ser**, dada a *contraposição* das duas, não terá menos **existência**. Se assim posso expressar-me, do que **o próprio ser**, pois ela não indica absolutamente *o contrário* do **ser**, porém algo **diferente** dele.

TEETETO — Sem dúvida nenhuma.

ESTRANGEIRO — E que nome lhe daremos?

TEETETO — O de **não-ser**, evidentemente; esse mesmo **não-ser** à procura do qual andávamos por causa do **sofista**.

ESTRANGEIRO — Então, conforme disseste, em nada ele será inferior aos outros, com relação ao **ser**, sendo-nos lícito afirmar sem vacilações, que o **não-ser** possui incontestavelmente *natureza própria*, e assim como o *grande* era *grande* e o *belo*, *belo*, e também o *não-grande*, *não grande*, e o *não-belo*, *não belo*: do mesmo modo diremos que o **não-ser** tanto era como é **não-ser**, tendo, pois, de ser contado como uma **idéia no conjunto dos seres**. Ou ainda terás alguma dúvida, Teeteto, a esse respeito?

Comentários:

- [τὸ μὴ ὄν] (o **que-não-é**) é apresentado inicialmente no *Sofista* (236e-239b) como absoluta negação de τὸ ὄν (1-2) (o **que-é**), conforme a filosofia de Parmênides. Posteriormente, a designação [τὸ μὴ ὄν] (o **que-não-é**) passa a ser empregada para identificar o conceito de ἕτερον (**diferente**), um dos ‘que-são’ (τὸ ὄν [1]). Porém, nesse segundo momento, já não se trata da noção de Parmênides, mas de uma ideia de alteridade (256d-259b).
- Como referido no excerto, ἕτερον (**diferente**) é o que possibilita que algo seja um ‘outro’ em relação a algo, isso é, que seja uma entidade individual e distinguível das demais em toda a extensão de possibilidades.

κίνησις/kínēsis/movimento

Relações:

Superodernados: εἶδος (hiperônimo), τὸ ὄν (1) (hiperônimo)

Subordinados: ἀλλοίωσις (taxônimo), φορά (taxônimo)

Opostos: στάσις (contraditório),

τὸ ὄν (1) (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω}),

ταὐτόν (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω}),

ἕτερον, (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω}),

ἀμετρία (conversivo passivo {κοινωνέω→πάθημα})

Correlatos: κινέω (base paronímica)

Definição:

Forma (εἶδος) que transmite mudança, seja em termos de posição, lugar ou identidade.

Passagens definitórias:

Teeteto, 181c-181d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: [...] ἄρα **κινεῖσθαι** καλεῖς ὅταν τι χώραν ἐκ χώρας μεταβάλλῃ ἢ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ στρέφεται;

ΘΕΟΔΩΡΟΣ: ἔγωγε.

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: τοῦτο μὲν τοίνυν ἐν ἔστω εἶδος. ὅταν δὲ ἢ μὲν ἐντῷ αὐτῷ, γηράσκη δέ, ἢ μέλαν ἐκ λευκοῦ ἢ σκληρὸν ἐκ μαλακοῦ γίγνηται, ἢ τινα ἄλλην ἀλλοίωσιν ἀλλοιῶται, ἄρα οὐκ ἄξιον ἕτερον εἶδος φάναι **κινήσεως**;

ΘΕΟΔΩΡΟΣ: ἔμοιγε δοκεῖ ἀναγκαῖον μὲν οὖν.

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: δύο δὲ λέγω τούτῳ εἶδει **κινήσεως**, ἀλλοίωσιν, τὴν δὲ **φοράν**.

Tradução de Nunes (1973)

SÓCRATES: não dirás que uma coisa **se movimenta** quando *ela muda de lugar* e também quando *gira em torno do mesmo ponto*?

TEODORO — Exato.

SÓCRATES — Eis aí, por conseguinte, uma primeira **forma** de movimento. Mas, quando determinada coisa, parada no lugar em que está, vem a envelhecer, ou de negra fica branca, ou passa de duro para mole, ou **sofre alterações** de *outra* natureza, não merece tudo isso, também, ser considerado **formas** de **movimento**?

Teodoro — Acho que sim.

SÓCRATES — Não pode ser de outra maneira. Digo, pois, que há duas **espécies** de **movimento**: o de **alteração** e o de **translação**.

κοινωνέω/koinōnéō/partilhar

Relações: (é uma relação)

Superordenados: **δύναμις** (hiperônimo)

Subordinados: πάθημα (super-merônimo), ποίημα (super-merônimo)

Opostos: Ø

Correlatos: μετέχω (sinônimo cognitivo),
μεταλαμβάνω (sinônimo cognitivo);
ἐπικοινωνέω (plesiônimo),
προσκοινωνέω (plesiônimo),
συμμίγνυμι (plesiônimo);
κοινωνία (parônimo),
μέθεξις (parônimo de sinônimo cognitivo).

Definição:

Relação em que potências (**δύναμις**) interagem em termos de atuação (ποίημα) ou afetação (πάθημα).

Passagens definitórias:

Sofista, 248b, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τὸ δὲ δὴ **κοινωνεῖν**, ὃ πάντων ἄριστοι, τί τοῦθ' ὑμᾶς ἐπ' ἀμφοῖν λέγειν φῶμεν; ἄρ' οὐ τὸ νυνδὴ παρ' ἡμῶν ῥηθέν;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: τὸ ποῖον;

ΞΕΝΟΣ: *πάθημα ἢ ποίημα ἐκ δυνάμεώς* τινος ἀπὸ τῶν πρὸς ἄλληλα συνιόντων γιγνόμενον.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — Mas por essa **comunicação**, varões excelentíssimos, num caso e noutro como diremos que pensais? O que enunciamos agora mesmo?

TEETETO — Que foi?

Estrangeiro — A *ação* ou a **reação** de alguma *força* que se origina do encontro de dois objetos.

Comentários:

Os verbos, προσκοινωνέω (repartilhando), μετέχω (participação), ἐπικοινωνέω (compartilhar) e συμμίγνυμι (se misturar), além dos predicados “ἔχειν ἐπικοινωνίας” (‘ter compartilhamento’) e “ἔχειν κοινωνίας” (‘ter partilha’) são empregados para expressar o mesmo tipo de relação no trecho 251e-252e do *Sofista*. Posteriormente (255a-255b), isso também ocorre entre μεταβάλλω (tomar parte) e μετέχω (participar). Entretanto, ao se observar cada caso em particular, os vocábulos ἐπικοινωνέω (compartilhar), ἐπικοινωνίας (compartilhamento) e συμμίγνυμι (se misturar) parecem se voltar mais especificamente a contextos de relação simétrica ou recíproca (‘X participa de Y’ assim como ‘Y participa de X’). Por sua vez, προσκοινωνέω (repartilhar) ocorre em um contexto de assimetria (X participa de Y, mas Y não participa de

X). Já μετέχω (participar), μεταβάλλω (tomar parte), e κοινωνέω (partilhar) são selecionados em ambos os casos. Entretanto, apenas **κοινωνέω (partilhar)** é definido formalmente e as diferenças semânticas entre as demais designações não é regular nem saliente o suficiente para que sejam interpretadas como conceitos distintos.

στάσις (1)/stásis/repouso

Relações:

Superordenados: εἶδος (hiperônimo), τὸ ὄν (1) (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: κίνησις (contraditório);

τὸ ὄν (1) (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω}),

ταὐτόν (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω}),

ἕτερον (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω})

Correlatos: ἴστημι (parônimo)

Definição:

Forma (εἶδος) que transmite a ausência de mudança, seja em termos de posição, lugar ou identidade.

Passagens definitórias:

Sofista, 250a-252d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: εἶεν δὴ, κίνησιν καὶ στάσιν ἄρ' οὐκ ἐναντιώτατα λέγεις ἀλλήλοις;

[...]

ΞΕΝΟΣ: τί δ', ἂν πάντα ἀλλήλοις ἐῷμεν δύναμιν ἔχειν ἐπικοινωνίας;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: τοῦτο μὲν οἷός τε καὶ γὰρ διαλύειν.

ΞΕΝΟΣ: πῶς;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ὅτι κίνησίς τε αὐτὴ παντάπασιν ἴσταιτ' ἂν καὶ στάσις αὖ πάλιν αὐτὴ **κινοῖτο**, εἴπερ ἐπιγιννοίσθην ἐπ' ἀλλήλοιν.

ΞΕΝΟΣ: ἀλλὰ μὴν τοῦτό γέ που ταῖς μεγίσταις ἀνάγκαις ἀδύνατον, κίνησιν τε ἴστασθαι καὶ στάσιν κινεῖσθαι;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πῶς γὰρ οὐ;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — Muito bem. Não consideras como *contrários movimento e repouso*?

[...]

ESTRANGEIRO — E então? E se concedêssemos a todas as coisas a faculdade de se comunicarem entre si?

TEETETO — Eis uma questão que eu sou capaz de resolver.

ESTRANGEIRO — De que jeito?

TEETETO — Ora, porque o próprio **movimento** ficaria em **repouso** e o **repouso se moveria**, se ambos se reunissem.

ESTRANGEIRO — Porém é de todo em todo impossível **parar o movimento** ou **movimentar-se o repou[s]o**.

TEETETO — Sem dúvida.

Comentários:

- **στάσις (1) (repouso)** não possui uma definição explícita, seja no *Sofista* ou em *Teeteto*. Entretanto, seu significado é claro enquanto negação de **κίνησις (movimento)**.

- Ainda que τὸ ὄν (2) (o que-é) e outras formas sejam descritas como ausentes de movimento, elas não participariam de στάσις (1) (repouso) (250a-250e). Por oposição στάσις:κίνησις (repouso:movimento) pode ser afirmada como dependente do sentido de ‘sequencialidade’. As demais formas imóveis estariam além desse campo conceitual, sendo imutáveis por definição e por suas partilhas.

ταὐτόν/tautón/idêntico

Relações:

Superodernados: εἶδος (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: τὸ ὄν (1) (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω}),
 ἕτερον (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω}),
 τὸ ὄν (1) (conversivo passivo {κοινωνέω→πάθημα}),
 τὸ ὄν (2) (conversivo passivo {κοινωνέω→πάθημα}),
 ἕτερον (conversivo passivo {κοινωνέω→πάθημα}),
 κίνησις (conversivo passivo {κοινωνέω→πάθημα}),
 στάσις (conversivo passivo {κοινωνέω→πάθημα})

Definição:

Forma (εἶδος) que transmite a conformidade de algo em relação a si mesmo — que cada coisa seja ela própria (“τὰ αὐτὰ καθ’ αὐτά”).

Passagens definitórias:

Sofista, 255b-255c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: τί ποτ’ αὖ νῦν οὕτως εἰρήκαμεν τό τε ταὐτόν καὶ θάτερον; πότερα δύο γένη τινὲ αὐτῷ, τῶν μὲν τριῶν ἄλλω, συμμειγνυμένω μὴν ἐκείνοις ἐξ ἀνάγκης ἀεὶ, καὶ περὶ πέντε ἄλλ’ οὐ περὶ τριῶν ὡς ὄντων αὐτῶν σκεπτέον, ἢ τό τε ταὐτόν τοῦτο καὶ θάτερον ὡς ἐκείνων τι προσαγορεύοντες λανθάνομεν ἡμᾶς αὐτούς;
 ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἴσως.

ΞΕΝΟΣ: ἀλλ’ οὐ τι μὴν κίνησις γε καὶ στάσις οὐθ’ ἕτερον οὔτε ταὐτόν ἐστι.

[...]

ΞΕΝΟΣ: ἀλλ’ εἰ τὸ ὄν καὶ τὸ ταὐτόν μηδὲν διάφορον σημαίνετον, κίνησιν αὖ πάλιν καὶ στάσιν ἀμφοτέρα εἶναι λέγοντες ἀμφοτέρα οὕτως αὐτὰ ταὐτόν ὡς ὄντα προσερούμεν.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἀλλὰ μὴν τοῦτό γε ἀδύνατον.

ΞΕΝΟΣ: ἀδύνατον ἄρα ταὐτόν καὶ τὸ ὄν ἐν εἶναι.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: σχεδόν.

ΞΕΝΟΣ: τέταρτον δὴ πρὸς τοῖς τρισὶν εἵδεσιν τὸ ταὐτόν τιθῶμεν;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: πάνυ μὲν οὖν.

[...]

ΞΕΝΟΣ: ἀλλὰ μὴν αὕτη γ’ ἦν ταὐτόν διὰ τὸ μετέχειν αὖ πάντ’ αὐτοῦ.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — Mas, que enunciamos neste momento, com dizer **Outro** e **Mesmo**? Serão dois *gêneros diferentes* daqueles três, embora sempre e fatalmente **misturados** com eles, o que nos levaria a considerá-los como cinco, não três, ou com esse **Mesmo** e esse **Outro**, sem o percebermos, designamos um daqueles três gêneros?

TEETETO — É possível.

ESTRANGEIRO — Contudo, **repouso** e **movimento** *não são* nem **Outro** nem **Mesmo**.

[...]

ESTRANGEIRO — Porém se **o ser** e o **mesmo** em nada diferem, ao dizermos do **movimento** e do **repouso** que ambos **são**, no mesmo passo afirmamos que **são o mesmo**.

TEETETO — O que é absurdo!

ESTRANGEIRO — Logo, não é possível que **o ser** e o **mesmo** sejam *um*.

TEETETO — Dificilmente.

ESTRANGEIRO — Assim, teremos de admitir uma quarta **idéia**, a do **mesmo**, ao lado das outras três.

[...]

ESTRANGEIRO — Porém já vimos que ele era o **mesmo** consigo mesmo, porque tudo **participa** do **mesmo**.

τὸ ὄν (1)/τὸ ὄν (1)/o que-é (1)

Relações:

Superodernados: Ø

Subordinados: δύναμις (merônimo),
τὸ ὄν (2) (hipônimo),
κίνησις (hipônimo),
στάσις (1) (hipônimo),
ταὐτόν (hipônimo),
ἕτερον (hipônimo)

Opostos: τὸ ὄν (2) (conversivo ativo {ποίημα→κοινωνέω})

ψυχή-λογισμός (conversivo passivo {κοινωνέω→πάθημα})

γένεσις (conversivo passivo)

Correlatos: οὐσία (sinônimo cognitivo)

Definição:

Algo que possui a potência (δύναμις) de fazer (ποιέω) algo diferente de si ou de ser paciente (πάσχω) de algo. Em um sentido mais estrito ‘ὄντως οὐσία’ (real realidade) seria aquilo que “mantém-se sempre igual, conforme os idênticos” (“ἀεὶ κατὰ ταὐτὰ ὡσαύτως”) — isso é, possui poder (δύναμις), ser e realidade em sentido forte, na medida em que não está sujeito a perder essas características.

Passagens definitórias:

Sofista, 247d-248c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: λέγω δὴ τὸ καὶ ὁποιοῦν τινα κεκτημένον δύναμιν εἴτ’ εἰς τὸ ποιεῖν ἕτερον ὅτιοῦν πεφυκὸς εἴτ’ εἰς τὸ παθεῖν καὶ σμικρότατον ὑπὸ τοῦ φαυλοτάτου, καὶν εἰ μόνον εἰς ἅπαξ, πᾶν τοῦτο ὄντως εἶναι: τίθεται γὰρ ὅρον ὀρίζειν τὰ ὄντα ὡς ἔστιν οὐκ ἄλλο τι πλὴν δύναμις.

[...]

ΞΕΝΟΣ: ἰκανὸν ἔθεμεν ὅρον που τῶν ὄντων, ὅταν τῷ παρῇ ἡ τοῦ πάσχειν ἢ δρᾶν καὶ πρὸς τὸ σμικρότατον δύναμις;

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — Declaro, então, que tudo o que possui uma determinada **faculdade**, seja de **atuar** de a algum modo sobre outra coisa, seja de **sofrer a influência**, embora mínima, do mais insignificante agente, mas que fosse uma única vez, é um **ser real**. Minha definição para explicar **os seres** é que não passam de **capacidade ou força**.

[...]

ESTRANGEIRO — Apresentamos como definição cabal **do ser** a presença do **poder de influir** em determinado objeto, por menor que seja, ou de **ser influenciado** por ele.

Sofista, 248a, grifo nosso:

Edição de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: **γένεσιν**, τὴν δὲ **οὐσίαν** χωρίς που διελόμενοι λέγετε; ἢ γάρ;

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ναί.

ΞΕΝΟΣ: καὶ σώματι μὲν ἡμᾶς **γενέσει** δι' αἰσθήσεως **κοινωνεῖν**, διὰ **λογισμοῦ** δὲ **ψυχῇ** πρὸς τὴν ὄντως **οὐσίαν**, ἣν *ἀεὶ* κατὰ **ταῦτα** ὡσαύτως ἔχειν φατέ, **γένεσιν** δὲ ἄλλοτε ἄλλως.” (Plat. Soph. 248a)

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — A **essência** e a **geração** diferem, e aceitais ambas como distintas, não é isso mesmo?

TEETETO — Sim.

ESTRANGEIRO — E que só **participamos** da **geração por intermédio do corpo**, como é com a alma, por meio do pensamento, que nos comunicamos com o **ser verdadeiro**, o qual, como afirmais, é *sempre* o **mesmo** e imutável, ao passo que a **geração varia**.

Comentários:

- O trecho “**τὰ ὄντα** ὥς ἔστιν οὐκ ἄλλο τι πλὴν δύναμις” (os que-são como coisa nenhuma senão potência) pode parecer sinonímico, sobretudo em vista da definição fundamentada no conceito de **δύναμις (potência)**. Porém, esses conceitos não são coextensivos (Cf. **δύναμις/dýnamis/potência**). Conforme os exemplos na *República* e os empregos no *Sofista*, todo **τὸ ὄν (1) (o que-é)** possuiria alguma **δύναμις (potência)**, mas não se reduziria necessariamente a apenas uma.
- Ainda que **τὸ ὄν (1) (o que-é)** possua uma definição clara, Platão emprega esse termo também em vista de outras propriedades semânticas e sintáticas desse verbo *εἶμι* (ser), como: ser algo (atribuível ou predicável), ser real, ser verdadeiro e estar presente (Cf. Platão, *Sofista*, 248e-250c; Kahn, 2009, p. 115;). Todas essas possibilidades estão subentendidas na definição.

τὸ ὄν (2)/τὸ ὄν (2)/o que-é (2)

Relações:

Superodernados: **εἶδος** (hiperônimo), **τὸ ὄν (1)** (hiperônimo)

Subordinados: **δύναμις** (merônimo)

Opostos: **ταὐτόν** (conversivo ativo {**ποίημα**→**κοινωνέω**}),
ἕτερον (conversivo ativo {**ποίημα**→**κοινωνέω**}),
τὸ ὄν (1) (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),
ταὐτόν (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),
ἕτερον (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),
κίνησις (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),
στάσις (conversivo passivo {**κοινωνέω**→**πάθημα**}),
γένεσις (conversivo passivo)

Definição:

(Apenas no singular) a forma (**εἶδος**) em si mesma que transmite as propriedades de **τὸ ὄν (1)**, enquanto princípio, a todos os incluídos no conceito de **τὸ ὄν (1)**.

Passagens definitórias:

Sofista, 250c, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΞΕΝΟΣ: *τρίτον* ἄρα τι παρὰ ταῦτα τὸ ὄν ἐν τῇ ψυχῇ τιθεῖς, ὥς ὑπ' ἐκείνου τὴν τε **στάσιν** καὶ τὴν **κίνησιν** περιεχομένην, συλλαβὼν καὶ ἀπιδὼν αὐτῶν πρὸς τὴν τῆς **οὐσίας κοινωνίαν**, οὕτως εἶναι προσεῖπας ἀμφοτέρω;

250c

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: κινδυνεύομεν ὥς ἀληθῶς τρίτον ἀπομαντεύεσθαι τι **τὸ ὄν**, ὅταν **κίνησιν** καὶ **στάσιν εἶναι** λέγωμεν.

ΞΕΝΟΣ: οὐκ ἄρα **κίνησις** καὶ **στάσις** ἐστὶ *συναμφότερον τὸ ὄν* ἀλλ' **ἕτερον** δὴ τι τούτων.

ΘΕΑΙΤΗΤΟΣ: ἔοικεν.

ΞΕΝΟΣ: κατὰ τὴν αὐτοῦ φύσιν ἄρα **τὸ ὄν** οὔτε **ἔστηκεν** οὔτε **κινεῖται**.

Tradução de Nunes (2003, Cf. 1980, 2024)

ESTRANGEIRO — Sendo assim, concebes na alma o ser como um *terceiro* elemento acrescentado àqueles, por incluíres nele **repouso** e **movimento**. Foi levando em consideração sua **comunhão com o ser**, que concluíste pela existência dos dois.

TEETETO — É bem possível que aceitemos **o ser** como um terceiro elemento, quando dizemos que o **movimento** e o **repouso existem**.

ESTRANGEIRO — Então, **o ser não** será a *combinação* de **movimento** e **repouso**, porém algo **diferente** de ambos.

TEETETO — Parece.

ESTRANGEIRO — Logo, por coerência com sua própria natureza, **o ser não** está nem em **repouso** nem em **movimento**.

φορά/forá/deslocamento

Relações:

Superodernados: **κίνησις** (hiperônimo)

Subordinados: Ø

Opostos: **ἀλλοίωσις** (complementar)

Definição:

Forma (**εἶδος**) de **κίνησις** que transmite mudança (μεταβάλλω) posição no espaço (χώρα).

Passagens definitórias:

Teeteto, 181c-181d, grifo nosso:

Edição grega de Burnet (1903)

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: [...] ἄρα **κινεῖσθαι** καλεῖς ὅταν τι χώραν ἐκ χώρας μεταβάλλῃ ἢ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ στρέφεται;

[...]

ΣΩΚΡΑΤΗΣ: δύο δὴ λέγω τούτῳ εἶδει κινήσεως, **ἀλλοίωσιν**, τὴν δὲ **φοράν**.

Tradução de Nunes (1973)

SÓCRATES: não dirás que uma coisa **se movimenta** quando *ela muda de lugar* e também quando *gira em torno do mesmo ponto*?

[...]

SÓCRATES — Não pode ser de outra maneira. Digo, pois, que há duas **espécies** de **movimento**: o de **alteração** e o de **translação**.